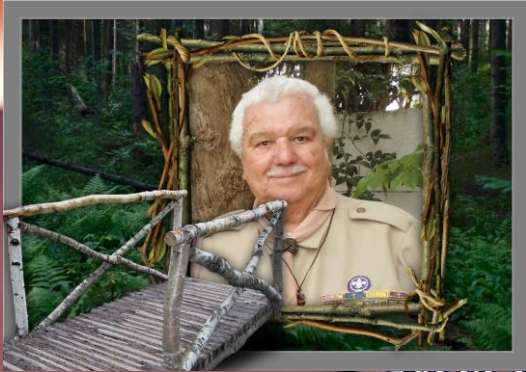


O Contador de Histórias.



Deixe o vento levar sua
imaginação pelas mais
diversas histórias escoteiras.

Seja bem vindo as lendas, seja
bem vindo aos sonhos, desejamos
muita paz amor e um escotismo
maravilhoso no coração.

- "Fra uma vez..." "Há muito tempo atrás..."
No tempo que os bichos conversavam com
os escoteiros...



**Novo rumo, novo Azimute, vamos lá pegar estrelas?
O Contador de Histórias.**

Não sei quando contei minha primeira história. Faz tempo... Muito tempo.
Contei assim sem esperar quando quase todas as patrulhas foram dormir após o fogo de

conselho. Uns gatos pingados e nem sei como iniciei com a velha toga como se fosse um emérito contador de histórias. – “Era uma vez...” “Há muito tempo atrás...” No tempo que os bichos conversavam com os escoteiros... E assim dei asas a minha imaginação. Disseram-me uma vez que todos nós devemos contar histórias, em todos os lugares e sempre. Dizem que não precisamos ter um dom, mas é necessário sensibilidade e poder de encantamento. Eu sempre contei histórias tiradas da minha imaginação. Inventava um começo sem saber qual seria o fim.

Este é meu livro especial de Contador de Histórias. Tenho outros, já escrevi milhares de contos e continuo escrevendo. Um poeta disse que quando vier à primavera, se estiver morto às flores florirão da mesma maneira e as árvores não serão menos verdes e as estrelas ainda continuarão no céu. Mas e melhor estar vivo, escrever versos alegres e tristes, escrever, por exemplo, que a noite está estrelada, e os azuis dos astros lá ao longe olham o vento da noite que gira no céu e canta e assim vou escrevendo uma história... Para contar! Dizem que é proibido rir dos problemas, não lutar pelo que se quer... Abandonar tudo por medo, mas não podemos transformar nossos sonhos em realidade? Porque não demonstrar amor a quem se ama, esperar da vida sem reclamar. A vida não é feita de ilusão, ninguém pode morrer na solidão. Aprender a tirar a pedra do caminho, sentir o perfume da flor sem medo dos seus espinhos. É preciso saber viver e assim lá vou eu nas veredas da vida contando uma história.

Dizem que tudo de bom na vida tem seu preço. Se pudermos pagar, pagamos se não... Partimos em busca dos nossos sonhos transformando-os na vida real ou imaterial. Quanto custa ser feliz? Bendito seja quem encontra a felicidade em pequenas nuances que o tempo nos dá a cada segundo que vivemos. Partiremos agora célere a uma felicidade que muitos conseguiram ter neste maravilhoso mundo dos escoteiros. Hã! Deitar na relva, respirar o ar puro do campo, da floresta encantada, sentir a brisa cair suave no rosto, olhos fixos nas estrelas cintilantes no céu como a dizer que seu brilho vai nos fazer felizes para sempre. Quantos de nós não sorrimos nas noites de acampamento em volta de um de um encantador Fogo de Conselho? É surpreendente estar ali, olhar fixos no fogo, ou mesmo quando as chamas vão crescendo parecendo querer alcançar o céu. Os sorrisos, as paixões, a vontade de ficar ali para sempre. Quem sabe ter asas para voar sobre aquela clareira, ver do alto os amigos cantantes, canções errantes displicentemente cantadas por lábios que aprenderam a entoar o Rataplã. Voltar novamente a terra, olhos vidrados no Contador de Histórias. Ah! O Contador de Histórias. Indispensável na vida escoteira de todos nós.

Histórias nos encantam. Fazem-nos viver sonhos que ainda não conseguimos realizar. Dizem que contar histórias é uma arte, uma arte gostosa, palatável de agrado geral. Histórias se contam em todos os lugares, mas nos Fogo de Conselhos elas têm seu lugar. A fogueira alta, o Contador de História sorrindo a história surgindo seus gestos acompanhando, todos de olhos fixos tentando viver os personagens daquela história maravilhosa. Os olhos da moçada não pisca. Mesmo aqueles que já estiveram ali por muitas vezes são atraídos como os grilos e pirilampos com suas luzes brilhantes e saltitantes parecem querer também participar da história. É lindo estar ali com amigos, vendo um céu de estrelas, ouvindo o piar de uma coruja escondida em um carvalho com seus olhos grandes, negros sem piscar em um galho qualquer.

- Entrou por uma porta, saiu pela outra, quem quiser que conte outra. Minha história acabou um rato passou quem o pegar poderá sua dele aproveitar. E assim terminou a história...



Você é Escoteiro? - Não diga!

Ah! Meu amigo sou sim, com muito orgulho. Estou aprendendo a ser alguém, para que todos que me amam possam um dia orgulhar. Aprendo que o caráter é importante em cada um de nós. Que ser leal é ponto de honra, e minha palavra? Sim é sagrada. Estou aprendendo que a honra faz parte dos honestos. Que a ética é mais que tudo. Aprendo tantas coisas que cada dia que passa aumenta o meu orgulho de pertencer ao Movimento Escoteiro.

Acredito que desconhece nosso movimento, mas são tantas coisas maravilhosas que acontecem comigo, que hoje sei que a felicidade pode ser alcançada e eu a alcancei. Sou um privilegiado por Deus em ser escoteiro. Tive a felicidade de ver um céu estrelado deitado na relva, em volta de uma fogueira cheia de amigos e amigas. Constelações, cometa deixando um véu de cores brilhantes no céu. Vi constelações, milhões de estrelas piscando e isto me faz sentir que o escoteiro é puro nos seus pensamentos, nas suas palavras e nas suas ações.

Gostaria que um dia aceitasse meu convite e viesse comigo dormir sob as estrelas! Ver o sol nascer e se pôr no horizonte, com um rastro vermelho deixando uma marca

profunda em nossos corações. Quem sabe um dia vai poder saborear o cheiro da terra molhada, do perfume das flores silvestres, do som maravilhoso da passarada, do piar da coruja em um carvalho qualquer. Ficar hipnotizado ao ver o lenho crepitando em uma bela fogueira em uma clareira de uma floresta, onde todos riem, cantam e as fagulhas incandescente subindo languidamente aos céus. A vista procura ver aonde vão até que desaparecem deixando uma saudade no ar.

Olhe, é fantástico ser do escoteiro. Um privilégio de poucos. Quando vejo a chuva caindo em uma floresta, fico maravilhado ao ouvir o som imperdível aos ouvidos de um velho mateiro. Nós escoteiros temos uma ternura imensa com a natureza. Sabemos encontrar facilmente o Norte e o Sul, seguir a sotavento, sentir o vento no rosto, descobrir as flores desabrochando nas campinas verdejante. É incrivelmente agradável tirar o calçado e molhar os pés nas águas geladas de um belo riacho. Sentar e tirar uma soneca em uma frondosa árvore, poder olhar em volta e sentir o cheiro da relva cujo vento sopra com amor em nossa face. E que espetáculo chegar ao cume de uma montanha e ver o horizonte! Imperdível meu amigo!

Sei que pode ser um de nós, e será uma honra vê-lo cantar conosco o Rataplã e se confraternizar com milhões de escoteiros espalhados no mundo. Venha, vou lhe dar a mão esquerda e repetir o que nos ensinou o nosso fundador: - Só os valentes entre os valentes se saúdam com a mão esquerda! Vais aprender conosco que o medo é próprio dos fracos e é preciso ter coragem e amor para conviver em uma vida saudável junto dos demais escoteiros no nosso fantástico acampamento. Não esqueça e guarde bem estas palavras: - Qualquer um pode entrar, mas ser escoteiro não é para qualquer um!

Esperamos você de braços abertos. Será mais um dos irmãos de tantos milhões que temos espalhados pelo mundo. Vais conhecer a história do nosso fundador Baden-Powell, um homem além do seu tempo e um dos maiores pensadores e educadores da história. Lembre-se somos amigos de todos e irmãos dos demais escoteiros. Esperamos você. Coloque sua mochila, cante uma canção, e parta conosco nesta bela aventura!



OS VENTOS NOTURNOS DE BAEPENDI.

Um tiquitito de gente, Magro não mais do que doze anos. Cabelos crespos e banguelo de um dente na frente. Todos os sábados lá estava ele encarapinhado no pé de Abacate, que servia de muro entre a sede escoteira e a Rua das Palmeiras. Sua pele morena clara parecia precisar de sabão. Os escoteiros e lobinhos o apelidaram de ferrugem. Nunca falou com ninguém e um dia a Chefe Maria o chamou para conversar. – Quem é você? Não quer ser Escoteiro? Ele só balançava a cabeça como a dizer sim e não. Quiosque monitor da Pica Pau riu quando notou que ele era mudo. Não era um riso de ridículo, nada disto, mas ele conhecia outros que não falavam nada e o chamavam de mudinho. Chefe Maria desistiu. Não entendeu nada. Tentou até que Loveiro trouxe

uma caneta e papel – Dê a ele Chefe, peça para escrever. Nada. Simplesmente nada. – Ele não sabe escrever ela disse.

A vidinha da Tropa continuou seu rumo. Não se esqueceram de Ferrugem. Ele sempre encarapinhado no pé de abacate a olhar a reunião dos sábados. Quando saiam para atividades fora da cidade ele acompanhava por alguns quilômetros e depois desaparecia. Cotovelo jurou que o viu no acampamento do Vale Feliz. Por pouco tempo é claro, pois quando se aproximou ele sumiu. A escoteirada da Tropa andava preocupada. Diversas vezes viram a Chefe Maria com os olhos vermelhos parecendo que tinha chorado. A vida dela se transformou num inferno depois que Caledônio começou a beber. Era seu marido e todos sabiam que ele sempre dava uma surra nela quando estava bêbado. Quando sóbrio era um primor de homem, e a carregava no colo, ria, beijava e dizia que era o homem mais feliz do mundo. A Chefe Maria entrou por causa de Judith sua filha. Com onze anos queria ser escoteira e Caledônio foi contra, mas aceitou quando ela começou a participar.

Um fato estranho aconteceu. Ferrugem desceu da árvore e foi até ela fazendo sinais. Ela nada entendeu, mas ele entrou no meio da patrulha Pica Pau e ficou ali como se foi mais um patrulheiro. Ela sorriu e não disse nada. Chamou Quiosque. – Vamos deixar, dizem que assim se amansa boi bravo! E riu sem ofensas. A cidade de Baependi acostumou com Ferrugem vestido de Escoteiro com sua marcha solene pela manhã e a tarde. Aparecia em uma rua e sumia em outra. Vinagre tinha um irmão que foi para a Capital e doou o uniforme para Ferrugem. A vida seguiu seu destino, a Tropa andando com suas próprias pernas, Chefe Maria procurando um Chefe homem para ajudar, pois eram 19 meninos e cinco meninas. A cidade de Baependi se revoltou um dia. Viram Caledônio tentando bater nela de cinta no meio da rua. O povo correu em cima dele que só pode se salvar se trancando na cadeia do Delegado Tostino.

Ficou preso por dois meses. Um sossego para Chefe Maria e Judith. Mas ela sentia saudades dele, sabia que ele não era assim nunca foi quando namoravam. Ela o amava demais. Até beber bebia moderadamente. Nos primeiros anos de casado ela sorria e pensava ser a mulher mais feliz do mundo. Dona Elza e Dona Lorena diziam para ela largar dele. Era professora, não dependia de homem nenhum. Ela sorria, mas seu coração chorava. Ela o amava mais que tudo. Quando foi fazer seu primeiro curso Escoteiro quase desistiu. Ele raivoso disse que não. Mulher dele não iria se misturar com homens em um acampamento. - Veja só disse – Se for vou lá e te dou uma surra quando menos esperar. Vais apanhar quando a bandeira arvorar!

Deixou Judith com Dona Elza e com a proteção de Deus foi. Ele ficou fulo, disse o que não disse e as ameaças se espalharam no ar. – Quando chegar não vai mais me encontrar aqui disse ele. – Ela chorou e muito aprendeu no curso, mas uma pontada no coração a fazia sempre se lembrar dele. – Se ele se for vou sentir muito sua falta, mas fazer o que? – Ela durante o curso dava sorrisos não por causa do curso, mas porque viu diversas vezes Ferrugem encarapinhado em uma árvore qualquer a olhar para ela. Assim foi os dois dias lá no campo. À noite no fogo de conselho o viu sobre as cabeças dos chefes, em uma pitangueira, ao lado de uma coruja que olhava espantado para ele, sorrindo e a cantar a Arvore da Montanha. Claro só seu lábios cantavam, pois

voz não saia. Ficava pensando onde ele dormia, onde comia, pois seu sorriso era contagiante em qualquer hora do dia ou da noite.

Quando desceu do jipe do Chefe Gentil da equipe do curso o viu na porta de casa. Ao seu lado Judith. – Gritou alto – Aqui você não entra nunca mais! Ela não sabia o que fazer, disse ao Chefe Gentil que fosse embora, pois se não ia piorar muito mais. Ela sentiu alguém lhe dando a mão. Uma mãozinha pequenina, frágil e viu que era Ferrugem. Ele a olhou e ela viu nos seus olhos como se estivesse sinalizando para ir em frente. Ela foi segurando a mão dele. Caledônio se assustou com aquele mudinho, um tiquinho de nada que dava a mão sua esposa pensando que com isto pudesse enfrentá-lo. Cento e vinte quilos contra mais ou menos quarenta. Um disparate. Uma cusparada e ele morreria afogado. Riu quando pensou assim. Sabia que ia dar um cascudo no moleque e um tapa na cara da Chefe Maria para ela aprender.

Caledônio foi ao encontro de sua mulher no portão de sua casa. Judith chorava alto. Era uma menina loira magra e linda, mas não podia fazer nada. Chefe Maria pensou em parar, mas Ferrugem a puxou pela mão. Ficou entre ela e Caledônio. Fez um sinal para ele sair da frente. Caledônio sentiu uma mão invisível o puxando. A vizinhança apinhava na rua para ver o desfecho. Ferrugem o olhou dentro dos olhos, pela primeira vez Caledônio teve medo. Chefe Maria passou abraçou Judith e entrou em casa. Na porta ficou Ferrugem de braços cruzados. O delegado chegou correndo pensando que poderia acontecer uma tragédia. Viu caledônio sentado na porta de sua casa chorando e Ferrugem com as mãos em sua cabeça o abençoando.

O tempo passou. Caledônio nunca mais bebeu. Agora ajudava Chefe Maria na Tropa escoteira. Ferrugem continuava na Patrulha Pica Pau. Chamado para a bandeira ferrugem olhou para a Chefe Maria. Foi até ela, olhou dentro dos seus olhos. Ela emocionada o ouviu dizer baixinho – Te amo! Ela sorriu com amor. Também o amava e mais agora que o tinha registrado como filho. Caledônio orgulhoso era o responsável pelo cerimonial de bandeira. A cidade em paz. Nunca mais o casal se desentendeu. Caledônio mudou e toda vez que olhava para Ferrugem o agradecia com os olhos. A alegria voltou, a primavera se foi e os ventos noturnos voltaram a soprar em Baependi!

Os ventos que às vezes tiram algo que amamos, são os mesmos que trazem algo que aprendemos a amar... Por isso não devemos chorar pelo que nos foi tirado e sim, aprender a amar o que nos foi dado. Pois tudo aquilo que é realmente nosso, nunca se vai para sempre... (Bob Marley). Uma historia simples para ler, pensar e amar!



TARDE DEMAIS PARA ESQUECER.

Ainda me lembro de quando tudo começou. Oito anos atrás. Não fosse o Chefe Mascarenhas meu destino teria sido outro. Mas Deus é quem decide, se ele decidiu assim é porque eu teria de passar por isto. Chefe Mascarenhas apareceu em Águas Calientes para consertar um moinho que comprei com a poupança do meu pai falecido. A herança me permitiu viver trabalhando e nada me faltava. Tinha cabeça para isto. Não me dei mal. Chefe Mascarenhas ficou na minha casa. Eu mesmo insisti para que ficasse. Gente boa, com seus cinquenta e poucos anos era bom de papo e muito simpático. Era escoteiro. Falava maravilhas da organização. Quem o ouvisse ficava deslumbrado e querendo ser um deles. Acampavam, faziam sua comida, tinham técnicas mateiras de construção, exploravam grutas, picos impossíveis e imagináveis para um menino conhecer. Faziam boas ações ajudando as pessoas e tinham um código de honra sagrado para eles.

Interessei-me. – Chefe Mascarenhas! Será que poderíamos fazer um escotismo aqui em Águas Calientes? - Perguntei. – Claro que sim. Alguém tem de dar os primeiros passos e no que for possível eu lhe ajudo. Não faltou ajuda. Alberto o Prefeito, o Doutor Lanes Juiz de direito todos encantados com a ideia. A Rádio local dizia que tudo ia mudar com a juventude de Águas Calientes. Nas inscrições mais de cinco mil crianças. Um pandemônio. Fiquei aterrorizado. Chefe Mascarenhas me aconselhou: - Comece com poucos. Máximo de oito. Treine-os. Serão seus Monitores. Depois de três meses vá aceitando e formado as patrulhas. Os lobinhos não tem problema com a quantidade. Veja alguém para dirigir a Alcatéia. Arrume umas quatro pessoas para diretoria. Vou arrumar para você uma autorização provisória. Consiga um local para as reuniões e um salão para a sede. Depois falamos mais. Eufórico eu sorria de felicidade. A cidade reclamava porque não colocava todos de uniforme a marchar pelas ruas centrais. Pais e mães chorosos faziam pedidos pelos seus filhos.

Adorava meus Monitores. Viviam nas horas vagas em minha loja. Aos sábados na sede do Grupo Municipal Santo Expedito. Aprendíamos juntos tudo sobre escotismo. Acampávamos quase todos os fins de semana. Chefe Mascarenhas me mandou uma boa biblioteca. Em dois meses fui a capital fazer um curso. Estava em ponto de bala. A Patrulha de Monitores vivia para o escotismo. Escolheram como símbolo o Tuiuiú! Virou tradição a patrulha Tuiuiú dos Monitores. A Promessa foi feita dois meses depois. Uma professora do Grupo Escolar aceitou meu convite para os lobinhos. O grupo foi crescendo e apareceram pais para ajudar. Nada faltava. No desfile de Sete de Setembro eu há vi pela primeira vez. Milena. A mais linda moça que tinha visto. Linda, simpática, cabelos loiros, curtos uma época que Doris Day e Grace Kelly enfeitavam as tela de cinema. Paixão a primeira vista. Minha alma gêmea.

Cinco meses depois fiquei noivo. A mãe de Milena me preveniu sobre ela – Muito possessiva Chefe. Sempre querendo ser a dona de tudo. Mas o amor esquece tudo. Nada poderia impedir uma grande paixão. No meu casamento a escoteirada toda na igreja. Queria casar de uniforme, mas ela foi contra – Nem pensar Mario Montes nem pensar! Já mandei vir da capital um legítimo terno inglês da melhor casimira! Assim começou tudo. Ela aos poucos me foi dominando. Sempre decidindo a minha vida. Meu amor por ela era grande demais e aceitava tudo. Ela criticava meu modo de vida e os escoteiros. Aos poucos minha vida se transformou em um inferno. Eu a amava e quase

deixei o escotismo por ela. No grupo todos ficavam penalizados com minha vida pessoal. Ela ria de todos e dizia que o escotismo afasta as pessoas e a família. Ela não queria isto para a família que nós iríamos fazer.

Eu ia para as reuniões Escoteiras angustiado. A rotina que fazia de muitos acampamentos e atividades ao ar livre foram aos poucos acabando. Já não era belo como antes. Milena se interpunha a tudo. Tudo aconteceu muito rápido. Milena começou a sentir dores no seio. Alguns exames e acharam dois tumores enormes. Ela teria que operar. Chorou muito. Perder os seios para ela seria o fim do mundo. Não teve jeito. Operou. Em casa só chorava. Meu coração partia de dó. Ver a pessoa que a gente ama sofrer não é fácil. Minha vida meu trabalho e o Grupo Escoteiro Já não era como antes. Tirei uma licença de alguns meses. Os meninos sentiam minha falta, mas precisava olhar Milena. Cada dia um sofrimento. Ela começou a sentir fortes dores. Fomos para a capital. Os médicos não deram esperança. Mais dia menos dia Milena iria partir. Eu nunca fui espiritualista. Uma época que em nossa cidade pouco se falava sobre isto. Milena um dia me procurou – Mario Montes quero que você me prometa. Quando eu morrer você não vai mais para o grupo escoteiro. – Porque meu amor, por quê? Ela nada dizia. Seu semblante mudava. Parecia estar possuída. – Meus olhos ficaram vermelhos. Minha cabeça não sabia o que pensar. E o escotismo? Oito anos e tinha de deixar tudo para trás? Eu a amava, mas iria trair minha consciência? Enganar a vida e a morte? Ou enganar a mim mesmo?

Um dia ela não andou mais. Morreu dois meses depois. Eu entendia o desejo dela. Amava-me demais e mesmo morta não queria dividir. As exéquias foram simples. Duas semanas resolvi abandonar a cidade. Peguei minha mochila, coloquei na porta da minha loja um aviso que ficaria fechado por algum tempo. Precisava pensar. Raciocinar. Fui acampar sozinho nos Montes Pirineus próximo à fazenda Além Mar. Armei a barraca e nem fogo fiz. Não tinha fome. Olhava para o céu, para as árvores, ouvir o cantar dos pássaros. Meus olhos vermelhos. De madrugada acordava e me punha a chorar. Nunca Milena falou comigo. Nunca me deu um sinal. Resolvi voltar à cidade. Na rua caí desfalecido. Levantaram-me. Agradei. Ao seguir pra casa passei em frente à igreja aonde casei. Estava aberta. Resolvi entrar. Ninguém ali. Sentei próximo a uma imagem de Santa Terezinha. Entre os bancos vi uma bíblia, aberta em uma página. Olhei com curiosidade e comecei a ler devagar, calmamente, já respirava melhor. “O amor é paciente, o amor é bondoso”. Não inveja, não se vangloria não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor nunca perece... Assim, permanecem agora estes três: a fé, a esperança e o amor. O maior deles, porém, é o amor. – Meus olhos encheram-se de lágrimas.

Um padre sentou ao meu lado. Perguntou-me o que houve. Conteí tudo como se fosse em confissão. Ele sorriu me abençoou e falou baixinho: - Disse-lhe Tomé: “Senhor, não sabemos para onde vais; como então podemos saber o caminho?” – Respondeu Jesus: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim”. Passaram dez anos. Nunca esqueci de Milena. Tenho lembrança felizes dos nossos doces momentos que passamos juntos. Nosso Grupo Escoteiro vai bem obrigado. Ainda continuo viúvo. Houve pretendentes, mas nada que me fizesse voltar a

casar. Quer saber? – tinha medo. Medo de que a nova mulher dos meus sonhos vá exigir de mim o que não posso prometer. O meu escotismo! Para mim uma chama que marca e ficou para sempre em meu coração.



UM LUGAR CHAMADO FELICIDADE.

Era uma vez uma cidade chamada Felicidade. Uma cidade pequena quem sabe um arraial crescido com seus cinco mil habitantes. Ouve uma época que todos dariam tudo para mudar para lá, pois era o lugar onde existia o sorriso, a alegria, onde o sol tinha mais fulgor e a lua era incrivelmente linda nas noites de lua cheia. Não havia ricos e nem pobres, todas as casas eram iguais. Ninguém queria ser mais que o outro e onde a cadeia não tinha celas nem presos. Não havia carros buzinando, as pessoas não brigavam, as ruas eram limpas, pois cada cidadão fazia questão de limpar a área de sua morada. Dava gosto ver as crianças correndo pelas praças, indo para seu único colégio onde as professoras sempre tinham um sorriso em primeiro lugar. As casas não tinham grandes e as portas e janelas sempre abertas. À tardinha os casais namoram na mais completa felicidade de alguém que ama e sabe que é amado.

Felicidade tinha algum muito importante que não sei se sim ou se não dava alma ao lugar. Não era o Cabo Damião que nunca prendeu ninguém e nem mesmo o Prefeito Nolasco que nunca deu golpe e nunca roubou nada que a prefeitura com seus poucos recursos recebiam. Não foi o Juiz Tião, que desistiu e foi embora do lugar por não ter ninguém para julgar. Dom Pedrito o vigário vinha sempre às quartas feiras rezar uma missa e a pequena capela quase não cabia seus fieis que ali nunca faltaram para dar graças a Deus. A população tinha alegria no coração, pois Toledo criou os escoteiros. Era belo vê-los passar. Com suas mochilas as costas, um chapelão escondendo a chumaça dos cabelos, um meião cortante até o joelho e a calça curta fazendo às vezes do sonho de seu criador do outro lado do oceano.

Era tudo perfeito. Escoteiros cantantes, sorridentes e a chumaça da patuleia sabia que seus jovens meninos tinham conquistado o que toda cidade sonhava: - A honra, a palavra, a ética e o respeito para ser respeitado. Quando pela primeira vez

juraram a bandeira não faltou ninguém do lugar para assistir. Foi no Campo do Peroba Futebol Clube. Montaram um palanque e lá estava Dom Pedrito o vigário, o Cabo Damião, o Juiz Tião e o Prefeito Nolasco. Não faltou dona Cacilda a professora e claro Toledo o Chefe envergado no seu caqui descomunal como se fosse um exemplo para aquele povo feliz que tudo ia durar para sempre. Foi belo, foi lindo, meninos dando continência, levando a mão direita até o ombro de dizendo que iriam fazer um novo Brasil. Durante anos a cria escoteira cresceu. Mas tudo que é bom dura pouco. Uma doença mortal levou para a eternidade o Chefe Nolasco. Tristeza, choro, desânimo, melancolia e desalento por parte de todos.

Chefe Toledo cometeu um erro tremendo. Não preparou ninguém para um possível afastamento seu. Era Chefe da Tropa, da Alcatéia e fazia às vezes da Diretoria. Poderia ter convidado, mas se sentiu possuído pela divindade e pensou que era um Deus Escoteiro. Morreu e ninguém para ficar no seu lugar. A cidade não sabia o que fazer. Reuniões aconteciam. O prefeito imperfeito nesta hora não tinha a menor ideia para que o grupo não acabasse no ostracismo. Seria fácil buscar ajuda, mas ninguém sabia que havia alguém em outra cidade que poderia ajudar. Ninguém entendia nada e sabiam que eles corriam para o campo, cantavam, brincavam de esconde, esconde onde sempre havia um pega de soldados contra índios. Alguns chegaram a ver patrulhas correndo nas matas, construindo pontes, casas, ninhos trinchados no alto das árvores.

Tudo escorregou entre os dedos. O último pingo do suor caiu e ninguém sabe onde, pois ninguém viu. Tudo acabou? Virou fumaça? A tristeza invadiu o lugar. Onde procurar ajuda? O tempo passou. A cidade triste acabrunhada. A meninada esqueceu seus folguedos na patrulha, esqueceu-se do sol da lua e das estrelas nas noites lindas de fogo de conselho onde eles cantavam e riam sem parar. Para-raios passou por Felicidade em uma noite de natal. Precisava descansar. Viajava há dias no seu Cavalo Trombone procurando uma fazenda para comprar. Ficou sabendo que dona Chiquitita pôs a venda sua casinha atrás do Armazém das flores. Lá tinha de tudo. Seu Pascoal alma sofrida ajudava no que podia a quem não podia pagar. Para-Raios ficou sócio de Seu Pascoal. Comprou um pequeno sítio na Nascente do Rio Florido. Pensou que agora tinha um lugar para morar e morrer. Seu passado se foi, importava só o presente.

Na porta do armazém via todos os sábados dois meninos escoteiros andando devagar, mochilas as costas, mas iam até a praça para sentar e chorar. – O que é isto meu Deus? – pensou. Foi até eles. Uma conversa amena, um sorriso breve, um aperto de mão e ele voltou para casa pensando em voltar. Ali precisam dele, e ele não podia faltar. Não seria como em São Domingos, onde a chefia do grupo não se entendia, onde só havia ódio em vez de amor. Tentou mudar, deu tudo que podia, mas nada conseguiu. Meninos iam e vinham nunca querendo ficar. Ele um antigo Escoteiro sabia que ali não era mais o seu lugar. Foi com os dois meninos escoteiros até a sede. Um abraço uma promessa. Os três hastearam a bandeira Nacional. Muitos curiosos aportaram para ver o acontecimento.

Ah! Ainda existe neste mundo um lugar chamado felicidade. A cidade voltou ao passado. Os sorrisos, os abraços e apertos de mão agora fazia parte da rotina do lugar. O Prefeito Nolasco sorria de orelha a orelha. Dom Pedrito rezou naquela tarde

a missa mais linda que tinha rezado. O Cabo Damião suspirou e soltou Bate Boca o bêbado que prendeu na noite anterior. O Juiz Tião retornou e Dona Cacilda suspirou fundo, pois sabia que agora a meninada da escola tinha juízo, pois Escoteiro é assim, sabe obedecer, tem disciplina e sabe opinar. Ainda me lembro quando naquela final de sexta, Vinte e oito meninos escoteiros passaram marchando, envergando garbosamente seus uniformes com belos chapéus escoteiros rumo a Salamanca, um vale perto do Riacho das Flores onde iam acampar.

Era uma vez uma cidade chamada Felicidade. Um lugar lindo, desses que qualquer um de nós gostaria de morar. Não tinha rico remediado ou pobre. Não tinha mansão nem favela. Os burricos que pastavam na praça não faziam dela seu lugar especial. As pessoas não brigavam. Havia um sorriso em qualquer dos seus habitantes. As pequenas casas eram pintadas de branco, com portas e janelas azuis da cor do céu. Todas tinham lindas tulipas, rosas vermelhas, brancas, gardênia, Jasmim, Dama da Noite e tantas que até esqueço de contar. As janelas e portas estavam sempre abertas e o melhor de tudo, havia escoteiros que todas as tardes iam a praça para contar histórias e cantar. Duvida? Um dia levarei você até lá e vai admirar uma cidade chamada Felicidade!



O EXTRAORDINÁRIO CHEFE TROVÃO.

Hoje vou contar a história de um Chefe. Não um qualquer, mas sim do Chefe Trovão. Grande Escotista e sabia como ninguém fazer amizades, arregimentar adultos conhecia o escotismo como ninguém. Tinha uma figura imponente, cabelos brancos até os ombros, olhos profundos e azuis. Quando olhava para alguém parecia querer entrar em sua mente, ler seus pensamentos e adivinhar até quando iríamos adotar o escotismo como filosofia de vida. Foi através dele que entrei para o escotismo. Na bandeira fazendo a promessa olhei para ele que sorria como a dizer, sei lá, não vai ficar muito tempo. Todos meus cursos fiz com ele e nunca me arrependi. Ele sempre repetia a velha cantilena dos antigos escoteiros: - Meu amigo, se um dia quiser mesmo aprender tenha uma boa biblioteca, leia todos os livros do fundador pelo menos cinco vezes. Faça todos os cursos que puder e só assim poderá ser chamado Chefe Escoteiro. Não basta vestir o uniforme, não basta fazer a promessa ou saber com maestria sinais de formaturas. Tem muito mais que isto.

Eu sempre fui metódico e organizado. Tinha meu cronograma pessoal e estava inscrito em um curso da Insígnia de Madeira em julho. O frio prometia, mas o curso muito mais. Seu Diretor era o Chefe Trovão. Oito dias no campo e me preparei com pequenas férias que consegui no Departamento de Pessoal. Interessante que soube depois que houvera mais de 120 inscrições. Afinal todos queriam aprender com o Chefe Trovão. Ele só aceitou 32. Os demais fica para depois. Fomos formados em quatro patrulhas pelo Chefe Juan Tasso e em uma ferradura todos se apresentaram. O Chefe trovão disse quase nada. Afinal todos o conheciam e sua fama reconhecida nos meios escoteiros. Recebemos todo o material a tralha e duas barracas e secamente ele disse. Chamo em uma hora e meia. Nossa patrulha era a Maçarico, alguém fez um ótimo desenho em uma bandeirola. Foi então que entendemos melhor o que se pretendia. Viver em patrulha, aprender a respeitar e ser respeitado coisa que no início deu certo, mas depois de dias parecia tudo dar errado.

Só no sexto dia é que demos em conta que o caminho da fraternidade onde todos se achavam líderes deveria ser alterado. Afinal não é fácil aprender a ser liderado. Foi um dos meus cursos mais produtivos e extremamente proveitoso. De seis da manhã às onze da noite não perdíamos um só minuto para aprender. Até mesmo nos tempos livres de cozinha, de reunião de patrulha nada se perdia. Agíamos sempre em grupo, seja através de equipes formadas na hora para discutir qualquer tema, seja utilizando o fazer fazendo com as próprias mãos. Poucas explicações teóricas. Menos de duas horas para fazermos o almoço e o jantar. Tudo sempre bem limpo, pois as inspeções não tinha hora e nem lugar. Manter o uniforme impecável não era fácil. Jogávamos muito, era divertido. Jogos calmos, corrida, Kim e até mesmo três grandes jogos aconteceram. À noite sempre alternadamente um jogo noturno ou um gostoso bate papo em uma conversa ao pé do fogo sempre no Campo da Chefia. Só o Fogo de Conselho foi realizado há quase dois quilômetros onde estávamos acampados. Imperdível e inesquecível.

As sessões com o Chefe Trovão eram sensacionais. Sempre tinha escondido na manga uma surpresa, um estilo uma maneira de aplicar seus conhecimentos e transmitir a cada um de nós. Há de pioneirias ficou na história. Após o almoço tocou sua trombeta (chifre do Kudu) e ficamos mais de cinco minutos para encontrá-lo. Estava em cima de um Timburi enorme a mais de 10 metros e altura. Não foi fácil acomodar 32 marmanjos junto a ele naquela árvore. Deu-se um jeito e foi até divertido. Embaixo da Arvore JF um assistente foi mostrando os esboços do que cada patrulha deveria construir. Ao lado mostrou uma pilha de eucaliptos, bambus e sisal. Tínhamos três horas para construir uma Ponte do Tarzan, uma Trilha dos macacos, um Ninho de Águia e um elevador que se comunicaria com todas as construções. Tudo nos altos das árvores daquele bosque. Nunca acreditei que iríamos conseguir. Cada patrulha discutiu e sorteou as tarefas. Gostosamente o Chefe Trovão continuou onde estava com seu cachimbo infernal como se estivesse tirando a “siesta” do fim da tarde.

Três horas não deu. Pedimos mais uma e ganhamos meia. Mas conseguimos terminar. Desafio era desafio assim ele dissera a noite no jantar. Uma noite lá pelas onze íamos dormir e a trombeta tocou. Custamos a encontrá-lo. Eis que sentado em uma pequena tora tomava um café quente e fumegante esquentado na brasa. Fiquem a vontade disse. Foi uma noite maravilhosa. Cantou lindas canções,

danças escocesas, canadenses, nos ensinou a dança de Guerra dos Guaranis e dos Tapuias. Convidou-nos para o batismo indígena. Cada um escolhe um nome indígena, salta três vezes a fogueira gritando seu novo nome de guerra. Eu escolhi Araquém, o pássaro que nunca dorme. O que mais nos surpreendeu foi em uma noite, lá pelas três da manhã, a trombeta tocou. Sabíamos que era o Chefe Trovão e suas chamadas infernais. O ponto de reunião desta vez era junto ao lago que margeava o acampamento. Foi então que às três da manhã conseguimos ver pela primeira vez a Estrela d'alva ou Estrela da Manhã que seria o planeta Vênus cuja madrugada é um espetáculo de se ver. Nesta noite vimos através do espelho do lago as estrelas no céu, identificamos as Três Marias, o Escorpião, o Cruzeiro do Sul e a posição de muitas outras estrelas. Um espetacular treinamento técnico de orientação noturna.

No sétimo dia cansados, recém-chegados da jornada de 24 horas nem conseguíamos ficar em pé. A trombeta do Chefe Trovão Tocou. Arrastando conseguimos chegar até ela na encosta do sopé da montanha. Ele deitado se refastelava na sombra de um enorme castanheiro, em uma grama verdinha e nos convidou a tirar uma soneca com ele. Formidável! Dormimos a sono solto. Noite escura acordamos preocupados. Onde está o Chefe Trovão? Corremos para o campo, fazer o jantar. De novo o Berrante. Na porta da barraca da Chefia JF sorria. Na mesa uma succulenta sopa de macarrão com batatas, ovos, linguiças fritas e pães fresquinhos que eles fizeram. Quase meia noite. Fartamente comemos. Quem passasse por ali estranharia aquela extraordinária confraternização de 32 marmanjos escoteiros acompanhados por uma plêiade de seis chefes. Não vou entrar em detalhes sobre o fogo de conselho. Marcou-me para sempre. Nem mesmo vou comentar o Jantar de Confraternização que cada patrulha escolheu seu cardápio e a chefia providenciou tudo.

Ainda hoje me vejo naquela floresta, olhando a fogueira, fagulhas amarelas zumbindo no ar. A canção da despedida foi choro geral. Foi então que fantasticamente uma coruja vou até o Chefe Trovão. Pousou delicadamente em seu ombro. No céu estrelas brilhantes e para completar o uivo de um lobo guará bem distante. Não ouve um marmanjo que não se derreteu em lágrimas na despedida. Antes do encerramento o Chefe Trovão desapareceu. Por muitos anos não ouvi falar dele. Seus conhecimentos escoteiros esbanjavam simplicidade e amor ao próximo. E então para coroar minha admiração com ele, em uma tarde de sábado em reunião, eis que ele chega à sede pomposo, forma todos e calmamente me coloca o lenço da Insígnia de Madeira.

Chorei demais, não sabia o que dizer quando olhei melhor ele desapareceu como o vento que chegou e se foi. Nunca mais o vi, nunca mais soube notícias suas. Ontem me lembrei dele, saudades demais. Tem gente que chega em nossas vidas e pensamos que vai ficar para sempre, mas sem perceber ela se vai. Nunca o esqueci se até hoje sou Escoteiro foi ele quem me fez. Entrou no meu coração, se amarrou com um nó górdio e vai ficar lá para sempre!

- O chefe Trovão apareceu em um conto fantástico, aqui narrado neste blog. Sugerimos que leiam primeiro para embarcar nesta continuação, onde poderão conhecer melhor este misterioso e enigmático Escotista. As denominações técnicas escoteiras aqui

contadas eram conhecidas em 1970, quando se passa boa parte desta historia. Portanto, nada se compara com o que hoje é aplicado.



O TENENTE DANTE DA MARINHA DO BRASIL TEVE SUA NOITE DE NATAL.

¶ Qual cisne branco que em noite de lua Vai deslizando num lago azul.
O meu navio também flutua Nos verdes mares de Norte a Sul. ¶

Fora seu sonho, desde criança sonhou em ser um marinheiro. Jurou que um dia seria. Resolveu ser Escoteiro do mar. Gostava de ficar na praia olhando o horizonte e vendo um ou outro barco passar. O seu chefe fora almirante, quantas histórias para contar. Quando eles acampavam ele ficava esperando a noite chegar só para sentar em volta de uma gostosa conversa ao pé do fogo e ouvir com a maior atenção as histórias do Chefe Mascarenhas. – Era uma vez... Ele assim começava as suas histórias. Era uma vez eu estava em uma pequena fragata. Navegamos em águas calmas próximo as “Águas da Morte”. Diziam ser uma versão do Triângulo das Bermudas. Sempre contavam ser um lugar amaldiçoado.

- Nosso Almirante era um homem calmo e não acreditava em maldições e nada o assustava. Foi então que percebemos que a fragata começou a girar, a girar e todos a bordo se agarraram e se amarraram onde fosse possível. Os ventos começaram a soprar forte. Relâmpagos cruzavam o céu. Havia uma mística que mesmo com águas calmas e tempo ensolarado de um segundo ao outro surgia uma maré. Ela quase destruiu nossa fragata. Eu achei que não ia viver. Todos nós achamos. E de repente, e de repente o sol voltou a brilhar. O vento ficou calmo e os trovões desapareceram. Eu nunca acreditei em coisas do outro mundo, mas daquele dia em diante nunca mais duvidei. – Todos nós Escoteiros do mar em volta do nosso Chefe ali na praia em uma conversa ao pé do fogo ficamos sem folego. – E o Chefe Mascarenhas completou – Quando retornamos ficamos sabendo que todos os anos, embarcações dos mais diferentes tipos afundam nas “Águas da morte”. Os que se acreditaram que com um dia calmo e mar azul poderiam atravessar se foram para sempre. Não sabiam que era um local voluntarioso, onde tempestades demoníacas ocorrem do nada, em dias de sol e de mar calmo!

¶ Linda galera que em noite apagada Vai navegando num mar imenso
Nos traz saudades da terra amada Da Pátria minha em que tanto penso. ¶

Eu fazia de tudo para aprender com meus chefes a arte de um escoteiro do mar. Fazia tudo para conseguir conhecimentos práticos e teóricos para conseguir as especialidades de Arrais Amador, Mestre Amador e Capitão Amador. Eu sonhava o dia que iria colocar meu uniforme de um Oficial da Marinha do Brasil. Meu Chefe me incentivava e me disse que se estudasse muito poderia entrar na escola especializada para formação de oficiais (EFOMM). Eu sabia que para entrar não era fácil e se conseguisse iria estudar em regime de internato por três anos. Se tudo desse certo poderia sair sendo um Oficial da Marinha. Não deu outra. Estudei e entre na escola de formação de oficiais. Sentia-me orgulhoso com o uniforme de cadete bem parecido com o meu de Escoteiro do mar. Era um cadete estudioso, prestativo e orgulhoso do que fazia. Em três anos me formei e após um treinamento como Fuzileiro Naval vesti meu uniforme de sub. tenente da marinha. Agora estava apto para começar meu treinamento naval. Valeu e muito. Adorava tudo. Era disciplinado e nunca disse não para as ordens dos meus superiores.

Eu amava o escotismo, mas nos primeiros meses não tive a menor condição de estar junto com meus irmãos Escoteiros. Dizem que a vida não é igual para todo mundo. Meu mundo agora era azul e branco e eu amava o que fazia. O que aconteceu então? Até hoje me pergunto por que caí naquele abismo sem fim. Conheci uma moça, linda, sabia tudo sobre escotismo e marinaria. Contava-me que seu pai foi um grande Almirante e faleceu sozinho em um quarto do hospital das forças armadas. Disse-me que seu pai morreu de AIDS. Isto irritou seus amigos. Eles não aceitavam. Eu me apaixonei por ela. Ela me vendia horrores da Marinha. O que eu amava eu passei a não acreditar mais. Não comparecia a ordem do dia e fui preso e expulso da marinha. Eu chorei como chorei. Mas Naldinha me consolava. Dizia que era melhor assim. Eu tentei voltar para os Escoteiros, mas meu próprio grupo não me aceitou. Ficaram sabendo do meu procedimento e diziam que um Escoteiro do mar não procede assim. Eu e Naldinha começar a naufragar. Não no mar, mas nas asas do vício maldito. Ela morreu dois anos depois de uma overdose.

**¶ Qual linda garça que aí vai cruzando os ares Vai navegando
Sob um belo céu de anil Minha galera Também vai cruzando os mares
Os verdes mares, Os mares verdes do Brasil.¶.**

Um dia passei no portão do Grupo Escoteiro. A meninada do mar se divertia em um gostoso jogo e meu deu uma saudade enorme. Entrei na sede. Todos pararam o que estava fazendo. Era como um silêncio profundo e doído acontecesse na alma daqueles Escoteiros do mar. Tentei correr dali, minhas pernas falharam. Cai e bati a cabeça no cimento do pátio. Dois lobinhos e uma assistente correram para me ajudar. Chamaram uma ambulância e fui para um hospital comum. Recuperei minhas forças. Notei que Norma estava sempre lá a me visitar. Era uma assistente de lobinhos linda demais. Eu não esquecia Naldinha. Eu não esquecia nada. Eu só sabia chorar e afinal me perguntava: - Você é um homem ou um rato? Dizia isto em voz alta e Norma sorria. Não sei por que ela me deu forças. Hoje recuperei um pouco da minha coragem. Nunca mais fui o marinheiro que sonhava, mas agora era um Escoteiro do mar. Arrumei um emprego e hoje sou um Chefe de uma tropa que amo demais. O que aprendi ensino a eles com alegria. Eles me amam e eu amo todos eles.

Não adianta chorar e reclamar da vida. A luta é renhida e os fracos não tem vez. Não vou errar mais. Casei com Norma, somos felizes e mesmo lembrando de vez em quando da minha vida de cadete e quase oficial de marinha não me arrependo do que fiz. Aconteceu, não dá para mudar ao destino. Tudo para nós acontece uma só vez. E assim vamos aprendendo a cair e levantar. Hoje é um dia importante em minha vida. Carlinhos meu filho de sete anos como eu vai ser um Escoteiro do mar. Ele vai fazer sua promessa. Eu disse a ele que a vida era dele. Ele tinha de lutar sozinho por um lugar ao sol. Quando ele fez sua promessa de lobo Norma pegou na minha mão e apertou. Vi seus olhos cheios de lágrimas, lágrimas de orgulho. Ela sabia que eu faria tudo para que Carlinhos vencesse na profissão que escolhesse. Não direi a ele para ser um homem do mar. A vida é dele. Deixa-o crescer aprendendo a fazer fazendo. Neste natal eu quero agradecer a Deus o seu milagre. Poderia ter morrido, mas não morri. Se eu perdi não sei, mas ganhei uma família, uma não duas, Norma e Carlinhos e meu maravilhoso mundo dos Escoteiros do mar!

**¶ Qual linda garça que aí vai cruzando os ares Vai navegando
Sob um belo céu de anil Minha galera Também vai cruzando os mares
Os verdes mares, Os mares verdes do Brasil. ¶.**



O SELVAGEM DAS TERRAS ALTAS. (06)

Como Escoteiro eu gostava de enfrentar a estrada, as matas, campinas, os rios estreitos, largos, as cachoeiras, as corredeiras infernais e até as mais altas montanhas. Deliciava-me quando conseguia conquistar cumes imensos, atravessar rios caudalosos seja de que maneira for descendo corredeiras ou mesmo encontrar com o imponderável pela frente. Tive medo sim, e até mais do que pensei. Na barbearia do Seu Praxedes eu cortava o cabelo. Entrou um sujeito estranho. Um bigode enorme. Contou para todos na barbearia que morava na Serra do Morto Vivo. Nunca ouvi falar. Disse que era próximo ao Rio Turvo, duas semanas a pé. A cavalo dois dias. Tinha uma imensa floresta. Poucos a conheciam. Um dia um homem todo marcado e sangrando como se tivesse sido esfolado vivo chegou a minha porta pedindo ajuda. Foi tratado e partiu dois dias depois. Contou que na virada da Trilha da Goiabeira ele quase encontrou a morte. Eu entrei na Floresta do Diabo! Encontrei os malvados Selvagens da Cabeça Branca. O Cacique não conversa com ninguém. Ele esfolo e mata. Parou de contar e sumiu junto as plantação de figo que tínhamos acabado de plantar.

Quando ia saindo o chamei. Ele me olhou enviesado. – Moço, como faço para chegar à Floresta do Diabo? Ele riu e disse – Em Baixo Guandu suba o Rio Turvo. Quando avistar uma garganta entre duas montanhas, siga por mais dez quilômetros. No fundo do vale vais ver uma imensa floresta densa por causa do nevoeiro. É lá. Mas

menino, todos que encontraram o Selvagem da Cabeça Branca não voltaram vivos. Os que conseguiram ficaram com sequelas no corpo e nunca se curaram. Virou-me as costas e sumiu na Rua Sete de Setembro. Nunca mais o vi. À noite contei para a patrulha o que tinha ouvido. Poucos acreditaram. Convidei a todos fazer uma jornada até lá. Afinal precisamos seria uma aventura e tanto.

Noronha calculou a jornada. Sem trilhas, matas dos dois lados e com corredeiras tem de ser a pé. Pelos meus cálculos mais de quatro dias de jornada. Precisaríamos de dez dias para ir e voltar. Se não houver cachoeiras imensas uma jangada pode nos trazer mais rápido. Tentei motivar a patrulha. - Afinal somos ou não seniores destemidos? Disse. No dia seguinte Pedrinho me procurou. - Olhe não dormi a noite. Sonhei com esta aventura. Encontrei com outros patrulheiros e acharam que podemos discutir mais a jornada. Agora sabia que todos iriam. Os seis valentes seniores da Patrulha Cascavel iriam entrar em ação. Que nos esperasse a Floresta do Diabo. E que se danasse o Selvagem da Cabeça Branca. Ele ia conhecer uma turma da pesada! A aventura estava apenas começando. E que aventura foi meu Deus!

Seu Josué Chefe da Estação da Estrada de ferro perguntou: - Para onde vão desta vez? Até Baixo Guandu Seu Josué. E de lá? - Bem vamos tentar chegar até a Floresta do Diabo. Vamos subir o Rio Turvo. - O rio eu conheço, mas esta floresta não. Cuidado com o Rio. Quando menos se espera ele sobe até oito metros acima de seu nível. Gente boa seu Josué. O trem parou na plataforma. Subimos na Segunda Classe e logo partiu. Estávamos preparados com um farnel para seis dias. Sabíamos que encontraríamos bons viveres na jornada. A patrulha foi completa. Não havia noviços. Meio dia e meio avistamos Baixo Guandu. Antes de o trem entrar na estação avistamos o pontilhão do Rio Turvo. Descemos e como sempre atraíamos atenção. Não dava tempo para conversar. A jornada era longa. Pé na taboa!

A primeira noite foi calma e assim a segunda. Mas cada dia mais difícil ficava a caminhada. Na tarde do terceiro dia avistamos uma cachoeira imensa. Época da piracema. Um espetáculo a parte. Quem já viu sabe como é. Lindo! A luta dos peixes para subir o rio e desovar é espetacular. Escolhemos um belo piau de dois quilos e nosso cozinheiro fez um gostoso assado de peixe na brasa. No dia seguinte demoramos quase uma hora para escalar a cachoeira. Não foi fácil. No quinto dia achávamos que estávamos atravessando o inferno. Cada metro um emaranhado de espinhos na floresta. Na manhã do sétimo dia avistamos a Garganta. Fácil de percorrer. Um gostoso riacho pedregoso e raso com águas límpidas. Na tarde daquele dia avistamos a famosa Floresta do Diabo. Imponente. Grandiosa. Misteriosa. Uma nevoa encobria o seu topo. Resolvemos dormir e prosseguir no outro dia.

Levantamos cedo. Ainda bem que não choveu. Nossa barraca eram as estrelas. Pela manhã após um cafezinho e quando íamos partir vi o Romildo e o Fumanchu de pé, sem se mexer e olhando firme para frente. Tremi na base. Um índio enorme quem sabe mais de dois metros. Cabeleira longa e totalmente branca. Sem barba. Olhos negros fitando-nos. Não disse nada. Deve ser o tal Selvagem da Cabeça Branca. Será que vai nos esfolar e matar? Os demais acordaram e foram se juntando. Tentamos ficar juntos para se defender. Romildo o Monitor pegou seu bastão. Arma? Que nada, era uma rotina

de monitor. Nunca conseguiríamos derrubar o mastodonte. Calças começaram a ficar molhadas. Ele fez um sinal. – Venham comigo.

O caminho era uma surpresa. Seguimos por uma encosta enorme. Perder o equilíbrio era cair nas escarpas pontiagudas. Do outro lado uma pequena ponte pênsil que ele puxou não sei de onde. Atravessamos e chegamos em um platô. Avistamos algumas Ocas e uns vinte índios nos cercaram. A maioria mulheres e crianças. Ninguém falava, mas todos sorriam. O tal da cabeça branca nos mandou entrar em uma oca. – Ele disse - Eu e os demais da tribo pensamos em matar vocês. Não gostamos de estranhos. Quando chega um o matamos ou esfolamos. Um aviso para ninguém voltar. Há muitas e muitas luas seus irmãos brancos mataram quase todos da minha tribo. Éramos de paz. A sua FUNAI nos deu terras e fazendeiros nos tomaram. Uma noite entraram em nossa aldeia. Mataram quase todos. Eu, filho do cacique Lobo Branco, Pontiac filho do bravo Amanaki, Iraci minha namorada na tribo e filha de Caiare estávamos caçando. Quando chegamos vimos todos mortos e os brancos saqueando tudo. Quando se foram levaram os corpos para enterrarem longe. Choramos muito. Cinco crianças se salvaram e se juntaram a nós. Eu tinha dezesseis anos e era o mais velho. Resolvemos fugir.

- Descobrimos esta floresta depois de dias de viagem pelo Rio Turvo. Aqui estávamos protegidos. Na Garganta Cajuru montamos um posto para ver quem se aproxima. Sei que vieram por aventura. Eu também fui assim. Hoje somos menos de trinta. Iraci me deu oito filhos. Não podemos crescer mais. – Deixarei vocês podem ir embora. Vou acreditar que não contarão nosso segredo para ninguém. Entregou-nos nossas mochilas e algumas frutas. Não pediu nada, seu olhar dizia que podia confiar naqueles escoteiros. Pegamos nossas mochilas e partimos com ele a frente. Levou-nos até a Garganta Cajuru. Achamos muitas piteiras secas. Descemos o rio até a cachoeira. Cinco dias depois chegamos em Baixo Guandu. Foi uma das nossas maiores aventuras. Um dia li no jornal que descobriram a tribo dos cabeças brancas. Devolveram as terras e a liberdade. Sei que um dia volto lá. Saudades de Capotira, de Pontiac, de Iraci e daqueles amigos sinceros que fizemos. Durante o tempo que ficamos lá só vimos à felicidade entre eles. Espero que até hoje ainda estejam assim. Que Deus os proteja!

O amor vive de repetição. Cada um de nós tem, na existência, no mínimo uma grande aventura. O segredo da vida é reeditar essa aventura sempre que seja possível.

Oscar Wilde



O CACIQUE ITAGIBA, AQUELE QUE TEM O BRAÇO FORTE COMO PEDRA.

Levantei bem cedo. Sempre fora assim. Era Cabo Corneteiro na 4ª Brigada de Infantaria, na Brigada 31 de Março em Juiz de Fora MG. Um soldado que não conhecia me avisou que o Capitão Barbosinha queria falar comigo urgente. Ordens superiores não se discutem se cumprem. Apresentei-me a ele em sua sala as sete da manhã. – Vado, recebi este telegrama. Chegou aberto desculpe. O telegrama dizia – “Meu irmão em breve irei passar para o outro lado do oceano. Não quero ir antes de me despedir de você”. – Vado o que significa passar para o outro lado do oceano? Disse o Capitão Barbosinha. – Capitão, significa que meu amigo o Cacique Itagiba está morrendo e não quer ir antes de me abraçar. – Os índios Botocudos quando estão para passar para o outro lado se preocupam com suas três almas na hora da morte. Segundo seus ancestrais, eles têm três almas: a *nhe’enguê* ou *nhe’em*, a alma boa espiritual, que vai para o Além quando a pessoa morre, não afetando os vivos; a *anguêry*, a alma animal, responsável pelas más inclinações e que fica na terra por um tempo depois da morte, assombrando os vivos; a *avyu-kuê*, a sombra, uma cópia imperfeita da pessoa, permanecendo nos ares e não incomodando ninguém. A doença é a ausência temporária da *nhe’em*, da alma boa. A morte é a saída definitiva dessa alma. O sonho é a saída *nhe’em* para esse outro mundo.

O Capitão Barbosinha não discutiu. Ele me conhecia. Sabia da minha lealdade e das minhas aventuras escoteiras. – Tem uma semana para ir e voltar. Disse. Às nove da manhã eu estava na Br040. Dali em uma carona chegaria próximo a minha cidade. Tive sorte. Um caminhoneiro levando uma carga de arroz para Teófilo Otoni se prontificou a me levar. Ainda estava com o uniforme de campanha do exército. Só em Valadares iria colocar o meu tradicional uniforme escoteiro. Às onze da noite eu estava em casa. Disse aos meus pais o que aconteceu e ficaria pouco tempo. Um banho, o uniforme e parti para a estação ferroviária. Eram duas da manhã e o Nonô o Chefe da Estação me disse – Vado, as três ou quatro da manhã passa um trem de carga para Aimorés. Você pode pegar uma carona. Não deu outra. Tanta sorte que até o Dedé Peito

de Pato era o maquinista. Fora Escoteiro sênior e pioneiro. Cheguei a Crenaque as cinco da matina. O dia clareava. Agora era conseguir um barco para atravessar o Rio Doce.

Nenhum barco a vista. Fazer uma jangada demoraria demais. O rio estava calmo e com as águas bem baixas. Escolhi um local onde havia uma grande pedra no meio do rio. Cada braça uns 80 metros. Tirei o uniforme fiz com ele e várias folhas esfoladas de bananeira uma espécie de saco amarrada nas costas. Iria atravessar a nado. Às oito da manhã eu avistei no alto do morro do Grilo a Aldeia dos Pataxós, remanescentes dos Botocudos e Aimorés. Nada mudou. A mesma aldeia miserável do passado. Os índios ali não tinham vez. A FUNAI nunca se interessou. Parei para descansar, não queria chegar com ar de cansado. Precisava motivar meu amigo o Cacique Itagiba. Eu sempre disse que o sorriso é um remédio dos deuses. Meus pensamentos voltaram ao passado, cinco anos antes. Era Escoteiro passando para Sênior. Os Pintassilgos uma patrulha sênior me recebeu com carinho. A maioria já fora Escoteiro e muitos eu conhecia muito bem. Ainda na fase da Rota Sênior.

Tínhamos sempre discussões a respeito dos índios do vale do Rio Doce. Sabíamos que de uma população de mais de cem mil índios, hoje não eram mais que uns três mil. Havia quatro aldeias no vale do Rio Doce. Em Crenaque, em Conselheiro Pena, em Aimorés e a última em Colatina. – Porque não vamos visitar a de Crenaque? Falei, é perto e poderemos conhecer mais a história deles. Muita discussão e aprovado. O Chefe deu sinal verde, uma época que os chefes aprovavam tudo que fazíamos. Em uma sexta a tarde lá estávamos na estação ferroviária a esperar o Trem Rápido para Vitória. Não pagávamos passagem. Tínhamos passe livre na ferrovia Vale do Rio Doce. As seis em ponto chegamos a Crenaque. Chegar à Aldeia a noite? Não era uma boa ideia, mas poderíamos atravessar o rio. Um menino de uns doze anos se ofereceu para nos atravessar. Seu pai tinha viajado. Juntamos uns tostões e demos a ele quase dez reais em dinheiro de hoje.

No alto do morro do Grilo avistamos a aldeia. Nenhuma iluminação. Algumas lamparinas e mais nada. Casas de alvenaria. – Mas eles não tinham Ocas? Eu pensei. Bem isto iríamos averiguar. – Armamos duas barracas e dormimos como sempre. Sem medo, sem receios vivendo somente nossos sonhos de jovens escoteiros seniores. Acordamos com o sol nascendo e na frente da barraca uma dezena de índios na maioria jovens como nós. Eles sorriam. Nenhum fazendo gestos de maldade. Levantamos acampamento e pensávamos que eles não falavam nosso idioma. – quem sabe Tupi Guarani? Perguntei. Eles riram a valer. Foi então que um jovem forte e atlético, vestindo um calção azul e sem camisa nos convidou para visitar a aldeia e conhecer seu pai o Cacique Upiara e sua mãe a índia Poranga. Entramos na aldeia e todos sorriram pra nos. O Cacique Upiara nos recebeu educadamente. Com seu pequeno cocar. Duas penas que ele se orgulhava, uma de um Azulão Vermelho e outra do Uirapuru. Só os valentes da tribo conseguiam tais penas.

Ficamos lá até domingo e retornamos Conversamos muito com eles e apesar de não entender sobre FUNAI, indigenistas e piratas de bebidas alcoólicas aprendemos muito. Um povo sofrido. As terras que o governo lhes deram foram invadidas diversas vezes. A caça desapareceu. Eles plantavam mandioca e muitas vezes era seu único alimento. Os homens da FUNAI não eram honestos com eles. Eles viviam

como podiam, mas ainda tinham o orgulho dos seus antepassados. Entre os indígenas não há classes sociais e todos tem o mesmo direito e o mesmo tratamento. O pequeno pedaço de terra que ainda tinham pertencia a todos. Quando se conseguia alguma caça e ou uma boa pesca era dividido com todos. Um respeito enorme entre eles. Cada casa morava oito ou doze famílias. Até mesmo o Cacique Upiara e sua esposa a índia Poranga moravam com mais oito famílias.

Voltei lá muitas vezes. E até sem patrulha somente a “escoteira”. Fiquei muito amigo do jovem Itagiba. Juntos fizemos belas aventuras. Caçamos uma Jaguatirica só com armadilhas. Ficávamos horas na pedra do Açú junto ao rio Doce tentando pescar uns dourados. Fizemos uma jornada até a Lagoa dos Macacos muito longe da aldeia. Uma lagoa enorme e nunca tinha visto tantos peixes. Aprendi a gostar do Cacique Upiara e a Índia Poranga. Fiz amizade com o Pajé Jurecê. Quatro anos depois fui servir a Pátria em Juiz de Fora. Sempre mantendo contato com Itagiba pelo correio. Encontrei Itagiba deitado em um catre de folhas de bananeira. Ele já sabia que eu estava chegando, seus guerreiros avisaram. Levantou com dificuldade e ficou em pé com a ajuda de sua mulher a índia Ibotira. Abraçou-me fortemente com os olhos cheios de lágrimas. Não me contive e chorei também. Ficamos ali a falar do passado, e sua tristeza com o futuro da aldeia.

Ele sempre acreditou que poderia reencarnar. Um dia ele me disse – Sabe Vado Escoteiro quando eu reencarnar novamente quero ser seu irmão. Quero estar sempre ao seu lado. Morreu a noite sorrindo e olhando para mim. Voltei no dia seguinte do seu sepultamento para o quartel. Naquele sábado do retorno, na hora do apagar das luzes, toquei em meu clarim o toque de Silêncio mais triste que um dia toquei em minha vida. Para dizer a verdade as notas do clarim se misturaram ao sabor das minhas lágrimas que caíam harmoniosamente. Até mesmo o Sargento da Guarda me olhou assustado. Ele não conhecia a história, mas sua experiência com corneteiros sabia de antemão que uma bela história de amor e amizade tinha acontecido. Itagiba ficou na minha memória por todo o sempre. Eu sei que um dia vamos nos encontrar, pois nosso caminho nos levava ao mesmo lugar. Eu também iria morar um dia do outro lado do oceano.



OS FANTASMAS SE DIVERTEM.

“Não tenho medo do escuro, mas deixe as luzes acesas”...

Como todos os acampamentos eu me divertia. Adora ver a lua cheia, as estrelas e os pirilampos noturnos. Quando aparecia uma cigarra mais eu sorria. Sempre fiquei nervosa nos dias que antecediam os acampamentos. Sempre pensando imaginando e sonhando como seria mais este. Afinal nos meus treze anos eu poderia acreditar que era uma menina sonhadora. Todos me chamam de Ledinha, mas meu nome é Laura.

Sempre foi assim ficava irrequieta e pensativa. Quando entrei como Lobinha não dormi por vários dias sempre sonhando. E na minha promessa? Quando passei para escoteira e me falaram que no mês seguinte tinha acampamento fiquei em uma espera angustiante. Contava os dias. Gosto de recordar tudo no meu diário que chamo de livro de memórias. Mamãe minha querida mamãe sempre junto comigo quando não conseguia dormir. Pegava-me no colo, me ninava, cantava para mim. Era três, eu mamãe e papai. Grande pai. Nunca me negou nada dentro de suas posses. Eu tinha boas notas, era amiga de todos, não brigava, mas era muito sugestionável. Foi meu pai quem me convidou para ser escoteira. Ele tinha sido quando menino. Amei todos no primeiro dia. Amigos, sorrindo para mim. Valeu a espera. Como chorei quando deixei a Alcateia. Acreditava que ia perder meu mundo.

Na Tropa a Chefe Dalva era outra grande amiga. A Patrulha Gavião era meu novo lar. Eu e a monitora éramos como irmãs. Meu programa de crescimento fazia com a alma e o coração. Em pouco tempo tinha mais de doze especialidades e o cordão Verde e Amarelo. Todas as tardes sentava com minha mãe na varanda esperando o meu pai chegar do serviço. Era lá que meus pensamentos voavam em todas as direções. Agora o Acampamento na Serra do Esquilo os dias não passavam para eu voltar ao campo, terra boa onde os escoteiros vivem sempre. A Tropa era formada com três patrulhas. Todas macicíssimas. As semanas foram passando e mesmo assim meu relógio parecia ter parado. No dia do acampamento todas lá com seus pais preocupados. Uma viagem tranquila. O local lindo e perfeito. Duas nascentes, um belo riacho e uma queda d'água. Bambus e uma linda mata a sul sudoeste. A montagem do campo foi perfeita. Uma bandeira arvorada. Sempre aquele burburinho de uma montagem de campo se ouvia. Foi então que uma Chefe se sentiu mal. Seu marido que esta presente a levou até São Francisco, um lugarejo próximo. Disse que voltaria antes da sete da noite.

Ficamos preocupadas agora sozinhas no campo. Fizemos o jantar e até onze da noite eles não chegaram. Reunimos as patrulhas para ver o que fazer. Porque não uma conversa ao pé do fogo? Alegria geral. A patrulha Javali cantou e dançou samba. As Corujas um balé clássico. Muitas piadas e as horas passando. Começamos a ficar preocupadas. Nada do Chefe nada do assistente. Não tínhamos celular, buscar ajuda onde? O fogo diminuiu. O sonho chegava. Um conselho de Tropa decidiu que devíamos dormir e duas ficar de sentinela se revezando a cada hora. Um relâmpago cruzou os céus. Um som ensurdecidor. Como se fosse um fantasma um enorme jacaré de papo amarelo surgiu na nossa frente. Olhos de fogo e uma cruz na testa. Fantasia dos chefes? Não. Abriu a boca e saiu fogo vermelho com brasas se espalhando no ar. Em volta a escuridão, nada se via. Algumas de nós começaram a gritar. Pedir ajuda a Deus. Os olhos do jacaré soltavam chispas vermelhas e na boca uma gosma horrível. Fizemos uma bola de Escoteiras. Os gritos não paravam. A lua apareceu e o jacaré sumiu! Éramos vinte e duas

Escoteiras. Resolvemos dormir embotadas na barraca da chefia. Alguém se lembrou da higiene pessoal. Amanhã! Gritaram todas.

la entrar na barraca e um homem peludo com orelhas de jumento saltou na minha frente. Ao seu lado um cabeludo de cabelos vermelhos em chamas e coberto de lodo com um mau cheiro terrível. Gritamos a mais não poder. Um terror horrível. Ninguém entendia nada, mas o medo era visível. Porque isto acontecia? Nunca aconteceu antes. Será que acampamos perto de algum cemitério abandonado? De novo tudo desapareceu. Conseguimos dormir. Deu-me uma enorme vontade de fazer uma necessidade. Precisava! Sai da barraca olhei e nada vi. Ir ao WC não dava. Alumiava tudo com a lanterna. Andei até um matinho e uma enorme cobra gigante apareceu. Enorme também soltando fogo pelas ventas. Soltava sons esquisitos. Parei, corri para dentro da barraca. A monitora na porta. Agarrei a monitora e ela agarrou em mim. A cobra sumiu! Molhei a roupa, fazer o que? Um macaco descomunal descarnado com os dentes sangrando gemia ao meu lado. Só um olho no meio da testa. Gritava a mais não poder. Alguém me pegava pelas costas. Mais e mais eu gritava e berrava. Abri os olhos e vi minha mãe. Agarrei nela abraçando. - Calma filha, acorde, é só um pesadelo! Eu chorava, soluçava. Conteí tudo para ela. Ela entendeu e me abraçou.

E o acampamento mãe! Todos já voltaram? Ela sorriu. Vai ser no próximo sábado minha filha. Graças a Deus. Não comentei com ninguém. No sábado muitas me olhavam ressabiadas. Partimos o mesmo local, o mesmo campo. À tarde de novo uma das chefes se sentiu mal. O assistente se prontificou a levar no pronto socorro. Tremi tudo de novo? Mas não aconteceu o mesmo antes? Prometeu voltar logo antes do anoitecer. Desta vez todas se grudaram umas nas outras. Entendi que o pesadelo era de todas e não só meu. De repente a noite ficou escura. A lua se foi e as estrelas desapareceram. Uma gargalhada horrenda retumbou nas águas escuras do lago. Um mostro horrível apareceu. De sua boca uma gosma preta caía no chão. Era o fim de mundo, não ia suportar tudo de novo! O assistente não chegou, não fomos para a barraca, saímos gritando morro acima e subindo em árvores sombrias.

Fechei os olhos precisava acordar. Precisava os braços de minha mãe. Jurei nunca mais assistir filmes de terror. Abri os olhos estava em meu quarto. Uma paz sonora e minha mãe ao meu lado. - Mãe! O que está acontecendo? Nada minha filha, você teve um pesadelo. - Um mãe? Foram dois! Ela me olhou com carinho e me abraçou. E o acampamento? Vai ser sábado, você já tem tudo preparado. Mãe! Nem pensar! Desta vez não vou. Pois é soube que toda a Tropa também desistiu. Acampamentos! Ninguém vive sem eles, mas sem homens peludos, sem jacarés gigantes, sem gente soltando fogo pela boca. Risos. Apenas um conto, escoteiros e Escoteiras não tem medo. Gostam de dormir na barraca e ouvir o canto da passarada. Gostam de um belo fogo do conselho, do lenho crepitando. Mas fantasmas? Acho que nem eu mesmo gosto. Risos!



A CONSPIRAÇÃO DO SILÊNCIO. (09)

(Esta é uma história de ficção. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência).

Dizem que o começo da sabedoria é encontrado na dúvida. Duvidando começamos a questionar, e procurando podemos achar a verdade. Pablo Neruda em sua suprema sabedoria dizia que a verdade é que não há verdade. Não sei se concordo. Este é um breve relato do chefe Leo. Era o comissário do Sexto Distrito Escoteiro. Mais de vinte anos como distrital. Estava se tornando uma lenda até que o destituíram do cargo. Por quê? Isto me intrigou e muito. O conhecia pouco e nos víamos somente em atividades regionais. Melhor dizer que não éramos grandes amigos. Respeito sim, afinal via nele uma autoridade Escoteira com altos conhecimentos. O escotismo tem uma filosofia de vida que encanta. Ele nos vende uma premissa que ali reina o companheirismo a felicidade e o amor eterno. Nem tanto. Como em todas as instituições e organizações nosso movimento peca com seus pecados. A inveja, a soberba e o orgulho eram fatos que ninguém podia contestar. Dizer que isto era um mal menor comparado às vantagens de toda uma lei, uma promessa, um método capaz de transformar não só os jovens, mas também os adultos em uma pessoa ética, honrada, capaz de dar sem receber seria faltar com a verdade.

Quando soube de sua exoneração e os motivos obscuros eu fiquei preocupado. Tinha de me inteirar dos fatos e não dos boatos. Fui procurá-lo pessoalmente e fui recebido como se fosse um "Velho" companheiro de armas. Durante nossa conversa tentei saber o motivo de sua saída. Não me disse nada. Só frases decoradas – O Chefe Leo era um cavalheiro e em tempo algum condenou alguém. Simplesmente disse que tinha chegado sua hora. Precisavam de sangue novo. O escotismo agora é outro. Sabia que ele escondia alguma coisa. Não nasci ontem. Tenho uma grande experiência de escotismo. Não se manda um homem como ele para o olho da rua sem ter um motivo forte. Sessenta anos de escotismo e vinte de distrital não são dois mais dois igual a quatro. Iria investigar. Comecei pelo seu distrito. Alguém teria algum a dizer. Quem sabe a verdade iria aparecer?

Durante quatro meses visitei os cinco grupos que compunham o sexto Distrito Escoteiro. Grupos bons, alegres, fortes e com bons chefes na liderança. Parecia que em todos eles a filosofia escoteira tinha ali o seu lugar. Do Chefe Leo falavam maravilhas. Mas para dizer a verdade, não sei se a verdade era dita de forma sincera. Havia alguma coisa no ar. Sei que não sou psicólogo, e nem tenho o dom de fazer uma autoanálise nas palavras de cada um. Entretanto achei que havia muita fachada por trás de tudo e senti falta de sinceridade quando dialogava com os chefes. Aos poucos a

verdade começou a vir à tona. Devagar, calmamente um e outro Chefe tecia pequenos comentários. Juntando as peças cheguei à conclusão que as pessoas tem para alguns uma aparência e no seu interior não são aquelas que mostram ser. Um buchicho que nunca se mostrou real se tornou realidade. Não aceitar acusações sem provas e o que diziam era totalmente descabido.

Mas onde tudo começou? Uns disseram que foi do Grupo Ventos do Deserto, outros do Grupo Montanha do Sul. Não importava. Um nome surgia e logo vi que o novo distrital era o protagonista de tudo. Seu nome? Renildo Marion Bueno. Pouco mais de cinco anos de escotismo já havia conseguido a insígnia de madeira. Um sonhador a altos cargos no escotismo. Ele ainda participava do seu grupo. Alto, forte, bonachão, aquele sorriso que encanta, mas que nem sempre mostra ser real. Abraçou-me com força, um aperto de mão tão forte que doeu. Apresentou-me a todos do grupo e notei que muitos não o olhavam nos olhos. Nas entrelinhas senti que não gostavam dele. Eu achei o mesmo. Muito falastrão. Abraços exagerados e sempre a dizer meu grupo, meus chefes, meus escoteiros meu distrito. O dono de tudo.

Não comentou sobre o Chefe Leo. Só encerrou a prosa dizendo que ele estava cansado e o distrito precisava de sangue novo. Resolvi procurar o Presidente Regional. Não o conhecia. Não me recebeu bem. Sempre assim quando me encontro com autoridades Escoteiras. Uma certa antipatia entre nós. E dizem que somos um movimento fraterno. Perguntou de maneira galhofa qual o meu interesse. Expliquei. Não gostou. Disse que eu não teria “ordens” da UEB para publicar nada nas redes sociais. Deu-me “ordens” como se fosse meu patrão. Esqueceu que vivemos em uma democracia e eu podia publicar o que quisesse sem dar satisfações a ninguém. Interessante nosso movimento. Não temos salários, somos voluntários e uma linda lei escoteira que nos trás paz e amor. Esta hierarquia escoteira deixa muito a desejar. Dizem que os homens se tornam arrogantes com o sucesso e têm o mau hábito de odiarem aqueles a quem ofenderam. A arrogância dos espertalhões é especialmente ridícula. Para encerrar a conversa disse que o assunto era confidencial, discutido na Comissão de Ética e esta tinha resolvido exonerar o Comissário Joe. Pedi se podia ver a ata e ele riu na minha cara. Ata? Não sabe que é confidencial?

Ao sair uma funcionária muito simpática me fez um sinal. Disse para esperar após o expediente no bar da esquina. Contou o que sabia. Disse que um Chefe chamado Renildo (o novo distrital) foi quem fez um ofício acusando o Chefe Joe de homossexual. Acrescentou também que poderia ser um pedófilo. Caramba! Que acusação tremenda! E o pior ele nem sabia disto. O julgaram e não teve nenhuma chance de defesa. Que base eu perguntei? Ela não soube responder. Agradei, disse a ela que ficasse tranquila. Não diria uma palavra que ela tinha me contado. Aos poucos fui desvendando o fio da meada. Uma antiga empregada do Chefe Leo me contou. Eis sua história: - Um filho do Chefe Leo. Não da sua esposa falecida, mas de alguém que conheceu no passado estava sendo procurado pela polícia por roubo, mas jurou inocência. O Chefe Leo não sabia o que fazer. Manteve-o escondido por seis meses em sua casa. Depois a policia descobriu o verdadeiro ladrão do banco. Não era ele. Tentou emprego e não conseguiu. Um belo dia sumiu. Chefe Leo ficou desesperado. Seus olhos sempre vermelhos. Os amigos escoteiros não entenderam. Acharam que ele estava apaixonado pelo homem estranho na sua casa.

A verdade finalmente veio à tona. Lembrei-me das palavras de Santo Agostinho. – Factum audivimus, mysteria requiramus. (ouvimos o fato, busquemos o significado oculto). Pensei comigo e disse para mim mesmo – Vivemos num mundo tão falso, que a verdade virou sinônimo de mentira. Procurei o Chefe Joe. Eu não iria calar. Conteí para ele tudo que sabia. Seus olhos encheram-se de lágrimas. Lembrei-me do que dizia a Bíblia em um dos dez mandamentos – Não levantar falso testemunho. Em Salmos se lia: - “Eis que desejas que a verdade esteja no íntimo, faze-me, pois, conhecer a sabedoria no secreto da minha alma”. Mas não julgemos, pois quem julga um dia poderá ser julgado. O escotismo é lindo e simplesmente maravilhoso. Um dia os tolos que se julgam donos da verdade se arrependerão.

Olhei para o Chefe Leo e vi em minha frente um grande homem. Talvez um dos maiores escoteiros que tinha conhecido. Maior que o novo Distrital que em sua pequenez não era nada diante da sua insignificância. Quem sabe era da mesma estirpe do presidente regional que se achava o dono da verdade. Quem sabe iguais aos que o julgaram na Comissão de Ética sem saber da verdade. Confiaram na palavra de pessoas que não mereciam confiança. Dei nele um abraço. Apertado. Fiquei ali dizendo baixinho que o admirava mais que tudo. Disse a ele mais – Chefe Leo, homem de verdade é difícil de encontrar, o senhor para mim é um deles. Um dos poucos que conheci. Aceite meus parabéns e me tenha como seu amigo para sempre!

A Conspiração do silêncio conta a historia do Chefe Leo, homem humilde, aquele que tem dentro do coração a fé e nos seus sentimentos. Acredita na verdade e que a mentira em algum tempo esquecida. Lembrei-me de Mário Quintana que disse – O segredo é não correr atrás das borboletas. É cuidar do jardim para que elas venham até você. E completando o Chefe Leo – Perdoar é bom, e amar o próximo é melhor ainda!



UM NOVO DIA PARA VIVER!

James Nabor olhava incrédulo para o Chefe Teobaldo. Não esperava sua visita. Não eram tão amigos e varias vezes se desentenderam e agora após tantos anos passados James Nabor não sabia se tudo fora esquecido. Mas ele era um cavalheiro, um coração Escoteiro e recebeu Chefe Teobaldo com um sorriso e alegria no coração. James Nabor pensou nos dez anos que abandonara o escotismo. Ele sabia que o movimento deu a ele uma felicidade incrível. Fora inesquecível seu tempo com os meninos. Muitos diziam que era um excelente Chefe de Tropa. Ele era livre para fazer o que bem entendia com sua tropa. Não havia amarras e nem obrigação. Nunca se preocupou com politicas da associação, e se mantinha a margem de tudo. Ele gostava de seus meninos e sabia que eles o amavam, o tinham como herói Escoteiro que muitos sonhavam em ser. Quantas excursões? Quantos acampamentos? Quantas atividades volantes e belos bivaques? Ele perdeu a conta. Para ele o escotismo não podia arrear o pé do que BP deixou escrito nos seus livros. “Escotismo é vida ao ar livre”! Fora disto não existe escotismo e nem finalidade na formação de jovens.

Ele tinha certo orgulho em que fazia. Muitos perguntavam qual era seu segredo, qual era sua mágica em manter os meninos nas patrulhas por muitos anos. – Não tem segredos nem magia, basta ouvi-los e dar a eles o que eles querem, dizia. Mesmo os que passavam para seniores quase não saiam. Ainda mantinham aquela chama adquirida na Tropa Escoteira. Quatro deles ao passar a pioneiros preferiram continuar como assistentes. Nem tudo, no entanto dura para sempre. A política sempre ela achou a porta aberta no Grupo Escoteiro. Alguns chefes se digladiavam por cargos e passaram a exigir normas, a participar mais de perto da vida da Associação. – Só assim poderemos entender melhor o escotismo que fazemos! Comentavam. – Chefe! Este comodismo é o que mais me incomoda. Na realidade é uma omissão. Pense bem: - Como faço parte de uma associação que não conheço bem? Será que estou no local certo? O que “ganho” em participar do Movimento Escoteiro? Como a associação é de fora para dentro? Isto não está afetando minha imagem? Como formar cidadãos úteis e participantes, se não participo da vida administrativa e politica da associação? – Ele pensou nas palavras daquele Chefe DCIM que explanou seu pensamento.

Ele estava certo? Chefe James Nabor ficou em duvida e por muitos dias isto não saia de sua cabeça. Pensou bem e viu que ele apesar de conhecimentos profundos do Movimento Escoteiro nunca participou da vida política da Associação. Aqui e ali pulavam comentários, alguns prós e outros contras. Ele tinha o POR e os estatutos e resolveu ler novamente. Pensou em ir a Assembleia Regional ver melhor como funciona, iria também a Assembleia Nacional que seria em seu estado. Ele se lembrou de um artigo de Aldous Huxley: - “Uma organização não é consciente nem viva”. Seu valor é instrumental e derivado. Não é boa em si; É boa apenas na medida em que promoveu o bem dos indivíduos que são partes do todo. “Dar primazia às organizações sobre as pessoas é subordinar os fins aos meios”. Estava convencido que devia participar mais, viver plenamente a vida da Associação, participar, opinar, sugerir, conhecer e discordar se preciso for.

Entrou de peito e alma no “negocio”. Assustou ao as entranhas da Associação por dentro. Quantas vaidades, quanta prepotência, quantas vaidades de alguns que se achavam portadores do caminho para o sucesso. Não o de Baden-Powell, mas o deles. Viu ideias que nunca tinha pensado. Mas no final notou que os mesmo

continuavam em seus cargos, poucos novos apareciam, eram as mesmas ideias e as normas sempre com o vento a favor... Deles! Sentiu-se deslocado. Ali não havia democracia apesar de muitos dizerem o contrário. Os votantes eram escolhidos a dedo pelas suas regiões ou os próprios diretores da associação. Poucos tinham o direito em votar e ser votado. Não mais que 0,2% do efetivo adulto nacional. Isto é representativo? Pensava. Lembrou-se das Palavras de BP: - A maior ameaça a uma democracia é o homem que não quer pensar pôr si mesmo e não quer aprender a pensar logicamente em linha reta, tal como aprendeu a andar em linha reta. A democracia pode salvar o mundo, porém jamais será salva enquanto os preguiçosos mentais não forem salvos de si mesmos. Mas quem dava bola para Baden-Powell?

Chefe James Nabor sabia que nem todos os participantes da Associação tinham condições profissionais e financeiras para estarem presentes e participar ativamente. Pagou uma taxa de seiscentos reais para estar presente na Assembleia Nacional. Uma pasta, um lenço e dois almoços. Três dias! Barato ou caro? Porque uma taxa assim? Ficou sabendo que a região tinha conseguido patrocínio, e a taxa poderia ser bem pequena, mas precisavam financiar a vinda dos dirigentes da Associação e teriam que arcar com as despesas de hotéis e transporte local. O saldo deveria ir para o caixa da associação Não houve nenhuma discussão importante. Nunca aceitavam sugestões e sempre saindo pela tangente. Saudades da ética, da lealdade do cumprimento do dever. Riu para si próprio pensando que nada diferia dos nossos políticos Brasileiros. Para que modificar e perder as regalias atuais? Ele sorria em ver que outros acreditavam que tudo poderia ser mudado. Passo por passo. – Chefe! A pressa é inimiga da perfeição! Alguém comentou sobre o relatório do Dr. Jean Cassaigneau, antigo secretário geral da Organização mundial Escoteira, que o pedido da UEB em 2007 ficou no Brasil por vários meses e fez um ótimo levantamento do que éramos, e a impressão dos associados pela direção do escotismo Brasileiro.

James Nabor voltou para casa pensativo. Ele não poderia jogar com duas moedas. Não tinha duas caras. Ou ficasse e lutasse para saber tudo da Associação ou seria melhor ir para casa e deixar para outros o passo do elefantinho. Não era seu métier. Pediu demissão do grupo e foi para casa mesmo com vários pedidos para continuar. Agora dez anos depois estava ali o Chefe Teobaldo. – Precisamos de você. O grupo vai de mal a pior. A evasão cresceu. Precisamos de suas ideias práticas! – Fizemos uma reunião de chefes, vieram muitos ex-Escoteiros que aprenderam com você! Seu exemplo nunca foi esquecido. James Nabor não tinha respostas. Ele sabia que nada mudou. Difícil mudar se não existe uma ideia maior de todos para a união de todos e mostrarem sua força. Ele sabia que a solução estava nas mãos dos associados para mudar o escotismo em seu país. Qual resposta daria para o Chefe Teobaldo?

Ele saiu do escotismo. Motivos? Muitos. Difícil ficar onde não se tem apoio e onde o voluntário paga tudo para colaborar com a juventude. Dizer que são os grupos os responsáveis é real, mas nem todos tem esta estrutura. Ele cansou de tantas taxas, de tanta falta de ética, de tanta prepotência e dos que só almejam o poder. Ele é culpado por abandono? Aqui somente um exemplo. Real ou imaginário? Você decide.



SHYLOH, NO REINO DA MAGIA.

... Era uma vez... Uma pequenina cidade as margens do rio Belo, entre montanhas enormes e de difícil acesso, pois não havia estradas há não ser pequenas trilhas escondidas por plantas espinhosas, um povo vivia em plena felicidade seus ditosos dias de vida. O último visitante apareceu há mais de trinta anos e não voltou. Resolveu fazer de Shyloh sua nova morada. Era fascinante ver os habitantes sorrindo, o fascínio de um abraço dado a cada encontro nas ruas perfumadas, cujas flores tinham seu encanto, um atrativo para nascer viver e morrer entre jardins mágicos. Em cada esquina, em cada casa, em cada canto nas praças e nos bosques, as bromélias, lindas e rosas flor-de-maio, manacá-da-serra, milhares de almandas amarelas cor de ouro, violetas, rosas, jasmim e outras centenas espalhadas por lindos Jardins paradisíacos. Era inebriantes as tardes quando o sol se punha e o vento soprava em todas as ruas e praças, sentir o fantástico perfume que faziam seus habitantes sorrirem e acharem que estão no Édem do paraíso.

Em Shyloh todos se sentiam como irmãos. Dormiam com janelas abertas, não havia trancas nas portas, as ruas eram limpas e bem cuidadas sempre pelos moradores que ali viviam em suas moradas. Shyloh não tinha delegado, policiais, prefeito, juiz, pois a fraternidade fazia parte de todos e as tardes iam para as praças dar as mãos e agradecer a Deus pela graça que lhes foi ofertada. O trabalho não era remunerado, ali cada um fazia sua parte para a sobrevivência de todos. As crianças aprendiam nas escolas a dar as mãos, um abraço, respeitar direitos que todos tinham. A cidade era constituída de cidadãos sem distinção de classe credo ou escolha pessoal. O respeito e o sorriso sempre em primeiro lugar. Seis anciãos se reuniam mensalmente para ver o que precisavam como resolver, quem poderia ajudar e na época da colheita dividir o trabalho entre todos.

Era uma vez... Uma pequena cidade chamada Shyloh. Os meninos nunca brigavam ninguém desobedecia, não havia perdão, pois não havia o que perdoar. Tudo começou quando em uma noite enluarada nasceu Arthur filho de Loreta e Miguel. Arthur era diferente de tudo e de todos. Era bonito, não tinha defeitos físicos, mas nunca sorriu. Por quê? Os anciãos reuniram-se muitas vezes na tentativa de achar uma resposta. Leram livros enormes, procuraram na mitologia de Xangri-lá se ouviu alguém assim. Pela primeira vez uma onda de conversas entre vizinhos aconteceu. Os anciãos estavam preocupados. Arthur poderia mudar tudo que um dia construíram para a felicidade de todos os habitantes de Shyloh. Sugestões foram dadas. Nenhuma dentro

dos princípios da razoabilidade. Infelizmente a intriga, a falta de etiqueta a lorota e invencionice começou a viver entre os habitantes do lugar.

Na escola Arthur sempre de semblante fechado. Tudo fizeram para ele sorrir. Cantores de sonhos interpretes de histórias da carochinha, palhacinhos da praça tentaram de tudo e nada. Os anciãos não sabiam mais o que fazer. Alguém tinha sugerido que Arthur era uma maçã podre e poderia dar exemplos que destruiria a beleza de Shyloh e a morte consequente dos que acreditavam na beleza de viver sorrindo. Eis que uma bela manhã aparece na entrada da cidade seis meninos montados em bicicletas que eles chamavam de cavalos de aço. Freiaram em frente à praça da alegria e por ali descansaram pensando que à tardinha seguiriam seu destino. Estavam com um uniforme atípico desconhecido por todos. De cor caqui, um cinto de couro com uma fivela cor de ouro, uma flor de lis desenhada, um lenço verde e amarelo no pescoço, e um lindo chapéu e abas largas que fizeram dos meninos da cidade sonhar em ter um.

Arthur se aproximou. Não sorriu. Baltazar o monitor sorriu. Olá meu jovem qual seu nome? Arthur não respondeu. Melchior o intendente lhe deu um abraço e Gaspar o sub perguntou o nome da cidade com uma voz calma, sincera e cantante. Arthur se esforçou para dizer que estavam em Shyloh. – E vocês? Quem são? Matheus o menorzinho passou a mão no ombro de Arthur e disse: - Somos escoteiros, viajantes do tempo, descobrindo novos horizontes, novos caminhos, águas puras e límpidas para beber. Armamos barracas se preciso se não usamos a lona do céu. Guiamo-nos com o vento, com o firmamento. Não temos morada, pois qualquer lugar dá para arrancar. Construimos pontes, ninhos de águia, fazemos com cipós construções para viver em família que chamamos patrulha. Arthur sem perceber sorria. O primeiro sorriso depois de anos de vida. Todos ao redor sorriram. Os anciãos ficaram sabendo que Arthur tinha sorrido.

Alguém os guiou até a Sala do Trono, onde os anciãos se reuniam. Quiseram saber quem era eles, o que faziam o que os tinha levado ali e para onde iam. Melchior não se fez de rogado. Foi ajudado por Moisés o cozinheiro aquele que levou sua tribo para novos lugares, onde podiam viver feliz. Contaram o que eram escoteiros do Brasil. Amantes da paz, da verdade, tinham uma só palavra e a honra valia mais que a própria vida. Amavam acampar, viver pelo mundo a procura de novas aventuras. Agradeceram a estadia, mas estava na hora de partir. A meninada na praça sorria, gritavam em plenos pulmões que também queriam ser um deles. Eles partiram ao entardecer. Para onde foram só os anciãos sabiam. Desapareceram na trilha do Urso Pardo e nunca mais voltaram. Shyloh viveu um sonho até aquele dia. O sonho mudou. Meninos escoteiros apareceram. À volta a felicidade não ia acabar, e o melhor Arthur voltou a sorrir!

Era uma vez... Uma cidade chamada Shyloh, anos e anos se passaram. De uma cidade dos sonhos passou a ser também a cidade do amor. Sorria ao ver sua meninada de calças curtas, mochilas no costado e chapelão encabeçado, sorrindo e marchando por todos os cantos a dizer a todo mundo: - Agora é nossa vez. Vamos filosofar, vamos escoteirar, vamos sair por aí deixando o vento nos levar. Vamos seguir as estrelas, o sol o firmamento. Que o mundo se prepare, pois a escoteirada de Shyloh será a partir de agora jovens irmãos de sangue, fraternos por toda a vida. Agora temos

além da felicidade amor no coração. Era uma vez... Muito longe, lá acima das montanhas a leste de Shyloh se ouvia meninos de valor a dizer em um bravo cantante, formados em patrulhas e entoando suas vozes infantis orgulhosos do que eram a cantar seu Rataplã!

Shyloh - Nesse lugar “mágico” suas lembranças nunca serão esquecidas e você experimentará a paz... Desde que, tendo encontrado esse paraíso perdido dentro de si mesmo, você não tentará voltar para as coisas que ficaram para trás. Se tentar partir e voltar para o “velho mundo” poderá passar o resto de seus dias buscando o caminho da volta...



QUINZINHO, UM AMIGO DE VERDADE.

- Eu juro palavra de Escoteiro que não fui eu! – Mas você estava lá, disse que não podia ir conosco, pois estava com o pé doendo, se ofereceu para tomar conta do campo na nossa ausência. Nós confiamos em você e agora disse que dormiu? – Tico, por favor, eu dormi um soninho de nada! – Tico olhou para os outros Monitores e para o Chefe Darli. Ele mesmo como presidente da Corte de Honra não sabia que atitude tomar. Estavam em reunião da Corte há mais de uma hora. Marlon sempre foi um bom Escoteiro. Mais de dois anos na tropa, mas por duas vezes em um acampamento na fazenda do Seu Jorginho alguém entrou no acampamento e roubou todos os víveres. Tiveram de voltar. Na primeira vez Marlon deu a mesma desculpa, mas duas vezes é demais. – Espere lá fora Marlon. Vamos deixar a Corte de Honra decidir. Chefe Darli não dizia nada. Deixava que os Monitores tomassem as decisões a não ser quando ele via que alguém poderia ser prejudicado o que não era o caso.

Meia hora depois Marlon foi chamado. – Foi Tico quem deu a sentença – Marlon, infelizmente você foi suspenso por trinta dias. Achamos que não foi você quem tirou os mantimentos, mas alguém foi e por sua culpa. A tropa Escoteira ficou desolada. Acharam que Marlon não merecia a suspensão. Mas o Chefe Darli explicou que cada um de nós tem que assumir nossas responsabilidades e se algum acontecer não podemos fugir as nossas culpas. Todos ficaram pensando, quem poderia ser o culpado? Quem tirou os mantimentos? – Metido a detetive, Jairo dizia que iria investigar. Naquela época começaram a pipocar nas bancas livros de bolso e ele um leitor inveterado achou que tinha por obrigação de descobrir. Primeiro – Os roubos foram todos na Fazenda do Seu Jorginho. Segundo - Marlon acampou em outros lugares e nada aconteceu. Terceiro - O local era longe da fazenda e impossível alguém de lá ir ao campo para isto. Quarto, melhor ir lá acampar e ver. Dito e feito. Mochila nas costas

e lá foi Jairo e o Gentil. Foram em uma sexta a noite de bicicletas para voltar no sábado seguinte.

Jairo e Gentil combinaram tudo que deviam fazer. Barraca armada, intendência pronta, toldos nos lugares e o Gentil partiu como se fosse fazer uma jornada de Primeira Classe. Jairo ficou encostado em uma seringueira a dormir. Ou seja, fingia dormir. Caramba! E não é que ele dormiu mesmo? Acordou com um barulho na intendência. As linguiças, a farinha, meia dúzia de bananas, quatro laranjas, feijão cozido (levaram de casa) tinham desaparecido. Gentil não deu trégua. - O detetive de araque dormiu? - Fazer o que. Em volta da intendência nenhuma pista. Procuraram até o bosque e nada. Voltaram para a cidade. Na semana seguinte eles estavam de volta. Não eram seniores desistentes. Começou? Tem de terminar. À tarde, sonolenta Jairo (fingindo) foi deitar na sombra da seringueira. E foi então que avistou o famigerado ladrão de comida. Desta vez ele não ia escapar. Atrás do bosque ele veio de mansinho, cabeça baixa, levantando e abaixando como se estivesse cansado. Nada mais nada menos que um Macaquinho carvoeiro. Um pobre coitado, magro pelagem caindo e um olhar triste, pois só andava de cabeça baixa.

Não caminhava em linha reta. Parecia não ver o caminho ou como se estivesse com sono. Entrou na intendência e Jairo atrás. Pegou-o pelo rabo. Guinchou alto. Um berreiro tremendo, tentou correr e se soltou da sua mão. Correu a esmo e bateu a cabeça em uma árvore na entrada do bosque. Porque não subiu em uma árvore? Jairo pensou. Ele ficou grogue. Levou-o no colo até ao acampamento. Gentil chegou e deu belas risadas do ladrão de comida. - Melhor soltá-lo, veja - disse - está sozinho e seu bando? Realmente ele estava só. Nessa hora acordou. Levantou e viram em seus olhos manchados de vermelho que ele não olhava para ninguém. Só para os lados se virando sem parar. - Cego! Isto mesmo. O macaquinho era cego. Abandonado pelos seus. No bando se não podia se virar não podia ficar.

Resolveram ajudar. O levaram para casa. Foi sem reclamar. Dócil muito dócil. Havia uma seringueira enorme no quintal da casa de Jairo. Ele adorou. Todos os dias Jairo dava para ele um pouco de arroz e feijão cozidos, bananas e laranjas. Ele adorava. No sábado na reunião comunicaram ao Chefe Darli quem era o ladrão. Ele sorriu - Olhe Jairo, eu sabia que o Marlon não tinha roubado comida. Isto não. Mas ele foi negligente. Isto um dia poderia prejudicar muitas pessoas. Melhor ele aprender agora a ser responsável com suas obrigações. Jairo e Gentil concordaram com o Chefe. Levaram Quinzinho (novo nome que Jairo e o Gentil colocaram nele) o macaquinho para a sede. Os seniores construíram um ninho de águia para ele em duas mangueiras que existiam lá. Paradoxo, um macaco em um ninho de águia. Todos se revezaram levando comida para ele. Precisavam o ver nas reuniões, pulava, guinchava, grua e fazia mil piruetas. Mesmo cego sabia que tinha amigos protetores. O seu bando o deixou e o bando dos escoteiros o adotou.

Aprendeu de tudo. Ensinaaram-no a fazer a saudação. Vinham pessoas da cidade só para o ver fazendo a saudação, marchar, pular nos gritos de Patrulha. Ele conquistou um amigo, o maior amigo que já teve. Nada mais nada menos que Marlon. Sei que no Grupo Escoteiro ele ficou até morrer quinze anos depois. Nunca voltou a enxergar, mas agora sabia que seriam seus amigos. Estava em casa. Vivia feliz. Tinha

uma nova família. Jairo ficou pouco tempo no Grupo Escoteiro. Seu pai doente foi para a capital e ele foi também. Mas sempre recebia uma carta, um telegrama falando de Quinzinho. Na capital ficou sabendo que ele não perdia um acampamento ou atividade extra sede. Ele acreditava que agora todos que o conheceram nunca o esqueceram. Jairo acreditava que Quinzinho ficou gravado no coração de todos os escoteiros que o conheceram.

Ops! Última notícia. Marlon juntou dinheiro, muito na época e comprou uma macaquinha fêmea que dizem jurou fidelidade para sempre a Quinzinho. Que os digam o Prince, Caledônio, Naninha e a própria esposa Juquita, quatro macacos carvoeiros que pelas notícias que Jairo recebe estão morando na sede até hoje!

Uma história simples, contada por quem viveu naquela época. Espero que gostem e um dia qualquer leia para seus lobos e Escoteiros. Tem um fundo de verdade que serve para todos nós.



UM GRANDE AMOR PARA RECORDAR. (13)

A patrulha não tinha simpatia por ele. Por qualquer motivo fazia desafios, queria brigar, falava palavrões e Joshua o monitor da Coruja perdeu a conta de quantas vezes o levou a Corte de Honra. Theo não se importava, para ele tanto faz ficar como sair. Sabia que no fundo amava o escotismo. Era uma válvula de escape para seu estilo belicoso e sua própria Avó sempre o aconselhara, mas ele nunca prestou atenção. Aos doze anos se tornou um dos mais perfeitos e perfeccionista construtor de pioneirias. Parecia que sempre fizera o mesmo, mas sabiam que ele nunca foi de Grupo Escoteiro algum. No campo era o lugar onde se sentia bem. Não ligava muito para o espírito de patrulha. Queria ter liberdade de ir e vir, buscar um bambu, uma vara de qualquer madeira nas matas ao redor. As demais patrulhas admiravam o campo da Coruja. Sempre perfeito. Chegavam e em pouco tempo tinham um fogão suspenso, uma mesa e bancos para sentar.

Theo tinha seu próprio facão, sua própria machadinha e não gostava de usar sisal. – Melhor um bom cipó trançado ou não, verde ainda, pois daria mais segurança e um aspecto mateiro – Dizia. Quem sabe era isto que salvava Theo de ser desligado do grupo. Para o Chefe Volante tanto fazia ele ficar ou não. Fazia seu trabalho com os rapazes e não era daquele de se interessar por um individualmente. Theo era bom em artimanhas e engenhocas. Suas fossas com tampas fáceis de abrir eram conhecidas por todos que acamparam com ele. Um dia retirou em um pequeno poço que fez atrás do

campo água potável através de encanamentos de bambus e uma pequena bomba d'água feita com madeira de lei. Foi um sucesso. Isto deu aos Corujas uma fama que poucos tinham nos campos de patrulha.

Theo continuou mal educado. Nunca foi prestativo. Quando lhe diziam da Lei do Escoteiro sorria e dizia: - Ela não enche barriga! Pelo que os seus amigos de patrulha sabiam ele nunca fez uma boa ação. Na formatura não respeitava o garbo, se mexia, fingia dormir e escorar no Escoteiro da frente. Nonô o Cozinheiro nunca teve sua ajuda. Ele só se importava com suas pioneirias e mais nada. Ficava o tempo todo com o facão na mão a imaginar o que construir. Seu Catavento foi sucesso. Seu WC é comentado até hoje. Ao quatorze anos Theo pensou em sair do Escoteiro. Não estava mais motivado. Nesta época fundaram a primeira Tropa feminina no Grupo Escoteiro. No primeiro dia todos acorreram para ver as novas Escoteiras. Ficaram sorrindo quando a Chefe formou as patrulhas e deu liberdade para elas escolherem o grito e o nome. Theo de longe nem olhava. Não tinha nada contra, mas também não iria paparicar ninguém.

No término da reunião ia pensativo pela Rua das Acácias quando sentiu uma mão em seu ombro. Olhou surpreso, pois nunca deu esta liberdade a ninguém. Era Jovita, uma menina morena que acabara de se matricular na Tropa Feminina. Jovita não era bonita, simpática talvez, mas tinha uma voz encantadora. - Posso ir com você? Moramos no mesmo quarteirão. Eu já o vi várias vezes ela disse. Theo não disse nada e continuou seu caminho. Jovita ao seu lado falava, falava e falava. Parecia uma maritaca a matraquear. Queria saber de tudo, queria conhecer um acampamento, queria fazer as provas e deu um belo sorriso quando disse que em breve seria Lis de Ouro. Theo sem perceber sentiu que estava gostando da companhia dela. Nunca fora amiga de nenhuma menina, nunca pensou em namorar apesar dos seus quatorze anos.

Agora eles se encontravam todos os dias. Depois da escola, a noite no bairro, ficou amigo de Dona Aurora mãe de Jovita. Em pouco tempo estavam namorando e ele nem sabia o que era isto. Nunca deu um beijo em Jovita. Quando pegou em sua mão pela primeira vez sentiu um calafrio na espinha. Não quis lavar a mão. Só queria sentir o perfume que ela deixou. Uma mudança radical se deu em Theo. A patrulha não estava acreditando. - O que houve? Pensava Joshua o monitor da Coruja. Theo agora era educado, prestativo, sempre se oferecendo para ajudar. No primeiro acampamento com as Escoteiras pediu ao monitor se podia ensinar e colaborar com as Escoteiras nas pioneiras de campo. Consultado o Chefe Volante disse não. Theo não se revoltou. Um amor incrível surgiu entre Theo e Jovita. Um dia depois da reunião na Praça Santo Antonio eles se sentaram em um banco e ele deu seu primeiro beijo.

Foi demais para ele. Não sabia que o primeiro beijo com amor é como provar uma fruta sem saber o gosto e sentir o sabor incomparável querendo prová-la cada vez mais até que ela se tornasse seu sustento. Não dormiu naquela noite. Sentado em sua cama não parava de sonhar. Sonhava com uma casinha pequenina, branca, janelas azuis, portão de madeira e cheia de flores em volta. Ah! Estes meninos escoteiros quando descobrem o primeiro amor. Ele e ela sempre juntos, a cidade admirava aqueles jovens ainda imberbes sem nenhuma experiência, mas respeitosos e aprendendo o que o verdadeiro amor pode fazer na vida de cada um. A vida, no entanto

não é um mar de rosas. Da noite para o dia o Pai de Jovita apareceu. Estava desaparecido e ninguém sabia que passou uma boa temporada na prisão.

Não gostou do que viu. Ameaçou Theo. Se ele não se afastasse alguém iria encontrá-lo cheio de cupim em uma cova rasa qualquer no Morro do Avestruz. O que fazer? Resolveu fugir. Com dezesseis anos não tinha nada. Nem dinheiro para ônibus trem tinha. Combinou com Jovita fugirem para longe. Ela preparou sua mochila, roubou alguns víveres e ele fez o mesmo. No sábado despediu de sua patrulha e ninguém entendeu nada. Só dois dias depois a cidade ficou sabendo que os dois fugiram. O pai de Jovita correu céus e terra atrás deles. Jurou matar a ambos. Dois meses depois o encontram morto na estrada do Chapecó com uma lança de madeira pontiaguda no coração. Quem foi e porque nunca souberam. Ninguém nunca mais ouviu falar dos dois. Sumiram no mundo como se fossem nuvens que se desmancham no ar.

A vida nos reserva surpresa. Uns dizem que é destino outros que são escolhas e os mais religiosos que são histórias de Deus. Joshua agora com 25 anos, formado como engenheiro civil um dia recebeu a visita de um alto diretor de uma empresa nova que se destacava pelos preços baixos de materiais de construção. Na sala de reunião havia um homem e uma mulher. Ele olhou bem, sorriu e fingiu não reconhecer. Falaram por horas, discutiram preços e na saída dos dois Joshua quando os dois alcançavam a porta de saída gritou sem ser impertinente: - Obrigado Theo e Jovita. Sempre Alerta, que Deus faça de vocês o casal mais feliz deste mundo!

Escotismo é assim, um caminho que se bem escolhido leva a felicidade. Se me disserem que o que o que se faz aqui se paga, Theo e Jovita pagaram pouco para serem felizes. Que eles consigam continuar assim por toda a vida afinal, a gratidão é a memória do coração!

Precisamos aprender que o tempo cura, que mágoa passa, que decepção não mata que hoje é reflexo de ontem, que os verdadeiros amigos permanecem e que os falsos, graças a Deus, vão embora. Devemos compreender que as palavras tem força, que o olhar não mente e que viver é aprender com os erros. Aprendamos que tudo depende da vontade, que o melhor é sermos nós mesmos e que o segredo da vida, é viver!



“GIGANTE”.

“Gigante”? Never, nunca, não passava de um quase anão. Bem era um pouco maior, mas todos olhavam para ele com cara de piedade. Laredo da Paz vivia sorrindo. Sua face, sua maneira era de um pequeno grande homem que nunca fez ou desejou mal a ninguém. Sua mãe morreu no parto e seu pai quando o viu sumiu de Morro Vermelho. Afinal que iria querer cuidar de um menino que nasceu assim? Coitado. Nasceu com síndrome de Down e isto afugentou boa parte da população do seu convívio que desconhecia esta característica e achou que era uma aberração da natureza. Nem sabiam que elas apresentam personalidades e características diferentes e únicas. Quem ia dizer para elas que Síndrome de Down se bem cuidada pode alcançar excelentes capacidades pessoais de desenvolvimento, de realização e autonomia. São entes que são capazes de sentir, amar, aprender, divertir e trabalhar. Iria aprender facilmente a ler e escrever e pode tranquilamente levar uma vida autônoma. Sem sombra de dúvida pode ocupar seu lugar próprio e digno na sociedade.

Mas quem em Morro Vermelho sabia disto naquela época? Sua Avó já quase cega o levou para casa. Cuidou, deu carinho amor e tudo que ela podia dar com os poucos salários que recebia de aposentadoria. Laredo cresceu como um excluído, exilado ou um Pariá que ninguém queria se aproximar. Aos quinze anos viram que ele não era um perigo para a sociedade. Mesmo excluído de amigos da sua idade ele sorria, nunca fez nenhum mal a ninguém. Era aquele que senta lá atrás na sala de aula e nunca reclamou. Aos vinte anos sua Avó faleceu. Ficou só e não sabia como sobreviver. Tentou de tudo, mas ninguém lhe deu uma oportunidade. Foi Dona Ana que acreditou e o levou para ajudante em sua vendinha na esquina da Rua do Contador. Recebia uma migalha, mas não reclamava. Os “fregueses” gostavam dele. Educado prestativo e sempre com um sorriso seu atendimento era o melhor que podiam encontrar.

Substantivo e Adverbio monitor e Submonitor da Patrulha Garça discutiam o futuro da patrulha e da Tropa. Chefe Corel ficou muito doente. Diziam que era câncer e que em breve ele iria “bater as botas”. Era um Chefe não muito amado pela Tropa escoteira. Prepotente, gritante se julgava o melhor e sempre falando que todos deviam seguir seu exemplo. Pelo sim pelo não a Tropa não chorou sua partida para tratar na capital. Agora estavam sem Chefe. A Corte de Honra se reunia todas as semanas atrás de uma solução. Seu Domingos presidente da Diretoria disse que sem Chefe eles não poderiam ficar. Ele iria fechar o Grupo. A Alcatéia de lobos já tinha acabado por falta de chefes. Ninguém queria assumir. Parecia uma maldição em ver de uma graça para alguém liderar jovens em sua formação moral e ética. Por quê? Bem o escotismo desde sua fundação pelo Sargento Cacildo nunca foi bem visto. Uma história que ninguém queria contar.

Substantivo andava pela cidade chorando e pedindo a Deus que os ajudasse. Sentou em uma calçada e começou a passar mal. Filho de imigrantes Japoneses nunca foi bem aceito pelos matutos de Morro Vermelho – Dizem que são “camicases”, dizia Bonfá o barbeiro. Ele nem sabia o que eram camicases. Caiu na calçada e ninguém correu para ajudar. Gigante passava na hora. O pegou no colo e levou para sua casa. Deu-lhe um fresco de groselha, lavou sua testa com água fria e a respiração de Substantivo voltou ao normal. Era apenas uma insolação e a fresca água e sombra foi um perfeito remédio. Surgiu daí uma grande amizade. Substantivo pensou: - Porque ele não poderia ser nosso Chefe? Levou a ideia para a patrulha e a Tropa. Todos se espantaram. - Ele? Não dizem que é irmão do capeta? Disse Parafuso. Pelo sim pelo não aceitaram a visita de Gigante em um sábado para conhecerem melhor.

No dia 16 de maio de 1956 a Tropa o empossou como Chefe da Tropa. Como? Poderão perguntar. Não sei. Seu Domingos presidente nem ligava mais para o Grupo que só tinha uma Tropa e nem Chefe tinha. - Quem se importa? Pensou. Seis meses depois chegou impoluto com banca de chefão um homem que se dizia representante do Escotismo nacional. – Ele não pode ficar! Não tem curso, nem ler sabe e é um doente, uma aberração da natureza! Gigante no alto da sua humildade disse que sabia ler e escrever e era irmão e amigo de todos nunca uma aberração. Sabia matemática, português, e estava aprendendo filosofia. O Grande Chefe da capital riu. – Não quero saber. Fora daqui! Enfrentou a ira de 30 escoteiros com seus bastões prontos para agredi-lo. Saiu correndo e nunca mais voltou. A cidade riu quando soube de tudo. Orgulhou-se dos seus meninos e bateu palmas para Gigante que não levantou uma mão para agredir ou machucar alguém.

Passaram quinze anos. Muitos dos meninos daquela Tropa viraram homens feitos. Alguns foram embora para tentar uma faculdade, outros arrumaram emprego e até mesmo Zé Dedão um antigo cozinheiro se casou e se tornou um grande industrial da cidade. Mosca Branca o intendente dos Touros se formou “Devogado” e voltou juiz de direito. Morro Vermelho hoje se sente orgulhosa com seus mais de 140 escoteiros e lobinhos. Na escola quando da matrícula perguntam: - É Escoteiro? Nada contra, qualquer um pode entrar sendo Escoteiro ou não, mas todos os escoteiros sorriam mais, alegravam mais, eram mais corteses e educados e bons estudantes. O melhor mesmo é Gigante. Tirou o segundo grau, e não quis continuar estudando. Deu sua vida pelo Grupo Escoteiro. Era seu amor sua paixão. A meninada adorava seu Chefe. Hoje tem muitos

oriundos daquela época, mas Gigante nunca quis ser o chefe do grupo. Boticário o Monitor mais antigo assumiu a chefia do Grupo. Não faz nada sem primeiro consultar Gigante.

Bem, as coisas são assim mesmo e eu não aconselho a todos seguirem o mesmo caminho. O Grupo nunca se registrou. Tentaram processos de todos os tipos para fechá-lo. Mosca Branca o Juiz ria e dizia – Que eles se preparem para uma boa luta do Scalp! Gigante continua na vendinha de Dona Ana. Agora são sócios. Dona Ana quase não aparece. A vendinha cresceu e muitos aconselham Gigante a construir um Super Mercado. – Eu? Nunca meus amigos. Sou feliz assim e porque mudar? Nada como descobrir o caminho da felicidade. Não sei não, mas se Baden-Powell fosse um ser super poderoso e olhasse na terra sua criação, ficaria orgulho do Grupo Escoteiro de Morro Vermelho. “Mais ainda de Gigante, um Chefe que não precisou ser dono da verdade, prepotente ou mesmo o líder que muitos esperam e que foi amado e idolatrado por todos que um dia passaram pelo Grupo Escoteiro da cidade de Morro Vermelho”.

“Aquilo que você faz, fala mais alto do que aquilo que você diz”. O que você plantar hoje certamente colherá amanhã. Já um disse um sábio: “Plante uma ação e você colherá um hábito. Cultive o hábito e você desenvolverá um caráter!”.



MUITO ALÉM DO POR DO SOL EXISTE UM SONHO!

Escotismo! É meu amigo, ele tem uma força que dobra o mais valente com seu método, com sua filosofia, com sua promessa, com o sabor de aventura, onde se pode ir onde jamais se sonhou. Quem não se encantou um dia ao cantar o Rataplã? Quem não sorriu um dia ao ver o espetáculo do amanhecer em uma barraca na orla de uma floresta? E porque não dizer de sentir a fumaça do fogão, o cheiro de uma refeição inconfundível, os olhos vidrados na panela mágica, se coloca um galho aqui, uma lenha ali, ver o aguadeiro levar a água que dará a todos um manjar dos deuses? Escotismo marca. É como o ferro em brasa que escreve em nossos corações um amor difícil de explicar. Um caminho de alegrias e felicidade.

Escotismo! O que você tem meu amigo? Que força é essa que nos atrai? Que nos hipnotiza e nos faz correr atrás de você, de peito aberto em busca de aventuras? A cada dia se vai descobrindo um lindo e belo caminho a seguir e mais e mais este escotismo vai firmando raízes que nunca nos abandonarão. Rimos das coisas simples do dia a dia, como lavar uma panela lá no riacho, mas tem cena mais linda? Quando você fez isto?

Nunca eu sei. Nunca você cortou um bambu e quando você olhou para ele o viu dizendo: - Serei seu banco, sua cama, serei aqui para você sua casa seu lar. Simples não? Mas você amou tudo aquilo.

Falar que você viu o nascer e o por do sol não vale. Já foi falado. Falar que você pode ver as estrelas no céu brilhando também não vale. Já foi visto. Mas dizem que a primeira vez é que a gente nunca esquece e isto vale. E todos nós sempre tivemos nossa primeira vez. Dormir em uma barraca, junto com amigos que brincam que contam piadas e acordar de madrugada sem o cobertor, pois lá não tem a mamãe para olhar você. Acordar e ver o sol entrando na barraca. Sair, esfregar os olhos e todos a correr para tantas aventuras que virão. Mas preste atenção em coisas simples, que um dia vai fazer você recordar e pensar que agora elas se tornarão tão importantes em sua vida que sua mente. Quando você se lembrar quem sabe, terá um pouco de nostalgia, de saudade, que às vezes machuca e então você vai querer voltar no tempo e ir lá onde sempre esteve nos tempos de juventude.

Um jogo, um abraço, um Monitor alegre, amigos do peito na Patrulha que lhe dão orgulho e quando juntos dão o grito tem uma coisa que fica mexendo com você. Você não sabe se ri se chora se abraça todo mundo, mas não para por aí. E quando senta a moda índia em volta de uma fogueira, já noite alta, e as chamas insistem em subir aos céus, iluminando as árvores, aquela coruja que olha a todos com surpresa, o rosto de seus amigos, os olhos que brilham como se ali estivesse à fogueira dos sonhos e então você pensa - Que lindo isto! Mas não param suas surpresas, todos cantam canções maravilhosas, brincam ao redor do fogo e aos poucos você descobre que é a pessoa mais feliz do mundo!

E quando chega a hora de apagar a fogueira, de voltar a sua barraca, de dar um belo sorriso quando for dormir, eis que todos dão as mãos, entrelaçadas, ainda ao redor do calor do fogo, dizendo que não irão se separar nunca, que não é mais que um até logo, um adeus que não existe, pois é apenas um até breve e você quase chora. E todos apertam mais e mais as mãos e dizem que um dia de novo irão se encontrar aqui ou em outro fogo. Você quando ouve e canta que o senhor protege e abençoa a todos, você não sabe mesmo se vai chorar. Chorar? E quem não chora? Ali não têm valentes assim. Não dá para segurar. E seus olhos ficam marejados. Lágrimas irão cair. Deixe cair. É bom. Ajuda a amar mais e mais este movimento incrível!

Além do por do sol, além do arco íris existem sempre alguns escoteiros ou escoteiras que lá estão acampando. Estão a viver um mundo incrível. Uma aventura sem igual. Irão lembrar que o amor entre eles nada e ninguém vai separar. Vamos deixar o vento soprar, que venha o vendaval, que venha a brisa fria do leste. Que o orvalho caia e molhe a frente de todos, pois isto é nossa marca que veio para ficar. Deixe que tudo aconteça normalmente. Olhe para o regato, veja uma folha que caiu na correnteza e vai aos poucos sendo levada para mar. Deixe o escotismo entrar em você. Aos poucos. Deixe seus olhos passear nas campinas verdejante, nos peixes saltitantes no rio formoso. Deixe que vejam as flores silvestres que desabrocham, abra os olhos e os ouvidos e veja o beija flor com seu bailado de mestre, a dançar em volta dos papagaios, dos bem-te-vis, dos pardais coloridos. São tantas coisas belas que você vai poder viver e guardar para sempre no seu coração.

Além do por do sol, além do arco íris, existe um sonho. Real. Simplesmente fantástico. Escoteiros e escoteiras lá estão vivendo uma vida de aventuras. Isto é extraordinário. A montanha azul que lá está, é a casa deles. Vá você também viver o que eles vivem. Vamos! Eles vão receber todos de braços abertos com amor no coração. Pois sabem que além do por do sol, além do arco íris é ali que eles encontraram a verdadeira felicidade!

Vamos, coloque sua mochila, desfralde sua bandeira e diga alerta para os que ficaram e grite alto: Avante! Sempre Juntos! Em frente marche! Cante uma bela canção e parta com eles em busca dos seus sonhos. Rataplã do arrebol, escoteiros vede a luz! Rataplã olhai o sol, de um Brasil que nos conduz!

Os ventos que às vezes tiram algo que amamos, são os mesmos que trazem algo que aprendemos a amar... Por isso não devemos chorar pelo que nos foi tirado e sim, aprender a amar o que nos foi dado. Pois tudo aquilo que é realmente nosso, nunca se vai para sempre...



PIGMOR, O CASTOR MANCO DO LAGO GRANDE URSO.

Lisabel estava cansada. Quinze lobinhos a correrem naquele sitio só ela como responsável dava dor de cabeça para qualquer um. Seus assistentes só viriam à noite. Pensou em cancelar o acantonamento depois desistiu. Os lobos aguardavam há meses e ela não podia decepcioná-los. Eram quinze, mas pareciam cem! Fez um bom programa e boas histórias para contar. Próximo a casa sede arvorou a Bandeira Nacional. Seu estoque de jogos, brincadeiras, canções faziam a lobada sorrir e brincar. Dona Mercês mãe do Gustavo ajudava na cozinha. Após o almoço Lisabel reuniu os lobos e foram até ao lago sentando em círculo na sombra de um cajueiro. Viu ondas se espalhando nas águas do lago. Lisabel assustou. Era um castor e logo mergulhou. Impossível! Castores no Brasil? Se dão bem nas águas geladas de países frios.

Cantava com os lobos a “A Promessa de Mowgly” e viu que a tarde se aproximava. Quando Noel e Flavia chegassem iria tirar uma soneca. Precisava. Começou a contar uma história e parou. No lago alguém emergia vagarosamente. Era um Velho com um chapéu e uma indumentária típica dos Caçadores de Peles do passado. Ela conhecia suas historias. Leu muito sobre os Mountain Men, um homem da montanha! Ele sorria, deu um olá simpático, chamando a atenção dos lobos. Começou a falar: - Sabem! Disse ele. Faz tempo que não vejo um Cub Scout. Quantas saudades! – O que é um CubScout perguntou Nininha. – Meninos lobinhos como vocês. – Lisabel

impressionada estava assustada. Uma figura imponente. Um cajado lindo. – Posso sentar com vocês? – Claro que sim ela respondeu.

– Por acaso viram um castorzinho deslizando há poucos instantes sobre o lago? Estou à procura dele. É Pigmor, o castor manco do lago Grande Urso. Todos tinham visto e responderam sim simultaneamente. – Querem que eu conte a história dele? Palmas e gritos. A lobada gostava de uma boa história. – Bem vou contar, mas é uma história triste, muito triste. Faz tempo, muito tempo quando conheci o John, ou melhor, o John Colter. Um pioneiro e um dos primeiros caçadores de pele a ser chamado de “homem da montanha”. Ficamos amigos em St. Louis uma cidade americana, lá pelos idos de 1807. Com ele fiz uma série de expedições até o rio Missouri para caçar castores e tirar suas peles. Os lobinhos assustaram-se. – Calma isto foi há muito tempo. Nós vivíamos disto. Era nosso ganha pão.

- Eu e o velho John rodamos meio mundo. Das Montanhas Rochosas até os grandes lagos de Michigan, Huron, Erie e Ontário. Diziam que eu e o John só caçávamos peles dos castores, mas nas horas vagas procurávamos ouro. Nunca esqueci quando conheci Pigmor, o castor manco. Eu e o John chegamos às margens do Lago Grande Urso numa tarde de novembro. O frio intenso nevava a mais de seis dias. Montamos uma pequena cabana e quando ascendi o fogo vi um castorzinho se aproximando e mancando. Assustei, sabia que eram ariscos com os homens. Devia morar por ali com seus companheiros em uma colônia no fundo do lago.

- Olhei para o John e disse rindo: Ele não parece o Pigmor aquele velho caçador de ouro que morreu em Blue River Valley? Coitado. Morreu sozinho nas Montanhas Rochosas abraçado a um grande urso que encontrou na caverna do Mandor. Pigmor chegou próximo ao fogo. Eu e o John calados. Não valia a pena dar um tiro ou mesmo matá-lo com um facão. Era raquítico, pequeno e descarnado. Seus olhos pareciam vermelhos e vimos que chorava. Ficou horas aproveitando o calor do fogo. Pigmor de cabeça baixa soluçava sem parar. Contava uma história estranha. Isto mesmo, Pigmor estava falando. Castor falante? Bem foi a primeira vez que vimos um falar.

Lisabel não acreditava no que via. Um velho curtido, capa estranha, botas de pele de urso, um lenço azul amarrado ao pescoço e um boné de peles de castores, de côcoras no meio do círculo, contava aquela história de uma maneira tão original que se emocionava com as palavras daquele velho caçador de peles. Os lobinhos não tiravam os olhos dele. Sua dor de cabeça desapareceu. – O Velho caçador continuou – Pigmor contou sua triste história. Uma semana atrás. Ainda não nevava, ele e sua família da Colônia terminavam o dique onde iriam passar o inverno e aconteceu uma matança. Dois homens chegaram atirando. Pigmor correu para uns arbustos, mas levou um tiro na perna direita. Seu pai e sua mãe morreram na hora. Somente Nakim, Molevo, Pariá e Jasmiel tinham se salvaram mergulhando nas águas geladas do lago. Os dois homens jogaram uma banana de dinamite e quase destruíram o dique. Os quatro castores escondidos ficaram presos.

- Pigmor levantou a cabeça com os olhos rasos d'água. Olhou para John e continuou – Mergulhei até lá, estavam presos em uma toca sem poder sair. Tentei tudo. Jasmiel a Castora que seria minha esposa estava quase morta. Não sabia o que fazer.

Melhor morrer com eles. Subi a tona e vi vocês. Acreditei que iam atirar em mim. Podem atirar. Eles irão morrer e eu quero morrer com eles. Iremos nos encontrar nas Grandes Tocas do Navarra onde se encontram os nossos ancestrais. – Pigmor se calou. Soluçava sem parar. John e eu emocionados. Eu não sabia que John gostava tanto de animais. Para minha surpresa, naquela nevasca, escuro feito breu, frio de rachar ele tirou a roupa e mergulhou nas águas profundas do lago. Minutos depois nada do John vir à tona. “Diabos” pensei o que deu nele? A água estava um gelo! – Eis que os primeiros castores apareceram e logo em seguida o John com uma Castora no colo. Era Jasmiel, a namorada de Pigmor.

Todos eles correram para a beira do fogo. Eu juro pelas barbas do Coyote mais arisco de Yellowstone, pelas corcundas de um Bufallo das pradarias próximas a Little Bighorn em Montana que é verdade. Ficaram dois dias conosco. Finalmente após consertar sua toca Pigmor disse adeus e os seus irmãos mergulhavam de vez nas águas geladas do Lago Grande Urso. Nunca mais voltei lá. Disse ao John que minha vida de caçador de peles e de castores tinha encerrado ali. Juntamos nossas tralhas e partimos. Fomos para o Território do Dakota na grande corrida do ouro de 1815. Em Montana, Arizona, Nevada e Colorado só se falava nisso. Um dia John se desentendeu com um fora da lei. Morreu em um duelo em Virginia City. Resolvi fazer uma cabana nas montanhas e passar lá o resto de minha vida. Tropecei em um lago ao sul de Sonora. Vi um castor manco. Seria Pigmor? O levei comigo. Estamos juntos até hoje.

Silencio total. O velho caçador se levantou, deu um leve sorriso e disse adeus. Foi em direção ao lago. Sobre as águas notaram cinco castores nadando ao seu lado. Em segundos desapareceram no fundo daquele pequeno lago do Sitio Mimoso. Um barulho de carro. Seus assistentes estavam chegando. Uma festa. A lobada gritando e contando a história de Pigmor. Lisabel ficou ali. Olhando para as águas do lago que naquela hora da noite uma bruma cinza se espalhava por sobre as águas. – Seria um sonho? Lisabel nunca esqueceu mais a história daquele Velho caçador. Homem das montanhas geladas, das terras altas, picos altos e longínquos, grandes lagos... Lisabel ao dormir pensou: – Bem que eu gostaria de ter conhecido Pigmor o castor manco do lago Grande Urso. Mas...

Uma história que nos leva aos grandes lagos dos Estados Unidos e Canadá. Um castor que ficou na história. Um caçador de peles americano que até hoje anda por aí para contar aos lobos seu passado que nunca esqueceu. Leia vai gostar. É meu convidado!



A LENDA DOS MILAGRES DE AIMÉE. (18)

Não conheci a escoteira Aimée. Se não tivesse participado do desfile do Sete de Setembro naquele ano a história dela ficaria no ostracismo. Sei que muitos sabiam, contados aqui e ali em parte cortadas sem chances de mostrar ao Arcebispo Joshua que um dia ela poderia ser canonizada. Ele ficou impressionado com o relato do vigário Honório. - Verdade mesmo Honório? – Eminência, são mais de vinte meninos e meninas que assistiram tudo no acampamento que fizeram Na Lagoa dos Anjos. Ela pegava peixes com as mãos, curou doentes, acendeu um fogo sem fósforos em segundos. E não foram só estes foram vários! – E adultos tinha algum? Perguntou o Arcebispo. – Não eminência, só uma vez Dona Filó e o Chefe Manolo assistiram um milagre dela. - Eles viram-na se elevar no ar e beijar um periquito no ninho de uma árvore há mais de oito metros de altura!

Sei que o Vigário Honório ficou mais de cinco horas a narrar para sua Eminência o Arcebispo Joshua tudo o que viu e tudo que lhe contaram. Saiu do Palácio Episcopal depois da meia noite. Deixou o Arcebispo com a pulga atrás da orelha. Ele já tinha lido e conversado com muitos sobre o tema mediunidade. Quem sabe esta escoteira não era assim? Mas se elevar no ar? Isto não é mediunidade. Mais parecia que era sensitiva. Ver os mortos, visualizar o futuro e ter visões extraordinárias. Agora se elevar no ar? Isto não saía da mente do Arcebispo. No dia seguinte ligou para o vigário. Pediu a ele trazer a escoteira até o palácio. Ele queria conhecê-la. Dona Fabíola mãe de Aimée não se opôs. Partiram pela manhã de sábado. Daria prazo para ela participar da reunião escoteira da tarde, condição que ela impôs para ir. O Arcebispo ficou maravilhado e abobalhado. Ela na sua presença conversa como gente grande. Inteligentíssima. Conversou com ela em inglês, francês e italiano e ate abusou do latim.

Mas melhor e voltar no tempo para entender melhor Aimée e sua história. Motorola era sênior da Antares, uma patrulha sênior. Cansado de marchar em um desfile sentei no banco da praça e ele sentou ao meu lado. – Sabe Chefe, se Aimée a escoteira tivesse vindo este desfile seria inesquecível. – Fiquei encucado. – Quem é a escoteira Aimée? – Chefe! O senhor ainda não ouviu falar dela? – Claro que não Motorola, se não eu não teria perguntado. – Bem Chefe, ela ficou conosco dois anos. Quando chegou à sede ninguém deu nada por ela. Mas no primeiro dia de reunião Loquinho o Monitor da Águia ficou boquiaberto. Em uma base de nós, olhos fechados ele fez mais de vinte nós escoteiros e de marinheiro. Ninguém acreditava no que via. Precisava ver no acampamento. Cortava um galho em segundos. Parecia que o facão era mágico. Motorola ficou me contando por horas. A princípio não acreditei nele. Havia muito floreio em tudo.

Lembrei-me de um fato ocorrido há alguns anos e só não lembrava se ela havia participado. Uma senhora e uma menina chegaram correndo a delegacia, mais de duas da manhã dizendo que um acidente grave aconteceu na estrada 45. Na curva da onça um ônibus despencou sobre a ponte. Mais de vinte mortos. Pinduca o Sargento da guarda não acreditou. Foi preciso chamar o prefeito que relutante em acordar acompanhou todos até a ponte fatídica. Gemidos, gritos de socorro e o trabalho de ajuda começou. Um menino de três anos ensanguentado foi colocado por sobre uma manta e o enfermeiro disse que estava morto. Não estava, pois Aimée deu a mão a ele e

ele se levantou. Dizem que lá ela deu vida a mais oito pessoas. As demais não, pois conforme disse era desígnio de Deus. Teria que ser assim.

Aimée não era linda, nada disto. Tinha o rosto fino, nariz comprido, uma boca pequena e cabelos crespos que ela insistia em não pentear. Ficava diferente e ela gostava. Falava fanhoso e um dia para espanto de todos falou com uma rainha. Na patrulha era bem quista amada por todos. Nas atividades que o Chefe Manolo e a Chefe Malena faziam Aimée não tinha nada de diferente. Só uns meses atrás que tudo mudou. Ela parava durante alguma jornada dizendo estar vendo pessoas mortas. Garantiu ao Chefe Manolo durante uma cerimônia de bandeira que o Chefe Tonon estava presente. Chefe Tonon foi o fundador do grupo a mais de setenta anos. Morrerá há quinze anos. Aimée começou a ser procurada por doentes, cadeirantes e a cidade começou a ter turistas de todos os lugares. Quando ia para o Grupo Escoteiro a sede ficava superlotada de pessoas querendo falar com ela ou ser abençoadas.

O vigário Honório correu a falar com o Arcebispo. Esqueceu-se de Don Antonio um Velho morador da cidade e Presidente do Centro Espirita Boa Vontade. Ele ria quieto em seu canto. Sabia que Aimée era um espírito superior e que ninguém neste mundo podia imaginar quem ela fora no passado. Ele sabia que ela iria desencarnar aos quinze anos. Morte natural. Falar isto para o padre? Nem pensar. Comentou superficialmente com o Chefe Manolo. Um bom Chefe. Era evangélico e ficou incrédulo com tudo aquilo, mas o que vira em Aimée até que poderia ser verdade. Cinco meses depois chegou à cidade monsenhor Giuseppe a mando da cúria papal. Era para averiguar e comprovar os milagres de Aimée. Não ficou dois dias. Quando conheceu Aimée ela disse para ele – Senhor Monsenhor, daqui a dois anos o Papa Lozano III vai falecer e o senhor será eleito o novo papa!

Ninguém soube do fato e eu fiquei em dúvida como Motorola sabia. Só sei que a Cúria Romana até hoje discute se Aimée era possuidora de receber o título de santa. Mesmo após sua morte ocorrida na aventura Sênior distrital na Serra dos Órgãos eles continuaram investigando. Ainda investigam. Quem sabe teremos a primeira santa escoteira? Vai ser o máximo. O escotismo terá dado um enorme salto para o sucesso de marketing. Procurei saber como foi à morte de Aimée. Sua Patrulha jura de pé junto que ela se despediu de um por um e disse para não se preocuparem. Sua mãe já sabia que era hora dela ir. Ninguém acreditou quando uma forte luz a levou. Seu corpo sumiu e até hoje não foi encontrado. A polícia fez de tudo para ver se não havia outra história, mas teve que se contentar com a fantástica explicação dos seniores que estavam com ela. O delegado já saiba de seus poderes sobrenaturais e deu o caso como encerrado.

Motorola me jurou que nas noites de acampamento, quando os seniores se reúnem em volta de um fogo para jogar conversa fora ela aparece e fica com eles por horas contando como são os escoteiros que moram no céu. Don Antonio o espírito tem boas relações com dona Fabiola mãe de Aimée. Conversam muito. A cidade não sabe o que conversam. Se Aimée é mesmo um espírito cheio de luz eu não sei. Se isto é coisa do diabo eu também não sei. Dizem que Deus sabe o que faz e como eu acredito nele a história de Aimée para mim é verdadeira. Afinal temos ou não uma só palavra?

Apenas uma menina escoteira que fazia milagres. Uns diziam que tinha parte com o demônio outros que era uma santa enviada por Deus a terra para ajudar os necessitados. Eu mesmo quando soube da história achei que era uma menina com um grande poder de mediunidade. Quem a conheceu pode dizer melhor. Vale a pena conhecer a historia. Abraços amigos.



NARKIS, O LOBO SOLITÁRIO.

Jonny Thorton tinha uma idade indecifrável. O que ele fazia para se manter sempre jovem ninguém nunca soube. Quando o vi pela primeira vez estava com doze anos. Levei o maior susto com ele. Fazíamos um jogo de tocaia e estava escondido na curva do Moinho e de tanto esperar que alguma patrulha passasse para anotar os nomes cochilava. Senti seus dedos tocando o meu ombro e quase cai do galho da árvore que estava aboletado. - Lá vem dois deles disse - Olhei na Estrada e vi Manfredo e Rosinaldo pé ante-pé tentando esconder dos índios selvagens. Eu era um índio selvagem. Quando o procurei novamente ele sumiu. Sumiu como? Ali era o topo do morro e dava para ver todos os lados. Oito anos depois entrando nos meus 21 anos fazia uma atividade aventureira No Rio das Esmeraldas. Calculamos eu e os monitores percorrer 42 quilômetros a pé. Erramos feio. De 42 foi para 65 quilômetros.

O plano era seguir a estrada do Boiadeiro até o Vale da Serpente. Calculei que atrás do vale havia uma cadeia de montanhas onde era a nascente do Rio Esmeralda. Se fosse verdade com uma boa jangada iríamos alcançar em um dia o Rio Doce e de lá mais um dia até nossa cidade. Uma bela volta. Uma bela atividade aventureira só com monitores. Eu era assistente do Chefe Laerte. Por motivo de saúde não foi. Assumi e disse a ele que não se preocupasse. Após dez quilômetros de caminhada uma chuva rala começou. Esta é a perigosa. Um velho ditado dizia que se tens água e depois vento põe-te em guarda e toma tento. Dito e feito, passamos boa parte do dia debaixo dela. Capas pequenas logo estávamos todos ensopados. Avistei duas pedras na curva do Jacu onde se iniciava o Vale da Serpente. Entrar lá com aquela chuva não era boa ideia. Uma chuarada no sopé da montanha e poderíamos sofrer consequências graves.

- Olá Chefe! Ouvi alguém falando atrás de mim, virei e lá estava Jonny Thorton. - Venham comigo, sei onde podem se abrigar. Com a chuva torrencial não disse nada e o seguí. Uma hora depois avistamos uma cabana. Entramos. Não era grande, mas dava para descansarmos e até dormir um pouco até a chuva passar. Jonny Thorton era um sujeito estranho. Usava uma espécie de macacão azul de brim mescla, acho que feito por ele mesmo, sem gola e sem mangas e presa por cipó trançado. Andava com um Mocassim feito por ele mesmo e quase não fazia barulho. Acedeu um fogo no seu fogão de barro, colocou um caldeirão grande com água. Em uma escada de madeira retirou sobre a telha duas mandiocas e um pedaço de carne seca. Quer saber? Nunca tomei uma sopa como aquela. Não sei se foi à fome ou o ambiente, lá fora chuvoso, dentro um ambiente gostoso e em pouco tempo dormíamos a sono solto.

Acordamos cedo. Não vi Jonny Thorton. Já não chovia e o céu ainda nublado. Fizemos um conselho de patrulha e todos foram unânimes em não desistir. Quando abri a porta da cabana um enorme lobo estava em pé, serrando os dentes e voltamos correndo para a cabana. Enfrentar o lobo não dava. Duas horas depois Jonny Thorton chegou. O lobo deu um enorme salto em cima dele e ambos caíram no chão. Tinha que ajudar a quem nos ajudou. Com o bastão sai pronto a usá-lo no lobo. - Não faça isto! Gritou Jonny Thorton. Ele é nosso amigo! Parei e esperei. A patrulha ficou dentro da cabana. - Narkis! Ele gritou, o Escoteiro é nosso amigo! O lobo me olhou de soslaio. Narkis! Veja! Ele tem alimento como o meu. - Tirei do bernal um pedaço de linguiça e dei para ele. Nunca em minha vida vi um lobo assim. A chuva voltou a cair. Corremos para a cabana e o lobo foi atrás.

Mais uma noite na cabana de Jonny Thorton. Desta vez em companhia de Narkis, o lobo amigo. - À noite comemos um delicioso quitute de tomate misturado com peixe cozido e uma farinha de milho de dar água na boca. Jonny Thorton tinha no vale um belo restaurante e viveres que nunca iriam faltar. - A noite ele começou a contar sua história. Nascera em uma pequena cidade às margens do Rio Mississipi nos Estados Unidos. Era filho de Cabelos Longos, um índio da tribo Chicksaw. Com nove anos subiu a bordo de um barco em Terra Blanca e foi aprisionado por um capitão mau. Trabalhou a bordo por meses e escondido desceu em Port Gibson mendigando por anos. Com 14 anos conseguiu emprego em um navio cargueiro de ajudante de cozinha e veio parar no Brasil, em Vitória no Espírito Santo. A pé subiu as planícies do Vale do Rio Doce que lembravam sua terra e descobriu este lugar. Olhe Escoteiro, não sei quem é dono destas terras, mas daqui não saio nunca mais.

Narkis eu o conheci quase morto próximo ao Lago Cinzento. Deram um tiro nele e consegui tirar a bala. Ficamos amigos e ele sempre me salvou de poucas e boas. Olhei para os monitores e subs, estavam de olhos arregalados na história de Jonny Thorton. - Narkis, continuou - Já pôs para correrem muitos malfeitores que fogem para este vale. Aqui não tem ouro e nem pedras preciosas, mas nunca irei sair daqui. Se me lembro bem devo estar com quase setenta anos. Não sei. Perdi a noção do tempo. O Lobo deitou aos seus pés e nós também fomos dormir. No dia seguinte o sol apareceu. Agradei a Jonny Thorton a acolhida. Ele sorriu. Narkis irá mostrar o caminho até o Rio Esmeralda. Existe? Perguntei. Existe sim, posso apostar, pois eu conheço! Partimos. O lobo sempre à frente. De vez em quando olhava para trás. Uma hora parou com suas orelhas levantadas. Bem acima de nós eu vi uma enorme onça parda. O dobro do peso

do Lobo Narkis. Durante alguns minutos um olhava para o outro. Pareciam conversar. Narkis fez um sinal para seguirmos. Passamos a poucos metros da enorme Onça Parda.

Atravessamos todo o Vale da Serpente sem nenhum tropeço. Se não fosse Narkis não sei se teríamos conseguido. O Rio Esmeralda era majestoso. Fizemos uma bela Jangada e tudo correu conforme os planos. Ficamos dois dias a mais que o planejado, mas valeu. Norberto um dos monitores contou e escreveu toda a saga de nossa aventura no livro de ata da patrulha. Nunca contou onde fica. Combinamos de preservar a identidade do Jonny Thorton. Por vários anos ainda encontrei o Jonny em alguns acampamentos. Um dia ele me procurou na sede do grupo e disse que ia partir. Seu pai tinha falecido e deixou para ele de herança uma vasta terra onde a tribo morava próxima a New Orleans. Ele era o único herdeiro. – E Narkis o Lobo? Perguntei – Ele vive ainda, mas muito velho. Nunca dependeu de mim para sobreviver. O tempo passou e uma lenda se formou no Vale da Serpente. Dizem que um Lobo Solitário e uma Onça Parda dividem as noites de lua cheia e nenhum homem pode se aproximar.

Verdade ou não eu sabia que a lenda era real. Pensei até em visitar Narkis, agora chamado de Lobo Solitário. Desisti, pois ele tinha uma vida, uma companheira e humanos nem sempre são bem vindos para estes animais. Vida longa para Narkis o Lobo Solitário e sua amiga, uma Onça parda e que vivam para sempre no saudoso Vale da Serpente!



NADA É PARA SEMPRE A VIDA É UM VAI E VEM.

Nunca esqueci Vitória. Uma menina triste, fechada em si mesma, de casa para a escola e vice versa. Em alguns fins de semana ia com sua mãe Lorraine a passear no shopping. Seu pai ela nunca soube quem era. Sua mãe se fechava quando falava nele. Vivia presa em si mesma, quase nenhuma amiga a não ser Noêmia que na escola falava, falava e falava. Noêmia era de bem com a vida. Vitória queria ser assim, mas por mais que tentasse nunca conseguiu se abrir com ninguém. Vitória nunca esqueceu o dia que Noêmia, displicentemente a convidou para entrar nos escoteiros. – Coisa de meninos disse ela. – Não Vitória, agora aceitam meninas. Conversou com sua mãe. Um sorriso aflorou no rosto dela. Quem sabe um lugar para ela sorrir? – Irei com vocês. Dizem que nada é para sempre, dizem que a momentos que parecem ficar suspensos, pairando no ar sobre o fluir inexorável do tempo. Sua vida mudou. Transformou-se em uma jovem menina feliz alegre e jovial.

No primeiro acampamento ficou encantada. Os pássaros quase pousando em suas mãos, a mata verdejante, o chuí, chuí da pequena cascata a barulhar em volta

do seu Campo de Patrulha, a liberdade de fazer, de construir de se sentir alguém importante na Patrulha, a vontade de ajudar, de dizer que encontrou o seu lugar no mundo que antes se fechou para ela. Vinte e duas meninas que vibravam cada segundo, que estavam encantadas com uma vida diferente, soltas ao vento que vem e vai, o luar noturno, o sol vermelho, o fogão cozinheiro, o banho gelado, o cantar do bem-te-vi, o fogo mateiro, o fogo do conselho, quantas coisas ela aprendeu a fazer e a usar com suas próprias mãos para viver ali em plena natureza. Foi Naty quem declamou em volta de uma pequena fogueira em frente à barraca, palavras que ficaram marcadas para sempre: - “Em todas as idas e vindas, obscuramente eu sempre sabia: embora tudo mude nada muda por que tudo permanece aqui dentro, e fala comigo, e me segura no colo quando eu mesma não consigo sustentar. E depois me solta de novo, para que eu volte a andar pelos meus próprios pés”. - Foi lindo demais.

Como disse o poeta, nada dura para sempre, nem as dores, nem as alegrias. Tudo na vida é aprendido e tudo na vida se supera. Tudo o que é belo é uma alegria para sempre O seu encontro cresce; e não cairá no nada. Mas guardará continuamente para nós um sossegado abrigo, e um sonho todo cheio de doces sonhos de saúde e calmo alento. Seu sonho simplesmente acabou. Desmoronou. Seu amor, sua paixão escoteira escorregou nos dedos de sua mão. - Vitória, é hora de partir. Ela olhou para sua mãe sem entender. Por quê? Sua mãe chorou. Abraçada ela chorou também. Foram para outra cidade. Melhor emprego, melhor salário. Ela não entendia, não queria e como derramou lágrimas na hora da partida. A Patrulha cantou que não era mais que um até logo, mas ela sabia que seria para sempre. As pessoas crescidas têm sempre necessidade de explicações... Nunca compreendem nada sozinhas e é fatigante para as crianças estarem sempre a dar explicações.

O tempo passou. Vitória cresceu, virou mulher. Não casou nunca encontrou seu príncipe e nem sabia se um dia ele iria aparecer. Ela repetia em seu pensamento as palavras da poetiza: - “O amor não existe, e, se existe não dura pra sempre. E, se não dura pra sempre, não é amor. E nada dura pra sempre.” Formou-se em psicologia. Preferiu escrever. Escrevia tudo não seria uma escritora de talento, mas era o que gostava. Voltava do escritório e resolveu parar no Parque Trianon. Sentou a sombra de um cajueiro, fechou os olhos e voltou ao passado. Ah! Quanto pagaria para voltar a acampar? Lágrimas apareceram. Sentiu um soluço ao seu lado. Olhou. Era uma menina como ela um dia foi. - O que ouve mocinha? Ela com os olhos rasos d’água olhou para Vitória e suspirando disse: - Mamãe não quer me deixar acampar!

Incrível! Nada se compra a dor de um destino alterado que ela pensou ser para sempre. - Onde está sua mãe? - Ela apontou... Uma senhora simples tentando sorrir para o caçula que brincava no escorregador. Aproximou-se - Posso lhe falar? Um sorriso simples, uma calma sincera. Um olhar de quem sofreu muito no mundo. - Fui escoteira, amava a vida que levava. Adorava acampar. Lá no campo meu sonho se transformava em realidade. Sentia a brisa na face, ouvia rincões de vales que falam sem a gente perceber, via a lua chegar dizendo eu estou aqui. Sol volte amanhã! - A senhora olhou espantada. - Vitória continuou. Quero ajudar. Não quero esquecer meu passado. Tive tudo e hoje não tenho nada. Tudo resolvido ela e a jovenzinha foram para a sede. Uma alegria, um sonho vivo no real. Interessou-se por tudo. Mais moderno, não como antes, mas o mesmo rompante das jovens que iam acampar.

Ela sabia, tinha certeza que mesmo sabendo que nada é para sempre, nada se compara à dor de um destino alterado por uma vida. Ela podia mudar. O destino lhe pertencia, não deixaria sem direção sem caminho a seguir. Vitória sabia que não se volta no tempo, mas podemos mudar quando quisermos e seguir à onda do mar. Depois de tanto tempo ela entendeu que nada é pra sempre, que a gente só dá valor quando perde realmente, que não existe destino, porque se você mudar uma peça do seu presente, ela pode mudar todo o seu futuro, e que não adianta a gente lamentar pelo o que não fez, e se arrepender do que fez de nada vale isso, você vai sofrer se martirizar por um bom tempo, ou talvez pra sempre, mas com certeza isso não vai edificar nada na sua vida, só vai te fazer lembrar coisas que não te fazem bem, e que não vão fazer você evoluir. Portanto era hora de mudar, refazer sua vida e porque não voltar a acampar?

Percebe a tua pressa, onde você está indo que sempre se julga estar atrasado. Nada nesta vida tem um horário mais marcado que a sua felicidade, mas que felicidade, estou falando? Ora, da felicidade interior, aquela que aquieta a alma e embala o espírito. A pressa não combina com a harmonia, ela destoa na perfeição. R. Ceschin.



A CARTA PARA O CHEFE MOREL.

- Morel um Chefe Escoteiro quase no fim de sua vida recebeu uma carta: Quanto tempo não recebia uma. Agora era e-mail aqui e lá. Olhou o envelope com carinho. Fez questão de usar seu canivete Escoteiro para abrir. O fez calmamente, com carinho saboreado as saudades de uma época que ficou para trás. Tirou a folha escrita, letra bonita bem compassada e começou a ler:

- Sempre Alerta Chefe Morel.

- Não sei se ainda lembra-se de mim. Eu era aquele que chamavam Esqueleto. Risos. Era sim magro demais. Meus netos hoje dizem que ainda sou o mesmo, que não mudei. Sabe Chefe eu nunca me esqueci do senhor, quando acordo eu me lembro do seu rosto... Do brilho do seu olhar. Até hoje procuro ter o mesmo brilho e isto me ajuda a seguir em frente com prazer e alegria. Saiba que o senhor sempre foi e sempre será especial para mim. Todos os dias antes de dormir eu agradeço a Deus e ao escotismo. Obrigado por ter me deixado participar, de fazer tantos amigos e me sentir um privilegiado. O tempo Chefe deixa perguntas, mostra respostas e esclarece dúvidas. Mas acima de tudo o tempo traz verdades. Minha vida tem sido marcada por realizações diárias, que às vezes não dou o devido valor, mas eu sei que graças a Deus e ao Escotismo se fez presente em todos os momentos da minha vida.

- Sabe Chefe eu me sinto realizado, minha honestidade é apreciada, confiança foi conquistada, lealdade retribuída e o respeito merecido. Aprendi com o senhor a fazer as pessoas felizes mesmo quando estou triste. Em vez de reclamar da vida, levanto a cabeça, sacudo a poeira e dou a volta por cima. Afinal dias ruins são necessários para que os bons valham a pena. Saiba Chefe que a gratidão é a memória do coração e eu sou eternamente grato ao senhor e ao escotismo que amei e abracei como filosofia de vida.

- Pois é Chefe, muitas coisas bonitas não podem ser ditas vistas ou tocadas, elas Chefe são sentidas dentro do coração. O que o Senhor fez por mim é uma delas. Agradeço do fundo da minha alma e em tempo algum seja aqui ou na eternidade vou esquecer-me do senhor.

Chefe, meu fraterno abraço, um gostoso aperto de mão e que a paz esteja em seu coração. Sempre Alerta.

Nota – Uma pequena lágrima correu na face do Chefe Morel. Ele olhou para o céu foi até a janela e pensou: - Que o vento leve, que a chuva lave que a alma brilhe que o coração acalme que a harmonia se instale e a felicidade permaneça. Obrigado Deus pelo dia de hoje! Meu amigo Escoteiro eu sei que nem todos os anjos têm asas, às vezes eles têm apenas o dom de te fazer sorrir e você conseguiu apagar minha tristeza.



A ESCOTEIRINHA FOI MORAR NO CÉU! (22)

Ela nem se lembrava como fora parar ali. Sentia falta de visitas inclusive sua família que a visitava poucas vezes. Nati e Andi duas enfermeiras faziam o papel de mãe e pai. Ela amava as duas mais que seus próprios pais. Ela também tinha dois tios que a faziam rir e sonhar que um dia poderia voltar para casa, correr na escola, abraçar amigos que fizera no passado. Joshua o Contador de Histórias e Titio Aquiles, que se vestia de pirata ou palhaço eram tudo para aquela garotada naquela Ala C do hospital. No início sofreu muito. Seus pais não explicaram a ela o que tinha, e um dia a levaram para o hospital e ela nunca mais saiu de lá. Custou a entender o que lhe aplicavam três vezes por semana. Depois soube que se chamava quimioterapia e Dona Alma uma enfermeira sua amiga disse que só assim um dia ela podia voltar para casa. Ela chorava nos dias que precisava fazer a tal quimioterapia. Vomitava, gritava de dor e muitas vezes teve que ser levada a força. Com seis meses internada Maryany era íntima de muitos amigos ali naquela ala do hospital. Maryany nem se lembrava das dores que

sofreu antes de ir para o hospital. Tinha saudades de mamãe Eulália e do papai Alfredo. Filha única ela tinha tudo e agora não tinha nada.

Um domingo a vida de Maryany mudou por completo. Não entendeu aqueles dois meninos e duas meninas de uniforme dizendo que tinham recebido ordens de formar ali na ala C, uma tropa de Escoteiros. Ela riu quando disseram isto. Não sabia o que eram os Escoteiros e nem tampouco uma tropa. Os quatro eram formidáveis. Riam, cantavam, faziam jogos e ensinavam as técnicas Escoteiras. Maryany passou a ver sua vida de outra forma. Agora ia para a Quimio mais alegre mesmo sabendo que ia sofrer. Disseram para ela que os Escoteiros não tem medo, que sorriam nas dificuldades. Eram doze naquela ala do hospital. De vez em quando um ia embora e Nati ou Andi diziam que ele tinha ido morar nas estrelas bem próximo de Andrômeda uma galáxia muito distante. Maryany sempre pensava quanto tempo de viagem, pois Guto o seu amigo que dormia próximo dizia que ela iria também para lá. Interessante que dos doze internos nenhum tinha cabelo na cabeça e quando chegavam novos em pouco tempo caíam todos.

Miro o mais Velho dos Escoteiros não sabia ficar sério. Sempre sorrindo e brincando. Alencar sorria também, mas nem tanto como Miro. Lena e Tatiana eram uns amores. As duas logo ficaram muito amigas de Maryany. Em pouco tempo a Tropa Escoteira Dos Guerreiros da Ala C sabia tudo de escotismo. Adoravam quando um deles fazia um jogo, ensinavam um nó, cantavam uma canção. E a lei dos Escoteiros? Maryany sabia de cor. Naquele sábado de setembro ela sentiu no peito uma enorme pressão, calor falta de ar e uma dor por todo o corpo. A quimio fazia efeitos mais duradouros. Eles sempre batiam palmas quando os quatro cantavam a canção das panelas. Morriam de rir, pois nenhum deles nunca lavou uma panela. – Quando terminarem as provas, disse Miro, eu vou chamar o Chefe para fazer a promessa de vocês! – E o uniforme Miro? – Vamos trazer para cada um. Todos sorriam e ficavam esperançosos em vestir o uniforme dos Escoteiros.

A alegria como os Escoteiros aos domingos era compartilhada por Nati e Andi. Elas não tinham como fechar o coração para a tristeza que abatia quando alguém era levado às pressas para a UTI. Elas sabiam que de lá não voltariam nunca mais. Mesmo amando aquelas crianças de vez em quando uma lagrima caía solta aqui e ali. O Doutor Pascoal insistia com elas para endurecer o coração, mas era impossível. O câncer é terrível, mas nas crianças é mais terrível ainda. Na Ala C todos os médicos e enfermeiras sabiam que não tinha volta. Quem fosse parar ali dificilmente voltaria para casa. Um coração de ferro para aguentar tudo isto. Principalmente quando elas os viam sorrindo, dentinhos brancos, cabeça raspada, uma bata branca igual para todos e nem sabiam que a esperança poderia não fazer morada naquela Ala C.

Naquele domingo tudo aconteceu. Miro disse a Maryany que ela estava preparada. Ia fazer a promessa. Prometeu trazer o uniforme dela no domingo seguinte. Prometeu também trazer o Chefe e toda a Tropa Escoteira. Nunca se viu um sorriso como o dela. Nunca uma alegria de quem não podia ter nada foi tão grande. Nem bem eles foram embora uma dor enorme no peito quase a levou. Foi uma semana onde Laura e Emília foram levadas para morar na Estrela de Cárpeo. Elas que escolheram esta estrela, pois todos que um dia foram parar na Ala C já tinham escolhido sua estrela

preferida no céu. A vida é linda para ser vivida. As experiências mesmo as mais difíceis são provas para que um dia possamos crescer mais espiritualmente e aprender com os erros e entender a vida como ela realmente é.

Maryany na quarta gemia de dor. O doutor Pascoal pediu a Nati e Andi que a levassem para a UTI. Ela não iria sobreviver por mais do que uma semana. Lá poderiam aplicar remédios para que a dor fosse menor e quem sabe induzir um coma para que ela pudesse seguir o seu destino. Seus pais não tinham mais esperança, quem sabe na UTI poderia amenizar a angústia e sofrimento que sentiam. Quando Maryany viu que ela seria levada seu mundo desabou. Gritou, chorou, implorou que a levassem na segunda. Ela ia fazer a promessa no domingo era tudo que ambicionava. Ela disse ao Doutor Pascoal chorando que sabia que nunca mais iria voltar. Precisava fazer sua promessa. Queria prometer a Deus e a Pátria que seria uma boa Escoteira na Estrela de Capella. Ela sabia que era onde moravam os bons meninos e meninas que tivessem feito o bem na terra. Prometeu com água nos olhos que não iria chorar de dor. O doutor Pascoal nunca ficou tão emocionado. Aplicou nela uma dose extra de um forte analgésico e ele sabia que em dois ou três dias seu corpo não aceitaria mais o mesmo remédio.

Não foi fácil para Maryany aguentar até o domingo. Mas sua força de vontade era tão grande que quando viu adentrarem na Ala C os Escoteiros ela esqueceu a dor que sentia. Quando Lena e Tatiana vestiram nela o uniforme ela chorava de alegria. Seu corpo queria levantar da cama e não conseguia. Estava fraca demais. Miro tirou seu lenço e amarrou na base onde estava colocado o soro e prendeu seu braço mais alto para que ele fizesse o sinal Escoteiro quando fosse fazer a promessa. Todos formaram em volta dos meninos e meninas que ali estavam à espera de um milagre. Miro falou alto para o Chefe – Chefe! Apresento Maryany, uma Escoteira que está pronta para fazer a promessa. – Todos fizeram o sinal Escoteiro. Uma Bandeira Nacional foi desfraldada. Quando o Chefe ia dizer para ela repetir uma vozinha simples, carregada de emoção começou – Prometo pela minha honra, fazer o melhor possível para – Cumprir os meus deveres para com Deus e a minha Pátria... Maryany não terminou. Seu semblante sorria, seus lindos olhos negros fitavam o infinito. Seu espírito havia partido. Ela não estava mais ali.

Um silêncio sepulcral tomou conta da Ala C. O Chefe foi até ela e colocou o lenço. Miro o Monitor colocou nela o distintivo de promessa. A tropa cantava baixinho a Canção da Promessa. Maryany partira, mas sabia o que estava acontecendo. Amparada por anjos vestidos de branco, Maryany a Escoteira orgulhosa com seu uniforme finalmente descansou. Ela foi morar na estrela de Capella. Todos ali na Ala C sabiam que Maryany foi para o céu!



SÓ RESTOU UMA LÁGRIMA.

Estou aqui, como sempre faço todas as tardes, sentado em um banquinho que fiz na curva do Rio das Flores, e que eles disseram ser uma pioneiria sempre a espera deles. Sei que não virão, mas sonho um dia ver todos eles, cantando, brincando naquele ônibus colorido chegando de novo para alegrar meu coração. Quando penso em tudo que aconteceu, meus olhos se enchem de lágrimas. Foram os dias mais lindos da minha infância. Dias que nunca, mas nunca mais vou esquecer. Quatro dias de felicidade! Morava em uma pequena casa de pau a pique, próximo ao Rio das Flores. Meu pai trabalhava na fazenda do Senhor Coronel Alcebiades, e tínhamos uma casinha pequena, de adobe. Éramos quatro. Eu, meu pai, minha mãe e meu irmão de três anos. Uma família feliz. Toda manhã ia para a Escola na fazenda Rancho Fundo do Coronel, a única na redondeza. Eram quatro quilômetros que eu fazia correndo. Na volta ajudava meu pai na lida da capina e a tarde nadava no rio. Diziam que nadava como um peixe.

Numa quarta feira vi um ônibus colorido cheio de cantorias que se dirigia a fazenda do coronel. Cortei caminho e do alto da Morada do Vento vi dois homens de calça curta e chapelão conversando com o Coronel. Ele fez sinal para mim e disse que levassem eles até A várzea, perto do rio e do bambuzal. Não falou mais nada. Entrei no ônibus. Todas as crianças da minha idade, rindo, brincando me dando um tal de Sempre Alerta. Estava com vergonha deles e fiquei em pé bem na frente, mas olhando todos de rabo de olho. Chegamos, eles desceram. Juntaram a tralha e ficaram esperando a chamada. Logo eles fizeram um meio círculo próximo a um pé de amora, o tal do "Chefe" Escoteiro passou uma cordinha, e colocaram a bandeira do Brasil. Fiquei de longe olhando. Meus olhos estavam fixos na meninada. Eles corriam aqui e ali. Cada turminha fez um cercado, armaram barracas e foram cortar bambus.

Olhei o sol e vi que mamãe estaria preocupada. Corri até em casa e contei as notícias. Pedi a ela e o papai que me deixassem ficar lá olhando. Meus pais nunca ralharam comigo. Almocei correndo um prato de abobora com peixe frito. Voltei ao lugar que eles estavam. Várias barracas, e eles construíram alguma coisa que não

entendi e a fumaceira pegou fogo em todos os cercadinhos deles. O sol já se pondo e foram tomar banho no rio. Um deles tentou atravessar. Começou a fazer sinais. Corri lá. Pulei de roupa e tudo. Era bom nadador apesar dos meus doze anos. Tirei-o da água. Os chefes começaram a beijar e ele e voltou a respirar. Agradeceram-me. Bateram uma palma esquisita. Chamaram-me de herói. Disseram que se quisesse ficar em uma Patrulha era só escolher. Nem sabia o que era isso, mas um loirinho me fez um sinal e fui. Disseram que eram os Touros. Dei risada. Aqueles fracotes Touros? Mas foi bom. Ensinaram-me a dar sempre alerta, a gritar o tal grito da Patrulha, a entender os sinais do "Chefe" Escoteiro para formatura. .

Durante os quatro dias eu brinquei, cantei e joguei com eles. Corremos na mata. Pulamos a cerca do Boi Lamego, fomos até a subida do Catatáu. Mostrei a eles o canto do sabiá, do pássaro preto, mostrei como fazer o tatú sair da toca. Eles me ensinaram nós e quiseram ensinar sinais de pistas. Dei risadas. Nunca iriam pegar uma seriema contra o vento. Quatro dias maravilhosos. Comi a comida deles, ruim à beça. Sem sal. Mas eu ria e eles riam. Um dia cozinhei para eles. Gostaram. Até o "Chefe" Escoteiro veio tirar um sarro. Um deles deu dor de barriga, levei para ele a fruta do pastor. Chupou a fruta e sarou. No ultimo dia fizeram um fogo. Cantaram, gritaram, bateram palmas, contaram causos, fizeram teatrinho e depois em volta da fogueira cantaram uma linda canção que só guardei uma parte. "Não é mais que um até logo, não é mais que um breve adeus".

No ultimo dia desmontaram tudo. Fizeram uma limpeza. Na bandeira o "Chefe" Escoteiro deles me chamou. Dissera que eu era um Escoteiro honorário. Mandou-me ficar durinho, e fiz o sinal deles. Fizeram-me repetir a promessa deles. Prometo pela minha honra... Foi lindo. Foi demais. Depois ele me colocou o lenço deles. Chorei. Abraçaram-me. Chorei. Deram os gritos que chamavam de Patrulha. Chorei. Disseram-me Adeus dizendo que não era mais que um até logo e partiram. Eu chorava. Entraram no ônibus. Eu fiquei ali em pé, ao lado do mastro de bandeira como eles chamavam. O ônibus virou a curva do rio buzinando. Um silêncio atroz. Chorava. Chorava. A tarde veio. Não arredei o pé. Não podia sair dali. Via todos eles cantando, brincando e me abraçando. Se sáisse toda essa ilusão iria desaparecer. A noite chegou de mansinho. O orvalho caindo. Eu chorando. Não parava de chorar. Queria eles de volta, mas sabia que isso não ia acontecer.

Meus pais chegaram e me levaram. Não queria ir. Mas não podia ficar ali toda a noite. O dia amanheceu. Como sempre voltei a minha rotina. Escola, trabalhar na roça com meu pai e as tardes ia sentar no meu banquinho lá na curva do rio onde eles acamparam. Olhava o horizonte quem sabe, um ônibus viria novamente! Meus olhos enchiam-se de lágrimas. Agora não chorava mais. A dor que sentia era no meu coração. Uma dor doída. Lembranças, lembranças que machucavam. Que dias lindos maravilhosos eu tive e se foram.

Durante muitos anos eles permaneceram em minha memória. Sempre revivia todos os dias felizes que com eles passei. As saudades permaneceram por longo e longo tempo. Meu Deus! Daria tudo para vê-los novamente! Sabia que não ia acontecer. Quando foram eu ainda não sabia, mas era o último Adeus. Um adeus sem volta. Sei que muitos deles disseram que um dia certamente iríamos nos ver a beira de uma fogueira

por este mundo de Deus. Sonhos que se foram. O tempo passou e eles não voltaram. Por anos e anos lá estava eu todos os domingos sentado em meu banquinho, a tal de pioneira próximo ao mastro da bandeira deles. Agora seco, mas firme. Eu não deixava cair. Chegava com meu lenço, ficava durinho e dava sempre alerta. Olhava uma bandeira invisível sendo erguida balançando ao vento como se fosse hoje.

Não sei quantos anos se passaram. Sei que foram dias inesquecíveis e que permanecem até hoje no meu coração. Cresci, casei, tenho filhos. Nunca mais vi os escoteiros. Sei que foi bom, foi muito bom ter sido Escoteiro por alguns dias. Quantas saudades que permanecem na minha lembrança e não se apagam. Lembranças que ainda me fazem feliz, mas me machucam demais de tantas saudades. Eles ainda me disseram que eu não devia perder as esperanças e eu não perdi. Elas permanecem vivas dentro de mim e foi isto que ainda me faz feliz. Quatro dias! Até hoje sem querer ainda deixo minha última lagrima cair para dizer que tive a honra de um dia ter sido um. Um Escoteiro com orgulho e que nunca mais deixarei de ser!

Um jovem da roça, nunca viu em sua vida uma Tropa de Escoteiros. Teve a felicidade de ficar com eles em um belo acampamento perto da casa onde morava. Eles se foram e ele ficou. Uma saudade imensa, uma vontade de ir com eles, mas este não era seu destino. Uma história para não esquecer.



TOBRUK O SONHO NÃO ACABOU.

Apenas um menino igual a muitos. Seu nome era Juliano Santos. Apelido de Tobruk. Magro, roupas remendadas, diziam que sua vida não iria durar. Pai pescador, mãe faxineira. Tinha meses que não ganhavam um tostão. Tobruk gostava do apelido. Nem imaginava que era uma cidade perdida no Egito e que ficou famosa na Segunda Guerra Mundial, palco da batalha do Afrika Korps do Marechal alemão Erwin Von Rommel contra o Major Donald Craig. Mas isto é história que já passou. Tobruk tinha dificuldades de andar, uma perna mais fina e menor que a outra. Seu rosto tinha marcas de quem sofreu paralisia facial e que agora estava recuperando. Tobruk não se envergonhava do que era, menino de coração de ouro não imaginava que aparência ainda era cobrada pela humanidade. Na escola todos ficavam longe dele. Diziam que tinha doença contagiosa e poderiam pegar. Ele se sentia só, sem amigos, mas mesmo assim sorria. Um sorriso amarelo que só de ver dava vontade de chorar.

Foi Zé Outeiro quem ficou amigo dele. Zé sonhava ser Escoteiro. Contou para ele o que faziam aonde iam e o que cantavam. Tobruk sorria ao ver Zé falar. Mas Zé

sabia que nunca poderia ser um. Tinha que pagar, fazer um uniforme ou comprar. Acampar tinha taxa tudo que era bom tinha que pagar. Passou a frequentar as reuniões em cima de um pé de Jequitibá próximo ao pátio de reuniões. Amava tudo aquilo. Sonhava dia e noite a ficar ali naquela patrulha, posição de sentido olhando o monitor bravo a exigir postura e garbo. Cantava com eles. Chorava quando partiam para o acampamento. Lam de ônibus e ele não podia ir. Quantos jogos aprendeu? Sua vista era boa, aprendeu nós, semáforas, aprendeu até a fazer um percurso de Gilwell quando a patrulha escolheu o Pé de Jequitibá para desenhar.

De tanto insistir sua mãe o levou. Coitada, mulher simples, humilde, olhando os brancos de cabeça baixa nunca disse para Tobruk que os negros não eram bem vindos em certos lugares. Não foi mal tratada não, o Chefe foi educado, mas disse que tinha pouco tempo e deu as normas, os valores e exigiu que ele trouxesse um atestado médico. Afinal a imagem dele deixava a desejar. Voltou para casa amargurado. Como pagar? Como tirar um atestado médico? E como dizer que não tinham nem mesmo um decente para morar. Tobruk voltou a sua morada no alto do Pé de Jequitibá. Um ano, dois e Tobruk fez quinze anos. Precisava trabalhar. Ninguém o aceitava nem como aprendiz. Seu aspecto não era agradável e sendo negro pior ainda. Nunca abandonou seu escotismo de sonhos, seu Pé de Jequitibá. Cresceu com muitos que foram para os seniores, e aprendeu a amar os novos que chegaram à patrulha Guará.

Zé Outeiro vez ou outra aparecia. Contava causos, contava sonhos, dizia que ia para a capital, pois lá seria alguém. Um dia ele sumiu e nunca mais apareceu. Tobruk sentiu uma tristeza danada, perdeu o único amigo e seu sonho tinha certeza nunca iria se realizar. Polaco era o Chefe. Sabia tudo. Desde menino foi Escoteiro e hoje engenheiro químico brincava de correr pela floresta, catar vento nos vales, pegar estrelas no céu. Era um sonhador. Notou Tobruk todas as reuniões no alto da árvore. – Vem cá meu jovem, vamos conversar. Dia feliz, divertido, exultante e impossível de esquecer. Tobruk entrou para os Guarás. Um mês dois e o Chefão o chamou. – Meu jovem, você está sob a proteção do Polaco. Não faça besteira e o jogo para fora ou para a prisão. O Chefe Tomás reclamava: - Ele paga tudo e isto não está certo. Aqui não tem lugar para negro e pobretão.

Reclamar com o Chefe Polaco? Criar inimigos? Calar e aceitar? Foi assim que Tobruk viu que escotismo era para ricos, pobres não tem vez. Se tem alguém que interessa ele fica se não que se dane. Tinha mensalidade tinha taxas para acampamentos, para os grandes nacionais. Ninguém se preocupava com ele e com outros que um dia poderiam ser escoteiros. Se tem paga se não tem dá o fora. Soube que sua mensalidade no órgão nacional foi perdoada. Tinha uma norma para os pobres e nada seria cobrado se ele pudesse provar. Mas só isto. Para alguns chefes ele não servia para nada. O Chefe Polaco sorria, cativava, disse a Tobruk que estudasse muito, que um dia pudesse provar que ele era alguém, que lhe dessem respeito e afeição. Era seu direito. Seis meses depois Tobruk saía de uma reunião de Patrulha, feita na sede, pois na casa do Lancaster sua mãe não gostava dele.

Tobruk acostumou com tudo. Já não revoltava e aceitava o que a vida lhe reservou para seu destino. Na Rua do Coqueiro três meninos negros passaram correndo. Um deles o jogou ao chão. Ao se levantar um carro patrulha parou. Desceram atirando.

Tobruk morreu na hora. Quando o viram de uniforme tentaram mudar a cena. Uma arma foi jogada aos seus pés. O sangue se espalhava pela calçada. Ninguém parava todo mundo com pressa a sair daquela emboscada da morte de um jovem que a vida não tinha reservado um final feliz. Chefe Polaco chorava na cerimônia fúnebre. Abraçou sua mãe e seu pai e disse que só Deus podia entender o destino de Tobruk, um menino cujos sonhos o vento levou!

Sonhos de meninos que não se realizam. Alguns que podem não querem. E os que querem muitas vezes não podem. Quem sabe estamos nos tornando demasiados respeitáveis e esquecemos que o escotismo não é só para os rapazes bons. Não era isto que pensava Baden-Powell. Ele repetia sempre que o movimento são para os rapazes que dele necessitam. Afinal o escotismo nasceu em 1907 entre meninos pobres e, se economicamente houve uma mudança social entre eles, espiritualmente ainda existem rapazes tão pobres como naquela época. E são eles que muito necessitam do escotismo!

Conta-se que Baden-Powell sempre dizia quando fundou as bases do escotismo em 1907 que o início do movimento foi entre meninos pobres. Aos poucos viu que economicamente houve uma mudança social entre eles. Hoje ele está lá no céu vendo que espiritualmente ainda existem rapazes tão pobres como naquela época. E são eles que mais necessitam do escotismo! Você é meu convidado para ler e comentar!



VIDA E MORTE DE ARKANSAS CHAMORRO. (25)

Ninguém pode fazer nada. Ele escolheu seu caminho. Uns dizem que foi o destino outros que foi uma escolha pessoal. Aconselhamentos, castigos, e brigas homéricas nunca adiantaram. Chamorro sempre foi assim. Desde que começou a andar. Se dissessem que foi mal criado não era verdade. O pai de Chamorro era um verdadeiro Diplomata, não na formação acadêmica, mas no trato com as pessoas. Ninguém na repartição poderia dizer nada contra ele. Era bem quisto, amado e ali qualquer um daria a vida por ele. Dona Ana sua mãe era de uma humildade sem par. Sorria para todo mundo, uma das forças nas filhas de Maria da Igreja do Bom Pastor. O Padre Nilton agradecia sempre a Deus por ela estar por perto. Resolvia tudo. Se tivesse de pedir pedia, se tivesse de varrer varria. Não era uma beata não, era uma senhora que todos admiravam e servia de exemplo para as moçoilas do lugar.

Chamorro era filho único. Cala-te boca, eu dizia para mim, mas ele devia ter morrido quando nasceu dentro da carroça do Senhor Lourival. Ela começou a passar mal e não aguentava andar. Prestativo o Senhor Lourival a levou a Maternidade Santa Rita

aonde ela deu a luz. Um parto simples, um menino bonito, não chorou e sorriu ao nascer. Até os dois anos ninguém previa o que Chamorro um dia viria a ser. Ninguém sabe como, mas um dia ele soltou um rojão debaixo da Saia de Dona Mercês sua professora. Suas partes íntimas ficaram de fazer dó. Durante um ano não cumpriu suas obrigações como mestra na Escola José de Alencar. Culpar Chamorro? Ora ele tinha quatro anos. Ouviu a preleção dos seus pais, de outros mestres e até do delegado. Mas e daí? Seria que entendia o que diziam? – Quem botou fogo na delegacia? Quem deu um tiro no trazeiro do Seu Tiago da Farmácia? Quem aos sete anos assaltou o banco Ipojuacan na luz do dia? – Devia ficar preso isto sim dizia toda a comunidade de Alto da Serra.

Apareceu como não quer nada na sede do Grupo Escoteiro naquele sábado chuvoso. – Disse para o Chefe: Este é o melhor dia. Capim escorregando, todos molhados e eu fazendo das minhas. E ria! – Não dá Chamorro, preciso conversar com sua mãe e seu pai. Depois vamos ver se posso aceitar você aqui. – Chamorro olhou de alto a baixo o Chefe Miltinho. – riu e como riu depois que foi embora. – Escoteirada! Gritou. A hora e a vez de vocês vão chegar. E chegou. Da pior maneira. Quando apagaram o fogo da sede não restou mais nada. A meninada chorava. Tudo perdido. Quem foi? Ninguém viu, mas todos sabiam que era Arkansas Chamorro. Cutelo e Bate Volta dois seniores da Cruzeiro do Sul não engoliram tudo aquilo. – Cutelo, este menino precisa de uma lição não acha? Bate Volta balançou a cabeça e não disse nada. Diziam que ele era mudo, mas não era só não gostava de falar.

Derem nele uma surra de fazer dó. Seniores agindo assim? Sei não. Eu mesmo tive vontade muitas vezes de esganá-lo. Chamorro sabia quem era Cutelo e Bate Volta. Não contou a ninguém os hematomas e os olhos sarnentos com que ficou vários dias. Seu pai preferiu não fazer o BO. - Para que? Chamorro não iria dizer e o delegado quem sabe daria uma medalha. A sede foi reconstruída. A cidade colaborou com a compra dos materiais. – Sorridentes os Cucus partiram para um acampamento de dois dias no Vale do Eco. No dia seguinte voltaram sem nada, pelados e correndo pela principal avenida da cidade. Entraram na delegacia e o delegado saiu na porta vermelho e com um chicote na mão. – Desta vez em mato aquele menino! Matou nada. Arkansas Chamorro sumiu da cidade por três meses. Onde estava? Seus pais choravam e a cidade aplaudia.

Chefe Miltinho reuniu o Conselho de Chefes – Não podemos continuar assim. Vamos coloca-lo no grupo. Em uma patrulha. Pode ser a de Sansão. Ele é forte e dominador. Se não fizermos isto ele destrói o escotismo no sertão. Não foi preciso. Ele aceitou o pedido e disse que iria ser o monitor. Até que iam aceitar quando Francesca disse não. Olhou para Chamorro e com sua vizinha meiga e amorosa disse para ele que teria de lutar pelo seu lugar. Outros estavam à frente. Arkansas Chamorro tremeu. Olhou para Francesca, seu coração disparou. Uma paixão enorme em um menino de 13 anos. Não deu outra. Um mês depois Francesca e Chamorro desapareceram de Alto da Serra. A mãe de Francesca desesperada. A mãe de Chamorro não dizia nada. Um ano depois Francesca chegou retornou a cidade com uma criança nos braços. – E Chamorro? – Não sei falou chorosa. Dizem que ele agora é o dono da quadrilha de pivetes de Alta Floresta. É a cidade ficou em festa o diabo mudou de lugar.

Cinco anos depois os jornais estamparam em manchetes: - Chefe Escoteiro retorna a sua cidade natal. Alto da Serra tremeu. Nunca pensou que ele iria voltar. Chefe Escoteiro? De onde? Quem o aceitou? Chamorro chegou montado em um baio de pelagem branca impoluto como sempre. Chapelão, faca e facão. Sorria, parou em frente ao Grupo Escoteiro. Ninguém sorria com sua presença. Estavam admirados por ele estar assim fardado. Chefe Miltinho levantou a mão e disse: - Chamorro volte para onde veio. Aqui não é seu lugar. Procure Francesca, coitada luta com dificuldade para criar um filho que é também seu. - Chamorro parou de sorrir, foi até ao Chefe Miltinho, ajoelhou e pediu perdão. - Chefe estive preso, sofri e aprendi. Mesmo nunca tendo me dedicado como um bom Escoteiro a lei ainda vive em mim. - Levantou montou em seu cavalo e saiu devagar sem rumo definido.

Cada coisa tem o seu tempo certo para acontecer, Chamorro mudou, hoje é um homem honesto, trabalha em sua olaria e Durval seu filho ama seu pai. Francesca linda mostrava ser a Chefe mais feliz do mundo. Dizem que as semanas andam e os anos voam. O destino ninguém sabe e a vida é para ser vivida. Pois pensar positivo, ajuda e só Deus sabe o que é melhor pra nós. Enfim tudo aquilo que tem que ser será...

Quem foi Arkansas Chamorro? Dizem que foi o maior marginal de Alto da Serra, outros dizem que se redimiou e se tornou um dos maiores Escoteiro do Brasil. Eu que não acredito em fadas sei que na história tem muita fantasia. Dele só quero distância mesmo que seja o maior arrependido do mundo!



UMA ESTRELA BRILHANTE PARA ELIZABETH.

“Abro os olhos, não vi nada”. Fecho os olhos, já vi tudo. “O meu mundo é muito grande E tudo que penso acontece”.

Eles não iriam demorar a chegar. Uma festa quando adentravam naquela área gramada da Casa de Repouso. Vinham uma vez por mês sempre no segundo domingo. Houve dias que não vieram. Eu sabia que estavam acampando ou excursionando. Quanto daria para estar com eles? Saudades, quantas saudades, mas não reclamo. Eu tive tudo que quis. Foram minhas escolhas e se pudesse faria tudo de novo. Gosto desta

casa onde hoje moro, gostos dos amigos que fiz aqui. Sempre tem um ou outro voando para as estrelas e eu sei que um dia vou também. Gosto de pensar, lembrar, ficar aqui no jardim lembrando e sonhando com meu passado. Ainda guardo as músicas Escoteiras e quando a saudade aperta, eu canto, e sorrio cantando. Eu alcancei a felicidade que sempre sonhei. Os que vivem aqui não reclamam. Tem muitos que seus filhos e netos dificilmente aparecem. Eles não choram, Tem sempre alguém seu lado para embalar seus dias e suas noites e fazê-los sorrir.

“Aquele nuvem lá em cima? Eu estou lá, Ela sou eu. Ontem com aquele calor Eu subi, me condensei”.

Foi um dia inesquecível. – Papai, Mamãe, eu gostaria de ser Escoteira! Eles me olharam espantados, pois sabiam que eu me fechava em meu quarto, não recebia amigas e tinha uma vida reclusa que nenhum psicólogo sabia explicar. Eu sabia que era adotada. Eles nunca me esconderam. Eu os amava e nunca me interessei em saber quem foram meus pais biológicos. – Vou levar você lá Elizabeth. Espero que goste e dedique como tudo que faz. Meu pai tinha mais de sessenta anos e minha mãe cinquenta e oito. Adotaram-me quando tinha oito meses. Eu não tinha o que reclamar. Eles me adoravam tanto que muitas vezes me senti sufocada de tanto amor. – Seja bem vinda Elizabeth! – Espero que goste de ser uma Escoteira e olhe, você tem duas escolhas aqui: - Gostar da vida ao ar livre e saber vencer as dificuldades! – Adorei a Chefe Altair. Adorei tudo que encontrei ali, o escotismo passou a ser minha vida e viver junto de mim e no meu coração.

Os tempos foram passando, um dia me disseram que seria guia. Porque não? Para mim a mesma coisa. Fiz novas amigas e amigos. Um respeito enorme um pelo outro. Fui a um Jamboree e outros tantos acampamentos regionais. Mas o que gostava mesmo era meu acampamento de tropa. Ali eu podia jogar crescer e aprender com meus amigos de patrulha. Mas chegou o dia que me disseram que iria ser uma pioneira. Não me dei bem. Havia muitos que nunca foram Escoteiros quando jovem e a gente não falava o mesmo idioma. Conversei com o Chefe Jerônimo que assumiu a responsabilidade pelo grupo. – Porque você não vem ser Chefe? Uma assistente para começar. Irá fazer muitos cursos, conhecer pessoas novas e quem sabe um dia será uma Insígnia de Madeira?

“E, se o calor aumentar, choverá e cairei. Abro os olhos, vejo um mar, Fecho os olhos e já sei. Aquela alga boiando, à procura de uma pedra”?

Porque não? Eu pensei. Foi outra maneira de ver o escotismo. À medida que fazia cursos, que trocava ideias com Velhos Lobos eu sabia que ali era meu lugar. Nunca encontrei minha cara metade. Entreguei minha alma e meu coração ao escotismo. Namorei mas nada significativo. Comecei a trabalhar em um Banco da cidade. Todos ali sabiam que eu era Escoteira. Até meu Chefe o Senhor Rodolfo ria quando eu contava casos de acampamentos. Uma tarde recebi um telefonema urgente de uma vizinha – Seus pais foram internados. Os dois. Tiveram um princípio de enfarte. Corri ao hospital. Uma semana depois eles partiram. Chorei muito, achei que tinha culpa, pois me entreguei tanto ao escotismo que me esqueci deles. Todos os domingos eu visitava seus jazigos. Orava, chorava e pedia perdão. Um dia uma luz azul brilhante

apareceu e ouvi a voz dos dois: Seja feliz filha, um dia você vai vir morar conosco no céu!

“Eu estou lá, Ela sou eu. Cansei do fundo do mar, Subi, me desamparei. Quando a maré baixar, na areia sequei”,

Conheci milhares de Escoteiros e Escoteiras por este mundo que Deus me deu. Fiz centenas de amigos e quando recebi minha Insígnia recebi vários convites. Nunca aceitei nenhum. Eu tinha uma missão com os jovens e nunca iria abandoná-los. Minha casa vivia cheia deles. Eu os amava e eles me amavam. Quantos acampamentos fizemos? Quantas atividades aventureiras? E aquela de sair por aí, sem eira nem beira na Montanha da Raposa cinzenta? Fiz excursões incríveis, adquiri uma maturidade de campo invejável. Eu só me dedicava ao escotismo e nunca pensei em crescer no meu trabalho. Sabia que todos gostavam de mim como eu era. Um dia pensei quando envelhecesse o que seria de mim? Quem iria orar por mim, ficar ao meu lado, me dar de comer, me fazer feliz? Não pensava nisto. Só pensava no meu amor Escoteiro que vivia no meu coração.

“Mais tarde em pó tomarei. Abro os olhos novamente E vejo a grande montanha, Fecho os olhos e comento”:

Mas o tempo é implacável, eu envelheci. Aposentei-me. Sentia-me sozinha em casa e só no escotismo me sentia bem. Minhas meninas agora eram outras. Quantas passaram pela minha tropa? Um dia o Chefe Jerônimo me disse: - Elizabeth, não interprete mal minhas palavras, você já está com mais de oitenta anos. Não pode viver sozinha assim. Porque não procurar uma Casa de Repouso? Visite, conheça, veja se é o que gostaria para morar. Lá você terá amigas para conversar, para cantar e divertir. Sua palavras doeram, mas era uma verdade. Eu andava mal. Não deu outra, lá fui eu arrancar na minha última morada na terra. Minhas Escoteiras não se esqueceram de mim. Chefes amigos sempre me visitavam. Todos os domingos estavam lá. Eu adorava mesmo era o segundo domingo do mês. Minha primeira patrulha vinha em peso sem faltar ninguém. A gente ria, cantava, chorava e lembrava os velhos tempos dos bons acampamentos das noites geladas, dos fogos de conselho! Ah! Quantas saudades.

“Aquele pedra dormindo, parada dentro do tempo, Recebendo sol e chuva, desmanchando-se ao vento”?

Elizabeth faleceu aos oitenta e oito anos vítima de falência múltipla de órgãos. Nunca aquela campa no alto da Colina da Lua viu tantos meninos, meninas, chefes e até líderes Escoteiros regionais, nacionais e do exterior. Quando o esquife desceu para sua morada nunca se viu tantos chorando. Mas Elizabeth, para quem podia ver estava sorrindo, estava com sua Mamãe e seu Papai que a abraçavam e em uma nuvem branca a levavam para uma estrela brilhante, lá no firmamento onde seria sua nova morada!

...”Eu estou lá, Ela sou eu”.

O poema é de Adalgisa Nery.



COISAS DA VIDA.

Faz tempo que conheci pela primeira vez o sênior Pataxó. Encontramo-nos em um ARP (acampamento distrital de patrulhas). Escolheram-me como Chefe do subcampo Sênior. Ele não era Monitor, mas uma tarde me procurou na barraca de chefia – Chefe! Pode me dar um tempo? – Claro meu jovem, o tempo que você quiser. – Por favor, não me ache infantil. Nada disto. Mas vim aqui para fazer escotismo e o que vejo são as guias e seniores conversando aqui e ali. Não quero que mudem nada, mas não é o que eu queria para uma confraternização distrital. – Assim sabe Chefe estou querendo ir embora. Sei que meu Monitor não vai entender, ele está namorando uma menina de outro grupo. Sei também que quando chegar ao grupo na primeira reunião eles irão fazer um Conselho de Tropa e irão me punir de alguma forma se discordar do que está acontecendo. Não quero isto prefiro sair do movimento Escoteiro.

Sou um homem vivido. Sempre achei que tinha as respostas para tudo. Naquela hora não. Não sabia o que dizer. Falar o óbvio, os mesmo aconselhamentos sabia que não ia atingir o objetivo. – Pataxó, me faça um favor, chame seu Monitor até aqui na chefia? – Ele me olhou espantado e saiu. Esqueci-me de dizer Pataxó não tinha descendência indígena. Era loiro magro e alto. Interessante um olho azul claro e outro castanho. Em menos de cinco minutos o Monitor chegou com ele. Estava preocupado. – Sempre Alerta Chefe! Monitor da Antares se apresentando. – À vontade meu amigo. Sente-se aqui. Vou lhe fazer um pedido. Claro você só atende se for possível. – Diga Chefe! Você já viu que estou sozinho aqui. São mais de quinze patrulhas seniores. Preciso de ajuda não para liderar vocês, mas para dar uma arrumação na bagunça do programa. Não quero desfalcar nenhuma Patrulha com um Monitor. Como sei que vocês estão em seis que sabe você poderia me ajudar deixando o Pataxó aqui comigo até amanhã tarde?

Pataxó franziu a testa e levantou as sobrancelhas. Não disse mais nada. Fiquei conhecendo o rapaz. Educado, prestativo e pelo que me contou era esforçado para atingir um objetivo que tinha em sua mente. Queria ter uma boa fábrica de móveis, pois era aprendiz em uma e estava aprendendo o ofício com amor e abnegação. Estudava também à noite. Era corrido para ele. Foi por dois anos escoteiro, mas quando conseguiu a vaga na marcenaria os sábados foram cortados. Voltou a menos de um ano para os seniores. Seu Marcondes dono da Marcenaria passou a fechar ao meio dia de sábado. Ele gostava do escotismo. Gostava de atividades aventureiras, de acampamentos e excursões. Fizera amigos na tropa. Agora era tudo diferente, as moças chamadas de guias estavam juntas nas patrulhas.

Em dois acampamentos ele se sentiu um peixe fora d'água, mas acostumou. Ficar o dia inteiro com elas – Na Patrulha somos seis, três são guias disse. Porque estranhou? Perguntei. – Bem Chefe, o Senhor sabe correr para o matinho ver se tem alguma delas, estar ali a subir em arvores, falsa baiana e construir um ninho de águia com elas não era fácil. Concordo que elas eram animadas, esforçadas e até em certos casos eram superiores a nós seniores. – Pataxó contou, contou e ficamos até altas horas da noite conversando. Ou melhor, ele falando. Eu só ouvia. No dia seguinte ele estava alegre, brincalhão, foi em sua Patrulha várias vezes e até me perguntou se podia voltar. – Você quer? Perguntei? – Sim Chefe, o Senhor não vai acreditar, mas a Franciele disse que sentiu saudades de mim! – Problema resolvido. Este escotismo moderno não é fácil. De vez em quando deixar falar e ficar calado é o melhor caminho.

Passou-se mais de dez anos quando encontrei novamente Pataxó. – Uma surpresa. Estava em meu Grupo Escoteiro em atividade num sábado à tarde com os escoteiros e uma Assistente da Alcatéia me procurou – Chefe tem outro Chefe da Bahia querendo falar com o Senhor. Olhei e lá estava Pataxó. Nos seus vinte seis anos. Um homem formado na família escoteira. Ao seu lado uma linda moça. – Olá Chefe, ele disse, lembra-se de mim? – Nunca o esqueceria. – Esta é Franciele. Minha noiva. Vamos nos casar no ano que vem. – Sabe Chefe, nunca o esqueci. O Senhor foi o único que me mostrou o caminho sem dizer nada. Sou eternamente grato. Ainda estou no Grupo Escoteiro. Hoje sou Chefe de Tropa Escoteira. Minha noiva me ajuda, pois temos duas Patrulha femininas. Mas separadas! E riu a vontade.

Nada como ver um final feliz. São coisas que encontramos sempre no escotismo. Tem fatos que nos marcam, ficam gravados na mente. Alguns amarrados com grandes amarras no coração. Naquela noite, levei Pataxó e Franciele a uma churrascaria. Passei em casa e convidei a Célia. Noite gostosa e deliciosa. Sorria em saber que Pataxó venceu seus temores. Que hoje é dono de uma grande loja de móveis em sua cidade – Chefe! – disse Pataxó - Eu sonho em ver nossos filhos de uniforme, sorrindo, juntos e aprendendo a ser alguém nas belas coisas que BP nos deixou! – Isto mesmo Pataxó pensei. Claro, Pataxó foi um vencedor. Nem sempre encontramos escoteiros como ele. Meu alerta a você Pataxó esteja onde estiver, pessoas como você fazem do escotismo o maior movimento de formação do caráter em todo o mundo! Agradeço de ter tido a honra em conhecer você.

- Quem ao crepúsculo já sentiu o cheiro da fumaça de lenha, quem já ouviu o crepitar do lenho ardendo, quem é rápido em entender os ruídos da noite;... “Deixai-o seguir com os outros, pois os passos dos jovens se voltam aos campos do desejo provado e do encanto reconhecido...”. Kipling.



E O TEMPO NÃO PARA...

Zepeto deu um soco no ar. Nada de anormal, pois gostava de fazer isto. Quem o conhecia sabia seu estilo fanfarrão. Era um bom sujeito, nunca fez mal a ninguém, mas dava a impressão errada. Fingia ser uma esfinge, que não se importava e por dentro a gente sabia que ele chorava. Isto mesmo. Ele perdeu seu pai num acidente bobo, um acidente que ele nunca poderia imaginar acontecer. Seu pai pisou em um prego enferrujado e nem sabia que precisava vacinar. Morreu em quinze dias dizendo que nunca entrara em um hospital e nunca entraria. Zepeto ficou uma semana fora de casa. Sua mãe morreu de parto e ele agora estava sozinho. Ele estava com quinze anos quando a fatalidade o pegou de pronto. Quando menino entrou para os lobinhos. Ficou alguns meses e saiu. Precisava trabalhar para ajudar o pai. Deu duro com sua caixa de engraxate por muitos anos. Aos doze voltou ao grupo desta vez como Escoteiro.

O escotismo transformou a vida de Zepeto. Mesmo amando tudo que o escotismo lhe oferecia ele ainda sentia uma revolta interior. Não conversava com ninguém sobre ela. Ficou muito amigo de Juanito o escriba. A ele falou muito do que sentia, mas pediu segredo. Ele e Juanito haviam feito o juramento de sangue em um acampamento no Vale da Redenção. Saíram ao entardecer para buscar lenha e ficaram fora do campo por mais de uma hora. Zé Poliano os encontrou desmaiados sangrando. Cortaram na veia errada e quase morreram. Ninguém nunca soube do juramento e nem explicaram por que se cortaram. O tempo passou. Zepeto entrou na patrulha Itatiaia. Nunca foi Submonitor nem Monitor. Ele nunca pensou nisto. Como sênior achou que poderia ter o Escoteiro da Pátria. Tentou mas não conseguiu. Mesmo assim não abandonou o escotismo. Não foi pioneiro o grupo ainda não tinha um Clã. Havia interesse, mas faltou chefia.

Lembrou quando largou a caixa de engraxate e trabalhou por uns tempos como carregador de malas na estação e na rodoviária. Pouco dinheiro e mesmo sozinho ele tinha de economizar para viver. Dona Eulália mãe de Geraldinho da tropa o convidou para trabalhar no hotel das Flores. Aceitou. Um salário mínimo e meio. Para ele uma fortuna. Ela entendia e dava folga todas as vezes que a tropa ia acampar. Mãe é mãe e sempre a dizer: - Zepeto fique de olho no Geraldinho. A vida continuava para Zepeto. Ele não reclamava, pois voltou a estudar a noite. Sonhava em ser Professor. Muitos diziam que não valia a pena, mas ele agora um Chefe Escoteiro sabia do seu destino. Queria ensinar, ajudar participar da vida dos jovens. Padre Nivaldo o convidou para ser padre: - Zepeto! Oito anos em um seminário e lá você irá aprender tudo. Zepeto pensou na possibilidade. Padre Nivaldo disse que ele teria de decidir até o fim do ano.

Duas semanas depois disse sim ao padre Nivaldo. Ficou tudo combinado para o início do próximo ano. A escoteirada da tropa brincava com ele chamado de Padre Zepeto. Ele amava aquela turma. Naquele sábado o Chefe Besouro perguntou a ele se queria fazer um curso escoteiro na capital. Seriam três dias. Ele sorriu e sabia que Dona Eulália daria a licença para ele viajar. Muitos Escoteiros foram com ele até a estação e quando o trem partiu ele sentiu um enorme vazio. Conseguiu dormir algumas vezes e quando o condutor anunciou a capital ele sentiu um tremor no corpo. Desceu na estação com a mochila quando alguém lhe bateu nas costas. Olhou e viu quatro policiais de revolver em punho. Colocaram nele uma algema e o jogaram em um

camburão. Tentou explicar, mas só levou tapas na boca e no rosto. Foi jogado numa cela imunda com mais vinte bandidos. Pela primeira vez Zepeto chorou. Não sabia o que estava acontecendo.

Cinco dias depois o delegado o chamou. Tentou explicar, mas o delegado ria. Mostrou para ele uma foto – É você? Ele olhou e viu que era ele sem tirar nem por. Mas como? O delegado o chamou de tudo. Ele pensava no que estava sendo acusado. Estuprador, formação de quadrilha e oito assassinatos. Falou para o delegado que era inocente, morava em uma cidade do interior e sua identidade e CPF podiam provar. – Falso muito falso como você é seu filho da mãe seu merda! Falou o delegado. Três anos depois foi a júri. Viu o Padre Nivaldo e o Chefe Besouro assistindo o julgamento com lágrimas nos olhos. Foi condenado a 28 anos de cadeia. Recebeu a visita de ambos e eles lhe disseram que sabiam ele ser inocente. Tentariam provar, mas estava difícil. Contrataram um advogado e ele queria muito dinheiro para colaborar. Eles ficaram de voltar, pois pretendiam fazer uma quermesse e pedir donativos para ajudar a contratar um advogado.

Passaram-se doze anos. A vida de Zepeto acabou. Comeu o pão que o diabo amassou. Apanhou, sofreu sevícias e pegou uma tuberculose que o jogou na cama. Uma tarde recebeu a visita de uma senhora. Ela era advogada e Chefe Escoteira de um grupo na capital, e ficou sabendo do seu caso. Não iria cobrar nada. Conferiu seus documentos. Nenhum batia com o do bandido. Um ano depois Zepeto foi solto. Chefe Norma disse a ele que poderia pedir uma indenização do estado. Ele chorou. Só queria voltar para sua cidade. Ela quando ele partiu naquela noite no trem noturno, lhe deu a mão esquerda dizendo – Meu amigo, você é um Escoteiro valente. Coloque na sua cabeça que isto foi você quem pediu quando nasceu aqui na terra. Não guarde magoas de ninguém. Sei que vai ser difícil, mas tente. Zepeto chorou e chorava baixinho durante toda a viagem. Chegou a sua cidade de manhã. Ninguém o esperava claro, não avisou ninguém. Pegou sua mochila e foi a pé até sua casa. Encontrou lá uma senhora com seis filhos. Ela disse que tomou conta da casa, mas não tinha aonde ir. E ele? Ia morar onde?

Ela pediu se podia ficar ali, ele também podia ser mais um dos seus seis filhos. Dizer o que? Zepeto deixou a mochila e foi atrás de Juanito. Não morava mais lá. Procurou o Padre Nivaldo. Foi para outra cidade. O Chefe Besouro também não morava mais lá. No hotel de dona Eulália ela o recebeu ressabiada. Ele viu que não só ela, mas todos os antigos amigos do grupo faziam o mesmo. A cidade não era mais a mesma. Seu destino? Não sabia. Sabia sim que emprego ali nunca iria conseguir. Partiu duas semanas depois sem nada como chegou. Não sei o que aconteceu com ele, mas sei que a vida não foi o que ele sonhou. Um dia li no jornal que mataram um famoso bandido na capital. Vi a foto, parecia Zepeto. Depois soube que não era ele. O vi um dia trabalhando como peão de obra em uma construção na capital. Não falei com ele. Não havia o que falar...

Hã! Vida. Como dizia Carina Machado à vida nos reserva tantas surpresas, coisas que jamais imaginamos acontecer, lugares que jamais imaginamos conhecer, sentimentos que jamais pensamos em sentir... A vida é tão maravilhosa e ao mesmo tempo tão injusta... Perguntas, inúmeras perguntas sem respostas... Por enquanto...



A SAGA DE UM TROFÉU. (29)

Tomé o monitor da Touro ficou meses planejando o Acampamento no Vale do Beija Flor. Preparou seus patrulheiros como nunca e agora sabia que era uma questão de vencer e nunca perder. Nunca achou ser superior a nenhum dos outros monitores, para eles as patrulhas eram como se fossem irmãos. Mas o tempo vai demonstrando que nem tudo são rosas e que elas não dão em qualquer lugar. Durante todo aquele ano ele lutou com seus amigos da patrulha bote a bote, passo a passo, luta a luta para nos estertores de sua passagem na Tropa para os seniores, que conquistassem o Troféu Javali. Não era um simples troféu. O Chefe Muralha quando no início do ano mostrou a todos o troféu não teve um que não ficasse sonhando em ganhar tamanha honra de ser o melhor do campo. O troféu era lindo. Feito de couro marrom, tiras foram cortadas fazendo um belo entrelaçado para ser colocado no bastão guia. Tomé sonhava todos os dias com ele.

Liceu da Lobo não queria ser o segundo, para ele ou o primeiro lugar ou nada. Sabia do valor das demais patrulhas menos a Maçarico cujo monitor Tonon ainda estava verde e aprendendo a crescer na técnica e formação escoteira. Ele sabia que Tomé da Touro era páreo duro. Sabia também que Murilo da Corvo não ficava atrás. O troféu só poderia ser de um deles e de mais ninguém. Os pontos anuais foram anotados. Foram diversos acampamentos e em todos o empate da Coruja, dos Touros e da Corvo acontecia. Ninguém ligava para Tonon, pois não era páreo para eles. Liceu riu quando ele quase empatou no Acampamento do Rio das Pedras. Mas o último do ano seria diferente. Seria uma luta de gigantes, de monitores experientes, velhos mateiros que brincavam de acampar a muito e muitos anos. Todo ano uma patrulha era a primeira, uma disputa em busca do êxito que ninguém nunca pensou em desistir. Ele tinham que ser os primeiros e não havia para eles o segundo lugar.

Murilo da Corvo sabia que não seria fácil. Mas ele também sonhava dia e noite com o Troféu Javali. Era bonito demais, escrito a fogo “O Sucesso é para os fortes” fazia dele um sonhador, mas ele sonhava com os pés no chão. Quantas reuniões? Quantas atividades no Chapadão da Montanha? Quantas novas pioneirias, quantas artimanhas e engenhocas eles haviam treinado em segredo para ninguém das demais patrulhas verem? Ele conhecia de cor e salteado as normas e exigências de campo. Uniforme sempre a mão limpo e passado. Sapato limpo, meias com estrias retas, lenço bem dobrado, fivela do cinto brilhando. Isto no campo nunca foi empecilho. Nunca poderia faltar o lenço de bolso e o pente. Eles aprenderam e sabiam como fazer. Ele sabia que nos dois primeiros dias as pioneirias bases seriam construídas. Não importava o estilo e

sim o acabamento. Eram peritos na arte do encaixe e as amarras feitas só com três voltas. O difícil era a partir do terceiro dia. Tinham que criar novas pioneirias principalmente às engenhocas e artimanhas. Fáceis de fazer, mas teria que ser uma surpresa para o Chefe.

No terceiro dia de campo o empate era reconhecido por todos. Esqueceram-se da Maçarico de Tonon que os perseguia bem de perto. Na corte de honra feita a noite novas regras foram introduzidas. O Chefe Muralha disse que a contagem dos pontos seria diferente. Seriam seis itens somente. Dez ponto por item. Máximo de sessenta. Limpeza de campo, Oleamento e afiação das ferramentas de corte e sapa. Uniformes limpos e com garbo, Fogão Suspenso firme e pronto para usar, Apresentação pessoal com os objetos individual limpos e passados e finalmente a disposição à alegria e o espírito Escoteiro. O Chefe Muralha ia fazer a última inspeção sozinho. Desta vez os Monitores ficariam na patrulha. Foram dormir às onze e meia da noite. Dormir? E quem conseguia? Uma vontade enorme de levantar e começar a varrer o campo, passar sapólio e Bombril nas panelas, correr o campo de cima abaixo a procura de um objeto estranho.

As normas eram inflexíveis, não era permitido levantar antes das seis. Seis e cinco todos deviam estar no campo de patrulha fazendo a física habitual. Depois sim, liberado para café e preparação do campo. Eles no tempo livre do almoço, do banho e do jantar reviram tudo que podiam. Cada um sabia que nem uma agulha seria encontrada. Sabiam que o material individual estaria bem dobrado, do maior para o menor e tudo limpo. As barracas arejadas e peças molhadas no secador. À tarde do dia anterior ficaram horas lavando cada peça e deixando secar para depois passar a moda escoteira. O café foi engolido as pressas. Cada um tentava ver ao longe se alguma das patrulhas tinha feito alguma engenhoca ou artimanha nova. As amarras e as costuras da mesa, dos bancos, das camas, do fogão suspenso, do porta treco, da intendência foi revisada e novamente fixada. As fossas incrivelmente livres de bichos e mosquitos. O WC estava um brinco. O lenheiro bem montado. O Chefe foi recebido com honras Escoteiras. Revisou rapidamente patrulha por patrulha. Cenho franzido, um pequeno sorriso e lá foi ele para o campo de chefia terminar a contagem.

Cada patrulha tinha o coração nas mãos. Suspiros, pensamentos bons e maus. Cada um perguntava ao outro: - Será que ele achou alguma coisa? Os três toque do chifre do Kudu foi dado. Chamada geral. Patrulhas em forma cantando em direção ao campo do cerimonial. Bandeiras a postos. Patrulha de Serviço pronta para dar início ao civismo de campo. Tropa firme! Bandeira em saudação! Firme! Descansar... Um burburinho no ar. A Tropa ainda formada em ferradura. Gastão faz a oração. Como sempre linda. O vento sul sopra devagar. O Chefe toma posição na ferradura. Um Pica-Pau trabalha em um galho próximo e seu som se faz ouvir. - Escoteiros! Era a voz do Chefe Muralha. Uma surpresa, a Lobo, a Touro e a Corvo empataram. A maçarico foi a melhor. - Maçaricos formados em linha! Gritou o Chefe. Sorrisos no ar. O Troféu Jabuti foi entregue. Tonon chorava de contente. Todos se abraçavam.

Liceu, Tomé e Murilo não estavam tristes. Abraçaram a cada um dos valorosos patrulheiros da Maçarico. Fizeram questão de dar com eles o grito de patrulha. Às vezes a gente ganha e às vezes a gente perde. Faz parte, ninguém é

invencível. Não vamos rezar para uma vida fácil, vamos rezar por forças para suportar uma difícil. Não é a forma do gotejar da água que fura a pedra, mas sim a persistência incansável desta ação. Ninguém nunca pensou que os Maçaricos podiam ganhar, mas eles calados, trabalhando e sorrindo chegaram lá. Eles sabiam que Tonon era um grande monitor que agora reconheciam seu valor. Afinal o segredo do sucesso é a positividade, paciência, persistência e claro... Fé em Deus!

Sempre tenho firmeza em minhas atitudes e persistência em meus ideais, mas sou paciente. Não quero que tudo me chegue de imediato. Há tempo pra todo propósito! E tudo que é meu virá em minhas mãos no momento oportuno... Confio em Deus, pois aprendi a esperar. Uma competição de tirar o folego. Qual patrulha seria a melhor?



NAZARENO, O MENINO ESCOTEIRO QUE FALAVA COM O CÉU. (UM CONTO BASEADO NA DOUTRINA ESPÍRITA).

Eu era menino quando o conheci. Monitor de sua patrulha. Até dias atrás nem sabia o caminho que escolheu. Não foi santo e nem pecador, poderia dizer que nasceu em família errada, na cidade errada e na hora errada. Será mesmo? Afinal não somos programados para nascer conforme nossas escolhas? Nazareno nunca foi um crédulo, um homem de Deus. Na época ele não teve escolha. Como Escoteiro sempre foi considerado um menino sem conhecimentos religiosos a não ser o que aprendeu como coroinha da Paróquia São Geraldo. Sua mãe desejou que ele fosse padre, quem sabe um bispo. Sonhos de muitos pais em cidades do interior. Qualquer um podia ver que ele não nasceu para isto. Eu pessoalmente na época, sem nenhum conhecimento espírita achava que ele estava em contradição com as leis da natureza. Claro que tinha excepcional inteligência para sua idade e em alguns casos poderia afirmar que ou fazia milagres ou tinha parte com o demônio. – Deus me livre!

Nazareno procurava esconder suas habilidades em falar com os mortos. Ninguém sabia. Dizem hoje que a mediunidade faz parte da natureza. Que todos nós sem perceber somos médiuns, uns mais outros menos. Não vou entrar no mérito da

questão. Não estou aqui para escrever sobre uma crença, uma Doutrina, uma ideologia ou uma filosofia como querem alguns definir o espiritismo. Quem sabe Nathalia Wigg explicasse melhor: – “A maior mediunidade que um homem pode desenvolver é a capacidade de amar”. Como seu monitor sempre o achei taciturno, reservado e retraído. Brincava, cantava, mas não parecia estar ali junto com seus amigos da patrulha. Uma vez o encontrei depois da reunião chorando. Olhos cheios de lágrimas. Seu corpo tremia. Não dizia nada. Quando perguntei respondeu que eu não iria entender. Realmente ninguém entendia e nem a Corte de Honra soube explicar.

Eu menino escoteiro, morando em cidade pequena, praticamente católica como ajudá-lo? Quanta vez ao sair da barraca pela manhã, com o sol já despontando no horizonte, eu o avistava sentado em um lugar qualquer, olhando para o céu? Um dia me disse – Monitor sabe de uma coisa? Tem alguém me dizendo que se o amor se propagasse no mundo com mais força que a violência desaparecerá, a maneira das trevas quando a luz se lhe sobrepõe. Eu tinha treze anos, não entende nada do que ele dizia. Era um bom Escoteiro, prestativo, sempre ajudando a todos na patrulha. Quase não sorria. Lembro de uma vez em um fogo de Conselho que ele deu um breve sorriso com a brincadeira do Serafim. Isto mesmo, aquele que fica assim!

Um domingo em plena missa das oito todos levaram um susto enorme. A Tropa presente e ele foi até o padre e sem pedir subiu a púlpito e disse: - “Somos companheiros otimistas no campo da fraternidade”. Se Jesus espera no homem, com que direito deveríamos desesperar? Aguardemos o futuro triunfante, no caminho da luz. A terra é uma embarcação cósmica de vastas proporções e não podemos olvidar que o Senhor permanece vigilante no leme! – Todos ficamos estupefatos. Onde ele aprendeu? Um menino Escoteiro com chapéu na ombreira, olhando para o céu e de mãos postas dizer aquelas palavras? Era santo? Ou demônio? O padre ficou possesso.

Na escola sua professora Dona Neide, uma matrona dos seus quarenta anos sem filhos, magra, parecendo a Olivia Palito o pegou varias vezes de olhos fechados, escrevendo sem parar no seu único caderno que era para fazer a lição de casa. O diretor não entendia o que estava escrito. Eram vários rabiscos que precisariam ordenar para entender. E depois? Como explicar aquelas palavras? – Não foi uma só vez. Foram várias. Ninguém para explicar e ajudar. As brigas homéricas do padre versus professora versos pais versos chefes eram constantes. Ninguém se entendia. Aos quatorze anos Nazareno desistiu de tudo do escotismo. Pela primeira vez pensou em abandonar o Grupo Escoteiro. Gostava de lá. O único lugar que ninguém se preocupava com sua maneira de ser. O aceitavam como era. Mas havia outros que o chamavam de fingido, de criar inverdades e eu seu monitor tinha medo que ele um dia pudesse desaparecer na floresta ou um acampamento qualquer. Mal sabia eu que ele era assistido por milhares de espíritos protetores que iriam sempre lhe mostrar o caminho do bem.

Um dia sua mãe nos procurou e disse muitas inverdades. Culpou-nos pelo seu modo de ser. Achou que criamos em sua mente suas ilusões de falar com Deus e os mortos. Alguém soprou no ouvido dela e do padre que era mediunidade. A resposta foi a de sempre: – Mediunidade coisa nenhuma. Isto é coisa do demônio e vocês escoteiros são os culpados. Mal sabíamos nós que o fenômeno mediúnico já estava fazendo parte dele. Mesmo sendo uma criança a partir do momento que se deixa dominar a influência

espiritual está presente. Ainda bem que ele tinha amigos que o protegiam na espiritualidade. Sabemos que quando isto acontece pode um espírito qualquer ou um obsessor do seu passado tentar prejudicá-lo. Nunca vi em Nazareno ações destemperadas. Se fosse hoje poderia dizer que ele estava tendo comunicações mediúnicas na aceção da palavra. Mesmo que todos quisessem interromper esse fenômeno não iriam conseguir. E tudo seria tão simples com a oração, a pacificação, o desligamento do mal e fazê-lo desligar daquela ação.

O pior aconteceu. A família de Nazareno começou a ser estigmatizada. Todos passaram a evitá-los. Um dia ele me procurou chorando – Monitor tenho de sair. Meus pais vão mudar daqui. Nem sei qual cidade vamos e eles me pediram e ameaçaram que eu fosse normal lá. Monitor, eu sou normal! Nunca disse para você, mas vejo tanta gente morta quando ando, quando durmo, e ate aqui no grupo eles estão. Não fazem mal a ninguém. Muito mais tarde li que onde há um ambiente saudável, cristão, onde Deus está presente eles não fazem nenhum mal. Sabe Monitor, aqui encontrei uma paz que não encontrava na escola e nem em minha casa.

Eles partiram duas semanas depois. O tempo passou. Mês passado descia a Avenida Angélica e alguém me chamou. Olhei e reconheci Nazareno. Vestia simples, uma camisa verde desbotada e uma calça jeans velha. Calçava um sandália de couro. Convidou-me para um café. Contou-me sua vida depois da mudança. Seus pais morreram logo. Disseram que foi de desgosto. Monitor, aqui em São Paulo me casei e aqui criei meus filhos. Um deles é formado em engenharia. Eu e Linda minha mulher descobrimos um Centro Espírita próximo a minha casa lá no Bairro Santa Amélia. Gostei quando me aproximei deles. Gente simples. Não são um órgão centralizador. Apenas alguns princípios básicos que sustentam a Doutrina. Participo ativamente quando não estou trabalhando. Sou pedreiro e isto me dá o suficiente para minha família. Há algum tempo estou escrevendo. Ou melhor, psicografando.

Ele me convidou a ir a sua casa. Prometi aparecer lá um dia. Hoje sou um Kardecista e entendi perfeitamente a posição de Nazareno. Tenho seu telefone, penso ligar para ele, conversar, ouvir alguém com maiores conhecimentos que os meus. Desculpem os que ainda não professam a Doutrina Espírita. Não escrevi um conto com a intenção de catequizar ninguém. Respeito à escolha individual de cada um. Escrevi mais por recordar alguém que um dia me deu a luz para o espiritismo que conheço hoje. Como diz o nosso querido Chico Xavier: - “Acreditamos que o Criador nos fez rico a todos, sem exceção, porque a riqueza autêntica, a nosso ver, procede do trabalho e todos nós de uma forma ou de outra, podemos trabalhar e servir”.

Obs. Muitos dos escritos aqui foram anotados por Chico Xavier em suas centenas de livros.

“Acreditamos que o Criador nos fez rico a todos, sem exceção, porque a riqueza autêntica, a nosso ver, procede do trabalho e todos nós de uma forma ou de outra, podemos trabalhar e servir”. Por que será que a gente vive chorando os amigos mortos e não aguenta os que continuam vivos? A longo prazo todos estaremos mortos.



CHEFE JOE, O HERÓI DA F.E.B HOJE UM CHEFE ESCOTEIRO.

Chefe! Oh Chefe! Galo não tem dente! Eu rolava do chão de rir. – Aquele tinha e olhe uma dentadura de fazer inveja. Dentes enormes – ele dizia. Vida louca, alegre vivida com nosso querido Chefe Joe. Agora com os pés na água gelada do Riacho Grande ele nos encantava com suas histórias. Na cidade o chamavam de Comandante. Todos o respeitavam. Meu pai disse que ele foi piloto da F.E.B (Força Expedicionária Brasileira) e pilotou um P.51 – Mustang ou os famosos “Thunderbolts”. Meu pai dizia que ele tinha muitas histórias para contar das esquadrilhas e de seu slogan – “Senta a Pua”. Significava que o piloto tinha coragem e que na hora da disputa aceleravam o avião o mais rápido possível. Tudo mudou na tropa depois que ele chegou. Muitos escoteiros saindo, Chefe Nelson se despedindo a Tropa se acabando. Um dia ele chegou à sede. Cinquenta anos de vida. Loiro, magro, sem bigodes, cabelos embranquecendo, meio curvado, mas esperto se apresentou: - Chefe Joe da F.E. B! Um novo irmão de vocês!

Naquela noite de verão a Patrulha de Monitores estava acampada as margens do Riacho Grande. Cada dia melhor que o outro. Chefe Joe tinha tudo para nos atrair. Ele era demais. Isto nunca existiu. O Doutor Mamede Chefe do Grupo reclamou. O Chefe Joe deu férias para todos os escoteiros e ficou somente com os monitores e subs. Disse-me que sem bons Líderes de patrulha não podia haver uma tropa escoteira. – Em três meses chamo todos eles, prometeu Chefe Joe! Eu estava lá, apenas um Sub. Adorava o Chefe Joe. Chegava a sonhar com ele. Mudou tudo na tropa. Agora sim era escotismo o tempo todo. Excursão, jornadas, bivaques e acampamentos. Cada um mais gostoso que o outro. Aprendemos com ele técnica mateira que nunca sonhávamos.

Dez da noite, uma brisa gostosa uma pequena fogueira acesa. Um céu estrelado, cometas cruzando o espaço. Nossos olhos fixos no Chefe Joe. – Sua história era demais - Ventania tinha dentes, tinha mesmo- dizia. Podem acreditar. Ele me olhou e eu olhei para ele. Precisava dos ovos e ele o dono do galinheiro. Ficamos encarando um ao outro. Caminhei até o primeiro ninho e ele me deu uma esporada no braço. Sua esporada era enorme – Olhei para ele e disse - Quer briga? Não sabes com quem está se metendo! Sou um Comandante! Estive na guerra! Um galinho de nada me desafiando? Levantei os dois braços para impor respeito. Ele me deu outra esporada. A galinhada no galinheiro cacarejava como se estivessem rindo de mim. Galo maldito! Josenilton devia saber aonde ia me meter. Era o dono do galinheiro. Comprei duas dúzias de ovos e ele disse estar com pressa – Vá lá ao galinheiro. Tem muitos ovos. É só pegar.

A Patrulha rolava de rir. Chefe Joé era bamba em contar histórias. Durante o dia em um jogo ele nos fantasiava de tal maneira que a gente se achava ser mocinho, polícia, soldado, índio, ou o que for. Nossos acampamentos eram demais. Para nos adestrar como graduados e ser responsáveis pela patrulha. Ele dizia que era o Monitor dos Monitores. Precisam aprender a liderar. Nas Conversas ao Pé do Fogo ele balançava a cabeça ficava em pé se mexendo e dizia: - Tenho que liderar, tenho que liderar. Meu corpo depende de mim! Em pé! Firme! Então ele ficava ereto e andava em linha reta indo e voltando. - A gente não entendia, mas aos poucos seus exemplos e explanações nos faziam aprender a liderar com respeito. Um belo dia ele disse:

- O Dia chegou. Vocês estão preparados. Mandei chamar os meninos que dei licença. Não voltarão todos, mas acreditem em pouco tempo as patrulhas estarão completas. Agora façam com eles o que fiz com vocês. Sei que em breve teremos quatro patrulhas das melhores. Dito e feito. Agora era outra reunião, outra motivação. Claro que não era só nós os responsáveis. Chefe Joe participava de corpo e alma. Ele sabia como dirigir a tropa. Ele sempre repetia que a direção era dos monitores e não dele. Oriento, sou um irmão mais Velho. - Mas Chefe! E o Senhor, conseguiu ou não os ovos no Galinheiro do Josenilton? - Ele ria, seu sorriso era contagiante. - Achei melhor deixar os ovos lá. Se o Ventania defendia com tanto vigor seu lar não seria eu quem iria obrigá-lo a fazer o que não queria. Quando sai do galinheiro, ele se reuniu com outros galos, chamou as galinhas e deram uma tremenda vaia em mim! Kkkkkkk!

- Isto é mesmo verdade Chefe? - Claro ele dizia, quando voltei no galinheiro outro dia com o Josenildo ele se posicionou para briga. Não entrei. Não ia de novo brigar com Ventania. Josenildo me trouxe três dúzias e um pintinho. - Como recordação Comandante. Pode criar sem susto. É filho do Ventania. E não é que era verdade? Com dois meses os dentes começaram a nascer. Vendaval mora comigo até hoje. É meu amigo, meu companheiro e toma conta de minha casa como ninguém! - Pensei em pedir para ele nos mostrar o galinho Vendaval; Melhor não. Ele ia se sentir insultado. Durante cinco meses a tropa cresceu quatro patrulhas completas.

Uma tarde de verão Chefe Joe chegou à sede. Abriu o porta mala do seu carro, fez uma saudação Escoteira. Ninguém entendia, saltou de lá um galinho. Cheio de dentes. Era o Vendaval. Tal pai tal filho. Ninguém podia se aproximar. Foi uma surpresa das boas. O livro de Atas da Corte e das patrulhas ficaram cheios de relatos dos escribas. - Olhei para o céu. Um cometa passou brilhando deixando um rastro de luz. Em silêncio o Chefe Joe olhava o céu cheio de estrelas. Devia estar pensando quando pilotava seu Mustang nos céus da Alemanha. O Laranja dos foguetes zumbindo no ar, a cor purpura das explosões no céu, um piloto tentando escapar com seu paraquedas. Aviões que caíam como uma bola e fogo em meio da metralha da noite.

Uma noite na porta de sua barraca, onde ele construiu bancos baixos, um café na brasa um biscoito ele olhava para o céu e nos disse pensativo, voz baixa, olhos fixos em uma estrela: - Um dia quando precisarem compreender melhor uma situação, um problema, vejam as coisas com certo distanciamento. Se tiverem aborrecimento, injustiças, desgostos, sonhem que estão em um Mustang, subam com seu avião às alturas e olhem lá embaixo as pessoas. Tão minúsculas. Pequenas e nós somos tão grandes! Não precisamos preocupar com pequenas coisas. Eu fazia isto e olhe, meu

equilíbrio emocional voltava e a raiva desaparecia. Eu nunca tinha visto um Mustang. Eu criava um em minha mente. Seria um Teco-Teco? Sentia-me um verdadeiro piloto. Ria de mim mesmo ao me chamar de Comandante!

Deus sabe e o que faz. Trouxe-nos o melhor Chefe do mundo. Olhe não existe nenhum Escoteiro da Tropa Senta Pua que até hoje não se orgulhava daquela Tropa. Vejo-me ainda nas noites de verão, Ele chamando a Patrulha, e lá estamos nas montanhas nas campinas mais distantes em ravinas ou vales floridos a acampar com o Chefe Joe. Eu o vejo até hoje dizendo: - Patrulha de Monitores em ação! Amei aquela Tropa, amei aquele Chefe, até hoje me sinto menino Escoteiro aprendendo com ele Saudades do meu Comandante, do seu amor, amizade e um grande espírito Escoteiro como exemplo. E quer saber mesmo? Amo de montão o meu Comandante. O meu querido Chefe Joe.

Os pilotos da segunda grande guerra pintaram na carenagem do motor dos Thunderbolts O Avestruz Guerreiro do "Senta a Pua!" foi para a FAB o que representa o emblema "A Cobra Está Fumando" para o Exército, através das batalhas de Monte Castelo, Montese e outras, sustentadas e vencidas pelos heroicos pracinhas da Força Expedicionária Brasileira. Todos eles foram condecorados por atos de bravura pelo Governo dos Estados Unidos, por proposta do Comandante da 12ª Força Aerostática da USAAF, a quem o 1º Grupo de Caça estava subordinado operacionalmente no Teatro de Operações do Mediterrâneo.



A LENDA DO ESCOTEIRO FANTASMA! (32)

Esta é uma historia que me contaram em uma noite de pizza em Pirapora. Tem histórias que a gente não esquece tem outras que se vão como o vento soprando gelado em noites de inverno e não voltam nunca mais. Quem contou foi um Chefe com uma barriga enorme que quase não cabia na cadeira da pizzeria. Seu nome? Não lembro. Assim ele começou: - A historia começa um acampamento em Águas Formosas, próximo a Estação de Derribadilha da Estrada de Ferro Vitória Minas. Tínhamos passe livre e explorar áreas desconhecidas fazia parte do nosso habitat. Sem incidentes chegamos à Fazenda do Conde. Marcos Tulio o proprietário não estava. Sabíamos que podíamos acampar onde quiséssemos, pois seu telegrama respondendo a um pedido nosso dizia da sua alegria e satisfação em saber que escoteiros estariam acampados em suas terras. Completou dizendo que iria retornar ainda para nos cumprimentar em nosso acampamento.

Fizemos um programa simples, um campo suspenso, quem sabe com cozinha e tudo. O Senhor Marcos Tulio disse que a madeira não ia faltar fora o bambuzal que lá existia. Marcelo colocou no programa um pórtico que ele tinha visto em uma revista. O tempo era suficiente. Cinco dias quatro noites. Quatro horas após descer do trem estávamos chegando ao Vale da Serpente. Nostradamus o monitor riu quando soube do nome. – Bem ele não comentou da serpente portando acho que podemos acampar sem medo. Nossa intendência no saco de patrulha estava quase completa. Fazíamos questão de ter tudo  mão e confivamos em Lourival (tico tico) nosso intendente. Ele era bom nisso. Na fazenda Dona Sinh sabia da nossa vinda. – O Senhor Marcos Tulio já me informou da chegada de vocês. Ofereceu um pequeno almoço que aceitamos sem relutar. Sabíamos que até ter tudo mais ou menos arrumado no campo só depois das sete da noite. Gente fina Dona Sinh. Um belo almoço e p na taboa.

O local era maravilhoso. Um belo bosque, grama baixa e na subida da serra uma bela floresta nativa. Um córrego de águas límpidas e transparente passava próximo onde escolhemos nosso campo. Nostradamus comentou que se um dia voltássemos poderíamos trazer água ao campo da patrulha. Os bambus gigantes iriam servir para isto. Colocamos mãos a obra e nosso campo as oito já parecia uma bela casa de campo. Um pequeno fogão tropeiro e Juvêncio o cozinheiro já labutava com um belo sopo. Ele para mim era um cozinheiro fora de série. Anoteceu, jantamos e ficamos em volta de uma pequena fogueira. Dormimos cedo. No segundo dia começamos a desenvolver nossas pioneiras.  tarde já tínhamos a barraca suspensa. Também o toldo mateiro com os bancos e mesa. Hora do banho e fomos até a cascata que formava um belo remanso. Os peixes brincavam a tona. Um banho, muita alegria e muita diversão e voltamos. A rotina da noite. Como sempre Juvêncio nos reservou um belo jantar de linguiças fritas, uma farofa com ovos e um pão para cada um.

No segundo dia  tarde recebemos a visita do senhor Marcos Tulio. Simpático e alegre estava de uniforme. Dizia ter orgulho de ter sido Escoteiro e fazia questão de estar sempre uniformizado quando junto aos seus irmãos fraternos. Logo se foi e prometeu voltar à noite para uma conversa ao p do fogo. Mal acabamos de jantar e ele chegou. O Senhor foi Chefe Escoteiro perguntamos? Não ele respondeu. Hoje não mais. Mas achei que devia vestir o uniforme afinal somos irmãos de sangue. Já viram ele? – Ele quem? Perguntamos. O Escoteiro Fantasma! Rimos. Ele também riu e disse-nos para acompanhá-lo. Fomos juntos por uns quinhentos metros acima da cachoeira. Acostumamos com a escuridão e no caminho ele contou uma historia fantástica. Disse que quando jovem, um escoteiro amigo seu, caiu de uma árvore perto da ponte da Ravina Seca. Caiu de costas nas pedras do riacho. Morreu na hora. Foi um Deus nos acuda! Os pais inconsolveis.

A tropa passou meses sem se reunir. Acampamentos? Nem pensar. O tempo passou. Muitos esqueceram, eu não, dizia o Sr Marcos Tulio. Voltamos aos nossos acampamentos aos poucos. Dois anos depois acampamos neste local. Foram quatro dias. Tínhamos um medo enorme. Sempre nos lembrvamos de Nonato (Nonato era o escoteiro que morreu). No ultimo dia quando da realizao do Fogo de Conselho um fogo enorme na mata, levantamos correndo, mas a mata não pegava fogo. Nonato apareceu de forma gigantsca. Seu tamanho descomunal foi diminuindo, estava de

uniforme e chapéu escoteiro. Sorria e quando abria a boca parecia que fogo azul saia de lá. Seus olhos eram enormes. Chispas de fogo nos dois. Corremos a mais não poder até a barraca. Até o chefe correu. A noite inteira ninguém arriscou a sair da barraca. No dia seguinte levantamos acampamento as pressas. Nunca mais voltamos aqui. Não por medo mas eu não queria encontrar novamente Nonato.

Uma história fantástica. A gente sempre tem medo de fantasmas mas aquele relato tinha de ser averiguado. Falei com a patrulha e eles me deram a maior força só não iriam comigo. À noite fui sozinho até lá. Afinal Nonato se fosse Escoteiro era amigo e não iria me fazer mal algum. Na ravina avistei uma bola de fogo e logo depois ela se transformou em um menino. Sentado pescava com uma vara invisível. Aproximei-me e o chamei. Ele se voltou, desta vez não dava para aguentar. Seu rosto não tinha mais carne, só ossos. Tremi e já ia sair em disparada quando ele falou baixinho. – Não vá! Preciso de um amigo! Contou-me uma historia tão triste que não vou repetir para vocês para não impressioná-los. Nunca fui herói e nem valente. Quando contei para o Senhor Marcos Tulio ele sorriu. A patrulha incrédula dizia que precisa ver a verdade de tudo. Fomos à noite. Na ravina para espantar o medo todos cantavam baixinho e assoviavam. Eis que Nonato apareceu. Agora com rosto normal e afável. Soltava algumas faíscas pelos olhos e fumaça em suas orelhas. Assustador mas dava para aguentar. Ninguem disse nada. Ele deu um Sempre Alerta e todos responderam. Tentou cumprimentar mas sua mão estava queimando. Vermelhas como brasa.

Perguntei por que estava sempre em fogo. Ele disse que foi uma escolha sua. Era bom para espantar os caçadores e pescadores. Ficamos mais três dias e sempre recebíamos a visita de Nonato. Ele fez da Ravina Seca sua morada. Nos disse que amava o escotismo. Infelizmente onde morava não tinha nenhuma tropa para ele entrar. O medo acabou. Chegou o dia do retorno. Nonato tinha os olhos vermelhos. Pedia sempre para voltarmos sempre. Ele precisava de amigos. O tempo passou. Voltamos lá muitas outras vezes até que um dia Nonato disse que iria embora. Seu tempo ali acabou. Despedimos e ele se foi para sempre. A patrulha resolveu manter a história no anonimato. Ninguem precisava saber. Nunca contei a ninguém mas hoje me lembrei de Nonato. Quanto sofrimento. Espero que ele esteja ao lado de Anjos sobre as graças de Deus. Sei que vão achar que é invenção e não vou discutir. Mas eu gostaria mesmo de um dia rever Nonato. Aprendi a gostar dele.

A vida passa, as histórias ficam e a mente da gente vai pensando o quanto pode guardar dos tempos que já se foram. Ninguem pode fugir das chamadas do coração, se necessário estar pronto para a despedida ou um novo recomeço. Sempre com ânimo e sem lamurias. Dentro de nós mora um encanto que nos dá forças e nos ajuda a viver.



SÓ O AMOR SERÁ MINHA HERANÇA.

Ninguém notou naquela manhã de sábado a luz forte azulada que caiu mansa sobre a cidade de Purgatório. Poucos observaram um jovem alto com o uniforme social dos Escoteiros, atravessando a ponte de madeira com um sorriso contagiante, uma forquilha na mão, uma pequena mochila e passos que não tinham pressa em chegar. Era uma cidade simples, pequena, onde havia poucos jovens por falta de oportunidade profissional. Os mais velhos diziam que no passado havia muito amor, cortesia, fraternidade e amizade entre seus residentes. Ninguém notou também aquele jovem calmo, com passadas curtas, olhando para frente com um sorriso nos lábios cumprimentando a todos que encontrava. Ali ninguém notava ninguém. Purgatório tornou-se uma cidade dispersa, Seus habitantes mudaram de hábito e agora viviam para si sem pensar no seu próximo. Um poeta disse uma vez que era fácil sair com várias pessoas ao longo da vida. Difícil é entender que pouquíssimas delas vão te aceitar como você é e fazer feliz por inteiro. Difícil é ocupar o coração de alguém. Saber que se é realmente amado.

O jovem entrou na Rua da Tristeza onde havia poucas casas e na última entrou. Ele sabia que estava vazia. Desde que ele saiu dali a muitos e muitos anos pensou que mesmo dizendo nunca mais ele voltaria de novo. Ninguém o viu entrando em sua velha casa; - Na porta disse - Eu voltei, espero que me aceite, pois aqui é meu lugar! Quanto tempo se passou? Melhor não pensar e seguir seu plano conforme seu sonho durante todo o tempo que ficou fora de Purgatório. Ele sonhava em fazer dela uma cidade para todos poderem sorrir e amar seu semelhante. Abriu às janelas, as cortinas eram as mesmas, brancas de cetim com pequenos babados a enfeitar suas laterais. Os móveis estavam limpos, a cozinha um brinco, tudo bem lavado, asseado e bem cuidado. Fez um café no ponto. Uma pequena xícara e bebeu com gosto. Não estava com fome, deixou para fazer um lanche na sua volta. Estava quase na hora. Entrou no quarto e viu seu uniforme de campo solto e bem dobrado em sua cama e gostou do que viu. Bem passado como sempre foi quando o usava. O lenço ele dobrou devagar. Viu na parede o porta-chapéus com o seu bem acondicionado. Os sapatos foram engraxados e os meiões preparados na cadeira de vime ao lado.

Não precisava correr, sabia a hora que ia iniciar a contenda, mais conhecida como reunião. Ele já fora um deles, mas agora o passado era longo e o caminho que achou que não ia acontecer mudou de rumo como o vento que sopra para o norte e alguém lhe diz para ir para o sul. No seu subconsciente sempre achou que não teria mais volta. Vestiu seu uniforme como sempre vestia. O pequeno relógio de seu pai que abraçava a parede verde clara da saleta da entrada marcava quinze para as duas da tarde. Tempo suficiente para ele chegar e rever e resolver a contenda que seu destino o levava até ali. Na Rua da Angustia ninguém olhou para ele. Na Praça dos Piedosos não viu ninguém. Chegou à sede sorrindo, ninguém olhou para ele. Para muitos ele sempre esteve ali. Não era nada não era ninguém. Levantou as mãos e orou. Pediu a Deus em uma prece profunda que mudasse o coração da irmandade, que pensassem mais nos outros que em si. A cidade precisava mudar. Aqueles sorrisos de outrora, aqueles apertos de mãos, aqueles abraços tão gostosos não podiam ficar armazenados no coração das pessoas.

Ele sempre soube que o começo de tudo estava ali, naquele Grupo Escoteiro onde se acreditava em uma Lei, onde se dizia que há honra estava acima da vida e da morte. Onde a palavra tinha um dom de ser acreditado, pois a grandeza destas máximas não consiste em receber aplausos, mas sim em fazer por merecer. Todos se dirigiram a ferradura. Hora do Cerimonial. Hora da reunião da família escoteira hora da bandeira ressoar no ar. Ele ficou junto à chefia, não houve sequer um abraço um aperto de mão. Ele notou olhos tristes, faces angustiadas, enrugadas, sorrisos tortos, palavreado difícil para entender. Os lobos tentavam sorrir e não conseguiam. As patrulhas desleixadas, os seniores a conversar entre si. Os chefes não se olhavam e sentia-se que ali não havia amor, amizade, lealdade e os que estavam presentes eram como se fossem mais um dos fantasmas escoteiros que não se conheciam.

A bandeira foi içada. Não houve canções, hinos nada. Faltava o calor humano. Faltava um olhar carinhoso, faltava uma voz que unisse a todos outra vez. Ele pediu a palavra. O olharam como se fosse um estranho. Afinal agora era mesmo um estranho. Ele humildemente foi ao centro da ferradura, tentou olhar nos olhos de cada um para transmitir amor. Estava difícil, olhou para o céu e pediu ao Senhor seu Deus: - Dá-me Senhor: um coração vigilante, que nenhum pensamento vil o afaste de ti; um coração nobre, que nenhum sentimento indigno o rebaixe; um coração reto, que nenhuma maldade desvie; um coração generoso para servir. Senhor que cada um de nós possa amar uns aos outros, que possamos aprender a sorrir, a cantar a dizer aleluia Senhor por uma graça alcançada.

Um sorriso de um Lobinho se espalhou no ar, os gritos de patrulha eram gostosamente gritados pelos escoteiros de uma maneira exemplar. Os seniores davam risadas e abraçavam-se entre si. Agora eles contavam “causos” sorrindo e as guias aplaudindo. Um Chefe veio correndo abraçar outro Chefe chorando e pedindo perdão. Um zum zum se espalhou como o vento que soprava sem destino. Ele sorriu e olhou para o céu. Obrigado meu Deus pela graça que me destes. Permitiu-me fazer o meu melhor possível hoje E que eu almeje faze-lo ainda melhor amanhã. Ensina-me sempre que o dever, longe de ser um inimigo, é um amigo. Faça-me encarar até a mais desagradável tarefa, alegremente. Dê-me fé para compreender o meu propósito nesta vida e abra

minha mente para a verdade, e enche meu coração com amor. – Era hora de partir, ele sabia que ali tudo havia se alterado. Ele sabia que a cidade iria acompanhar, portanto era hora de voltar.

Fez questão de abraçar a cada um em particular. Seu aperto de mão era como se fosse fagulhas de amor e paz a jorrar no coração de cada um. No portão deu seu último olhar. Viu uma Lobinha sorrindo e dizendo adeus. Ele sabia que aquele adeus e o sorriso era o que sua alma precisava. Entrou em sua casa, uma pequena lágrima apareceu e correu pela sua face até desaparecer no chão que ele pisava. Agora era hora de partir, fechou as janelas, beijou um pequeno crucifixo que estava no quarto de sua mãe. Lembrou-se do seu sorriso que sempre lhe deu antes de partir. Saiu devagar pela Rua da Amizade, viu outra placa, tinham trocado. Passou pela praça e viu que se chamava Praça do Amor. Havia cheiro de perfume no ar, rosas sorriam para todos que passavam. A praça cheia, o povo a cantar. Na saída uma nova placa dizia: - Bem vindos a Portal da Esperança. Um clarão azul claro o levou de uma só vez. Ele com um sorriso lembrou-se das palavras de um poeta: - Ainda que haja noite no coração, vale a pena sorrir para que haja estrelas na escuridão...

Ele surgiu do nada, a cidade se perguntou quem era e ninguém sabia responder. Assustaram-se quando se dirigiu a Sede do Grupo Escoteiro. Ninguém o conhecia, era um estranho sem nome. Quando partiu deixou para traz um raio de esperança. Era como se tivesse escrito no céu que ainda que seja noite em seu coração, vale a pena sorrir para que haja estrelas na escuridão...



E O SONHO DE PATO MANCO SE REALIZOU.

Quando Pato Manco nasceu sua mãe virou as costas e disse – Não é meu filho! Todos ficaram embasbacados com esta exclamação. Uma mãe dizer isto? Quem sabe por que nasceu sorrindo e não chorou? Diziam na época que quando isto acontece o bebê é filho do Coisa Ruim. Bem os médicos não acreditavam nisto. No hospital de Ponte do Rio Verde ele foi bem tratado. Com cinco dias mandaram chamar Dona Neném e ela relutantemente foi buscar seu filho. Notou que uma perna era mais curta que a outra, um aleijado como filho? Batizou como Mítico da Anunciação Carneiro. – Dona Neném, não existe este nome. Mítico eu nunca vi! Ela foi irredutível. Onde teria achado este nome? Zózimo seu marido que morreu foi quem lhe contou de um tal Mítico que morreu de doença matada quando ele era menino. Aos trancos e barrancos ela o criou. Mítico custou para aprender a andar. Sua perna doía horrivelmente quando dava um passo. Ela lhe dava umas palmadas na bunda gritando – Anda vagabundo! Não vou carregar você à vida toda!

Logo que entrou para a escola todos os chamavam de Pato Manco. Que seja ele pensava, melhor que Mítico que foi apedrejado em sua cidade. Mas o que ele fez para isto? Ele pensava. Sua mãe nunca lhe contou. O pior era que ele sempre foi o melhor da classe e mesmo com seu esforço sua professora dona Naidles o olhava com um místico de desprezo. Pato Manco nunca perguntou por quê. Acostumou com a cidade quase em peso lhe virando as costas, jogando pedras e o chamando de coisas impúblicáveis. Quase não saia de casa a não ser para ir à escola. Sua mãe nunca lhe deu amor, carinho nada. Ele nunca cobrou, pois não sabia o que era isto. Achava que sua vida seria assim e não tinha motivos para reclamar. Nunca pensou o que seria quando crescesse. Não tinha amigos na cidade e só Vitória o olhava com um misto de piedade que ele não gostava. Vitória era da sua classe. Um dia ela sorriu para ele. Seguiu seu caminho, pois nunca poderia falar com ela. Sabia que por onde passasse todos iriam gritar alto e o chamar de Pato Manco. Que chamem pensou. Até o Padre Nestor não o olhava com bons olhos. Ele sabia o que aconteceu com Mítico em Arroio Seco e quando olhava para Pato Manco pensava estar vendo tudo de novo como se fosse um filme.

Pato Manco naquela manhã estava sentado no degrau de sua casa. Estavam em férias e não havia escola. Ruim, pois mesmo sendo maltratado ele gostava da escola. Ouviu o som de uma fanfarra. Impossível pensou. Só no aniversário da cidade ou no Sete de Setembro. No começo da sua rua ele avistou a fanfarra. Estranhou. Não era de sua cidade. Quando passaram em frente sua casa ele ficou embasbacado. Dezenas de meninos de calças curtas, Chapelão, um lenço no pescoço e uma mochila nas costas. Cada um tinha um pedaço de pau nas mãos. – Que coisa maravilhosa era aquela? Pensou Pato Manco. Não deu outra, como centenas de meninos da cidade ele foi atrás deles. Marchavam tal e qual o Tiro de Guerra. Ele sorria e mesmo sentindo uma dor terrível nas pernas não desistiu. Quando subiram o morro para o Bairro das Palmeiras ele custou a subir também. Ficou para trás, mas eles viraram para o Colégio Dom Bosco. No bosque estava um caminhão cheio de tralhas.

Em poucas horas eles armaram as barracas e muitos já faziam comida em seus fogões de barro. Pato Manco não pensava, agora ele só via, cheirava a comida, e sua audição pescava tudo que a meninada dizia. Falavam Sempre Alerta, falavam Monitor, cozinheiro e Pato Manco cada vez mais se apaixonava por eles. Alguém bateu em suas costas – Virou e viu uma menina da idade dele. – Quer almoçar conosco? Pato Manco ficou apalermado. Nunca ninguém dirigiu a palavra assim para ele e nunca o convidaram para nada. Aceitou e foi com a menina. Ela lhe deu um prato de esmalte, uma colher e um canequinho de esmalte. Sorriu para ele. Deus meu! Isto é a felicidade que tanto falam? – Ele pensou. Entrou na fila, comeu com todo mundo. Achou bonito todos rezarem. Ele não entendia nada, mas rezou também. Já estava escurecendo quando Seu Mateus o chamou. Sua mãe me mandou buscar você! Ele não queria sair dali, mas tinha um medo danado dela. Foi embora e todos os meninos e meninas apertaram sua mão e o convidaram para voltar lá no dia seguinte.

Pato Manco levantou cedo. Chegou lá quando eles faziam ginástica. Ele sabia que não conseguiria fazer. Mas quando terminou muitos dos meninos da Gaivota vieram lhe abraçar. Foram dias maravilhosos. Ele brincou com tudo que fizeram e até esqueceu um pouco sua dor na perna que sempre o fazia sofrer. Quando a noite chegou

o convidaram para um fogo. Nunca tinha visto nada vida. Foi o dia que chorou. Pato Manco aprendeu a não chorar. Ele sofria com sua perna, sofria com falta de amor de sua mãe, e com a meninada a jogar pedra nele na rua. Agora era diferente. Nunca pensou que podia existir uma fogueira assim, onde todos cantavam, riam, brincavam e faziam cinema em volta do fogo. De novo Seu Mateus a chamá-lo. No dia seguinte correu de novo para os Escoteiros. Quando chegou lá já eram onze da manhã. O bosque que estavam estava vazio. Sem perceber correu até a estação de trem. Eles estavam lá esperando para embarcar. Viu a molecada da cidade lá vendo os escoteiros partirem. Nem notou eles gritarem: - Pato Manco! Pato Manco! Ele chorava, pois perdeu amigos que o destino reservou para ele ter poucos dias somente.

Seu Mateus foi à estação procurá-lo. Pato Manco sumiu. O delegado mandou um investigador atrás dele na capital onde o grupo escoteiro visitante residia. Ninguém sabia dele. Disseram que deram adeus quando o trem partiu e o viram chorando e correndo junto ao vagão. Depois sumiu em uma moita de capim colônio. Dona Neném não chorou. Que ele suma para sempre! Só meu deu transtornos e infelicidade. Passaram-se trinta e cinco anos. Dona Neném estava com quase setenta anos. Entrevada em uma cadeira de rodas ela pedia esmolas pelas ruas da cidade. Na esquina da Avenida dos Perdizes com a Marechal Deodoro viu um enorme carro negro parando ao seu lado. A rua ficou cheia de gente. Uma senhora distinta de cabelos brancos com um chalé nos ombros desceu e junto a um homem de cabelos brancos, com um terno muito elegante e com uma bengala de prata foi até ela. Ela o olhou e não sabia o que dizer. Reconheceu logo o seu filho. Seus olhos ficaram marejados de lágrima.

- Mamãe, ele disse baixinho quase sussurrando. Mamãe. Eu vim te buscar. Está na hora de ir para casa. Dois homens fortes de terno e óculos escuros a pegaram e colocaram na limusine. Dona Neném não sabia o que dizer, só sabia chorar. Ali entre aquela senhora distinta e seu filho ela não tinha palavras. Só as lágrimas a machucar seu coração pelo que fez ao seu filho quando menino. Toda a multidão viram os três abraçados soluçando profundamente. O carro partiu. A cidade em peso lá - Alguém perguntou: Seria o Pato Manco? Um zum, zum percorreu a multidão. E a senhora distinta? Não seria a Vitória?

Saudade são águas passadas que se acumulam em nossos corações, inundam nossos pensamentos, Transbordam por nossos olhos, deslizam em gotículas de lembranças que por fim, morrem na realidade de nossos lábios. O “mais atroz das coisas ruins com pessoas más, é o silêncio das pessoas boas” “Não deixe o sol morrer sem ter morto o seu rancor!”.



A FANTÁSTICA “BANDA” DO MAESTRO MUNIR. (35)

Quando Escoteiro eu tinha um sonho. Ou melhor, dois, acampar no Pico da Bandeira e participar da Banda do Munir. Com treze anos um caminhão da prefeitura nos levou até Caratinga. Lá pegamos a Maria Fumaça para Caparaó (Águas que rolam nas pedras). Minha alegria não tinha limites. Afinal estive no Pico da Bandeira. Uma linda história para contar, mas fica para outra vez. Agora precisava entrar na Banda. Osso duro. Munir era magro e alto. Usava o chapéu Escoteiro virado, mas muitas vezes preferia uma boina preta tipo Montgomery. Eu nem sabia quem era esse tal Montgomery. Usava o uniforme caqui curto e uma bota cano longo. Sujeito estranho o Munir. Chamá-lo de Munir era briga na certa. Senhor Maestro Munir! Ele encarava você nos olhos, uns dois minutos, você não sabia onde esconder.

A Banda treinava todas as quintas feiras entre sete e dez da noite atrás do cemitério do Azarão. Um campinho de futebol, próximo à cidade, mas cujo barulho não incomodava os vizinhos. Só os coitados dos “defuntos”. A Banda não era grande, se não me falha a memória tinha quatro tambores, dois tambores-mor (daqueles enormes quase um metro de altura) cinco tarois, oito caixas claras, quatro bombos, seis cornetas e dois clarins. Clarins? O meu sonho. Um dia iria tocar um. Mas precisava ter curriculum na banda para pelo menos encostar um dedo nele. Munir era severo. Ria pouco. Um olhar dele gelava todo mundo. A Banda dos Escoteiros era famosa. Nas festividades todos aguardavam ansiosos a Banda. Passava em frente ao palanque das autoridades onde fazia evoluções e depois ia em algumas ruas para saudar os moradores que saiam para aplaudir a Banda dos Escoteiros.

Munir tinha pose dos oficiais ingleses. Aquele estilo militar que só eles tem. Com sua varinha, seu chapéu virado, sua bota cano alto a marchar à frente da Banda fazia gestos como se estivesse regendo uma grande orquestra. Ali ele era o Rei. Era exigente o Munir. Marchar bem, com honra, respeito, garbo e boa ordem. Bastava um para destoar e ficar fora da banda por meses. Sua palavra era a lei. Ninguém desfazia. Eu ia sempre aos treinos da Banda. Ficava ali abobalhado olhando cada um com seu instrumento. Sempre trinta minutos de ordem unida. Munir não gritava. Seus gestos eram graciosos. Sabia com perfeição fazer os sinais manuais de formaturas. Apito? Detestava. Na frente da banda um sinal seu e ela parava de tocar. Outro alguém gritava: Em frente marche! Todos juntos. Se alguém errasse valha-me Deus! Eu olhava tudo, caixas, tarol, tambores, bombos, cornetas, mas meu xodó era o clarim. Jasiel e Marquinhos eram os donos dos dois. Sentiam-se importantes demais para olhar para mim. Eram seniores corneteiros. Uma dádiva de poucos.

Só faltava ao treino da Banda quando ia acampar. Este era sagrado. Uma excursão, bivaque, acampamento sempre estiveram em primeiro lugar. Um dia achei em um pé de Manga, um galho que se cortado iria ficar igual a um clarim. Preparei meu instrumento medieval com carinho. Ficava em casa horas com ele na mão. Levava a boca, fingia que tocava, balizava e sorria. Sonhava em tocar a Alvorada, o Silêncio, o reunir, debandar e tantos outros toques. Decorei todos. A Patrulha me absorvia. Eu amava minha patrulha Lobo. Entre ela e a Banda só tinha uma escolha. A patrulha. Um dia tomei coragem. Cheguei em frente do Munir. Conferi meu uniforme, tinha que estar no ponto como se fosse uma inspeção. Munir era exigente. Posição de Sentido, meia saudação – Sempre Alerta Senhor Maestro Munir, gostaria de participar da Banda! –

Tinha treinado em casa em frente ao espelho como falar com ele. Se errasse ele nem na minha cara ia olhar mais.

Tomei um susto. Ele olhou para mim. Nem piscou. Cara fechada. Ficou também em posição de sentido. Bateu um calcanhar sobre o outro. Plok! Sinal Escoteiro estilo militar. - Quinta! As sete em ponto! Se chegar atrasado não venha nunca mais! - Sai gritando de alegria. Contava para todo mundo. A Patrulha me parabenizou. E agora como você vai fazer? - Fácil disse. Os treinos são as quintas e dificilmente saímos em atividade neste dia. Nos desfiles vão todos. Portanto dá para conciliar. - Não dá não disse o Romildo Monitor. Quinta agora não vamos acampar em Bom Jesus? É feriado lá e aqui. Minha nossa! Eu pensei e agora. - Bom Jesus ficava a vinte e cinco quilômetros de distancia. Sabia que íamos de bicicleta. Não podia perder meu primeiro dia na Banda e nem no acampamento. Tinha uma menina em Bom Jesus que me olhava e ria. Quem sabe estava ficando apaixonado?

Dito e feito. Na quinta às quatro da tarde voltei sozinho a minha cidade no meu cavalo de aço. Correndo como um louco estrada a fora. Cheguei no campinho as sete em ponto. Suando, cansado, mas com um sorriso no rosto. Posição de sentido e lá estava eu me apresentando ao senhor Maestro Munir. No primeiro dia só treino de ordem unida. Ele só me deu um tambor pequeno oito treinos depois. Terminando voltei correndo para Bom Jesus. Só três anos após comecei na corneta e o clarim. A embocadura demorei seis meses para adquirir. Meu sonho na Banda aconteceu. Toquei clarim por muito tempo. Quando servi o exército era com muito orgulho o corneteiro do dia. Nunca faltei a um treino, desfile e nem tampouco nas minhas atividades ao ar livre. Encontrei Munir muitos anos depois em Colatina. Ele bem velho. Eu com meus trinta e cinco anos. Olhou-me com aquela cara feia, ficou em pé, em posição de sentido. “Ploc” ouvi seu calçado bater. Sempre Alerta! Ele disse. Eu fiz o mesmo. Maestro Munir! Que prazer! Já com aquela idade ainda tinha medo do Senhor Maestro Munir. Ele riu. Nunca o tinha visto dar um sorriso. Abraçou-me. - Sabe Osvaldo, eu sempre gostei de você. Nunca o esqueci. Aquele abraço foi demais. Uma alegria pois nunca o vi dar um abraço em ninguém.

Os tempos são outros. As bandas não são como antigamente. Não existem mais os Maestros como o Munir. Sei de muitos grupos escoteiros que venderam ou doaram sua banda. Imposição dos dirigentes? Que pena. Dá para conciliar. Da para treinar sem incomodar. Até hoje olho com saudades os desfiles. Quando vejo uma banda fico “arretado” e “arrepido”, adoro isto. Na minha juventude a Banda símbolo era a dos Fuzileiros Navais. Tive o prazer de vê-la tocar muitas vezes. Mas os tempos foram passando, as bandas ficaram no esquecimento. As histórias de uma banda nos Grupos Escoteiros hoje quase não são contadas. Se eu pudesse, se meu corpo ajudasse eu teria um grupo. Um Grupo Escoteiro fantástico. Meninos vibrantes. Acampamentos mil. E mais o que? Claro, uma banda. Ia com certeza achar um Maestro Munir por aí. Que vida louca seria. Mas sonhos são sonhos. Com a minha idade não dá mais para que meus sonhos se tornem novamente realidade.

Sempre Alerta corneteiro! Toque por favor, para eu dormir o toque do Silêncio. E ao amanhecer o toque da alvorada! Adoro e quantos já ouvi quando a lua cheia rasgava o céu da noite cheio de estrelas ou quando o sol vermelho, escondido pelo orvalho da

noite, resolvia aparecer em um céu de brigadeiro. Quantas saudades... Se quiser faça silêncio, vou cantar para você a mais linda canção da alvorada de todos os tempos! Sei que irá adorar!



50 ANOS DEPOIS...

Parei o carro em frente à pensão Estrela. Fora uma nova pintura nada mudou. A Praça Dom Giovanni também há não ser as árvores que cresceram e estavam enormes. Havia canteiros de Tulipas, Rosas brancas que Jânio o Velho jardineiro tão bem cuidava. A Poeira fina que o vento trazia do Morro dos Vaqueiros era a mesma. Uma velha mina que de ouro não tinha nada. A Rua do Outono e a Ambares também. De resto tudo igual. Como sempre moradores a espreita nas janelas vendo quem chega e quem sai. Mesmo assim bateu uma saudade enorme. Porque voltei? Não tinha jurado nunca mais voltar? Eu dizia o que o Velho poeta acreditava: - Querido passado, obrigado por tudo que me ensinou... Querido futuro, pode vir! Seria isto mesmo? Antes achava que era por pouco tempo. 50 anos se passaram e agora já velho pensava em comprar uma casinha abrir um consultório e morrer em paz.

Olhei para a prefeitura, saudades do Benevides, um prefeito amigo dos escoteiros que nunca negou ajuda. Resolvi sentar um pouco no Banco da Praça para recordar. Valeria a pena? Um ar de jasmim cobriu de perfume o lugar onde sentei. Duas senhoras passaram me olhando espantadas. Eu sabia como era. Cidade pequena com os mesmo sinais e defeitos. Ou melhor, não seria uma qualidade? A Macaxeira estava enorme. Sua sombra era um convite para dormir. Senti uma pontada no peito. Eu nunca perdi as esperanças. A gente nunca sabe o que o amanhã vai nos trazer. Fechei os olhos e deixei a memória viajar no tempo. Era como se menino Escoteiro ainda estivesse ali vendo-a correr entre as flores do jardim, colhendo rosas, tulipas vermelhas... Além dela meu pensamento me fez recordar de Zé Antonio. Meu amigo, meu Submonitor da Patrulha Morcego. Sorria ao lembrar as aventuras na Serra do Lagarto, nas Montanhas do Falcão, nas várzeas do Quati. Lágrimas caíram. Lembrar não me fazia bem.

E os meus sonhos impossíveis com Andaluzia? Ah! Casar morar em uma casinha branca de janelas azuis. Sair pela manhã para meu consultório e ajudar os doentes mais humildes que não podiam pagar. Voltar ver a chaminé com sua fumaça cinzenta, sinal que ela fazia o jantar. Ela sorridente chegaria à varanda, com seu vestido de chita azul, me daria um beijo apaixonado e um sorriso entre palavras: - Meu amor, o jantar está pronto! Sonhos de menino Escoteiro, sonhos que nunca se realizaram. Passei a sonhar com ela noite e dia. Nos meus novos sonhos acabaram-se os acampamentos, as aventuras e jornadas a procurar novos rumos para explorar. Até

mesmo Zé Antonio meu amigo do peito sumiu nas sombras de minha mente. Eu só tinha pensamentos para Andaluzia. Sempre acreditei que um dia ela seria minha e seríamos felizes para sempre como nos contos de fadas.

Um dia ela se foi. Fiquei arrasado. Zé Antonio disse que ela fugiu com Capistrano. Logo ele? Um mau caráter, marginal nunca foi Escoteiro nunca foi amigo de ninguém. Porque Zé Antonio ela fugiu com ele? Será que ela não sabia do meu amor? Da minha paixão, dos meus sonhos construídos do nada para fazer dela a mulher mais feliz do mundo? Ah! Que saudades do seu beijo e do seu abraço que nunca tive saudades do seu sorriso do seu cheiro, meu Deus quantas saudades dela. Esqueci minha patrulha, meu cordão dourado os sonhos da Lis de Ouro. Isto agora não tinha mais importância. Meu mundo ruiu, acabou. Minha mãe nem ligava e nem queria saber o que eu sentia. Meus Deus! Que burrice que eu fiz. Peguei minha mochila, meu cantil, minha capa negra e parti sem rumo. Só por causa dela? Um benfeitor invisível me dizia: - Escoteiro você ainda tem uma vida pela frente um futuro incrível, sua estrada nunca terá fim!

Parti sem dizer adeus a ninguém. Nem mesmo a Zé Antonio. A estrada foi minha morada por muitos meses. Um ano depois parei. Sentei na beira do caminho e chorei. Por ela? Por minha mãe? Por Zé Antonio ou meus amigos escoteiros? Eu chorava por todos. Perdi os sentidos e cai na beira do caminho. Um Velho passou a cavalo e me socorreu. Acordei em um catre em sua cabana. Havia me alimentado. Ele sorrindo me perguntou quem eu era. Engasgado com o choro na alma não sabia responder. - Você pode ficar aqui enquanto quiser. Aqui sempre terá um lar. Eu estava magro, osso puro e quase não comia, mas aos poucos as recordações foram ficando para trás. Morei com ele quase três anos. Recuperei minhas forças, resolvi partir. Um dia antes ouvi um tossido forte, corri até ele. Levou a mão no meu peito e falou baixinho: - Sempre há outra chance, uma outra amizade, um outro amor. Para todo fim, um recomeço. Em seguida morreu em meus braços. O enterrei no sopé da montanha ao lado de Marta sua esposa que morrera anos atrás.

Parti rumo ao Rio de Janeiro. Trabalhei duro como ajudante de pedreiro, ajudei a construir arranha-céus, pontes avenidas. Não deixei de estudar. Com trinta anos me formei em medicina. Vez ou outra avistava escoteiros em ônibus, estradas, shoppings e me batia uma saudade enorme. Pensei em me apresentar, mas tinha vergonha do que fiz ao deixar minha patrulha ao léu. Um dia conheci Maria Bonita, casei, dois anos depois fugiu com um bancário e nunca mais voltou. Clinicava dia e noite. Muitas vezes sem cobrar. Fiz milhares de amigos. Os anos foram passando e resolvi voltar. A saudade de Andaluzia era demais. Quem inventou a distância nunca sofreu a dor de uma saudade. Teria este direito? Ainda teria amigos? Amigos da clinica choraram quando parti. Eu sabia que não haveria volta. Um vulto sentou ao meu lado no banco da praça. Barbas brancas enormes. Cabelos grisalhos. Um boné amarelo um sorriso que me lembrou alguém. Olá Juvenal ele disse. Olhei para ele. Meus olhos piscaram, era sim Zé Antonio, meu Sub Monitor.

Incrível este reencontro! Choramos abraçados. Conte para ele minha vida, ele contou a sua. - Vai para minha casa até achar um lugar para morar. - E o escotismo? Perguntei. - Até hoje mora no meu coração. Mas desde que você partiu, ele não foi o

mesmo. – Me convida a visitar? Perguntei. Ele sorriu. Bem vindo Doutor. Primeiro matar as saudades. Tenho a chave da sede. Vai ver que nada mudou. Queria perguntar, mas não sabia como. Não sei se ele iria entender. – Ele me olhou. Abaixou a cabeça e disse – Sei o que está pensando. Sim Andaluzia voltou cinco anos depois que você partiu. Nunca perguntou por você. Nunca perguntou por ninguém. Ela hoje vive na Casa de Repouso Dom Martinho. Lugar simples, doente dos pulmões não se lembra de ninguém. Pedi a ele que me levasse lá. Ele sorriu novamente. O passado não perdoa. Olhei para ele e nada disse. Amigos são assim nos atendem sem fazer perguntas.

Um novo momento um novo recomeço iria dar forma em minha vida. Não foi por isto que voltei? Não sei se o futuro seria melhor e nem pensava nisto. Meu pensamento era só ela. Um grande amor ressurgiu das sombras para o meu presente que sempre sonhei. O sol estava se pondo no Morro dos Vaqueiros. O mesmo sol de antigamente. Quem sabe um novo sol em minha vida? O futuro? Só Deus para dizer. A distância pode impedir um beijo, um toque, um abraço. Mas não pode impedir um sentimento. Eu queria ser feliz e tinha este direito!

O tempo não apaga o que é verdadeiro, assim como a distância não é o fim para quem ama. Quem parte também fica partido. Eu quero estar nos seus braços, segurar sua mão, sentir sua respiração, ouvir o seu coração... Eu quero estar com você. Uma história impossível. Um Escoteiro que nunca esqueceu seu grande amor e suas origens.



LINDOS E VELHOS TEMPOS!

Passava das onze da noite. Em volta do fogo alguns monitores e Leopardo um Chefe meu amigo me fazia companhia naquela noite na floresta do Ouro Negro. Ele aceitou meu convite para acampar. Sua tropa estava em férias e porque não estar ali como agora? O fogo crepitava leve. Pequeno, algumas achas e ao lado o bule de café. Navegador um Monitor mais antigo com uma pequena vara remexia as brasas da fogueira. Eu olhava como hipnotizado para as fagulhas que subiam aos céus e sumindo entre as árvores da floresta. Joshua parecia dormir sentado no tronco, mas eu sabia que ele via e ouvia tudo. Eu o conhecia de longa data. Mocinho já tinha ido dormir. Estava cansado e merecia o descanso da noite. Zé Lovênio Monitor da Águia me olhava como a pedir para continuar a história que contava. Nem sei por que contei aquela história. Quando me lembrava dela meu coração parecia chorar de lembranças que eu não queria recordar. Às vezes eu penso que um fogo aceso em uma clareira em algum lugar perdido na floresta que acreditamos ser encantada, um céu estrelado sem luar seria o introito para lembranças. Porque fui contar aquela história? Dizem que

a sabedoria dos velhos é um grande engano. Eles não se tornam mais sábios, mas sim mais prudentes... Ou não?

Não havia como fugir. Minha voz rouca começou novamente a narrar à história do Chefe Dakota. Ah Chefe Dakota! Minha mente voltou novamente ao passado. – Eu não sabia por que estava ali, na rua de alguém que não queria lembrar. Se quiserem saber eu passei em frente a sua casa sem perceber. Desbotada, um verde que ainda permanecia vivo, mas sem as cores de outrora. Quanto tempo estive ali? Nem me lembrava. Senti-me culpado. O jardim ainda era bem cuidado, sinal que ele não esqueceu seu amor pelas flores. Olhei de soslaio se havia alguém na janela. Não vi ninguém. Pensei em passar como quem passa pela vida sem olhar... Sem notar se estava pisando em flores para fugir de um passado que preferia não lembrar. Mas eu não seria o culpado? Não fui eu quem provocou sua saída do movimento? Acho que não. Tudo foi obra do acaso. Se pudesse se Deus me concedesse está dádiva daria minha vida para voltar atrás. Estaria ainda vivo? Tudo aconteceu quando eu tinha dezesseis anos e ele já com seus cinquenta e poucos.

Num ato sem esperar subi os quatro degraus que levava a varanda de sua casa. Por quê? Para zombar dele de um passado que eu queria esquecer? Ele merecia? Mas eu insistia na minha cisma de tentar ver se ainda estava vivo. Quem sabe poderia pedir perdão? Dizer para ele que eu era menino, sem pensar no que fazia, e se tivesse me mantido calado tudo seria diferente. Dizem que os velhos acreditam em tudo, as pessoas de meia idade suspeitam de tudo, os jovens sabem tudo. Bati leve na porta. Ninguém. Bati novamente e uma voz miúda quase sumida disse baixinho: - Entre! – Entrei. A sala não mudou. A poltrona de couro marrom lá estava como sempre. Tentei ver através da luz opaca encontrá-lo. Aqui! Ele falou. Olhei pra perto da janela. Era ele sem sombra de dúvida. Velho, alquebrado, em uma cadeira de rodas com uma manta vermelha e azul em cima das pernas. – Bem vindo Apoema! Saudades de você! – Incrível. Ele lembrava do meu nome! Bem o que fiz não se esquece jamais. Olhei melhor para ele. Rosto fino, magro, olhos fundos que não conseguia saber a cor. Pelos meus cálculos já devia estar com mais de noventa anos!

Fiquei sem voz. Não sabia o que dizer. A solidão é o preço que temos de pagar por termos nascido neste período moderno, tão cheio de liberdade, de independência e do nosso próprio egoísmo. Olhei para ele com os olhos rasos d'água. Ajoelhei-me em frente sua cadeira de rodas – Perdão Chefe Dakota! Perdão! Tantos anos deixei passar para dizer que me arrependo profundamente do que fiz! – Ele sorriu levemente. Falou baixinho quase sussurrando – Apoema, a juventude muitas vezes diz coisas que não quer dizer. Olhe comentam por aí que a sabedoria dos velhos é um grande engano. Eles não se tornam mais sábios, mas sim mais prudentes. Hoje eu compreendo você. Sei o que pensou. O errado sou eu! Minha mente correu no passado e tudo veio como se estivesse lá de corpo presente fazendo o que fiz. Eu sabia que durante a adolescência é vital repartir nossas experiências com pessoas que pensem como nós e que tenham o mesmo pique: - É importante sentir-se incluído num grupo, de pertencer a uma turma. Perde-se, no entanto, o convívio com pessoas de outras idades e de outros "planetas", que muito poderiam lapidar a nossa visão de mundo.

Claro, eu era outro. Mas pensei que ele queria me fazer mal. Entendi errado. Conte para os outros chefes minha visão do que pensei. O acusei de ser quem não era. Tudo porque ele docemente estava com as mãos em meu ombro e por causa de uma serpente sua mão correu minhas costas empurrando. Pensei que ele queria o que eu não era. Corri dali gritando. Ele tentou se defender e eu não o deixei continuar. Foi excluído do Grupo Escoteiro. Minha palavra de menino irresponsável valeu mais que a dele, um Chefe de caráter. Ele vendo as acusações resolveu sair. Deixou-nos órfãos de Chefe. Tudo por que eu o acusei injustamente. Entre iguais, tudo é igual. A vida ganha movimento é na diferença. Se você é rato de biblioteca, iria se divertir ouvindo as histórias contadas por um aventureiro experiente. Se você tem muita grana, ficaria surpreso em saber como dá duro o cara que trabalha de dia para poder estudar à noite e o quanto ele precisa economizar para tomar dois chopes no sábado. Se você é Escoteiro seria bacana que pudesse entendê-lo compreendê-lo, conversar com quem sabe o que faz.

O fogo se apagava querendo dizer que estava na hora de deixá-lo ao sabor do vento da floresta. Ninguém mais colocou uma acha para ele iluminar a clareira onde seis jovens e dois chefes pudessem curtir um conto que não era conto. Era mais quem sabe um desejo de se redimir, de pedir perdão, de arrependimento por um ato infantil de um jovem Escoteiro que sonhava e seu coração ficou doído por muitos e muitos anos. Lovênio levantou e nos disse boa noite e sempre alerta. Navegador o seguiu de cabeça baixa. Joshua me olhou, foi até a mim e me abraçou. Leopardo ficou em pé, a sombra da noite o apanhou de jeito. Parecia um gigante perdido na floresta das lembranças. Eu também o abracei. – Ele balançou a cabeça e disse baixinho. Pois é meu amigo Chefe, a saudade aperta... O futuro acorda, mas há coisas que a mágoa não afoga bons e maus velhos tempos em que a vida era um rascunho onde você anotava pedaços do destino. Antes éramos um só... Todos juntos num só caminho... À descoberta da existência de um movimento que até hoje deixa marcas profundas em todos nós...

“Fui dormir como quem não queria nada, mas sabia que todo caminho tinha lembranças e se eu não as encontrasse, minha jornada, meus caminhos não tinham razão de ser”.



O PREÇO DE UM SONHO. (38)

Qual o preço de um sonho? Afinal sonhar tem preço fixo ou paga-se em suaves prestações? Dizem os poetas que sonho não tem preço, mas realizar tem. Depende de cada sonho, têm os sonhos com valores simples, outros irrealizáveis dependendo do que foi escolhido para um pobre mortal que sonhou por sonhar... Ah

Bianca! Quantos sonhos tinha aquela menina? Sua mãe muitas vezes sorria e dizia – Filha põe os pés no chão. Você sonha demais. Quantas vezes na sala de aula ela se assustava com a Madre Genoveva a gritar em seu ouvido: - Acorde menina pare de sonhar. Você veio aqui para estudar. Fazer o que? Se ela tinha tudo sabia que não tinha nada. O pai um homem importante, rico, quase não ficava em casa. Sua mãe taciturna, a proibia de tudo e não lhe negava nada desde que com ela presente. No seu quarto não sabia quantos presentes recebeu. Era pensar e alguém comprava para ela.

Ela sabia que a inveja é um pecado capital. Nas aulas de religião o Padre Enzo ensinou. Mas ela invejava e muito Giovana, Lena e tantas outras. Pareciam livres, pareciam pássaros soltos no ar a voar em qualquer direção escolhida. Ela? Ela não. Um motorista ia buscar e trazer no colégio. Ir ao cinema com sua mãe e mais ninguém. Um dia ouviu o pai dizer que ela podia ser raptada. – Fica de olho mulher. É só ela que temos e não sei se aguentarei viver sem ela. Quando ouviu isto pensou por vários dias. Porque ele não fica comigo, não passeia, não conversa e só uma vez me deu um beijo no rosto no aniversário dos onze anos? Ainda bem que ela podia sonhar. Sonhava acordada em sair por aí, a passear, a ver rapazes e moças de sua idade na praça, em pequenos bailes que ela ouvia algumas amigas contar. Em casa se trancava no quarto. Chorava muito, mas depois dormia e então era hora de sonhar.

Um dia fez o que não podia. Um sábado não viu ninguém. Saiu pela porta e nem o segurança estava. Sua mãe também não. Vestindo uma blusa rosa, um jeans velho e sem agasalho resolveu dar a volta no mundo. Iria ser uma nova aventureira, porque não? Pela primeira vez se sentiu forte, valente, corajosa e agora sim era dona de si mesma. Andou devagar, virou várias ruas. Parou em sinais esperando o verde. Bom demais! Vibrava! Isto sim é que é vida pensou. Alguém no seu ombro pós a mão. – Olhou devagar. Isto nunca aconteceu – Menina! Eu tenho uma rosa, formosa, pode pagar qualquer tostão. É para minha patrulha, pois vamos todas acampar! Bianca ficou surpresa. Na algibeira tinha vinte reais. Deu a menina sorridente, de uniforme com um lenço azul da cor do mar. A menina sorriu. – Obrigada, não é muito? Não preciso respondeu Bianca. Posso conhecer sua patrulha?

Lá foram elas de mãos dadas pela Rua das Flores e em uma casinha pequenina outras meninas como ela brincavam de esconde, esconde. – Quer participar? Foi demais. Nunca Bianca teve tal liberdade. Foram horas de felicidade. Sim, o tempo, ele separa a alegria do compromisso e não nos dá a liberdade de brincar. Quando sonhamos queremos o sonhado para ontem de preferência, mas o tempo da vida é muitas vezes completamente diferente do nosso tempo interno e é nesta hora que outros fatores começam a minar a nossa confiança no nosso poder de realização dos nossos sonhos. Bianca se esqueceu de tudo. Tudo estava bom demais. A tarde foi chegando mansamente. E eis que de repente dezenas de radiopatrulhas cercaram a casinha das meninas que espantadas não entendiam por que. O seu pai chegou apressado, sua mãe com expressão severa. – O que fazes? Não avisas? Nos deixa pensando o pior?

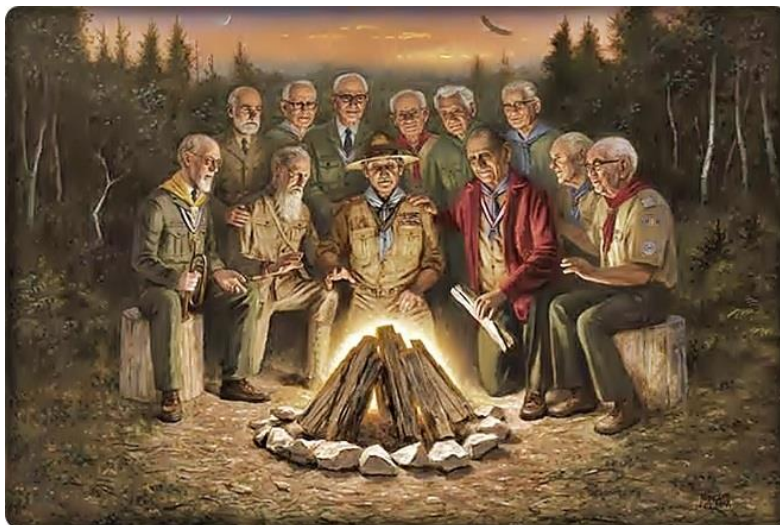
Bianca queria chorar, mas sua felicidade de horas foi tanta que resolveu sorrir. Se o tempo foi curto sua alegria foi demais. Agora tinha novos motivos para sonhar. Dizem que começamos a criar macaquinhos na nossa cabeça quando

resolvemos sonhar. Sonhos que um dia poderão ser verdade, mas será que vai dar certo mesmo? Será que quando eu alcançar isso vou me sentir feliz novamente? Pensou em pedir ao seu pai, a sua mãe, mas sabia que não iriam deixar. Pense bem, meninas de ninguém, você lá de família nobre no meio de gente pobre. Bianca pensava. Será que vale a pena tanto esforço? E assim começava o seu processo de autossabotagem de um sonho que não ia realizar. Se observarmos a natureza, existe nela tempo para tudo, temos as quatro estações, hora de esperar – inverno, hora de recriar - primavera, hora de deixar ir - outono, hora de se expor – verão.

A natureza é sábia, devemos usar desta mesma sabedoria, no nosso tempo para realizar o nosso sonho, o importante é você reconhecer se é isso mesmo que você quer isso mesmo que você sonhou, com todas as cores e detalhes. Feito isso, se entregue ao tempo da natureza, ela sabe o melhor momento para ser e será o melhor tempo para você também. Bianca naquela noite foi franca na sala de estar: - Ou me deixem participar ou nunca mais serei ninguém. Amo vocês, mas quero ser amada também, de outra maneira não do que estão a fazer dos meus sentimentos. Foi então que sua vida mudou. Bianca ficou amiga de Lena, que era amiga de Erico, que amava Giovana, que respeitava Enzo que era irmão de Lorenzo. Agora tinha uma patrulha para brincar, sorrir cantar e o melhor ir para as paragens do campo, da vida ao ar livre de poder voar como pássaros.

Seja quem você é e não quem o mundo deseja que você seja. Lute pelo que acredita, faça dos seus sonhos realidade. Bianca se tornou a menina mais feliz do mundo. Um cantil na algibeira, um lenço preso no arganêu. Um cinto de couro marrom, saia pelos campos como se fosse borboletas no ar. Não há mal que perdure quando nossos sonhos e desejos mora bem dentro da gente. Bianca agora escoteira aprendeu a sorrir novamente. Chega um tempo na vida que a gente aprende que ninguém nos decepciona, nós é que colocamos expectativa demais sobre o que pensamos. Cada um tem seu destino e a vida está aí para nos oferecer aquilo de bom que ela tem para dar!

Deixe que seus sonhos sejam maiores que seus medos. Aprenda a rir dos seus tropeços. E não esqueça as noites mais escuras produzem as estrelas mais brilhantes.



O REPOUSO DO GUERREIRO.

Ele sabia que não podia medir o tempo. Seus antepassados não lhe ensinaram. Mas ele sabia que muitas luas haviam se passado e seu fim estava próximo. Ele não foi o único, seus pais já tinham partido para as Terras Bravias do Sol Nascente. Agora seria sua vez. Seus dias estavam próximos a terminar. Não tinha herança, não trouxe ao mundo nenhum bravo da sua estirpe. Aplanã não deixou que Amanara lhe dessem filhos. Na tribo somente as lendas dos guerreiros passavam de pais para filho. Ele era uma lenda? Não era. Nunca foi. Era que era um simples índio que conhecia as histórias dos seus ancestrais; Conseguiu sobreviver de muitas guerras com os Tapuias, os Caraíbas e tantas outras tribos que sempre tentaram raptar suas mulheres e tirarem o que era deles. Foi o único que sabia conversar em Macro-Jê, Tupi e Arauak. Aprendeu nas guerras e nas inúmeras vezes que fora aprisionado. Acostumou-se a sentar embaixo da Aroeira que dizem os espíritos foi plantada por Aplanã, um valente guerreiro, que correu pelos céus como um raio flamejante a mil luas atrás. Seus olhos miúdos percorriam as inúmeras Tabas de sua aldeia. Quanto tempo! Nada é mais como antes. O homem branco não trouxe nada de bom.

O Grande Espírito já o tinha avisado que sua morte seria breve. Não tinha medo nunca teve. Já a enfrentara inúmeras vezes. Afinal fora um guerreiro cujo nome se espalhou por toda a Floresta de Akanã. Amanara sua mulher o olhava com carinho. Porque nunca tiveram filhos? Ele daria tudo para ter um herdeiro que levasse seu nome através da história. Que pudesse narrar seus feitos. Sabia que quando fosse para as Terras Bravias nada sobraria de sua vida na terra. Seus pensamentos velejavam através das nuvens brancas espalhadas pelo céu. Teria milhares de coisas para recordar. Viveu uma época que hoje seus descendentes não irão viver. O homem branco agora mandava. Eles não passavam de meninos obedecendo ordens o que fazer e que comer. Muitos da sua tribo se tornaram homens sem valor. Bebiam, faziam arruaça, viajavam e diziam representar a tribo. Nunca seriam nossos representantes. Eram sim de si próprios em busca de facilidades que um verdadeiro guerreiro desprezaria.

O viu chegando em uma jangada de piteira atravessando o Rio Morcego. Sempre fora assim desde a primeira vez. A cada vinte ou trinta luas ele aparecia. Lembrou quando o viu jovem ainda, sempre com cabelos brancos soltos ao vento, olhos pequenos azuis, um chapéu esquisito, um lenço amarrado no pescoço, um calção da cor da camisa parecida com a folha de bananeira desbotada. Uma meia que ia até os joelhos e uma botina preta. Desceu de sua jangada e fez o sinal de paz. Não disse mais nada. Ele não falava muito. Aproximou-se de mim e levou sua mão esquerda ao meu coração. Como ele sabia? Nos velhos tempos só os fortes entre os mais fortes se saudavam assim. Fiz o mesmo que ele e um sinal a Ibareta um amigo aquele que veio do céu para que não o matasse com sua lança. Um homem branco nunca fora bem recebido na Aldeia. Uma época que os Bororós eram temidos. Cabelos da Neve sentou embaixo da Aroeira. Cruzou as pernas como se fosse um de nós, tirou de seu bernal um cachimbo pequeno e o fumou por horas. Não disse nada. Chegou calado e calado ficou. Lembro que Amanara levou-lhe uma cuia com cuscuz cozido e ele comeu com gosto.

Otinga o Pajé logo que a noite chegou começou uma pajelança pela cura de Oititaba, um jovem que caiu da Pedra Solta bem depois da curva do rio Morcego. O viu

bebendo o tafiá e mesmo evocando os espíritos de seus ancestrais e muitos animais da floresta não houve cura de Oititaba. A tribo dançou com ele freneticamente e fez as mímicas conhecidas do animal que estava incorporado a Otinga. Oititaba morreu pela manhã. Cabelos da Neve recusou dormir em alguma Taba ou mesmo na sua. Dormiu ali embaixo da Aroeira sob o calor de um pequeno fogo que fez. Não o vi pela manhã. Ao raiar do dia tinha partido. Sua jangada não estava apoitada na areia branca do rio Morcego. Passaram mais de vinte luas quando ele voltou. Parecia mais velho assim como eu. De novo nos cumprimentamos e pouca conversa. Seu silêncio me agradava. Apontou a Montanha dos Abutres. Por sinal por a mão em meu peito e me convidou sem falar a subir até o topo.

Não podia ir. Minhas pernas recusavam a obedecer. A tribo aprendeu a admirá-lo. Com seu chapéu cuia colocou sua mochila, atravessou seu bernal e partiu rumo à montanha. Uma semana depois voltou. Descansou por algumas horas e em sua Jangada sumiu nas águas tranquilas do Rio Morcego. Mais uma vez fiquei só. Ou melhor, sempre estava só, mas quando Cabelos da Neve aparecia havia no ar um encantamento que toda tribo sentia. O passado não perdoa o presente. Éramos milhares e hoje? Um punhado que vinte ou trinta tabas acomodavam todos. As nações indígenas foram dizimadas. Caçar, plantar, pescar já não era a maneira correta de sobrevivência. Um posto da FUNAI nos dava o que Comer. Parecíamos mendigos sem nome, sem honra a depender do homem branco a nossa sobrevivência. A nossa terra não era mais nossa. Nossas crenças desapareceram. As forças da natureza que nos impeliam aos nossos antepassados não existiam mais. Os espíritos dos ventos riam de nos. Deuses e espíritos fugiram das nossas cerimônias, dos rituais e festas. O Pajé era uma figura que ninguém mais dava valor.

Na vigésima lua desde que ele se foi fiquei doente. Muito. A pajelança não adiantou. Era questão de dias para me encontrar com os espíritos dos meus pais e dos meus ancestrais. Já tinha passado o meu poder de Cacique ao Conselho da Tribo. Cabia a eles agora escolher quem devia conduzir a aldeia, as mudanças e as guerras se elas tivessem que existir. A mim me restava à lembrança do que fui e do que sou. Preferia não olhar o mundo ao meu redor. Quanta injustiça, quanto sofrimento e dor. Eu sabia que todo mundo temia a morte, mas o índio ria dela. Um guerreiro tem de saber enfrentar tudo a qualquer hora. Para ele o amor, a indiferença e a ambição não seria uma lança cortando o ar procurando seu coração. Mesmo nos meus últimos dias eu ainda me considerava um guerreiro. Vieram me dizer que ele chegou. Cabelos da Neve com seu chapéu esquisito cumprimentou-me a moda índia e a mão no meu coração. Na taba em que eu agonizava ele sentou com as pernas cruzadas. Tirou seu cachimbo e rolos de fumaça encheram o recinto.

Deixaram-me a sós com ele. Ele me olhava e eu a ele. Tirou o chapéu e fez uma espécie de saudação. Com as mãos no peito começou a cantar baixinho uma canção. Dizia que não era mais que um até logo, não era mais que um breve adeus. Eu não o ouvia mais. Meu espírito abandonava meu corpo e me vi junto aos meus ancestrais. Eram centenas de amigos que agora estavam ali nas Terras Bravias do Sol Nascente. Voltei um dia depois como espírito. Meu funeral não teve nada diferente. Envolvido na rede dentro da minha maloca, fiquei por dois dias. Nivelaram a superfície da minha sepultura com barro socado. Quando me retiraram a maloca foi queimada. Seria

abandonada para sempre. Todos os meus pertences estavam comigo. Em cima da minha sepultura Cabelos de Neve colocou uma placa de metal em formato de uma flor de lis. Todos já tinham ido e ele permanecia sentado de pernas cruzadas, fumando seu cachimbo e olhando para o céu. Eu o ouvia cantar a mesma canção: - Não devemos perder as esperanças de um dia tornar a nos ver.

Uma semana depois ele se levantou. Deu um leve sorriso, fez o gesto de amizade colocando a mão esquerda no meu coração invisível. Fiz o mesmo com ele. Parece que ele sabia que eu estava ali, pois disse baixinho que breve, muito em breve tornaremos a nos ver. Entrou em sua jangada e partiu nas águas calmas do Rio Morcego. Conta-se que muitas luas depois os dois guerreiros se encontraram nas Terras Bravias do sol Nascente. Dizem que até hoje ficam sentados e sorrindo na sombra da Aroeira que um dia pertenceu à tribo dos Bororós e que hoje não pertence a mais ninguém.

"Procure conhecer-se, por si próprio. Não permita que outros façam seu caminho por você. É sua estrada, e somente sua. Outros podem andar ao seu lado, mas ninguém pode andar por você." - Quem sabe uma das mais belas histórias indígenas que já escrevi. A história da amizade de cacique e um Escoteiro que ficou marcada entre os dois para sempre.



UM LINDO ALVORECER NA MORADA DA TERRA DO SOL.

Tinha voltado da minha incrível caminhada de quinhentos metros. Estava cansado, respiração ofegante e tomava meu café quando bateram palmas na porta de casa. É sempre assim. Religiosos nos chamando para dizer se queremos ouvir a palavra do Senhor. Porque não? Gosto de vê-los lendo os mandamentos de Deus. Quando acontece descanso em uma cadeira, pois ficar em pé é difícil e ouço com amor, e olhem, evito dizer que sou espiritualista. Eles não gostam. Afinal ouvir é bom e não prejudica ninguém. Mas naquele dia não eram eles. Cheguei à porta da sala e vi no portão uma figura imponente que até me assustei. Cabelos brancos compridos até o ombro, barba branca bem penteada e uns olhos azuis que chamuscavam que olhava diretamente para ele. Vestia um tipo uniforme britânico, marrom, muitas medalhas e um chapéu esquisito na cabeça. Tinha um pequeno lenço verde amarrado no pescoço. Estranhamente em vez da bota de cano alto calçava uma sandália de couro sem meias. Trazia nas mãos uma forquilha. Nossa! Que forquilha! Linda, marrom e cinza, e onde o V fazia uma curva acentuada parecia estar cravejadas de pedras preciosas em delicioso arranjo.

Quem seria? Nesta cidade grande todo cuidado é pouco. Loucos, assaltantes, pedintes, vem às centenas bater em nossa porta. Mas o sorriso do "Velho" era cativante. Cheguei mais perto. Um perfume de flores do campo veio até a mim. O "Velho" sorriu e sem eu esperar me disse – Posso lhe dar um abraço? Fiquei estarecido! Nunca ninguém bateu em minha porta oferecendo um abraço! Peguei as chaves, abri o portão e ele entrou como se estivesse entrando em um castelo de Reis. Encostou a forquilha encantada na parede e me deu um abraço! Gente! Que abraço. Eu com meus 75 anos me sentia como se fosse um menino sendo abraçado pelo pai. Fiquei sem jeito. – Aceita um café? Perguntei – Obrigado. Mas não podemos perder tempo. Vou levar você para ver o alvorecer na Morada do Sol.

Assustei-me. Tenho que tomar cuidado, pensei. Pode ser alguém com acesso de loucura – Ele como se estivesse lendo meus pensamentos sorriu e disse – Você precisa vir comigo. Sei que Dona Célia está fazendo a feira e volta logo. Mas estaremos de volta antes. – Pegou-me pela mão e sem fechar o portão saímos voando, ele me segurando, eu assustado! Ele soltou minha mão. Gente! Eu “volitava” sozinho no ar como se já tivesse feito isto há muito tempo. Em segundos estávamos em uma montanha, onde as árvores eram lindas, as folhas de um verde que nunca tinha visto e lá no alto um pico envolto em nuvens que para dizer a verdade, fez meu coração disparar. Lindo! Uma montanha das mais lindas que tinha visto – Como chama? Perguntei. – Você conhece você já esteve aqui. Serra do Sol Nascente. A morada do sol – Me lembrei. Mas não era assim! Eu disse. Ele me olhou e carinhosamente disse - Porque você só viu o que queria ver!

De novo me pegou pela mão. Em segundos estávamos em uma cachoeira de uma beleza sem par. Linda mesmo. Uma névoa branca como se fosse orvalho caindo se formava em sua queda, o barulho da queda era como se fosse uma orquestra de cordas tocando maravilhosamente “The Lord of The Rings” e eu ali pensava – Devia ser um sonho. Pássaros dançavam balé fazendo acrobacias. – Onde estamos? Perguntei! – Na Cachoeira da Chuva, você já esteve aqui! – Como? Não vi nada disto que vejo agora. - Porque você só viu o que queria ver! De novo lá fomos nós a voar pelo espaço e em segundos chegamos a um vale, todo florido, flores silvestres de todas as cores que nunca tinha visto com um perfume inebriante, e a brisa leve tocando as pétalas e elas dançando ao sabor do vento. – Onde estamos? Perguntei! – No Vale Encantado da Felicidade. Você já esteve aqui. Muitas vezes acampando. – Não lembro, não lembro que fosse assim! – Porque você só viu o que queria ver!

E lá fomos de novo voando nas nuvens brancas do céu. Descemos e ficamos a sombra de um lindo castanheiro. Era madrugada. O orvalho caia calmamente. Uma brisa fresca tocou-me o rosto. Foi então que assisti o cantar da passarada quando a manhã chega lépida e insistente. Havia beija flores, Tico-Tico, Sabiás, canários amarelos, pardais graciosos, uma multidão de pássaros pulando de galho em galho e com suas gralhas graciosas a cantar para todo o universo naquela bela manhã. Onde estamos? Perguntei – Não reconhece? O castanheiro do quintal da sua casa no passado; – Mas não era assim, eu disse. Ele gentilmente respondeu – Porque você só viu o que queria ver.

E assim ele me levou a longínquos lugares perdidos neste mundo de Deus e sempre a me dizer – Você já esteve aqui. Por último, fomos até uma nuvem, enorme, milhares e milhares de escoteiros sentados, cantando canções sublimes. – Que lindas canções são estas? – As mesmas que você cantou sempre. Mas muitas vezes gritadas, sem nexos e você não procurou ver a beleza da melodia que elas possuíam, pois você só ouviu o que queria ouvir!

Voltamos e como se eu fosse um pássaro alado no seu pouso encantador, avistei o meu portão e ele sorridente me disse – Procure ver as coisas como são, procure sentir a beleza das cores, do arco íris, dos lindos sonhos que acontecem com você. Procure ser sincero e diga a si mesmo que a beleza da vida e a felicidade sempre estão ao nosso lado. As cores são belas quando sabemos olhar com amor. Os cantos são belos quando sabemos diferir a letra e a música tocada. Os pássaros são sempre os mesmos, mas saber ver neles a beleza e a singela simpatia que eles têm é uma arte fácil de ser observada. Seus cantares e seus gorjeios sabem que transmitem amor e felicidade. – Ele me olhou e disse – Posso lhe dar outro abraço? E me apertou em seu corpo e de novo senti que era meu pai me abraçando. Saiu calmamente pela rua, escorando na sua linda forquilha cravejada de brilhantes e ao chegar à esquina, virou-se e deu-me um último adeus com o sinal escoteiro. Uma pequena nuvem apareceu e o levou ao céu que agora era de um azul profundo, tão azul que pensei que nunca tinha visto aquela cor como agora.

Sentei na cadeira de sempre na minha varanda emocionado. A Célia chegou. Sorriu para mim e disse – O que foi? Porque esta sorrindo assim? Sabe Célia, porque sempre vi o que queria ver e agora procuro ver as coisas como devem ser vista. Nunca tinha observado como você é bela, a mais linda mulher que conheci! Fiquei em pé me aproximei e disse – Posso lhe dar um beijo e um abraço?

Não deixe que as pessoas te façam desistir daquilo que você mais quer na vida. Acredite. Lute. Conquiste. E acima de tudo, seja feliz. Para os dias bons: sorrisos. Para os dias ruins: paciência. Para todos os dias: fé. A vida não tem replay, aproveite cada momento!



A ESTRADA DO FIM DO MUNDO.

(Dizem que a lenda supera a realidade. Muitos diziam que encontraram esqueletos com facas de madeira fincadas no coração. Outros diziam que a estrada levava a Ushaia, mais conhecida como a estrada do Fim do mundo. Quem por ela passava nunca mais

voltaria. Covas de vampiros, esqueletos fantasmagóricos, um cemitério bizarro uma passagem entre montanhas e escarpas que todos chamavam do Vale do medo. Bruxaria? Caixões em miniaturas vazios, mas soltando uma fumaça vermelha? Mentira ou verdade, mas toda a população da cidade de Fonte da Saudade evitava passar por ali!).

Até hoje todos se perguntam por que ninguém se preocupou quando Sarah atravessou toda a Rua do Alencar de uniforme, com uma mochila as costas um bastão as mãos e um sorriso de quem ia descobrir o mundo. Não era uma rotina para os moradores tal fato, mas os escoteiros eram conhecidos que já nem se falava mais no que eles representavam para a cidade. Muitos sabiam da lenda da Estrada do Fim do mundo, mas era apenas uma lenda. Contavam as centenas de casos de desaparecidos, de discos voadores, de luzes coloridas que transportavam os meninos para uma cidade existente no espaço sideral. Os mais idosos falavam do Cemitério Maldito, das bruxas de olhos vermelhos, de esqueletos em cada curva do caminho. Ninguém acreditava e diziam que eram apenas histórias. Nada havia sido provado até hoje. Tomukan e Jardel tinham um sítio logo no início da cidade. Nunca passaram pela estrada a noite sempre ao sol do meio dia. Uma estrada praticamente deserta e arriscar para que?

A cidade se regozijava com os escoteiros. Faziam de tudo para alegrar a comunidade com Fogos de Conselhos, desfiles, apresentações teatrais e muitos chefes se reuniam aos sábados e domingo no Coreto da Praça para contar histórias. Os lobos e lobs as Escoteiras faceiras, os escoteiros cantantes, seniores guias e pioneiros. Uma juventude serelepe voltada para o bem e para o amor fraterno. Um dia sem ninguém esperar um Chefe desconhecido subiu no coreto e sério pediu silêncio. Ninguém sabia quem era bem uniformizado sim, mas seu semblante se visto mais de perto parecia com a cara do diabo. Mas diabo tem cara? Sei não. Dizem que muitos já o virão e outros que querem ficar longe dele. Todos se assustaram e prestaram atenção ao que ele dizia. – Um conselho ele disse, não se arrisquem, não facilitem os demônios que podem levar vocês. Nunca em tempo algum escolham a estrada do Fim do Mundo para escoteirar!

Se ele não tivesse dito isto nada teria acontecido. Mas Sarah sempre persistente para ver o que não deveria disse a sua patrulha que iria excursionar na Estrada do Fim do mundo. Todos conheciam Sarah. Sabia dos seus medos e de sua luta em vencer a todos eles. Quando ela partiu e não voltou à cidade ficou em polvorosa. Era um corre-corre sem parar. Os escoteiros foram os primeiros a procurar. Dona Ana Lobato foi quem contou que a viu indo para a estrada do Fim do Mundo. Quem se arrisca? O Chefe Lobo Cinzento sorriu. - Deixa comigo disse. Vinte dias depois voltou todo rasgado, ensanguentado, desgrenhado e com os olhos arregalados e o pior: - Mudo. Não falava nada. Os bombeiros da cidade deram uma voltinha no início e a grita que ouviram ao longe fez todos correrem para suas casas. O Prefeito Done Branco pediu a ajuda do exército. Tanques deixaram marcas e nada foi encontrado.

Os Touros estavam calados. Em reunião de Patrulha Tarquino falou baixinho – Sarah era das nossas. Deixar que o diabo tomasse conta dela? Afinal e nosso orgulho? Jiparanã, Joviel, Calixto e Catapora se entreolharam. – Vamos ficar sem fazer nada? Não tinha jeito. Calixto levou dois facões, Catapora quatro canivetes. Jiparanã lixou a ponteira de aço de seu bastão. Joviel era franzino. Não estava com medo, mas enfrentar

a capetada não era fácil. No baú do seu pai ele sabia que tinha um enorme crucifixo. Seria ele sua arma principal. Na Rua do Alencar ninguém queria olhar. Eram cinco escoteiros que passaram bem ligeiro rumo a Estrada do Fim do Mundo. Todos sabiam que sem Sarah não iam voltar. Nem bem escureceu quem olhasse bem a frente da Estrada do Fim do mundo iria ver um clarão vermelho, gritos e sussurros. Quase dois dias e o céu continuou vermelho e as estrelas pararam de piscar. Cinco dias depois a zoeira terminou. O sol surgiu e as nuvens do céu voltaram a ser brancas e alvas.

À tardinha a passarada fez uma revoada infernal em Terra do Amanhecer o que fez todo mundo correr para a Rua do Alencar. Viram surgir ao longe, a Patrulha Touro com seus cinco escoteiros e a frente Sarah. Ela sorridente, eles sorridentes. Todos queriam saber, mas ninguém queria contar. A história termina aqui. O que aconteceu na Estrada do Fim do Mundo ninguém nunca soube. Nunca mais o céu ficou vermelho, os gritos das noites de tempestades sumiram. A estrada ficou toda gramada, nas áreas próximas a flores do campo surgiam aos borbotões. Agora toda a garotada passeava a pé ou em seus cavalos de aço na estrada que encontrou a paz. Na sede dos escoteiros todos queriam saber. Mas Sarah, Tarquino, Jiparanã, Joviel, Calixto e Catapora nunca contaram nada a ninguém. O tempo passou, Sarah casou com Joviel, Tarquino foi embora para a capital. Calixto e Catapora foram atrás de ouro nas Selvas do Amazonas. O bom de tudo que Jiparanã recebeu sua Insígnia, e agora é o chefe geral dos escoteiros e olhe ninguém até hoje soube o que aconteceu com Sarah, a patrulha na Estrada do Fim do mundo!

Só eu observei quando ele abriu o sexto selo. Houve um grande terremoto. O sol ficou escuro como tecido de crina negra. Toda a lua tornou-se vermelha como sangue, e as estrelas do céu caíram sobre a terra como figos verdes caem da figueira quando sacudidos por um vento forte! – Apocalipse 6:12-13.



MARIA. (42)

**Olhe o que foi meu bom José, se apaixonar pela donzela
Dentre todas a mais bela, de toda sua Galileia.**

Nove horas, nuvens escuras cobriam o Bairro de Belém. Maria na janela de sua casinha olhava a rua com um sorriso inocente. Soprava um vento calmo e ela nem imaginava que prenunciava uma forte chuva que já despontava no horizonte. Maria tinha um sorriso maravilhoso. Aos setenta e quatro anos com seus cabelos curtos que um dia foram loiros e hoje de cor metálica parecia uma santa a abençoar os passantes na rua onde morava. Os vizinhos sorriam para ela, todos a conheciam e sabiam que ela sofria falta de memória, não tinha a mente fértil, quase não se lembrava do seu passado

e o que aconteceu ontem e só o hoje ainda era lembrado. Ela sabia o que era felicidade, pois demonstrava isto a todo instante. Ainda lembrava quando José saiu para ir trabalhar na marcenaria. José seu marido era para ela tudo na vida. Não lembrava, mas sabia que foram muitos felizes e ainda eram. Uma pequena lembrança de Tiago. Onde ele andava? Foi até o portão. Sempre estava trancado com um cadeado, pois José toda manhã o trancava. Ela não podia sair pela rua. Se isto acontecesse se perderia, pois não tinha mais a mínima noção onde moravam.

**Casar com Debora ou com Sara meu bom José, você podia
E nada disso acontecia, mas você foi amar Maria.**

José trabalhava com afinco. Tinha dois aprendizes. Marcenaria pequena, mas muito procurada. Ele era considerado um dos melhores profissionais marceneiros na cidade. Maria para ele era tudo. Sempre a amou desde que a viu pela primeira vez com seu lindo uniforme de Bandeirante. Um azul que nunca mais esqueceu. Ela o olhou e sorriu. O trevo de quatro folhas estava em sua blusa e ele viu que tinha sonhado com ela. Apresentou-se. Ela sorria inocente. Era um amor perfeito. Casaram-se dois anos depois ela ainda com dezoito anos e ele com vinte e um. Seu pedido de continuar como bandeirante foi bem aceito por José. Como negar? Foram cinco anos de casamento para o nascimento de Tiago. Seu único filho. Maria lhe disse que era a mulher mais feliz do mundo. Ele não sabia por que não tiveram mais filhos. Desígnios de Deus? Sua preocupação com Maria era enorme. Precisava trabalhar, mas tinha medo que ela um dia resolvesse passear pelo bairro. Sabia que ela nunca mais iria encontrar o caminho de volta. Ah! Doença que só Deus sabe e podia explicar.

**Você podia simplesmente, ser carpinteiro e trabalhar
Sem nunca ter que se exilar, e se esconder com Maria.**

Tiago infeliz nunca teve paz em seu casamento. Ele e Sara nunca conseguiram ter filhos. Sara ficou amarga, quase não conversavam e quando ele achava que estavam em paz os desentendimentos aconteciam. Ela não se perdoava por não ter condições de ser mãe. Chorava se chamava de desnaturada e muitas outras coisas. Tiago tentou convencê-la a adotar um bebê. Mas ela não queria. A preocupação de Tiago agora era com sua mãe. Seu pai nunca lhe pediu, mas ele sabia que em seus olhos havia a suplica de diariamente levar sua mãe para sua casa até ele voltar. Ele queria, mas Sara não. Eles brigaram tanto que Tiago desistiu. Não seria difícil para ele levar sua mãe todos os dias para sua casa, não era longe e no seu carrinho seria um pulo ir e voltar. Sara dizia: - Ela entra por uma porta e eu saio na outra! Dizer o que? Ele sabia do Alzheimer.

**Você podia simplesmente, ser carpinteiro e trabalhar
Sem nunca ter que se exilar, e se esconder com Maria.**

Maria sorriu ao ver o portão aberto. Lembrou-se das reuniões bandeirantes. Correu ao quarto e retirou de uma mala antiga seu uniforme. Estava guardado num Velho bau, mas muito desbotado. Vestiu. O chapeuzinho quase não serviu. Saiu sorrindo pelo portão sem saber para que lado seguir. Nenhum vizinho a viu subindo a rua em passadas simples e calmas. Passou por muitas pessoas que a cumprimentaram. Um sorriso espontâneo brotava em seu rosto. Viu um ponto de ônibus. Pegou o primeiro que

passou. Perguntou ao Motorista onde era a reunião da Companhia das Bandeirantes. – Desculpe Dona, mas não sei! – Desceu em uma praça pensando ser a praça onde conheceu José. Alguém deu nela um empurrão. Sentiu várias mãos forçando a retirada de sua bolsa. Lá não tinha nada, nenhum documento. A bolsa estava vazia. Alguém lhe deu um chute e gritou – Velha danada, nem dinheiro tem! Maria sentiu uma dor enorme. Procurou um banco e sentou. O tempo foi passando e a fome chegou. Onde comer? Tinha de voltar para casa, lá ela tinha no forno um “quentado” do jantar de ontem que José deixou.

**Meu bom José você podia, ter muitos filhos com Maria
E teu ofício ensinar, como teu pai sempre fazia.**

José recebeu um telefonema. Trabalhava até tarde naquele 24 de dezembro para atender um amigo. Era um policial militar dizendo que sua esposa estava na 45ª Delegacia do Bairro do Jaçanã. José levou um choque. Como? Será que tinha se esquecido de trancar o portão? Não se perdoava por isto. Ligou para Tiago que chegou correndo com seu fusquinha. Foram direto para a Delegacia. Maria estava sentada em uma poltrona sorrindo e vestida com seu uniforme bandeirante. Tinha no colo um bebê lindo de olhos azuis. Uma menina de doze ou treze anos também bandeirante estava com ela. – Senhor José! – A bandeirante disse: - Eu a vi na Praça do Bom Jardim, sorrindo com esta criança no colo! Quando vi seu uniforme sabia que era uma coordenadora Bandeirante. Chamei um guarda e fomos para a delegacia. Lá no fundo da sua bolsa tinha um telefone. Era o do Senhor! – E de quem é esta criança? José perguntou. – Ela disse que era sua neta! – disse o delegado. Veja como a criança sorri em seu colo. Ela a chama de Madalena! – José não sabia o que fazer. O delegado disse para levarem a criança. Ele se encarregaria de avisar ao Juizado de Menores.

**Porque sera meu bom José, que esse teu pobre filho um dia
Andou com estranhas ideias, que fizeram chorar Maria.**

Na casa de Tiago tudo era festa. Sara não tirava Madalena do colo. Ela sabia que o Juiz daria para ela adotar. Tiago era um marido mais feliz do mundo. José não cabia de contente. Maria só dizia que ganhou uma neta. Uma estrela brilhou no céu. No passado em uma manjedoura Jesus nasceu. Ali naquela casinha uma menina tinha muitos pais que a amavam. Feliz natal, que os sonhos seus se realizem!

**Me lembro às vezes de você, meu bom José, meu pobre amigo
Que dessa vida só queria, ser feliz com sua Maria.
Bom José. Nalva Aguiar**

Honra teu pai e tua mãe, a fim de que tenhas vida longa na terra que o Senhor, o teu Deus, te dá. Quem se nega a castigar seu filho não o ama; quem o ama não hesita em discipliná-lo. – Um conto dos dias atuais de Maria e seu esposo José.
Publiquei este conto no natal. Não faz tanto tempo assim. Mas é um dos meus preferidos. Porque não publicar novamente?



“CORISCO”

- “Filho”, o Corisco agora é seu! – Quase pulei no pescoço de papai de tanta alegria. Amava Corisco, ele era meu único amigo no sítio onde morávamos. Conversava com ele e muitas vezes me levou para as reuniões de minha Tropa escoteira na cidade. Não era longe, menos de cinco quilômetros – Mas você sabe, disse papai, Corisco já tem mais de 30 anos. Não vai viver muito. Portanto não force quando montá-lo. – Naquela noite pedi para Deus que não o levasse tão cedo. Depois rezei para minha mãe que jazia na cama sem poder andar. Conversava sorria me animava, mas não fazia mais nada. Eu era o homem da casa com meus doze anos. Tornei-me cozinheiro, lavava, passava fazia de tudo e Dona Rita uma vizinha vinha uma vez por semana para ajudar. Papai quando chegava da lida dava banho nela, e ficavam horas conversando. Um amor de verdade!

Nós tínhamos uma roça de milho, de feijão e outra de arroz. Dava para o sustento e meu pai aceitava convites para trabalhar nas fazendas próximas. Era um ótimo vaqueiro e tirava de letra qualquer tipo de plantação. Naquele sábado me aprontei para ir à reunião de minha patrulha e de minha tropa. Todos os sábados papai sempre chegava antes do meio dia e eu almoçava e saía a pé. Agora com corisco mesmo não correndo seria mais rápido. Passei a semana sonhando com meu Cordão Dourado que iria receber naquele dia. Até imaginava na ferradura todos com a palma escoteira e a patrulha dando o nosso grito. Deu uma hora e papai não chegou. Fiquei preocupado. Nunca deixaria minha mãe sozinha. Se ela soubesse iria insistir para eu ir.

Pela manhã passei meu uniforme, limpei meu chapéu, poli minha fivela do cinto e engraxei meus sapatos Vulcabras. Minha mãe levou um tombo na escada de nossa casa e ficou com a coluna fora do lugar. Médicos sempre dizendo que se operar ela voltaria ao normal. Papai a levou a capital, mas nenhum médico deu esperança. Um se ofereceu por alta quantia que seria impossível conseguir. Já haviam se passado um ano e quatro meses. Mamãe nunca reclamou. Sempre disposta na cadeira de rodas e fazia tudo que podia fazer. Eu sabia que naquele mês época da colheita papai iria colher

um belo campo de arroz de feijão fora na beira do rio que as aboboras deram como nunca. A fartura chegou. Eu sabia que papai ia vender parte para juntar e levar minha mãe de novo ao especialista. Ele nunca desistia.

Nos meus treze anos sabia fazer de tudo. Fazia as refeições diárias, lavava e passava e nunca deixei a casa sem limpar. Durante a semana deixava a escola correndo para chegar antes de minha mãe ir para a cozinha. Papai insistia para ela não se esforçar. Nunca esqueci o dia que minha mãe caiu e desmaiou. Sozinha em casa só cheguei da escola duas horas depois. Caía uma chuvinha fina e a terra molhada ela nada podia fazer. Comecei a ficar preocupado. Quase duas horas quando vi papai apear do cavalo e me pedir desculpas. Sorri para ele. Era duas horas e a reunião iniciava às duas e meia. Dei nele um beijo no rosto, fui até o quarto e despedi da minha mãe. Montei em Corisco a principio sem correr. Falei para ele baixinho se aguentaria um pequeno galope. Dito e feito, na curva do redemoinho ele parou e ficou de joelhos nas quatro patas. Já tinha visto isto antes com umas vacas do Seu Nolasco. Sempre morriam depois.

Chorando sai correndo até a sede escoteira. A reunião já havia se iniciado. Conteí tudo para o Chefe Jofre o que aconteceu. Ele bondosamente me disse para não desesperar. Para tudo tem uma solução. Chamou os monitores pedindo para pegarem no almoxarifado cordas, facões e forquilhas das barracas. Levou também uma lona de caminhão que quase não era usada. A principio não entendi por que. Saímos todos juntos até onde estava Corisco. Ele não perdeu tempo. Logo as patrulhas cortaram troncos de árvores pequenas e começaram a montar dois suportes que iria levantar o Corisco acima do chão. Depois ele iria se apoiar de leve até se firmar. Disse o Chefe que ele teria de ficar ali por dois dias e eu devia trazer capim e água para ele. Um Escoteiro foi avisar papai. Quando ele chegou através de roldanas com as cordas Corisco já estava em pé. Papai me abraçou e disse que tudo daria certo. Ah! Papai, como você não existe.

Muitos escoteiros se ofereceram a ficar comigo até na segunda. Trouxeram barracas e me ajudaram muito. No segundo dia vi que Corisco queria se apoiar. Soltamo-lo aos poucos usando a corda da roldana. Ele se firmou e até relinchou, pois a posição que estava era desagradável. Soltamo-lo das amarras e fui devagar com ele para nosso sítio. Deixei-o em um piquete bem abastecido de capim braquiária. Um mês depois ele já pastava em outros piquetes. Nunca mais o montei, mas saíamos muito para passear. Eu sabia que um dia ele iria partir, mas sabia também que faria tudo por ele sobreviver as suas dificuldades de velhice. O escotismo me mostrou um novo caminho. O caminho da amizade do um por todos e todos por um. Nunca esqueci o Chefe Jofre que fez questão de me entregar meu Cordão ali mesmo onde tomávamos conta de Corisco.

Mamãe nunca voltou a andar. Papai nunca a deixou só. Eu era suas pernas e aquele faz tudo que um bom Escoteiro sempre é. Corisco dois anos depois morreu. O encontrei na Piquete Sul, mas agora deitado. Ali mesmo o enterramos. A Tropa fez questão de comparecer. Quando desceu para seu túmulo recebeu uma bela palma escoteira e um bravão. Fui Escoteiro por muitos anos. Hoje estou na faculdade da capital. Fiz questão de escolher ser um Veterinário. Aprendi a amar os animais e serei

por eles um eterno guardião. Todos os feriados prolongados e nas minhas férias vou correndo para meu lar no sítio que tanto amo. Aqui trabalho em uma farmácia e tenho grandes amigos. O escotismo agora é difícil, mas ao voltar para onde morei nunca deixei de visitar o Grupo Escoteiro onde sempre sou bem recebido.

A vida nos ensina tanto que nunca podemos reclamar da falta de aprendizado. O escotismo me deu muito, meu pai foi meu professor e minha mãe me deu coragem para lutar. Queira ou não sou um ex-Escoteiro feliz!



LIS DE OURO, O SONHO DE LORD JIM.

Lord Jim era um sonhador. Desde que entrou para os escoteiros ele sonhava. Sonhava com acampamentos, com excursões, com a Patrulha, com as viagens enfim, Lord Jim gostava mesmo de sonhar. Havia uma diferença em Lord Jim, ele sonhava com os pés no chão. Emocionou-se no dia de sua promessa. A tropa em posição de Alerta! Mino o Monitor ao seu lado, o Chefe Mailson o olhando nos olhos e ele dizendo a Promessa Escoteira sem errar. Lembrou ali na ferradura quando entrou na tropa. O abraço do Chefe, do Monitor e de todos os patrulheiros da Patrulha Gavião. Ele ainda não conhecia estas provas de amizade. Nunca tinha visto. Diziam que os escoteiros são fraternos. No primeiro acampamento ele sentiu a verdadeira felicidade de viver como um herói das selvas. Aprendeu rápido. Até como cozinheiro ajudou.

Quando começou na Patrulha Gavião o batizaram como Lord Jim. Seu nome era Stefano. Gostou do apelido. Quando leu que Baden Powell também foi Lord seu orgulho mudou para melhor. Agora seu sonho era outro. Correu atrás do Cordão Verde e amarelo. Não foi difícil. Em um ano e meio conseguiu. Melhor ainda recebeu a segunda Classe em uma noite de lua cheia, no Acampamento das Vertentes, ascendendo o fogo do conselho com um palito e pulando as chamas três vezes para receber também seu nome de guerra. Apesar de que a tradição rezava ser um nome indígena ele pediu para continuar sendo Lord Jim. Seu Monitor o abraçou. Todos deram um enorme grito de guerra da tropa. – Viva Lord Jim! O Chefe Mailson entregou o cordão Dourado e ele se derreteu todo. Não perdia um acampamento, nenhuma excursão. Era um dos primeiros a chegar à sede para as reuniões. Não tinha sonhos de ser Monitor, seu sonho agora era ser um Escoteiro Correia de Mateiro. Deixou as especialidades, já tinha muitas delas.

As provas foram feitas paulatinamente. Recebeu do seu Monitor como deveria ser e as datas. Ele mesmo procurou o Capitão Lamartine dos bombeiros para que aprendesse a prova das especialidades de Bombeiro e Socorrista. Acampador tirou facilmente. Em dois anos na tropa já tinha mais de trinta noites de acampamento. Comprou um caderno de duzentas folhas e ali anotava tudo. Datas, onde, quando,

tempo e as partes importantes que lá aconteceram. Agora estava se preparando para a jornada. Ainda era realizada na Tropa e era a apoteose. Todos que fizeram eram respeitados e até endeusados na tropa. Todos queriam ouvir os contos aventureiros da jornada. Aprendeu a ler mapas, tirava de letra os pontos cardeais, colaterais e sub. colaterais, sabia o que era um azimute, graus, aprendeu com facilidade a fazer um esboço de Giwell e seu passo Escoteiro e passo duplo eram perfeitos. Nunca em tempo algum ele errou no seu passo duplo. A quilometragem não tinha erros.

O dia da jornada chegou. Ele e Leôncio que ele mesmo convidou partiram rumo ao Vale do Roncador. Não conhecia, nunca tinha ido lá. O Chefe e o Assistente distrital Escoteiro tinham conversado antes. Um ônibus o levou até a estradinha do Sítio do Marcondes. Sua mochila estava perfeita. Nada de mais nada de menos. O farnel o de sempre. Um macarrão, uma batata, um arroz, sal, alho e um vidrinho de gordura. Sabão e mais nada. Não estava pesada. Queria levar a velha Silva de guerra, mas os seniores estavam com ela. Sobrou uma Prismática. Tudo bem. Ele dominava as duas com perfeição. Na porteira abriram o mapa. Na mosca. Era ali mesmo. Ele contava os passos e Leôncio anotava o que via por ali. Dois pintassilgos, um Anu do Brejo, beija flor voando longe, dois macaquinhos pregos no pé de Jaca.

Às seis e meia da tarde chegaram ao sítio do Marcondes. Não havia dúvida. Dúvida ouviu na senhora que os recebeu. Parecia que não sabia o que eles queriam, mas disse que eles poderiam usar o riacho e acampar a vontade. Uma sopa deliciosa, lavar vasilhame, limpar bem a barraca para evitar animais peçonhentos, e após uma vista no relatório e uma oração foram dormir. Levantaram cedo. Um café, biscoitos nova arrumação e pé na taboa. Agradeceram à senhora e partiram. Sabiam que deviam atravessar a Mata do Canarinho, mas disseram que não eram mais de quatro quilômetros dentro dela. Engano. Meio dia, uma hora e não saíam de dentro da mata. Voltaram. Foram até o sítio. Perguntaram. O mapa não ajudava. A senhora disse que eles erraram, se voltassem pela serra eles veriam o caminho.

Duas da tarde. Combinaram de chegar à sede às cinco da tarde. Isto se o ônibus não atrasasse. Agora sim o caminho estava correto. O mapa voltou a funcionar. Só às sete da noite chegaram ao ponto de ônibus. Demorou. Chegaram à sede às onze da noite. O Chefe Mailson muito preocupado. O Assistente distrital não quis esperar. Foi embora. Disse que não daria a prova como realizada. Se não tem responsabilidade com horários não merecem a Primeira Classe, disse. Dito e feito. Foram reprovados. Lord Jim não chorou e nem desistiu. Ele tinha têmpera de escoteiro. Seis meses depois repetiu a jornada. Desta vez conseguiu fazer tudo no horário. Lord Jim fez do seu sonho realidade. Pediu ao Chefe Mailson para que o Liz de Ouro fosse entregue também no Fogo de Conselho. Claro que sim o Chefe disse.

Noite escura, raios, trovões, o fogo aceso. O Chefe queria voltar para o campo. Começou a cair uma tempestade que encharcava a todos. Lord Jim chorou. Preciso receber agora Chefe! Não posso esperar outro acampamento. Terei feito quinze anos e serei Sênior! A chuva caía aos borbotões. A tropa ficou de pé. Em posição de sentido. Trovões ribombavam pelo ar. Lord Jim ali em pé em frente ao Chefe. Era mesmo um vendaval dos bons. O vento soprava forte. Mino o Monitor colocou a mão no seu ombro. - Você está pronto Lord Jim? Sim ele disse. O Chefe entregou o Distintivo Liz de Ouro. Ele

fez questão de refazer a promessa. Deu um enorme sorriso. Um raio assustador atravessou os céus. A luz que ele produziu mostrou um rosto de um Escoteiro orgulhoso e valente. Agora era um Escoteiro Liz de Ouro! Agora tinha muitas histórias para contar! Com ribombos e assombros da chuva que caía intermitente, a tropa ainda em posição de sentido cantou o Rataplã. Todo o hino. A selva recebia com orgulho aquela chuva intermitente e o cantarolar dos escoteiros! Ah! Sonhos! Como é bom sonhar e os ver realizados. Viva Lord Jim. Um Escoteiro Lis de Ouro para sempre.

Lord Jim não era especial. Era apenas um Escoteiro que fazia tudo para seus sonhos se tornarem realidade. Nunca desistiu de nada. Amava sua patrulha, tinha orgulho dos seus amigos escoteiros. A promessa para ele era motivo de honra. Mas... Estou contando a história? Leiam e confirmem. Afinal Lord Jim é um daqueles que a gente sabe que tem o escotismo no coração para sempre!



A LENDA DO TICO-TICO DA ASA PARTIDA.

Quanto tempo! Muitos deste quando ouvi esta história que hoje resolvi contar. Se não me engano foi a Chefe Marlene. Hoje ela também está tão velhinha como eu. Nunca me esqueci dela. Sua Alcatéia era um doce. A alegria era reinante. Conheci muitos dos seus lobinhos, hoje homens feitos. Chefe Marlene era de uma simpatia que quem a conhecesse diria que não tinha inimigos. E não tinha mesmo! Um dia na casa dela me contou uma história que a principio não acreditei muito, mas era a Chefe Marlene. Tinha palavra.

Lavínia tinha seis anos e meio quando entrou para Alcatéia. Assim começou a sua narrativa a Chefe Marlene – Era uma menina triste. Quase não sorria. Brincávamos sempre com ela e ela séria. Mas sempre achei um dia ela iria mudar. Não se entrosou muito na matilha. Fazer amigos para ela era uma dificuldade. Sempre se mostrando arredia. Acho que foi no Acantonamento que fizemos em Rio Bonito que tudo começou. Seriam três dias. Os pais de Lavínia eram muito simpáticos. Alegres e eu não entendia a personalidade de Lavínia com a sua testa sempre franzida e os lábios fechados. Ela custava a enturmar apesar de que sua matilha verde era especial. Antiga e a maioria dos lobinhos eram como irmãos.

Tudo corria bem até um dia depois do almoço que demos pela falta dela. Um jogo gostoso chamado “fugindo do lobo mau” e ela sumiu. Onde estaria? Procuramos em volta das arvores, na casa sede e nem no riacho vimos nada. Era um riacho tão raso que a parte mais funda não passava do calcanhar de um lobinho. Uma hora depois vimos surgindo com um sorriso nos lábios. Era um sorriso tão bonito que desistimos de chamar sua atenção na hora. Alegria geral, depois de seis meses na

Alcatéia pela primeira vez ela sorria. Esperei o jantar e quando todos sentaram na varanda para um breve tempo livre a procurei. Ela sorria para mim e dizia – Akelá, hoje é o dia mais feliz da minha vida. Fiz uma amizade que acho ninguém tem. Achei um Tico-tico da asa partida e ele gostou de mim e eu dele.

- Como sabe que é um Tico-tico? Perguntei. Ele me disse! Agora sei como são. Topete baixo listrado, belo, amarelo e ele disse que era um “macho”. Ele se assustou com um filhotão de chopim querendo comida e gritando com ele. – Asas da imaginação pensei. Deixei-a acreditar no que dizia. Não sabia se era para o bem dela ou não, pois agora sorrindo valia tudo. Até a história fantástica que contava. – Sabe Akelá, ela continuou – Ele estava fraco, pois sua companheira que o ajudava com alimentos tinha vários dias que não aparecia. E o que você come eu perguntei. – Ele respondeu – Sementes, insetos, mas preste atenção - Muitas vezes acham que somos pardais. E porque sua asa partiu? – Ele fechou os olhos e chorou baixinho. Um gavião malvado.

- Olhe ele dizia, eu tenho raiva dos chopim. Eles são parasitas. Botam ovos para nós chocarem. Não gosto e ele chorou de novo. Olhei para Lavínia e não vi nenhuma mentira em seu rosto ou seu modo de falar. Claro sei que passarinhos não falam assim deixei que ela desenvolvesse sua criatividade. Em pouco tempo ela esqueceria tudo. Todos os dias enquanto durou o acantonamento ela me pedia para visitar o Tico-Tico. Claro deixei, mas ela insistia para ir sozinha. É perto. Não vou me perder. Assim foi até o último dia. Uma surpresa aconteceu. Antes do retorno ela correu até o ninho do Tico-Tico e trouxe-o com ela. Achei que não seria bom que ela levasse para casa. Chorou tanto que achei que poderia, mas desde que sua mãe autorizasse.

No ônibus todos cantando e Lavínia conversando com o Tico-Tico. Todos assustaram quando uma vozinha fininha no do fundo gritou – Não parem de cantar! Adoro o que vocês cantam. Até sei cantar a Arvore da Montanha! – Quem foi? Quem era? Não vi ninguém. Lavínia disse que era o Tico-Tico. Fui até lá para repreendê-la e o Tico-Tico virou para mim e falou. – Olá Akelá Marlene, a Lavínia fala muito bem da senhora. Chefe, um susto eu levei. Enorme. Quase caí ao chão. Acredite Chefe, o Tico-Tico falou mesmo!

Não disse nada. Fica o disse pelo não disse. Tico-Tico falante? Essas alcateias tem cada uma. Ouvei uma vozinha lá da cozinha dela chamando – Ela me convidou a ir com ela. O Tico-Tico estava em cima da mesa ciscando, dando pulinhos e vi que sua asa estava boa. – Um veterinário. Remendou tudo. Agora ele passeia por aqui quando Lavínia vai para a escola. Este é o tal que fala? O Tico-tico me olhou, ciscou para frente e para trás e disse – Acha que sou mentiroso Chefe? O Escoteiro e o Tico-tico tem uma só palavra e sua honra vale mais que sua vida! Podem achar que é uma lenda. Mas acreditem, eu “quase” juro que é verdade. Danado de Tico-tico falante. Um tagarela isto sim! Risos.



DAKOTA, UM CHEFE DE CORAÇÃO DE OURO. (46)

- Calma Mariza, no final tudo vai dar certo! - Certo? Falou Mariza. - Desde quando você paga taxa de acampamento para treze meninos e gasta quase toda nossa economia para o mês e ainda vem dizer que vai dar certo? - Chefe Dakota pôs as barbas de molho apesar de não ter barba. Ele sabia que não seria fácil conseguir o que gastou para as compras do mês. Mas o fazer? Sua tropa tinha trinta Escoteiros e somente dezesseis pagaram a taxa. Ele sempre dizia - Ou vão todos ou não vai ninguém. Era o acampamento do ano, mais de trinta patrulhas presente, não podiam faltar. - Pois é Dakota, não é a primeira vez. Antes era um ou dois agora são treze meu amor. Como vamos viver? Naquele dia saiu mais cedo de casa para o trabalho, ele queria pensar uma solução para os dois lados. Mariza tinha razão, mas e os Escoteiros que não iriam? Ele teria condição de dizer a eles que não conseguiu?

Seguia a pé pela Rua dos Aimorés pensativo. Pensativo iria atender ao Chamado do Senhor Nacano. Pai de Pirlampo escoteiro da patrulha Quati e era gerente do banco do Comércio da cidade. Recebeu um recado para passar no banco sem demora. Sabia que ele iria oferecer um emprego, mas duvida cruel, pois nunca pensou em ser favorecido pelo escotismo. Ele não era rico, trabalhava com o Chefe Mosquete e nem sempre tinha trabalho. Faziam bicos, limpeza de fossas, limpeza de telhados, pintura simples nas casas e assim ia vivendo. Queria um emprego melhor, mas ali em Pedra Azul ele nunca iria conseguir. Deveria ir ao banco? Pensou em ir morar na capital, mas deixar a cidade que amava? Ir para um lugar que ele não conhecia para fazer o que? Ouviu alguém gritar Sempre Alerta e viu Jonildo Escoteiro da Pantera indo para casa após as aulas. Chefe Dakota sorriu e respondeu. Amava aquela Tropa e os meninos dela. Amava também Marilda. Casaram-se há poucos anos. Ela com dezesseis e ele com vinte e um. Sabia que apesar de tudo ele podia contar com ela. Apesar de não ter aceito ser chefe pelo menos gostava dos meninos que quase todos os dias enchiam sua casa para papos que se estendiam até a noite.

Na esquina com a Rua Floriano Peixoto ele viu a patrulha Águia já uniformizada seguindo para sua boa ação da semana. Todos o cumprimentaram e seguiram em frente. Chefe Dakota sorriu. Como posso deixar esta turma? É minha vida, minha razão de ser. Ele amava o escotismo de uma maneira tão intensa que muitos diziam que ele não ia num bom caminho. - Tem que dosar um pouco Chefe Dakota dizia Manfredo, o Presidente do grupo - precisa pensar um pouco em você! Bom sujeito, mas muito pão duro. Como Presidente devia ver as dificuldades que estavam passando e ajudar. Chefe Dakota nunca fora Escoteiro. A cidade não tinha um grupo. Cinco anos atrás começaram um. Sempre sonhou em ser um e pediu para entrar. Com dezesseis anos não dava. Não tinham tropa sênior. Todos os sábados ia para a sede ver a correria,

das patrulhas. Amava aquilo e dormia pensando em vestir sua calça curta, por seu lenço e seu chapéu, uma bandeira e correr para as montanhas.

Quando fez dezoito anos foi aceito como assistente. Chefe Jacob ficou em dúvida e disse para voltar na outra semana. Ele sabia que Dakota só tinha o segundo grau e não tinha emprego fixo. Dakota esperou a semana como se fosse sua última no mundo. Subiu as nuvens quando Chefe Jacob o aceitou. Dakota agora era Chefe. Prometeu a si mesmo mudar de vida, encontrar um emprego, estudar e mostrar aos Escoteiros que ele podia ser alguém e dele orgulhar. Mas não foi bem isto que aconteceu. Não arrumava emprego e nem estudou. A cidade não tinha escola profissional e filho de gente humilde ganhando pouco não podiam pagar. Um dia Chefe Mosquete o chamou para ser seu ajudante e ele aceitou. No mês que tirou dois mil reais achou que podia casar e casou. Todos foram contra – Chefe Dakota! Você tem 21 anos e a Mariza 16! Porque não esperar? Dakota disse não. Amava Mariza e achou que casado os pais dos escoteiros o olhariam com mais respeito.

Esperou o farol abrir para atravessar a Rua Santo Ângelo. Resolveu ir ao banco. Seria indelicado não ir. Ele gostava de Pirlampo. Um Escoteiro avoadado, sorridente e que topava qualquer parada. Lembrou a jornada ao Vale da Tartaruga Pirlampo quando quase morreu. As patrulhas andavam a vontade na estrada sem movimento e deixava que todos pudessem conversar observar a natureza, ouvir o cantar dos pássaros e descobrir pegadas. A turma adorava estas jornadas. Na curva do Cavalo Doido foi que a tragédia quase aconteceu. Dois Touros Guzerá cismaram com a escoteirada. Um deles partiu direto em cima de Pirlampo. Ele viu que se não interferisse uma tragédia ia acontecer. Tomou o bastão de Gentil e correu em cima do Touro. Enfiou a ponteira de aço no meio dos olhos do touro. Foi no ponto certo. O Touro caiu morto. O Senhor Nacano fez questão de pagar pelo Touro ao Fazendeiro Totonho. Ficou agradecido ao Chefe Dakota e agora o havia chamado. Ele sabia que era por causa do acidente. Ele sabia que fez o que qualquer Escoteiro faria.

Entrou no Banco ressabiado. Estava cheio e pediu a moça para falar com o Senhor Nacano. Ele veio sorridente a abraçar o Chefe Dakota – Dakota meu amigo, você vai trabalhar aqui. Tenho uma vaga para você com excelente salário. Dakota não se fez de rogado. Precisava e aceitou. Iria mostrar que era capaz não só por gratidão por ter salvado da morte o filho do Senhor Nacano. – “Todo mundo no chão!” - Alguém gritou. Um tiro para o ar e todos deitaram. Um assalto pensou Dakota. – Um bandido chegou à escopeta na testa do Senhor Nacano. – Tem cinco segundos para abrir o cofre – um, dois, três... Chefe Dakota no alto dos seus vinte e um anos, casado, sem filhos, mas que adorava o escotismo levantou de um salto, tomou a escopeta do bandido e com ela bateu em sua cabeça. O Bandido caiu e outro estampido se ouviu. Uma mancha vermelha em cima da blusa de corisco apareceu. Um tiro fatal.

A cidade em peso acorreu na cerimonia fúnebre. Uma cerimonia do Adeus. Não houve o toque do silencio e até esqueceram-se de cantar a canção da despedida. Centenas de pessoas se acotovelaram em volta da Campa simples. Mariza em pé chorava baixinho. O Senhor Nacano engasgado não sabia o que dizer. Padre Tomaz rezou o que tinha de rezar. A escoteirada chorando sem parar. A vida é assim, do nada se vive e do nada se morre. Adeus Dakota, a cidade em pouco tempo vai se esquecer de

você. Você não era nada e mesmo virando um herói de nada valeu. Valeu ou não cinquenta anos depois Marisa ainda rezava todos os dias e depositava flores na última morada de Dakota. Ao levantar ela não deixava de ler o que escreveram para ele em uma placa de bronze – Escoteiro eu fui, Escoteiro eu serei até morrer!

Não há mal que perdure quando o bem mora dentro da gente. Cada pessoa que amamos é um achado. Cada momento juntos é um tesouro. Cada dia de vida que temos é um presente. Divirtam com a história de Dakota que vive em uma estrela no céu.



A LENDA DE TIGER JOY, O PÁSSARO PRETO CANTADOR.

**“Tudo em vorta é só beleza sol de abril e a mata em frô
Mas assum preto, cego dos óio não vendo a luz, ai, canta de dor.
Tarvez por ignorança ou mardade das pió
furaro os óio do assum preto para ele assim, ai, cantá mió”.**
Humberto Teixeira/ Luiz Gonzaga

Zito Francesco era um bom Escoteiro. Não era faroleiro e nem mal educado. Almozarife na Patrulha Gralha ele fez história. Uma história que até hoje é contada pelos Escoteiros do sertão do Piauí. Poderia dizer que Zito Francesco era um gentleman, de uma maneira tal que alguns se incomodavam. Mas ele tinha um defeito, defeito que muitos jovens ainda não aprenderam que fazer o bem sem olhar a quem é vida dentro do Espírito Escoteiro. Seu hobby favorito era ouvir o cantar dos pássaros. Sabia de cor e salteado quando algum cantava. Era comum a patrulha em reunião ou em marcha de estrada ele parar e dizer: - Parem! Ouçam, é um Rouxinol da montanha! Todos já conheciam os pássaros cantores por causa de Zito Francesco. Podia ser um Uirapuru, um Rouxinol, um Curió, um Sabiá Laranjeira ou um Pintassilgo. Ficou dois dias na Mata do Roncador a procura de um Inhapim, que muitos diziam estar em extinção. Mas ficou dez dias na Mata do Azulão só para ouvir o Tuiuí cantar.

Era amado pela tropa, pelos chefes e em seu lar seus pais sentiam uma vibração boa quando estava à família toda reunida. Não foi um Escoteiro que fez carreira. Mal chegou a Segunda Classe. Poucas especialidades. O cantar dos pássaros o prendiam mais que o sonho de ser um Correia de Mateiro ou mesmo um Cordão Dourado. A vida ia passando, as chuvas de verão chegaram e os acampamentos diminuíram de intensidade. Zito Francesco não se incomodava. Ele tinha aonde ir e viver seu sonho aventureiro. Gostava da chuva, e elas lhe faziam muito bem, pois ele sabia que nas chuvas de verão ao aproximar-se a primavera era a época das falas novas, onde os pássaros cantavam melhor. Ninguém se preocupava quando ele passava de mochila e Chapelão, com a borrasca no seu auge em direção a Mata do Jaú. Sabiam que dois ou três dias depois ele voltava sorrindo, cantando baixinho a imitar seu pássaro preferido.

A história de tudo que aconteceu ninguém até hoje soube explicar muito bem. Juan Maneco seu Monitor contou que ele ao passar em frente à Barbearia do Fagundes uma das poucas existentes em Barra Vermelha, viu uma aglomeração de gente em volta da porta. Fizeram silêncio e ele ouviu o canto triste de um Pássaro Preto. Triste, choroso, aflito em sua gaiola azul a olhar para o nada. Zito Francesco viu os seus olhos opacos, sem destino, com dois buracos negros como se tivesse sido furados, sem olhar para ninguém. Ele estava cego. Seus olhos ficaram marejados de lágrimas. Era penoso, era angustiante ver que existia alguém capaz de furar os olhos de um lindo pássaro como aquele só para vê-lo cantar diferente. Zito Francesco não ficou ali a ouvir o cantar do Pássaro Preto. Foi para casa penalizado e choroso pelo pobre pássaro. Ficou dias sem falar com ninguém. Na reunião do sábado seguinte todos estranharam sua tristeza. – O que foi Zito? Todos perguntavam. Ele não disse nada. Se coração estava machucado. Para ele era uma maldade tão cruel como matar alguém.

Um Chefe um dia lhe disse que matar alguém é tirar tudo que ele tem e o que ele poderia ter um dia. O Pássaro Preto perdeu tudo que tinha ao perder a visão e nunca mais na vida teria nada. Seu cantar era para lembrar o tempo que viveu a voar pelos céus. Uma tarde a mãe de Zito Francesco foi à casa do Monitor de sua patrulha a procura dele. – Não sei Dona Mercedes. Ela procurou o Delegado Tonhão. Cidade pequena impossível sumir assim. Uma semana, um mês, dois três. Zito Francesco o Escoteiro nunca mais apareceu. Quem sabe estaria ligado ao sumiço do Pássaro Preto do Barbeiro Tobias? Ninguém sabia explicar. O pássaro desaparecera da noite para o dia de sua gaiola azul. Enfim a vida passa, as nuvens passam, e as histórias continuam a ser contadas. Muitos juraram que o viram com o Pássaro Preto na Floresta Negra. Reviraram a floresta e nada. Outros estranharam porque uma nuvem de pássaros pretos saía pela manhã e voltava à tarde para a Floresta Negra. À noite ninguém se arriscava a entrar lá. Histórias, ah! Quantas histórias fizeram de Zito Francesco.

Uma tarde de outono eu e minha patrulha Pico da Neblina passamos por Barra Vermelha. Tínhamos amigos lá no Grupo Escoteiro. Ficaríamos lá aquela noite e no dia seguinte o destino era Águas do Ventos Sul, uma cidade onde um Grupo Escoteiro estava iniciando. Em uma gostosa Conversa ao Pé do fogo na sede do grupo e tantos assuntos rolaram. Escoteiros quando se encontram matam as saudades e deixam chegar os sorrisos gostosos de bons companheiros. Foi Neco Sartano Sub Monitor da Galha quem contou a história de Zito Francesco. Fazia dois anos que ele sumira. Ninguém nunca mais ouviu falar nele e os poucos que o viram disseram que era um

fantasma da Floresta Negra. A conversa foi até lá pelas tantas. Preferimos armar a barraca no pátio da sede, pois o local era excelente. Após a partida de todos eu sabia ao olhar o semblante de cada escoteiro sênior da patrulha que não podíamos partir sem antes saber o que aconteceu lá na Floresta Negra.

Tínhamos tempo. Nossa jornada era de doze dias e nada que perder dois ou três dias poderia fazer falta. Levantamos cedo. Nossas tralhas foram amarradas nas bicicletas e partimos. Vimos do alto do Monte Sultão a Floresta Negra. Não era grande e era linda. Achamos uma clareira e ali montamos nosso campo. Era notável o silêncio da floresta e nenhum cantar dos pássaros nativos. Foi à noite que tudo começou. Um pio angustiado de um Pássaro Preto se fez ouvir. Logo foi acompanhado por milhares de outros Pássaros Preto. Ficamos estáticos. Ninguém falava nada. Não era uma sinfonia de pássaros a cantar, parecia mais uma melancólica canção cantada por tantos pássaros que ninguém via. Um brilho azul reluziu no caminho que chegamos. Um vulto Escoteiro, só vimos o chapéu e um choro convulsivo. Se fosse Zito Francesco não sabíamos. Assim como chegou partiu adentro da Floresta Negra. O silêncio se fez novamente. A Floresta parecia mergulhar numa mudez penosa e triste. Alguns segundos depois só um pássaro se fez ouvir. Tinha que ser o Tuiuiú com sua melodia majestosa. Uma calma gostosa voltou a vibrar naquela noite sem luar, mas com lindas estrelas no céu.

Dormimos sem sobressaltos e pela manhã partimos. Nunca em minha vida tive uma noite como aquela. Onde a tristeza foi substituída pelo cantar da floresta e de um lindo pássaro que quando canta fica preso na garganta de quem pode ouvir e sentir uma felicidade intensa. Antes de partir fizemos uma oração para Zito Francesco. Não esquecemos também Tiger Joy o pássaro Preto cego pela maldade dos homens. Quem sabe ele devia ter nascido soturno, calado sem voz e assim estaria hoje vendo a natureza em flor? O desabrochar da Primavera? Ou até mesmo um outono suave ou um verão onde ele poderia voar pelos campos verdes onde os pássaros voam ao sabor do vento como se fossem entes mágicos a trazer para os homens o que eles ainda não tem: A paz e amor no coração!

“Assum Preto teve sorte Mas num pode avuá
Mil vez a sina de uma gaiola desde que o céu, ai, pudesse oiá (bis)
Assum Preto, o meu cantar. É tão triste como o teu
Também roubaro o meu amor que era a luz, ai, dos óios meus
Também roubaro o meu amor que era a luz, ai, dos óios meus”.



A CRUZ DO MEU DESTINO.

- Sentei na beira do riacho no lusco fusco daquela tarde fria. Meus olhos estavam cheios de lágrimas, pensei comigo que não devia ter ido e teria sido melhor ter ficado em casa. Mas eu precisava pensar. Eu tinha de tomar uma decisão e não sabia qual. Meus amigos não sabiam como aconselhar, pois nenhum deles passou pelo que eu estava passando naquele momento. Qual caminho tomar? Quando cheguei em casa depois da reunião dos Escoteiros encontrei em cima da mesinha seu bilhete, bilhete não, uma carta. Longa, triste, ela disse tudo que queria dizer. Bateu fundo em meu coração. Machucou, mas eu merecia. Aquela noite eu chorei. Eu um homem feito com meus trinta e cinco anos e chorando. Foi uma semana difícil no meu trabalho. No sábado cedo avisei ao Lucas Monitor da Lobo que não iria à reunião. Ele meu vizinho ficou ressabiado, não perguntou nada. Como Escoteiro e Monitor acho que sabia o porquê. Eu precisava pensar e nada melhor que procurar um lugar longe, onde o vento e a brisa da madrugada pudessem ser um bálsamo para curar minha dor e quem sabe o meu coração.

Ali naquela montanha cujo nome eu não sabia, com a cabeça baixa, só ouvindo o cantar dos pássaros e o barulho borbulhante da cascata meus pensamentos iam a mil. Não fiz meu almoço. Não tinha fome. Bebia a água da bica, pois achei que ela poderia purificar minha alma que sofria. Nem mesmo um pintassilgo que resolveu pousar perto de mim ajudou. Se não fosse quem fosse eu preferia morrer a passar pelo que estava passando. Mas era tão difícil assim? Quantos chefes passaram por isto? Afinal só existe a felicidade entre as famílias Escoteiras que participam juntos? Eu sabia que Verinha tinha razão. Ela sempre fora uma alma caridosa a tentar entender meu novo estilo de vida. Ela sempre foi uma companheira de verdade. Não posso até hoje reclamar. Fez tudo por mim e eu achava que também fazia por ela, mas dinheiro e palavras não foram suficientes. Ela queria carinho, minha presença, passear por aí, tirar férias na praia, ela adorava Juliano, nosso único filho. Mas eu cego e estúpido achei que meu caminho era aquele em ajudar o escotismo. Agora via que enganava a mim mesmo. Olhando o cair da água cristalina da cascata nas pedras levanto meus olhos para o céu e ele parece me dizer: Você não soube escolher. Escolheu errado meu amigo. Meus olhos marejados de lágrimas. Que vontade de gritar de dizer que não era o que queria!

Tudo teve inicio há três anos, eu era feliz e depois achei também que minha felicidade aumentou. Eu passeava sempre com ela e meu filho todos os fins de semana, íamos à casa de amigos, visitava sempre a mãe dela que morava longe, uma viagem de avião gostosa e nunca faltei com a minha mãe. Sempre íamos ao shopping, um restaurante, até em teatro fomos diversas vezes. Viajamos a Cabo Frio, na Bahia, no Ceará e eu tinha planos de ir a Disney com eles. Afinal não era rico, mas como Gerente da Fábrica eu tinha um bom salário. Um sábado Juliano veio me pedir para participar em um Grupo Escoteiro. Minha mente voltou ao passado quando sempre sonhei em ser um e nunca fui. Trabalhava com meu pai, lutávamos com dificuldade e os dias que a féria era melhor sempre fora nos fins de semana. Porque não? Pensei. Lá fui eu com ele. Uma meninada alegre, adultos educados, jogos incríveis e eu me vi ali com eles a correr como nos tempos de criança Agora esquecia que era um adulto. Juliano entrou. O Chefe Joy insistiu para que eu entrasse também. Eles estavam com dificuldade de voluntários e ele pensou que eu poderia ajudar.

Para minha promessa foi um pulo. Logo assumi a tropa, pois Everaldo o Chefe se desentendeu com os outros e foi embora. Para mim foi à glória. Agora sim eu era o Chefe. A meninada passou a me chamar de Chefe Corisco. Porque Corisco? Não sei, mas eu gostava. Não perdia um curso, ia em todos, adorava ficar com eles conversando correndo brincando. Nestas horas eu não era Chefe era um menino. Tudo mudou em minha vida, parei de visitar meus pais e os pais dela. Quase não saímos mais, pois estava sempre fora nos finais de semana escoteirando. Reuniões, acampamentos, excursões, indabas e tudo piorou quando fui para o Jamboree. Na volta Verinha não falou comigo. Vi que ela estava magoada. Pensei comigo que no dia seguinte tudo iria mudar. Verinha era sistemática. Não falava, não reclamava, mas seu semblante era um livro aberto.

Tudo piorou muito mais quando Juliano pediu para sair. Fui ríspido com ele. Chamei-o de mole, sem força de vontade, disse a ele que não tinha Espírito Escoteiro. Nunca soube por que ele desistiu. Foi Lucas o Monitor quem me contou – Olhe Chefe, Juliano cansou. Não quer mais. Acha que o senhor é muito exigente. Sempre a cobrar dele as provas sempre falando que ele tinha de conseguir o Lis de Ouro! – Será mesmo que era isto? Porque não conversar com ele? A conversa nunca aconteceu. A vida de um Chefe Escoteiro hoje eu sei que tem altos e baixos. Exigimos muito de nós e esquecemos daqueles que nos querem bem e são a razão de ser de nossa vida. Mas sair do escotismo? Nunca, eu amava o movimento. Depois que entrei me transformei. O escotismo passou a ser minha filosofia de vida. Juliano não voltou. Verinha conversava em monossílabos. Tudo estava acabando e eu cego não via. No grupo ninguém percebia, afinal nestas horas dificilmente temos alguém com experiência para nos orientar.

Sentado a noite em um tronco velho que achei, aproveitando uma pequena fogueira que agora era só brasas, olhei para o céu estrelado pedindo um novo caminho. Pedi ao Senhor pedi a Deus, pedi aos santos amigos. Meus olhos vermelhos, lágrimas caíam e molhavam a terra. Tirei do bolso o bilhete de Verinha – Meu amor, eu te amo, demais mesmo, mas você parece não mais nos amar. Esqueceu que sou sua mulher e até de Juliano esqueceu. Não fala mais com ele. Nunca aceitei entrar com você no escotismo. Eu não sentia o mesmo que você. Nem todos nasceram para isto. Sei que você dificilmente vai deixar de ser um deles. Você já demonstrou isto na festa de aniversário do meu pai quando foi para a Assembleia, também esqueceu que sua mãe passava mal e mesmo assim foi para um Acampamento Distrital. Ela pedia sua presença naquele quarto do hospital e você não apareceu. Só chegou depois que ela partiu para outros rumos nas estrelas. Desculpe-me meu amor, mas não dá mais, estou indo embora. Aqui não volto mais. Juliano vai comigo. Quando contei para ele chorou muito, mas não voltou atrás. Saiba que eu te amo, amo demais, mas desejo que você seja feliz com seus amigos do escotismo.

Era meia noite quando juntei minhas tralhas e desci a serra. Minha decisão estava tomada. Eu não ia perder minha família. Amava o escotismo, mas até então eles não estavam em primeiro lugar. Agora não seria mais assim. Entre um e outro ficaria com quem convivi uma vida. Sei que o escotismo não tem culpa, mas quando participamos nos entregamos demais e esquecemo-nos dos nossos entes queridos. Vou atrás de Verinha e Juliano. Irei pedir perdão a eles de joelhos. Farei tudo para ela voltar.

Não irei fazer promessas, pois minha escolha estava feita. Espero que Deus me ajude neste novo recomeço. Quando desci do avião e bati na porta da casa da mãe de Verinha eu me lembrei de Chico Xavier - Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim.

Você não precisa ser homem, basta ser humano, basta ter sentimentos, basta ter coração. Precisa saber falar e calar, sobretudo ouvir. Tem que gostar de poesia, da madrugada, de pássaros, de sol, da lua, do canto da Cotovia, dos ventos e das canções da brisa. Quem sabe esta história serve para você?



JOÃO DE DEUS.

- Escrevi este conto ouvindo “Noturno” com a orquestra de Carlos Slivskin. Sou emocionalmente chorão. Escrever uma história e chorar com ela não dá para entender. Já publiquei, mas estava ouvindo a poucos instantes “Noturno”. Meus olhos se encheram de lágrimas. Porque não postar novamente?

Dois dentes grandes o faziam parecer um coelho quando sorria. Afável, gostava de um sorriso. Moreno cabelo cortados com máquina zero. Fazia parte do lugar onde estava. Magro e pequeno para sua idade de doze anos. Poderia ser Lobinho que ninguém viria à diferença. Filho de Dona Maria Noêmia, mulher boemia que passava as noites onde ninguém podia contar. Dificilmente ia visitar seu filho. Seu pai fugiu um dia e nunca mais voltou. Ele sentia falta. Queria um pai. Olhava para Miro como se fosse seu pai. O escotismo lhe deu outra vida outro motivo para voltar a viver. Esteva internado havia dois anos. Suspeitavam de um câncer. O tratamento de quimioterapia nem sempre ajudava. Tossia, sentia dores tremendas no peito, gritava de dor e os médicos sem nada poder fazer a não ser aplicar morfina. Nunca esqueceu aquele dia que Miro entrou na enfermaria. Na mão segurava um bastão com um totem do Tico-Tico. – Gritou alto! – Quem quer ser de minha patrulha? João nem pestanejou. Gemendo de dor se levantou. – Eu quero! – Disse.

Todo sábado pela manhã Miro chegava, sempre só, sempre falando alto: - Patrulha em forma! João se levantava com dores horríveis, mas formava com mais três. Leonel, Pedro e Josias. Josias morreu dois meses depois, Pedro ficou mais tempo na enfermaria até o dia que saiu para operar e nunca mais voltou. Leonel morreu sorrindo no dia que a patrulha ouvia a história de Caio Vianna Martins que Miro contava com emoção. Todos ouvindo atentamente. Ninguém viu Leonel escorregando da cama e caindo ao chão. Chamaram as enfermeiras que o levaram. Também nunca mais voltou. A patrulha teve mais dois patrulheiros novos na enfermaria que aceitaram entrar. João

contava nos dedos o dia de reunião. Aguardava ansioso. Miro um dia narrou fazendo gestos como eram os acampamentos Escoteiros. As barracas, a mesa, as poltronas de madeira a cozinha e o fogão de barro. João sorria um sorriso de um jovem que sonhava em ser sem saber que nunca poderia ser um deles.

Ele imaginou como seria a barraca, sorria pensando que estava dormindo em uma delas, como seria a mesa que chamavam de pioneiria. Imaginou o fogão aceso, as brasas, a panela fazendo arroz e a frigideira fritando ovo. Sonhava com o fogo de conselho. Era lindo pensava. Um dia Miro não foi. João de Deus sentiu tanta falta que chorou baixinho por muito tempo. Miro era seu bastão, seu sonho que nunca se tornaria realidade. Dois sábados seguinte Pablo chegou. Era o Sub. Monitor. Explicou que Miro foi operar na cidade grande. Queria despedir, mas o Doutor do Hospital disse que não. Seria muito triste sua despedida e não iria fazer bem para ninguém. Pablo era diferente. Pequeno, olhos negros enormes como se tivesse forçando para ver. Mas era um Escoteiro legal. Logo fez amizade com todos. Disse que a patrulha Tico-Tico não iria acabar. Ele estava ali para levantar o bastão e darem o grito. João de Deus sentiu saudades de Miro, mas voltou a sorrir o que não fazia há muito tempo.

Pablo ensinou a Canção da Despedida. João gostou, mas achou muito triste. Preferiu o Cuco, a árvore da montanha e adorava o Avancam as patrulhas. Pablo trouxe xerocado uma foto de patrulhas correndo pelas campinas, com a bandeira do Brasil. Era do caderno Avante. Lindo de morrer. João não tirava os olhos. O tempo todo ali olhando até desligarem as luzes. Fechava os olhos e seu corpo era transportado para os montes, para as montanhas, para as campinas e junto com seus companheiros eles cantavam o Rataplã. Seu sonho era fazer a promessa, pois sabia a Lei de cor e salteado. Um sábado também Pablo não veio. Ninguém explicou por que. Quem sabe a enfermaria só com ele presente a patrulha não podia se reunir. Juca, Moisés, Nonato também partiram para as estrelas conforme Dona Matilde a enfermeira explicava a morte dos jovens enfermos.

Mas ele queria continuar Escoteiro. Sabia que mesmo com um ele podia ser. Foi Miro antes de ir embora quem disse que onde houver um Escoteiro tem uma Tropa. Ele não sabia o que era Tropa, mas sabia que podia continuar amando sua patrulha e o escotismo. Um sábado bem tarde apareceu um Escoteiro bem mais velho. Já com seus dezesseis anos. Procurou João de Deus. Disse para ele que se chamava Rael. Não podia ficar ali, pois o Diretor do Hospital proibiu. Achava que a patrulha estava prejudicando muitos os meninos doentes e eles no último momento sempre pediam para dar o último grito de patrulha. Era impossível. Isto não ajuda contou Leo o Sênior. – João, estou aqui a pedido de patrulha Tico-Tico. Ela está na porta do hospital. Não deixaram eles entrarem. Só eu e me pediram para sair logo. Mandaram entregar para você o Livro do Fundador do Escotismo. Baden-Powell O Escotismo Para Rapazes. Eu mesmo comprei outro para presenteá-lo. O Caminho para o sucesso também de B-P.

Leo partiu e João de Deus começou a ler os livros que fizeram dele um Escoteiro diferente. Agora conhecia tudo porque ele deveria ter sido um. Deveria ter acampado, deveria ter conhecido trilhas e montes, deveria ter subido nos mais altos picos, deveria ter acampado nas mais lindas florestas do Brasil. Seu sonho era sentar em volta de um fogo, bater palmas, cantar sorrir e representar uma bela esquete. Quase não jantou naquele dia. Quando a luz apagou ele chorou. Não queria parar de ler.

Nunca na vida se sentiu assim. Fechou os olhos devagar. Suas lágrimas caíam sobre a cama. Sentiu uma luz azulada entrar no quarto. Viu um velhinho sorrindo para ele. Parou ao pé da sua cama. Falou pausadamente o lema Escoteiro – Sempre Alerta João de Deus. Quer ir comigo para o Grande Acampamento do céu? João de Deus parou de chorar. Olhou para um lado e outro e viu centenas de patrulhas formadas. Havia uma, um jovem sorrindo chegou até ele: - João vim buscar você. Era Miro. A Patrulha Tico-Tico não é a mesma desde que você foi morar na terra!

Na vida real ninguém viu uma enorme nuvem brilhante e alva sobre o Hospital. Uma linda estrela esperava o menino João de Deus. O Doutor Tavares sentiu um calafrio. Correu até a enfermaria e viu João de Deus de olhos fechados e sorrindo. Viu que ele estava morto. Ninguém viu seu último suspiro, mas o Doutor Tavares sorriu pensando que João de Deus morreu feliz. Na porta do hospital uma multidão de escoteiros de mãos entrelaçadas cantava uma canção estranha para ele. Diziam que não era mais que um até logo, não mais que um breve adeus. Completavam dizendo que breve muito breve todos iriam se encontrar nos braços do Senhor.



RUDÁ, O CÃO SARNENTO DO VALE DO ECO. (50)

- Hoje não o tenho visto mais. Nem mesmo Uiara que acredito lhe deu os momentos mais belos em sua vida. – Olhei de novo para Montezuma. Não havia como duvidar. Seu porte, seu olhar ainda era de um índio orgulhoso como todos aqueles que nasceram na nação Xavante. Mesmo que seus irmãos não tem mais aquela postura do passado ele ainda mantinha seus hábitos, costumes e tradições. Ficamos calados por instantes. O único som era da cachoeira do macaco, onde estávamos sentados observando a secura do rio que outrora fora um gigante de águas caudalosas. Ficamos amigos há tempos. Ele me respeitava como Chefe Escoteiro e eu tinha por ele um orgulho em saber que era um autêntico Xavante orgulhoso de sua tribo. – Minutos depois ele me olhou, e orgulhosamente completou: - Chefe dos meninos do bem, eu digo e repito se você fala com os animais eles falaram com você e se reconhecerão uns aos outros. Se não falar com eles você não os conhecerá e o que você não conhece você temerá. E terminou dizendo – E aquilo que tememos nós destruímos!

- Eu o vi um dia na Beira do Lago Salgado, em uma tarde modorrenta com mais dois chefes escoteiros que me acompanhavam. Não vi Uiara sua companheira. Era um cão feio, sarnento com um dos olhos furados talvez por uma lança ou por um tiro de espingarda. Queria saber sua história, queria saber onde dormia onde morava. Montezuma não se fez de rogado quando o visitei naquele verão cujas chuvas não estavam mais caindo do céu. – Pensei em ver lágrimas em seus olhos, mas um bravo

não chora. Prefere a morte a mostrar que um índio possa ser igual as suas mulheres. – Chefe dos Meninos do bem, Rudá era um cão do Pagé Kopenak e não era amigo dele. Nunca o alimentou e quando Uiara apareceu e ele a seguiu Kopenak não se importou. Os viu desaparecendo na curva do Touro das Águas Mornas. Ele nunca mais voltou à tribo e ninguém deu por falta dele.

Foi no inverno das cinco luas que ele apareceu novamente. O pelo amarelo cresceu, havia outro porte, outra maneira de andar e olhar. Suas orelhas ficaram pontiagudas e seu rosnado tinha um que de feroz que assustava. O Pagé Kopenak quando o viu tentou se aproximar. Desistiu, pois viu que os olhos de Rudá agora estavam vermelhos como brasas do sol poente. Uiara de longe só observava. Rudá ficou em pé no centro da taba do Cacique e latiu. Um latido forte que parecia um ganido de um cão raivoso e que assustou toda a tribo. O dia virou noite, não havia estrelas no céu. O ribombar dos trovões pipocavam, mas não havia raios nem chuva. Uiara deitou a sua frente em pose submissa e não latiu. De longe a tribo assustada olhava aquele cão que quando sarnento ninguém deu nada por ele. Agora parecia um animal enorme, mais que uma onça pintada daquelas que só encontramos nas margens do Rio Piquiri longe de Cuiabá bem perto do maior lago do Pantanal Brasileiro.

- Chefe dos meninos do bem, ninguém sabia o que dizer ou fazer. Aquele cão sarnento agora tinha o espírito do Deus dos animais, parecia vivo vindo dos altos Solimões onde habitavam os Mavutsinim, o primeiro índio criador dos povos do mundo, da serpente, do fogo e da água. Um clarão fez aparecer junto a Rudá à bela filha de Marangatu, Kerana, como se seu espírito fosse revivo quando morreu nas águas turvas do Rio Corumbá. Ela levantou as mãos e pediu silêncio. A tribo ajoelhou assustada com aquela volta de alguém que já tinha partido para a “Aldeia Divina” e sob as bênçãos do Pagé. Todos tinham visto que seu caminho foi o mesmo de muitos que também se juntaram aos grandes espíritos que hoje moram nos céus. Kerana de mãos levantadas começou a cantar uma canção que Montezuma conhecia. - Nesta mata distante sob a luz do luar, ouço uma canção linda que não pode parar, pescadores de sonhos são defensores da vida, eles dançam em roda para comemorar. Os pés descalços há muito tempo vivem aqui. São os Índios valentes, Tupi Guarani.

- Em seguida ela orou ao Deus Anhangá emocionando toda a tribo que chorava copiosamente. - Ó Grande Espírito, cuja voz ouço nos ventos, cujo sopro anima o mundo, ouça-me. Sou pequeno e fraco, preciso de sua força e sabedoria. Permita que eu caminhe na Beleza, e faça que meus olhos contemplem para sempre o vermelho e a púrpura do sol poente. Faça com que minhas mãos respeitem todas as coisas que o Senhor criou. Faça meus ouvidos aguçados para que eu ouça a sua voz. Faça-me sábio para que eu possa entender tudo aquilo que o Senhor ensinou ao seu povo. Permita que eu apreenda os ensinamentos que o Senhor escondeu em cada folha, em cada pedra. Busco força, não para ser maior do que meu amigo, mas para lutar contra meu maior inimigo – eu mesmo. Permita que eu esteja sempre pronto para ir até o Senhor de mãos limpas e olhar firme. Assim, quando a minha vida estiver no ocaso, como o sol poente, que meu Espírito possa ir à sua presença, sem nenhuma vergonha.

Um enorme clarão e Kerana desapareceu. Rudá e Uiara partiram devagar sem olhar para trás. Foi um dia que marcou a tribo e que aprendemos a respeitar os

animais, pois no fundo eles são melhores que nós. – Fiquei ali olhando para Montezuma. Pensei em perguntar onde poderia encontrar Rudá e Uiara. Ele me olhou com aqueles olhos negros profundos como a dizer que nunca me diria. Passei quase um ano sem voltar à tribo dos Xavantes e quando estive lá pela última vez não encontrei mais Montezuma. – Só me disseram que ele partiu rumo a Grande Aldeia do Universo. Confesso que me deu enorme tristeza, pois Montezuma era um dos poucos amigos índios que ainda preservava. No passado tive outros que também se foram com os grandes espíritos em busca dos seus ancestrais na eternidade.

Naquela noite retornando no Trem Noturno me lembrei do poema de Tecumseh – Viva sua vida de forma que o medo da morte nunca possa entrar em seu coração. Nunca incomode ninguém por causa de suas escolhas. Respeite os outros em seus pontos de vista, e exija que eles respeitem os seus. Ame sua vida, aperfeiçoe e embeleze todas as coisas em sua vida. Busque fazer sua vida longa e de serviços para seu povo. Prepare uma canção fúnebre nobre para o dia quando você atravessar a grande passagem. Sempre dê uma palavra ou sinal de saudação quando encontrar ou cruzar com um estranho em um local solitário. Demonstre respeito a todas as pessoas, mas não se rebaixe a ninguém. Quando se levantar pela manhã agradeça pela luz, pela sua vida pela sua força. Dê graças por seu alimento e pela alegria de viver. E Quando chegar sua hora de morrer, não seja como aqueles cujos corações estão preenchidos de medo da morte. Cante sua canção de morte, e morra como um herói indo para casa.

Ah! Nunca esqueci meus amigos índios, hoje vivo de minhas lembranças de Rudá que só vi uma vez e nunca encontrei com Uiara que hoje vivem felizes nas matas verdes do Brasil!

"Todos os seres vivos tremem diante da violência. Todos temem a morte, todos amam a vida. Projete você mesmo em todas as criaturas. Então, a quem você poderá ferir? Que mal você poderá fazer?" -"Um homem só é nobre quando consegue sentir piedade por todas as criaturas". Buda.



LEMBRANÇAS SAUDOSAS DO ESCOTEIRO CHICO VIOLA.

Cheguei cedo à sede. Estavam todos reunidos no Canto de Patrulha do Morcego. Havíamos combinados antes para discutir sobre a excursão a Ponte Queimada no mês seguinte. Todos ficaram em pé, pois o Chefe Salomão chegava acompanhado de um menino. Ele nas costas tinha uma viola presa por um talabarte marrom. – Morcegos! Disse o chefe – Este é o Chico. Todos os chamam de Chico Viola. Sei que vocês estão com seis patrulheiros e achei que ele poderia pertencer à patrulha de vocês! Ninguém disse nada, pois logo em seguida o Chefe chamou para a abertura no Cerimonial de Bandeira. A Tradição foi realizada. O Monitor antes da bandeira pediu licença o Chefe e se aproximou com o Chico. – Chefe! Ele falou alto, este é o jovem Chico, ele quer ser um de nós! – Aproxime-se Chico, disse o Chefe. Em breves palavras disse onde morava, nome dos seus pais e pediu às patrulhas que dessem o grito de boas vindas. A nossa ficou por ultimo. Rezava a tradição que o grito seria dado no meio da ferradura.

O primeiro dia de Chico Viola foi de perguntas. – Porque esta viola no seu ombro? Ele respondeu calmamente- Porque ela é minha vida, vai aonde eu for. – Todos se entreolharam. Chico não tirava nem mesmo na hora dos jogos. Alertado por Pitoco o Monitor que ele poderia quebrar ele fingiu não ouvir. No final da reunião a patrulha pediu a ele para tocar. Meu Deus! Como tocava a viola. Estávamos maravilhados e nem notamos que a maioria dos Escoteiros, das Escoteiras lobos seniores e guias fizeram uma roda em silêncio. Ele tocou Asa Branca, Casinha Pequenininha, Trem das Onze, As Rosas não falam, Chega de Saudade, Menino da Porteira, Carinhoso e quando assustamos eram mais de nove da noite. Ele ainda teve tempo para tocar Luar do Sertão. Fui para casa como se estivesse na rua pisando em flores. Apesar dos meus quatorze anos, naquela época eram as músicas que faziam sucesso nas rádios. Ele não tocou naquele dia músicas Escoteiras. Não conhecia nenhuma.

Chico Viola aos poucos foi conquistando a patrulha, a tropa a Alcateia e os seniores. Toda noite lá estamos apinhados em sua volta para ouvir as canções que ele tocava com maestria. Quando aprendeu o Rataplã fiquei boquiaberto, ele conseguiu dedilhar a viola e imitar uma caixa clara repicando. Mais tarde dominava todas as músicas Escoteiras. Encantava a escoteirada, mas fazia questão de aprender todas as técnicas Escoteiras. Nunca esqueci naquela jornada na Gruta do Morcego, que na estradinha o Chefe dividiu as patrulhas sendo que duas iam à frente e outras duas atrás seguindo a pista deles. Devíamos ficar de olho, pois eles esconderiam nas proximidades e tentariam tomar nossos escalpos. Em dado momento Chico Viola disse ao Monitor – Pare. Eles estão escondidos atrás daquela Moita de Assa peixe. – Como sabes perguntou o Monitor – Eles pararam aqui, veja parte do mato mais baixa que os demais. Um deles foi à frente e fez os sinais a poucos metros daqui voltando de costas para que suas pegadas assim todos acreditassem que iam em frente. Meu conselho? Cada um vai voltando devagar até a Curva do Sino e lá quando estivermos juntos daremos a volta no bosque e os pegaremos de surpresa pelas costas!

Dito e feito. Ganhamos o jogo. Mas ele tinha um cuidado especial nos acampamentos. No primeiro eu o convidei para me ajudar na confecção da mesa Tripé. Ele já era bom em nós. Fazia um volta de fiel, um balso pelo seio, um aselha duplo, um direto ou escota ou mesmo um nó de pescador com os olhos fechados. Com uma só mão dava lição com um volta de fiel simples o duplo, com um arnês, lais de guia, volta da ribeira e muitos outros. Fazer uma costura de arremate ou uma amarrada diagonal ou paralela era maneiro para ele. Quando o chamei ele me olhou de soslaio foi até sua mochila e pegou uma luva de pelica. Achei uma frescura e falei para ele. – Vado, minhas mãos fazem parte de mim, sem ela não posso tocar minha viola. Calos ou corte só irão me prejudicar no futuro. Interessante que Chico Viola não tinha boa voz para cantar. Enrolava e como tocava muito bem todos acreditavam que ele seria um grande cantor e um bamba na viola.

Quando passei para os seniores ele foi também, pois tinha estourado a idade. Não chegou a primeira classe, mas conseguiu doze especialidades, dentre elas a de Sinaleiro, cozinheiro, acampador, socorrista e Construtor de Pioneirias. Ele ficou conosco por mais dois anos e um dia foi embora. Fez questão de dizer ao Chefe Salomão que precisava estudar música e só capital conseguira. Como as noites ele tocava sua viola na Cantina do Valdomiro um dia um cliente viu e gostou. Ofereceu sua casa e matriculá-lo na escola de musica. É muito triste a partida de alguém que amamos. Chico Viola fazia parte de nós. Até hoje aprendi a cantar e amar as músicas da minha terra que eu conhecia, mas não com tanta profundidade.

Lembro-me com surpresa doze anos depois encontrei Chico Viola em um Restaurante na Rua das Acácias na capital do estado. Ele era o Proprietário. Sorri quando me viu e me abraçou a mim e a Célia. Sentou conosco por muito tempo. Contou sua história. Estudou música, fez parte da Sinfônica Estadual, mas um Maestro rancoroso e prepotente fez com que ele desistisse. O Maestro tinha poder e por onde procurava um emprego via seu pedido negado. – Vado, a vida me ensinou muitas coisas. Precisava sobreviver, o escotismo me ensinou muitas coisas a mais importante é não desistir. Eu ainda toco aqui no meu restaurante. Se ficar até mais tarde vais ver o restaurante encher de clientes que adoram me ver tocar. Era verdade, o restaurante lá pelas duas da manhã se encheu de clientes. Os garçons se desdobravam para atender todo mundo, num palco pequeno, em uma pequena banquetta, sozinho e sua viola Chico sorria recebendo as palmas de todos.

Conheci muitos jovens no passado que poderiam ser grandes interpretes e adquirirem a fama merecida. Juvenal foi um deles. Um interprete de árias famosas que hoje mora na Itália fazendo muito sucesso. Jaqueline foi outra que tinha uma voz de ouro. Ela cantou a Canção do Clã quando fez sua investidura tão lindamente que fizeram muitos pioneiros chorarem. Hoje canta no Carnegie Hall em Nova Iorque. Dizem que quando aparece no palco é ovacionada por vários minutos. O destino de cada um depende de duas coisas: Do esforço pessoal e da ajuda de Deus. Sei que nem todos alcançam seus intentos, mas se aqueles que estiverem fazendo diferente do que gostariam de fazer e tiverem no coração as palavras de BP, então eles serão felizes. Como diz o Velho ditado, para vencer não basta ser bom, tem que ter disciplina e ser perseverante.

Quem nasceu mesmo moreno, moreno de vocação, gosta de mar e sereno, de estrela e de violão. Pode até gostar de alguém, mas nunca deixa a solidão. (C.M).



A ESTRADA DO FIM DO MUNDO.

(Dizem que a lenda supera a realidade. Muitos diziam que encontraram esqueletos com facas de madeira fincadas no coração. Outros diziam que a estrada levava a Ushaia, mais conhecida como a estrada do Fim do mundo. Quem por ela passava nunca mais voltaria. Covas de vampiros, esqueletos fantasmagóricos, um cemitério bizarro uma passagem entre montanhas e escarpas que todos chamavam do Vale do medo. Bruxaria? Caixões em miniaturas vazios, mas soltando uma fumaça vermelha? Mentira ou verdade, mas toda a população da cidade de Fonte da Saudade evitava passar por ali!).

Até hoje todos se perguntam por que ninguém se preocupou quando Sarah atravessou toda a Rua do Alencar de uniforme, com uma mochila as costas um bastão as mãos e um sorriso de quem ia descobrir o mundo. Não era uma rotina para os moradores tal fato, mas os escoteiros eram conhecidos que já nem se falava mais no que eles representavam para a cidade. Muitos sabiam da lenda da Estrada do Fim do mundo, mas era apenas uma lenda. Contavam as centenas de casos de desaparecidos, de discos voadores, de luzes coloridas que transportavam os meninos para uma cidade existente no espaço sideral. Os mais idosos falavam do Cemitério Maldito, das bruxas de olhos vermelhos, de esqueletos em cada curva do caminho. Ninguém acreditava e diziam que eram apenas histórias. Nada havia sido provado até hoje. Tomukan e Jardel tinham um sítio logo no início da cidade. Nunca passaram pela estrada a noite sempre ao sol do meio dia. Uma estrada praticamente deserta e arriscar para que?

A cidade se regozijava com os escoteiros. Faziam de tudo para alegrar a comunidade com Fogos de Conselhos, desfiles, apresentações teatrais e muitos chefes se reuniam aos sábados e domingo no Coreto da Praça para contar histórias. Os lobos e lobs as Escoteiras faceiras, os escoteiros cantantes, seniores guias e pioneiros. Uma juventude serelepe voltada para o bem e para o amor fraterno. Um dia sem ninguém esperar um Chefe desconhecido subiu no coreto e sério pediu silêncio. Ninguém sabia quem era bem uniformizado sim, mas seu semblante se visto mais de perto parecia com a cara do diabo. Mas diabo tem cara? Sei não. Dizem que muitos já o virão e outros que querem ficar longe dele. Todos se assustaram e prestaram atenção ao que ele dizia. – Um conselho ele disse, não se arrisquem, não facilitem os demônios que podem levar vocês. Nunca em tempo algum escolham a estrada do Fim do Mundo para escoteirar!

Se ele não tivesse dito isto nada teria acontecido. Mas Sarah sempre persistente para ver o que não deveria disse a sua patrulha que iria excursionar na Estrada do Fim do mundo. Todos conheciam Sarah. Sabia dos seus medos e de sua luta em vencer a todos eles. Quando ela partiu e não voltou à cidade ficou em polvorosa. Era um corre-corre sem parar. Os escoteiros foram os primeiros a procurar. Dona Ana Lobato foi quem contou que a viu indo para a estrada do Fim do Mundo. Quem se arrisca? O Chefe Lobo Cinzento sorriu. - Deixa comigo disse. Vinte dias depois voltou todo rasgado, ensanguentado, desgrenhado e com os olhos arregalados e o pior: - Mudo. Não falava nada. Os bombeiros da cidade deram uma voltinha no início e a grita que ouviram ao longe fez todos correrem para suas casas. O Prefeito Done Branco pediu a ajuda do exército. Tanques deixaram marcas e nada foi encontrado.

Os Touros estavam calados. Em reunião de Patrulha Tarquino falou baixinho – Sarah era das nossas. Deixar que o diabo tomasse conta dela? Afinal e nosso orgulho? Jiparanã, Joviel, Calixto e Catapora se entreolharam. – Vamos ficar sem fazer nada? Não tinha jeito. Calixto levou dois facões, Catapora quatro canivetes. Jiparanã lixou a ponteira de aço de seu bastão. Joviel era franzino. Não estava com medo, mas enfrentar a capetada não era fácil. No baú do seu pai ele sabia que tinha um enorme crucifixo. Seria ele sua arma principal. Na Rua do Alencar ninguém queria olhar. Eram cinco escoteiros que passaram bem ligeiro rumo a Estrada do Fim do Mundo. Todos sabiam que sem Sarah não iam voltar. Nem bem escureceu quem olhasse bem a frente da Estrada do Fim do mundo iria ver um clarão vermelho, gritos e sussurros. Quase dois dias e o céu continuou vermelho e as estrelas pararam de piscar. Cinco dias depois a zoeira terminou. O sol surgiu e as nuvens do céu voltaram a ser brancas e alvas.

À tardinha a passarada fez uma revoadada infernal em Terra do Amanhecer o que fez todo mundo correr para a Rua do Alencar. Viram surgir ao longe, a Patrulha Touro com seus cinco escoteiros e a frente Sarah. Ela sorridente, eles sorridentes. Todos queriam saber, mas ninguém queria contar. A história termina aqui. O que aconteceu na Estrada do Fim do Mundo ninguém nunca soube. Nunca mais o céu ficou vermelho, os gritos das noites de tempestades sumiram. A estrada ficou toda gramada, nas áreas próximas a flores do campo surgiam aos borbotões. Agora toda a garotada passeava a pé ou em seus cavalos de aço na estrada que encontrou a paz. Na sede dos escoteiros todos queriam saber. Mas Sarah, Tarquino, Jiparanã, Joviel, Calixto e Catapora nunca contaram nada a ninguém. O tempo passou, Sarah casou com Joviel, Tarquino foi embora para a capital. Calixto e Catapora foram atrás de ouro nas Selvas do Amazonas. O bom de tudo que Jiparanã recebeu sua Insígnia, e agora é o chefe geral dos escoteiros e olhe ninguém até hoje soube o que aconteceu com Sarah, a patrulha na Estrada do Fim do mundo!

Só eu observei quando ele abriu o sexto selo. Houve um grande terremoto. O sol ficou escuro como tecido de crina negra. Toda a lua tornou-se vermelha como sangue, e as estrelas do céu caíram sobre a terra como figos verdes caem da figueira quando sacudidos por um vento forte! – Apocalipse 6:12-13.



COMO ERA VERDE O MEU VALE! (53)

**Nunca conheci meu vale, Nos meus sonhos era verde na primavera.
Lilás no inverno, e dourado no outono.
Mas era meu vale, lindo, e ali e podia viver meus sonhos.
Que nunca mais esqueci!**

Conheçam a fórmula para a felicidade

$$\text{Felicidade} = P + (5 \times E) + (3 \times A)$$

. Na equação, P corresponde à pessoa (características da visão de vida, adaptabilidade e flexibilidade), E mede o que é essencial ou existencial (saúde, estabilidade financeira, amizades) e A representa as coisas que o entrevistado considera como "em alta" em sua vida (autoestima, ambições, expectativas). A autoestima, expectativas, ambições e senso de humor (H) também são adicionadas, em menor escala.

Ninguém acreditou quando viu. Nem eu mesmo. Inacreditável! Impossível! Médicos, psicólogos todos aqueles que deram sua contribuição para a recuperação de Aninha se estivessem ali, estariam tão perplexos como eu. Tudo fora tentando no passado. Longas viagens, passeios, terapia, enfim, seria por assim dizer uma interminável lista, com todos os tipos de tratamento e sugestões. Eu desconhecia esse fato. Nem mesmo me dei por achado quando me falaram de Aninha. Aninha! Olhos negros, pequenos, nariz afilado, cabelos encaracolados negros e cortados curtos. Nos seus sete anos não chamava atenção, quieta no seu canto, sem sorrir, sem olhar para ninguém. Sempre voltada para o nada, como se estivesse em outro mundo, em outra dimensão.

Só fui conhecer a história de Aninha, muitos anos depois quando tentaram enturmá-la em uma matilha na alcateia do grupo que participava. O que me disseram foi uma história fragmentada, onde nada se ligava, a não ser sua profunda tristeza, fechada em si própria. Quando nasceu seus pais não observavam nada de anormal em Aninha. Claro, quase nunca chorava. Rir? Nunca viram. Aos dois anos desconfiaram que ela tivesse algum problema. Não sabiam o que era. Não tinham a menor idéia. Entretanto, verificaram que ela tinha toda característica de uma criança autista. Afastava-se do mundo, das meninas de sua idade. Inclusive dos seus próprios pais.

Ela vivia sozinha. Fechada em seu mundo. Não fazia amigos. Quando chamada muitas vezes nem respondia. Seus olhos não tinham uma direção fixa. Aqui e ali e nunca olhava ninguém diretamente. Parecia procurar algum no infinito. Brincadeiras com outras crianças? Nunca. Bem Aninha falava corretamente. Pelo menos a fala era perfeita. Mas o que mais entristecia aos seus pais era o sorriso. Nunca viram Aninha

sorrir. Nem chorar. Na escola seus professores sentiam enorme dificuldade em acompanhá-la. Aconselharam aos seus pais que procurassem ajuda especializada. Ali na companhia daquelas crianças ela não se enturmava não se desenvolvia e tudo que eles fizessem não era do seu agrado.

Seus pais levaram Aninha a diversos médicos, terapeutas, psicólogos e nenhum deles foram capazes de diagnosticar o que se passava com Aninha. Descartaram a possibilidade de ser ela autista. Todos os testes indicavam o contrário. Os pais de Aninha faziam de tudo. Nos fins de semana a levavam em cinemas, shoppings, parques, tudo onde diziam que as crianças sorriam e brincavam. Aninha não. Levavam uma vida modesta. Seu pai trabalhava em um Banco na cidade, e seu salário era acanhado. Mas o suficiente para que desse todo conforto a sua família e principalmente a Aninha.

Um dia, eu estava em casa, revendo um filme e que tinha visto diversas vezes. Um dos meus preferidos. "Como Era Verde o Meu Vale". É um daqueles filmes que ficam na lembrança para sempre. Acho que, mesmo para quem já o assistiu revê-lo é reviver as mesmas emoções movidas pela história do jovem Huw e de sua família. Há quem diga que ele era o preferido do diretor John Ford. Talvez uma das grandes causas do sucesso desse filme seja o fato dele criar, de alguma forma, um forte sentimento de família que persiste mesmo enfrentando a pobreza, greves, acidentes etc. Deu-me um estalo! Eureka! Quem sabe o escotismo pode ajudar?

Liguei para a Akelá Silvia na mesma hora, passava da meia noite, e falei sobre Aninha. Ela já conhecia a historia. Perguntei se tentaram convidá-la a ingressar na alcatéia. Ela me disse que a família esteve lá em duas reuniões. Entretanto Aninha não mostrou nenhum entusiasmo. Nem mesmo ficou prestando atenção a movimentação das lobinhas. Não me dei por vencido. Eu acreditava que devia existir uma maneira de Aninha se interessar por alguma coisa que poderia ser a solução para ela. O escotismo poderia ser a fórmula para a felicidade de Aninha. $Felicidade = P + (5xE) + (3xA)$. Não conhecem? Estou conhecendo agora. Eu inventei. E isso me fez acreditar mais e mais no que pretendia fazer. Eu sabia que esta fórmula é a chave mestra da força do movimento escoteiro.

Estudei meu plano nos mínimos detalhes. Falei com os pais de Aninha, com a Akelá, com o Diretor Técnico sobre o plano. Riram de mim. Com que base diz isso? Se tantos especialistas tentaram e não conseguiram, você agora achou a fórmula certa? Falavam. Mas eu acreditava. Queria o aval de todos. Os pais de Aninha não se animaram, mas tampouco foram contra. Tinham tentado tudo e sempre nutriam a esperança de ver Aninha sorrir. Só uma vez bastaria diziam. Não sabiam como era seu sorriso. Ela nunca sorriu.

O dia chegou. Eu não tinha medo ou receio. Se desse certo, teria feito meu papel escoteiro da boa ação. Se desse errado, paciência. Sempre devemos tentar. Se um dia formos nos criticar, que seja por ter feito e não por ter deixado de fazer. O dia foi de sol, a tarde uma linda tarde prenunciava o sucesso no meu empreendimento. Eu acreditava piamente que daria certo. Fui à casa de Aninha. Tudo estava preparado.

Esperamos dar umas oito horas da noite. Ela dormia profundamente. Sua mãe a carregou até o carro.

A viagem foi curta. Chegamos logo ao sítio onde a Alcateia Waingunga acantonava. Eu sabia que o Fogo de Conselho seria por volta das nove da noite. Teríamos que transportar Aninha sem ela acordar, até o local, e ali sentada em uma cadeira de praia e no escuro, Aninha seria acordada com a chegada das lobinhas, que caladas iriam ficar em volta da fogueira e dando as mãos cantariam bem alto a Canção do Fogo do Conselho. Aninha acordaria e vendo as chamas altas e tantas meninas alegres e cantando poderia levar um choque de felicidade. Seria possível? Quando contei para os coadjuvantes todo o plano eles riram a valer. Incrédulos! Em acreditava que ia dar certo.

Todos os chefes presentes e os pais olhavam para Aninha. A espera fora infundável. A canção terminou, o fogo crepitou as chamas subiram ao alto, os pássaros noturnos piavam, até uma coruja voou de seu ninho em busca de sossego. Aninha acordou espantada, surpresa e assustada. Ficou em pé, e vendo tantas lobinhas dançando em volta do fogo, eis que o inusitado aconteceu. Aninha passou a seguir os passos das outras. Cantava baixinho: ¶ Na Roca do Conselho, o uivo do Aquelá. E na Jângal distante, respondem os Lobinhos - Au au u u. Au Au u u. ¶¶.

Aninha agora sorria, brincava e cantava com as outras meninas. Seus pais pularam de contentes, o sorriso deles era contagiante. Os incrédulos de olhos arregalados, não acreditavam no que viam. Durante todo o Fogo de Conselho Aninha participou ativamente. Esqueceu os seus pais. Suas amigas agora eram as meninas da matilha Marrom. Fora adotada e muito bem recebida por elas. Em pouco tempo ela conhecia tudo da Jângal. No monte Seoni, onde habitava a alcatéia sua mente vivia agora. Conhecia o Rio Waingunga, que corre dos montes Seone e forma os pântanos nas baixadas, não esquecia nenhuma parte quando contava a história de Oodeypore, a cidade onde nasceu Mowgly e onde Bagheera a pantera negra esteve presa.

Aninha mudou. Muito mesmo. Ninguém explicava como podia ter acontecido assim. Seus pais comentavam com amigos que o escotismo é a fórmula do sucesso para os jovens. Todos os sábios doutores tentaram e nada conseguiram. Agora em um simples Fogo de Conselho aconteceu à cura de sua filha. Eles se transformaram. Suas tristezas acabaram. Encontraram a fórmula da felicidade junto com ela. Aninha fez a promessa, em um dia sem sol, mas parecia que o vento sul trazia toda a força dos Campos de Bhurtpore. Foi um dia que me marcou muito. Claro, eu estava lá. Não podia perder. Era como se Hathi e seus filhos também estivessem presentes. Aninhados em um degrau da escada Bagheera e Baloo se deliciavam com a promessa de Aninha. Enroscada no mastro da bandeira, Kaa ria e dizia, “Somos do mesmo sangue, tu e eu!” O lobo Gris e seus irmãos davam um grande uivo de felicidade. Até mesmo os Bandar-log, o povo macaco, agora também estavam felizes ali, vendo Aninha dizendo com todo amor: “Prometo, fazer o melhor possível para...”.

Muito tempo depois, fiquei sabendo que Aninha em sua casa chamava seus pais, e ali com o fogo da lareira acesa, contava histórias da Jângal. Soube também que alguns parentes, vizinhos e amigos se reúnem para sentir a força da felicidade de

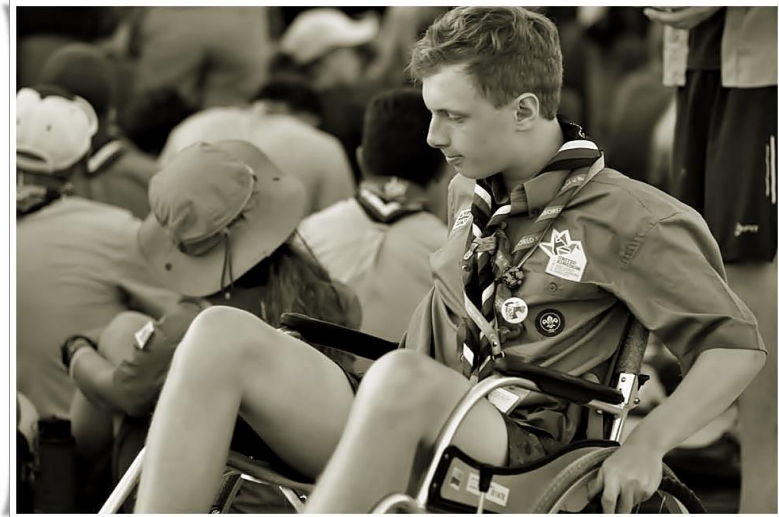
Aninha, quando ela contava ou narrava com sua voz linda, em pé, olhando nos olhos de todos em sua volta e apontando um por um dizia: - Vocês precisam conhecer a Lei da Jângal, Baloo, o urso pardo sempre dizia que essa lei vigora na selva e é antiga como o céu. Dizia ainda que assim como o cipó que envolve a árvore, a Lei do Lobinho envolve todos nós. Aninha ficava horas narrando. Ninguém arredava o pé. Pareciam encantados como se Kaa a serpente ali tivesse passado. Conheceram todas as personagens, e até tinham medo de Shere Khan. – Porque você matou? Perguntou Hathi, pelo prazer de matar? Shere Khan respondeu isso mesmo. Era meu direito. A noite é minha você sabe. Que direito é esse de que fala Shere Khan? Perguntou Mowgly. É uma historia antiga, tão velha quanto à própria selva. Então Hathi narrou cabisbaixo, descrevendo como o medo se apoderou dos habitantes do outro lado do rio. Mas essa é outra história...

Foi maravilhosa a recuperação de Aninha. A Alcateia Waingunga passou a ser outra. Agora Aninha dava o toque da alegria e da felicidade. Ninguém ria mais que ela, quando brincava ou jogava era como se fosse à primeira vez. Entregava-se de corpo e alma. A matilha marrom nunca mais foi à mesma. Corria, saltitava, gritavam e Aninha mostrava a todos sua mais suprema alegria e felicidade do mundo. É como Aninha mudou. Como o escotismo faz milagres. Lembro-me que um dia li, não lembro onde, que cada pessoa que passa na nossa vida, passa sozinha, porque cada pessoa é única e nenhuma substitui a outra. Ela não nos deixa só, porque deixa um pouco de si e leva um pouquinho de nós. Essa é a mais bela responsabilidade da vida e a prova de que as pessoas não se encontram por acaso.

Não sei por que, me lembrei de outro filme, famoso, uma ficção científica cujo título era Blade Runner. Em um momento triunfal, onde a justiça e a coragem se fazem presentes, o androide antes de morrer disse – “Tenho visto coisas que as pessoas nunca acreditariam. Naves de ataque em chamas mais além Orion. Eu assisti os raios C brilhando no escuro perto da comporta Tannhauser. Todos esses momentos se perderam no tempo, assim como lágrimas na chuva. Hora de morrer!”. Nada há ver. Não irei morrer. Mas vi muito mais. Vi Aninha sorrir. Valeu uma vida e esses momentos nunca se perderão no tempo, como lágrimas na chuva. Para mim, o sol brilha de uma maneira firme. Quem viu Aninha sorrir pela primeira vez, nunca mais vai esquecer.

O tempo passou. Mudei de cidade, nunca mais ouvi falar na Aninha. Agora deve estar uma moça feita com seus 18 anos. Tenho certeza que ainda está sorrindo. Sua vida agora é outra. Todo o passado se foi e ela aprendeu a sorrir, descobriu a felicidade. O porquê de antes e o porquê de agora, não sei explicar. Não sou psicólogo. Nem um doutor entendido no assunto. Mas sou um escoteiro, e sei por natureza que o escoteiro vive sorrindo, a vida para ele é bela e é formada de doces e grandes momentos de alegria e felicidade.

Sei também que as dificuldades ele o escoteiro deixa em um canto do armário, um dia vai lá e dá um jeito nela. Ajudando o próximo, amando seus irmãos e sendo amigos de todos, não importa quem. Ele, o escoteiro faz a sua felicidade. Eu acho que sou feliz, muito. Contribui para que Aninha descobrisse a fórmula. Qual? Felicidade = P + (5xE) + (3xA) resultado- ESCOTISMO! Uma linda e esplêndida maneira de viver e ser feliz! Por isso eu amo e adoro ser escoteiro!



O LENDÁRIO BANDIDO CASCA GROSSA E SUA PRISÃO POR ESCOTEIROS.

Ele sentiu uma pancada na nuca. Foi uma pancada leve sem muita força que nada significava se não fosse o saco de linhagem que enfiaram em sua cabeça. Tropeçou e caiu. Outra pancada e desta vez ficou zozzo a ponto de perder as forças. Amarraram suas mãos por traz e os dois pés. Amarra quadrada e forte. Feita por quem sabia fazer. Sentiu várias mãos arrastando-o até uma caixa ou outra coisa qualquer. Depois viu que era uma carrocinha puxada por alguém. Ele não era gordo, mas chegava pela sua altura a uns 90 quilos. Calculou que o arrastaram na carrocinha por uns três ou cinco quilômetros. Pararam e ele ouviu cochichos a distancia. Tentou falar e não conseguiu. Alguém havia colocado um enorme esparadrapo na sua boca. As vozes eram irreconhecíveis, mas ele se assustou. Eram vozes de crianças.

Jogaram-no ao chão e ele sentiu uma dor no ombro direito. Alguém pediu desculpas. Uma voz de uma menina. Raptado por meninos e meninas? Ele não acreditava, nunca pensou que seria assim um dia. Alguém passou uma corda embaixo de suas axilas. Sentiu-se arrastado morro acima. Não era fácil para eles, pois não deviam ser muitos. Por mais de uma hora o puxavam e paravam para descansar. Agora suas costas ralavam em pedras e viu que entravam em uma gruta ou caverna. Parece que chegaram ao ponto desejado. Eles o ajudaram a sentar. Alguém tirou o saco de aniagem de sua cabeça. Olhou assustado. Cinco meninos e duas meninas. Viu que estavam de uniformes e sorriu por dentro em saber que eram escoteiros. O que eles pensavam? Que era um grande jogo? Que ele estava ali para brincar? Ele lembrou que foi um deles por alguns anos, mas sua vida mudou muito. Agora nem mais acreditava naquela causa do General Inglês que um dia amou.

Uma menina dos seus doze anos se aproximou. – Pediu desculpas pelo acontecido, mas ele tinha de ficar preso. Um menino da mesma idade completou: - Já

passamos um telegrama para a Polícia Federal na capital. Em breve virão buscá-lo. Outro menino se adiantou e disse: O Delegado Gastão viajou e o cabo Ursolino estava bêbado, assim não o levamos para a delegacia. Eles sentaram-se juntos nas pedras da gruta. O olhavam espantados, mas não estavam com medo. Ele queria falar, mas o esparadrapo na boca não deixava. Estava com sede. Tentou fazer um sinal, mas eles não entendiam. Alguém chegou espavorido. Trazia uma mochila e dentro lanches e um cantil. – O mais Velho dos seus treze anos se apresentou: - Sou o Monitor me chamam de Morcego. Não queremos seu mal, mas não podemos deixá-lo solto. Sabemos que é um bandido perigoso e cruel. Vou tirar o esparadrapo de sua boca e você só pode responder o que perguntarmos. Se falar outra coisa colocaremos de novo.

Sentiu uma sensação de ar puro quando tiraram. Era até bom, pois se lembrou de quando quase morreu nas mãos do Delegado Corsino. Ele o deixou preso a uma raiz de uma árvore sem comida e água e com a boca seca. Quase morreu. Pediu água. A menina levou o cantil até sua boca. Bebeu com sofreguidão. Um menino um frangote de seus onze anos lhe deu um pedaço de linguiça frita. Comeu e repetiu várias vezes. A menina pediu desculpas. Vamos embora. Voltamos amanhã e se a polícia federal não chegar trazemos mais comida e água. Partiram não sem antes colocar o maldito esparadrapo em sua boca. Ele estava acostumado com a forma que o prendiam. Não se apertou. Encostado e amarrado a uma pedra ele dormiu. Não sonhou. Não era de sonhar. Sabia que sua vida agora era outra. Não era ladrão nem assassino, era sim um caçador de recompensas e perseguido por bandidos e polícias de todos os estados. De novo de caçador virou caça.

Acordou com os escoteiros chegando. Ainda de uniforme. Turminha Caxias. Ele riu para si próprio. No fundo gostava deles. Lembrou-se de sua promessa de seus acampamentos, do seu Chefe e dos patrulheiros da sua patrulha. Como ela se chamava mesmo? – Patrulha do Condor. Não falaram nada. Devem ter lido sobre como conversar com bandidos prisioneiros. A lábia dele é grande e se soltar morrem todos! Bebeu água, comeu um pão com manteiga. Chegaram a ponto de levar outro cantil com café. Gostoso demais. Sentia falta de um café quente. Tiraram o esparadrapo. – O monitor gentilmente disse que desistiram de tudo. Queriam soltá-lo, mas tinham medo. A menina escoteira com os olhos cheios de lágrimas disse que um jornal comentou que ele era bom, nunca matou ninguém. Foi condenado porque entregou um filho de deputado a um polícia, que queria a todo custo acabar com a vida dele. Quase o mataram, mas se defendeu e jogou o filho do deputado em um barranco.

Outro menino Escoteiro pediu desculpas e disse que queria apertar sua mão, pois soubera que ele fora Escoteiro. – o monitor disse: - Como soltar você? E se nos matar? Ele sorriu. Bem que aquela turminha merecia. Ele fora aquela cidade para prender um fazendeiro que polícia nenhuma queria prender. O dinheiro comprava tudo. Se ele prendesse o fazendeiro e o levasse até o estado do sul ganharia um bom dinheiro. Lá era procurado e com a cabeça a prêmio. Ele continuou calado apesar de estar sem o esparadrapo na boca. A menina pegou a faca escoteira. Ele se assustou. - Agora esta? Pensou. Ela cortou as cordas e ele ficou livre. Todos correram para o canto da gruta. Enroscaram-se de medo. Muitos tremiam como varas verdes soltas ao vento. Ele sabia que não ia fazer nada. Foi até eles. Deu a mão esquerda para cada um. Não esqueceu o sempre alerta. Sumiu na descida do morro onde ficou preso por dois dias.

O Doutor Lucrécio da Polícia Federal queria saber quem foi que enviou o telegrama. Nele dizia que a Patrulha Condor (a mesma do bandido) prendeu Zeca Casca Grossa procurado por todo Brasil. A patrulha Condor no canto de patrulha sorria. Colocaram no telegrama Condor, mas eles eram os Gaviões Negros. Não havia patrulha Condor. O Chefe conversou com o Doutor Lucrécio por muito tempo. Ele partiu sem saber quem passou o telegrama. A patrulha foi para casa unida. Moravam na mesma rua. Na esquina da Rua do Convento com a Santo Antônio viu alguém acenar e sorrir. Uma voz forte falou sem gritar: - Obrigado. A alegria de fazer o bem é a única felicidade verdadeira. Vocês mostraram que são realmente escoteiros. Prometo mudar de vida e podem acreditar, o Escoteiro tem uma só palavra e sua honra vale mais que sua própria vida! Ele sumiu e ninguém nunca mais ouviu falar dele. Um dia Anita ao entrar em um banco foi recebida por um senhor de barba e muito educado: - Seja bem vinda escoteira ao nosso banco, afinal na Gruta me deste água e eu nunca mais esqueci! - Nossa! Era ele?

Um bandido? Um ex-Escoteiro? Aprisionado por uma patrulha de Pata-Tenras? Era só que faltava, mas mesmo passando aperto ele se divertiu muito. Afinal ele sabia que entre os Badenianos a fraternidade campeia no coração de cada um!



SÓ O VENTO SABE A RESPOSTA

Esta é uma história que dizem ter sido real. Não posso afirmar. Eu era o Chefe de um Grupo Escoteiro e uma tarde de sábado notei uma menina de uns doze anos encostada a parede da biblioteca no pátio de reuniões. Ela observava com grande interesse a movimentação das tropas escoteiras. Ainda não havia a coeducação e mulheres só eram aceitas nas alcateias acima de 18 anos. Em dado momento me procurou. - Chefe como faço para entrar nos escoteiros? Um olhar profundo, uma vontade de ser e não poder ser. Expliquei a ela. Disse que só como bandeirante. - Mas aqui tem? Só balancei a cabeça negativamente. Não, respondi. Seus olhos se encheram de lágrimas. Tentei consolar, mas ela me olhou e saiu correndo. Passaram-se alguns anos, acho que uns seis anos se não me falha a memória.

Seis anos depois vi uma mocinha adentrando a sede. Pediu para falar comigo e prontamente a atendi. Confesso que não a reconheci. - Chefe agora eu tenho dezessete anos. Vou fazer dezoito daqui a três meses. Agora posso entrar? Foi então que me toquei quem era. Meu pensamento voltou no tempo e lembrei-me dela quando menina ainda pediu para ser escoteira. - Chefe, ela disse - Não lembras quando estive aqui há cinco anos? O senhor me disse que só depois dos 18 anos ou

bandeirante. Em nossa cidade não tem. Esperei sonhando com dia de hoje quando fizesse 18 anos. Agora sou quase de maior, posso ou não? - Claro, eu disse que sim. Nossa Alcatéia tinha 26 lobinhos. Dois chefes masculinos e duas femininas. Tinha que arrumar um lugar para ela. Uma perseverança em querer, em poder ser e depois de anos e anos nunca esqueceu seus sonhos. Claro que nunca poderia ser recusada. Eu jurei a mim mesmo que seus sonhos seriam realizados.

Não foi bem recebida. Uma das chefes me procurou em particular e disse que não poderia aceitá-la no grupo. - Por quê? Disse eu. Porque ela mora no “Ferreirinho” e o senhor sabe, lá é um bairro de má fama. Sua mãe só pode ser uma prostituta. Não sei por que falou aquilo. Era uma jovem ótima. Nunca deixou de ajudar ninguém. Infelizmente era uma época onde as mulheres que por um motivo ou outro foram parar ali naquele bairro não eram perdoadas facilmente. Não esperava aquela atitude. Pensei que não éramos assim. Éramos sim, uma fraternidade, cheia de compreensão para com o próximo. Ao encerrar a reunião ela pediu um Conselho de Chefes. Na reunião explicou o motivo. Éramos doze. Claro que concordei. Ela expos suas razões. Pelo menos sete chefes concordaram com ela. Vamos colocar em votação disse? Não precisa. Estou entregando meu cargo. Estou envergonhado. Pensei que aqui éramos todos irmãos e irmãos dos demais. Mas me enganei. Se isso for acontecer novamente prefiro não estar presente.

Todos os chefes pediram um tempo para pensar. - Não preciso eu disse. Um dia vocês me disseram que o escoteiro é amigos de todos e irmão dos demais. Se não pensam assim, aqui não é o meu lugar. Procuraram-me no meio da semana, inclusive a chefe em questão. - Desculpe chefe. Agi mal. Muito. Peça perdão. Coloquei a mão em seu ombro. Nada de desculpas minha amiga. Estou orgulhoso de você e dos outros por mudarem de atitude vendo que o mundo não é perfeito como desejamos. No sábado seguinte a jovem não apareceu. No outro também não. Fiquei preocupado. Será que ele ficou sabendo do que aconteceu e desistiu? Não tinha seu endereço. Não tinha feito por escrito sua inscrição. Não sabia como achá-la. Dois meses depois avistei uma mocinha que achei parecidíssima com ela.

Parei e perguntei. Expliquei tudo. Ela com lágrimas nos olhos me disse que era sua irmã mais nova. Ela se chamava Beatriz. Contou para todos de sua alegria em ser agora uma escoteira. Era seu sonho. Sempre falava o dia inteiro. Tínhamos que ouvir todos os dias. Durante mais de seis anos. No sábado pela manhã se preparou para ir ter com vocês. Ao sair foi atropelada por um ônibus. Levada ao hospital faleceu horas depois.

Fiquei pensando em tudo. Nosso destino, nossos sonhos. Perdidos em minutos. Em segundos. Por quê? Sem retorno. Acho que só o vento sabe a resposta!

“O fraco nunca pode perdoar. Perdão é um atributo dos fortes.” - “Olha as estrelas. Enquanto elas brilharem haverá esperança na vida.”



LUA DE SANGUE. (56)

Topázio olhou ao seu redor. Sempre aquele medo terrível que lhe acometia nas noites de acampamento, como se um fantasma, um demônio ou uma forma de lobo uivante pulasse sobre ele e não sabia como escapar. Topázio tinha onze anos, seis meses de Tropa. O mesmo acontecia quando na Alcateia, Lá pelo menos ele sempre tinha a Akelá que o protegia das almas do outro mundo. Ele não gostava muito do Balu. Sempre nos Fogos de Conselho contava histórias de fantasmas e isto era um terror para todos os lobinhos. Topázio nunca esqueceu naquela noite sem lua quando ele saltou no meio da fogueira, pulando feito um macaco e dizendo que era O Fantasma da Lagoa Negra, uma criatura desproporcionalmente grande, cabeça de melancia, olhos brilhantes da cor de laranja, braços e pernas finas, dedos finos, calvo com a pele áspera, e todos os chamavam de Demônio da lagoa. Ele fazia um barulho infernal, dando um grito enorme e assobiando como uma cobra. Não havia lobo que não gritasse e chorasse.

Topázio falou com a sua mãe que não iria mais aos acantonamentos. Como estava próxima sua passagem ela concordou. Mas nos escoteiros nada ficou por menos. Tornado um Escoteiro mais velho adorava fazer medo nos novatos. Andar na floresta, nos campos, nas escarpas da Pedra Molhada, nos vales em todos os lugares, Tornado matava de susto os novatos. Os mais velhos acostumaram, mas Topázio gritava de medo. Hoje diriam que isto era bullying, mas naquela época era divertido ver o medo nos novatos escoteiros. No primeiro acampamento Topázio não saiu de perto de Monte Alto o monitor. Monte Alto sabia o que os mais velhos faziam com os novatos e ele mesmo passou por aquilo. Outros monitores sempre diziam que isto serve para acabar com o medo. Monte Alto tinha dúvidas. Se viver com o medo e sentir o próprio dentro de si pudessem fazer dele um Escoteiro corajoso Topázio sabia que nunca iria ser um.

Foi na segunda noite que tudo aconteceu. Aquiles e Tornado resolveram se fantasiar de morto vivo e assustar todo mundo. Eles riam consigo próprio da gritaria que a patrulha Morcego iria fazer. Nem todos, pois Monte Alto e Lampeizina tinham coragem para dar e vender. Esperaram passar alguns minutos da meia noite. A figura dos dois era fantasticamente horrível. Uma tinta branca retirada de um pé de Caraça, e um barro vermelho nas margens do Riacho do Diamante fizeram tudo que precisavam. Quem os visse a noite ou morria de susto ou corriam para nunca mais parar. Pé ante pé aproximaram da barraca onde dormia Topázio, Nicodemos e Wantuil. Estava escuro feito breu. Ao se aproximar da barraca pararam estupefatos. Atrás dela um enorme Jacaré em pé. - Como? Jacaré não tem pernas! Mas este tinha e soltava fumaça vermelha pela boca. Não deu outra, Aquiles e Tornado sumiram na Mata do Corcunda.

Pela manhã o sol nascendo voltaram pé ante pé para ver a figura horrenda do Jacaré se ainda estava lá. Nada, agora já claro só o sol brilhando.

Não contaram para ninguém o que viram. Afinal eles é que amedrontavam os outros e não o contrário. No Fogo de Conselho à noite Topázio perguntou a Monte Alto se podia contar um sonho que teve com Aquiles e Tornado. Todos riram quando Monte Alto deu carta branca. Quando começou a contar do Jacaré os dois se levantaram assustados. Viram que Topázio se transformava em um e saíram de novo correndo para dentro da mata. Monte Alto e os outros não sabiam o que estava acontecendo. A visão não era para todos. Porque Topázio contava e fazia gestos, pois era um medroso de natureza ninguém entendia. Topázio mostrou ali naquele Fogo do Conselho que podia ser um ser do outro mundo. Ninguém imaginava que ele tinha este dom. Assim ele começou a narrar:

- “Escoteiros, Hoje a lua ficará vermelha. Vermelha de sangue. Dizem que é aproximação de Marte com a Terra”. Amanhã o sol se tornará negro como o saco de crina de cavalo! A lua verterá sangue no céu! As estrelas cairão pela terra como fogueira abalada pelo vento forte. Um monstro chamado de Rahu com a cabeça de um dragão e a cauda de um cometa irão levar todos os adoradores do diabo, aqueles que querem ver outros sentiram medo, Uma enorme carruagem de fogo puxada por oito cavalos pretos levarão todos para o inferno! Aqueles que querem se salvar neste Fogo do conselho rezem. Rezem para que os cachorros do apocalipse corram atrás do sol e que ele se vire para a lua de sangue avermelhada. Gritem, gemam, façam tudo para espantar esta força descomunal de Rahu!

De uma hora para outra o céu mudou. A lua alva e branca se transformou. Aquiles e Tornado que estavam escondidos atrás dos troncos das arvores vieram correndo para perto do fogo. A fogueira cresceu, as chamas subiram aos céus. A lua espalhava sangue para todo lado. Todos correram para as barracas. Topázio não. Ficou lá com as mãos levantadas como se fosse dominar aquele terror que todos estavam passando. Logo as estrelas brilharam, um cometa gigante passou trazendo paz e tranquilidade. A lua voltou a ser alva e branca. Topázio acordou. O sol entrava pela fresta da barraca anunciando o amanhecer. Levantou e olhou para fora da barraca. Muitos estavam ali calados sem dizerem nada. Parecia que todos tiveram o mesmo sonho.

Só Monte alto estava sorrindo. Era como se ele não tivesse sonhado. A patrulha nunca mais tentou amedrontar os novatos. Topázio depois deste sonho ficou respeitado pelos demais. Até hoje quando acampam nas noites de lua cheia olham para ele esperando uma nova história que ele fosse contar. Eu sei que não houve mais monstros, não houve mais cachorros do apocalipse, não houve mais Jacarés enormes de três pés. Agora havia camaradagem, amizade e amor entre todos os patrulheiros. Na sede hoje se alguém abrir o livro de ata da patrulha irá ver a história de Topázio. A Lua de Sangue ficou marcada na mente de todos que passaram por aquela patrulha e ninguém, mas ninguém mesmo nunca mais teve medo ou tentou amedrontar os novatos que lá chegavam!

Vampiro que toma sangue é Conto de Fadas. Terror é Vampiro que te suga energia e qualquer possibilidade de sucesso. Ele esta do seu lado, e você perde tempo acreditando em fantasma.



AS DIVERTIDAS HISTÓRIAS ESCOTEIRAS DE DOM TOMMASO.

Dall'italia noi siamo partiti Siam partiti col nostro onore. Trenta sei giorni di macchina a vapore E in America siamo arrivà. Merica, Merica, Merica, Cossa sarala sta Merica? Merica, Merica, Merica, un bel mazzolino di fior).

Dom Tommaso estava com sete anos. Seus folguedos, sua alegria sua escola em Orvieto na Itália era linda e cheio de historias. Adorava sua cidade e se pudesse ficaria na rua brincando com seus amigos todo tempo. Mas seu Pai Dom Lucheto Tommaso não era de conversar muito. Era dono de uma Loja onde se vendia de tudo. Iniciava seu trabalho às cinco da manhã e só fechava às onze da noite. Um domingo ele disse: Vamos partir. Vamos para o Brasil. Benito Mussolini (um político Italiano) pretende se unir a Hitler. Boa bisca isto vai dar. Vamos embora antes que as coisas comecem a complicar! – Pai! Reclamou Dom Tommaso. Amanhã eu começo nos “Lupetti” (lobinhos). Já conversei com a Akelá a “Capo” (Chefe) dos “Branco (Alcatéia) e ela me aceitou. Pai eu aprendi a fazer o “Cerchio! (Grande Uivo) e aprendi seu lema – “migliore possibile” (Melhor Possível). Pai já comprei o Il libro dela Jungla (Livro da Jângal), por favor pai, deixe pelo menos eu ser um deles por um ano! Porque o senhor não vai com a mamãe e me deixa com Vovó Donatela? – Levou um catiripapo do pai e foi chorando para seu quarto. O Il Duce foi bom uma época, mas depois tudo mudou. Sabia que ele deixaria os italianos comendo o pão que o diabo amassou.

Não teve jeito. Partiram um mês depois e Il Viaggio Della Macchina e vapore “Europa” (navio). Outras crianças estariam se divertindo e vibrando com a viagem, mas não Dom Tommaso. Poderia ter feito amizade com os filhos dos Andrella, os Armani, os Baccagîni ou mesmo os Bassani. Seu pai levou uma bela quantia para comprar uma fazenda. Sonhava em plantar café (O menino Dom Tommaso sonhava em

beber café no pé, devia ser muito gostoso pensava). Os anos passaram. A “famiglia” enriqueceu. Se Dom Tommaso esqueceu os “Lupetti” ele não disse. Cresceu, seu pai morreu e ele assumiu seu lugar. Dizem que ele aparecia em oitavo lugar no Ranking de Bilionários da revista Bloomberg. Políticos faziam fila em sua fazenda. Aquilo era demais para ele. No fundo nunca esquecera que por pouco poderia ter sido um Lupetti (Lobinho) e não foi. Precisava de alguém de fibra para ajudá-lo com aquela “cambada”. Mandou vir da Itália a peso de ouro o Consigliere Bortolletto. Valeu. Em cinco meses ele mostrou ser inteligente o bastante para fazer sumir alguns políticos e empresários que desfaziam do seu império.

Uma tarde fumava um esplêndido Cohiba (marca de charuto) na varanda quando teve uma ideia. Gritou e em segundos Bortolletto apareceu. – Vamos organizar um Grupo Escoteiro aqui em Orvieto (fundou uma cidade ao lado de sua fazenda no Brasil com o mesmo nome de sua terra natal). Quero coisa boa. Verifique quais as necessidades. Gaste o que for necessário. Depois contrate os melhores “Capo Scout” que encontrar. Triplique os salários deles. Garantia de um contrato para cinco anos aconteça o que acontecer. Peça autorização no “Ufficio Nazionale Scout”. (distrito ou escritório regional Escoteiro). Se ficarem em dúvida leve Pacharello e Donatello bem armados para assustar. Quem sabe deixe lá alguns milhões de dólares. Isto azeita tudo e brasileiros adoram. Bortolletto não era de discutir. Ordem dada ordem cumprida. Partiu para a capital. Foi direto procurar o “Capo di tutti Capi Scout” na cidade. Fez uma lista dos melhores. Não foi difícil, pois o país passava por uma fase difícil. Poucos empregos e muitas demissões. O Chefe Pascoal Lambert assustou com a proposta. Era gerente de uma multinacional. Ofereciam pagar três vezes mais. Não se fez de rogado. Ele era Insígnia de Madeira e um grande estudioso do escotismo.

Maria da Graça riu e achou que era uma piada. Quando viu dois jagunços armados em sua porta passou a acreditar. Era IM em lobo, uma das melhores Akelás do Brasil. Era uma dinheirama. Partiu no mesmo dia. Grapepe Mario Montes era filho de italiano. Nascera no Brasil e sempre sonhou em morar na Itália. Era o dirigente distrital em uma pequena cidade próximo de Jundiá. Tinha uma empresa, mas a proposta era demais. Por último Miocárdio Juvenal pensou em não aceitar. Era dirigente de uma grande região escoteira. Com sessenta e oito anos pensava em se aposentar. Ia dizer não quando adentraram na sala Pacharello e Donatello. Cada um com uma metralhadora Breda, calibre seis, 800 tiros por segundo. – Quanto pagam? Lá foi ele para Orvieto. Todos ficaram embasbacados com as mansões onde iam morar. A sede Scout era demais. Nunca viram igual. Quatro enormes salões, sala para cada sessão com escritório próprio do Chefe. O material de campo era de dar inveja. Melhor não contar como eram, pois para muitos seriam um sonho.

Nunca viram ou se reuniram com Dom Tommaso. Quem dirigia tudo era o Consigliere Bortolletto. Durante um mês prepararam tudo. Afinal eram bambas no escotismo. Tarantino Il pároco Della Chiesa era italiano. Vibrava com tudo. Agora esta molecada ou toma jeito ou vão levar uns cascudos de Dom Tommaso. No dia da inauguração a cidade em festa. Vieram políticos, o Vice-Presidente da República (A presidenta estava sendo acusada e podia sofrer um impeachment a qualquer momento). Uma Coccinelle (Alcatéia de lobinhas) veio diretamente de Orvieto para a inauguração. Vinte capo Scout também vieram da Itália. O Consigliere trouxe cinco dirigentes de

Gilwell Park. A cidade vibrava. Nunca viram nada parecido. O aeroporto da fazenda de Tom Tommaso estava cheia de aviões. Nunca se viu tanta gente importante. Onde estava Tom Tommaso? Sumiu. O Doutor Tullio Simoncini estava preocupado. Sabia que Dom Tommaso não podia se irritar fazer exercícios nada que pudesse dar ao seu coração o que ele não precisava.

O Doutor Tullio Simoncini morava em Roma e viera para Orvieto no Brasil em 1950 por ordem de Tom Tommaso. Ajudava a cidade e tinha montado um belo Hospital, mas sua preocupação era com seu mentor. Ele sabia que a festa poderia dar fim na sua vida. Mas fazer o que? O Italiano era unha de onça. Não dava o braço a torcer. – Doutor! – É meu último desejo. Tenho que ser Lobinho antes de morrer! Só assim partirei feliz. A sede Scout estava lotada. Em cima dos muros milhares de gente. Tinha gente por todo lado. No portão não podia entrar mais ninguém. O Consigliere Bortolletto foi claro nas suas ordens a Pacharello e Donatello. Quem encher o saco uma boa cacetada como presente. O Grupo Escoteiro formado, cinco tropas Escoteiras, as Coccinelle em pose de gala. A chefaiada espera do grande Dom Tommaso. E eis que ele chega, fardado de azul uniforme do Lobinho. Sorridente, um belo boné de lobo com duas estrelas no tope e um lenço azul. Gritou alto para a Akelá Maria das Graças – Akelá! Primeiro o grande uivo! Esperei sessenta e nove anos e não dá para esperar mais.

“E Dom Tommaso deu o Grande Uivo”. Pediu um jogo e na sua matilha marrom ele se divertia até cair ao chão sorrindo. Todos correram para ajudar. Dom Tommaso cumpriu sua promessa. Seria sempre um “Cucciolo”. Seu sonho não ia morrer, mas coitado de Dom Tommaso, morreu ali na grande festa escoteira onde o Grande Uivo que sempre sonhou se realizou. Agora que fique em paz. Um lobo de quase oitenta anos se foi, mas a selva aplaudia a partida de Dom Tommaso!



A ÁRVORE DOS SONHOS.

Ela sempre existiu na Rua da Felicidade, lá no final do bairro dos Grandes Amores. Ficava bem em frente à igreja dos Noivos felizes. Era um belo Jequitibá, enorme, frondoso e interessante, embaixo de sua sombra sempre existiu uma camada de grama verde macia e que nunca crescia. Ideal para deitar e sonhar. A sua volta flores silvestres nasciam em qualquer época do ano. A que mais se sobressaia eram as bromélias. Sempre floridas e perfumadas, um perfume que embalava os sonhos dos amantes que ali passavam. Minha Avó disse que quando nasceu ela já estava lá. Se for verdade ela teria mais de cem anos. Eu a descobri por acaso. Um dia andando sem rumo topei com ela. Encantei-me. A sombra convidativa me fez sentar e logo estava encostado ao seu tronco macio. Fechei os olhos. Dormitava. Foi minha primeira vez.

Voltei lá muitas outras vezes. Fiquei amigo do Jequitibá. Um dia assustei quando ouvi sua voz. Passou a narrar os sonhos e desejos dos que a procuravam. A princípio me assustei depois embalado pela brisa suave que ela fazia questão de soprar de leve em meu rosto passei a absorver através da mente o que ela insistia em me contar.

Tininho, um Escoteirinho feliz foi o primeiro. Um dia descobriu o Jequitibá. Como eu ele também se encantou. Voltava do seu primeiro dia de Escoteiro. Fechou os olhos, deitou na grama macia convidativa e sem perceber passou a narrar através da mente para a Árvore dos Sonhos um pouco de sua vida. Sempre quis participar. Seus pais contra. Fez tudo e nada. Era seu sonho ser Escoteiro. Não sabia a quem apelar. Um dia ouviu uma música, decorou e passou a cantar todas as tardes na varanda de sua casa. A música era uma velha conhecida do velho oeste americano. “Suzana”. Dizia - ¶Minha mãe vou lhe pedir, e não a quero aborrecer, para ser um homem forte, um Escoteiro eu quero ser! - Vou para o campo, aprender a trabalhar, não serei um peso morto e não darei o que falar! O meu Chefe, saberá me ensinar, andar pela floresta sem espinhos atrapalhar!¶ - E assim Tininho cantou por semanas e meses. Um dia seu pai se encheu e viu que precisa mudar. Viu que ele cantava plangente, queixoso e triste. Afinal era seu sonho de menino. O levou ao Grupo Escoteiro. A maior alegria de um menino sonhador aconteceu. Tininho voltou lá muitas vezes, muitas vezes contou seu sonho à árvore dos sonhos encantados sempre com um grande sorriso nos lábios.

Foi em uma tarde quente de agosto que a Árvore dos sonhos recebeu Nalvinha. Ela deitada na sombra gramada sonhava. Nalvinha sonhava em ser Escoteira. Com quinze anos procurou o grupo Escoteiro próximo a sua casa. Foi aceita e entrou na Patrulha Flor de Lis. Nalvinha vibrava com tudo. Ia para a casa, para a escola e sempre sua mente voltada para os escoteiros. Nalvinha não se achava bonita. Nunca achou, mas Totonho se apaixonou por ela. Ela não pensava em amores, pois o escotismo era sua vida. O pior aconteceu em um acampamento. Ela procurava lenha seca próximo ao seu campo de Patrulha. Totonho a segurou pelo ombro e a jogou ao chão. Nalvinha assustada gritou com ele e ele não parava, queria beijá-la a todo custo. Balbuciava que ela era sua vida, que a amava que viver sem ela era melhor morrer. O Chefe Lourenço ouviu seus gritos. O caso foi levado a Corte de Honra. A decisão foi unânime. Totonho seria expulso tão logo voltassem do acampamento. Nalvinha perdoou Totonho. Pediu ao Chefe que não o mandasse embora. Foi perdoado com uma suspensão de dois meses. - O tempo passou. Hoje Nalvinha é casada com Totonho. Vivem felizes como dois grandes amantes. Wallace e Rosália são seus filhos. Nalvinha sorria de olhos fechados. Ela era a mais feliz do mundo. Um grande amor, dois lindos filhos e o Escotismo que vivia em seu coração.

Era bom deitar sobre a relva verde da Árvore dos sonhos. Quanta coisa ela me contou. Ah! Joel Simon. Um dia passou por ali viu a árvore e resolveu tirar uma soneca. Joel Simon era Chefe. Oito anos de atividade e recebeu sua Insígnia de Madeira. Joel Simon reviveu tudo que aconteceu com ele como chefe. Uma tela enorme surgiu em sua mente. Ali sua vida passava rapidamente. Quando resolveu entrar foi por causa de Carlinho, seu filho de sete anos. Queria ser lobinho. Porque não? Lá foi com ele. Nunca viu tanta alegria em uma criança. Resolveu entrar, pois tudo o atraía ali. Marly foi contra. Sua esposa estava ficando amarga. Ele tentava manter seu casamento, mas estava difícil. Insistia para Marly ir com ele. Um dia ele se acidentou

em um acampamento. Acidente simples. Tentava descer por uma corda no alto de uma árvore. Perdeu o equilíbrio e caiu. Fraturou um braço e uma perna. Os escoteiros valentes o levaram até a estrada. Chamaram a ambulância. Marly quando soube ficou possessa. – Queria por que queria vê-lo fora do Grupo Escoteiro. Um dia ela resolveu se divorciar. Ele fez tudo para que não acontecesse. Não houve jeito. Ela foi embora. Não foi com ninguém. Voltou para a casa de seus pais. Deixou Carlinho com ele. Hoje ela voltou se arrependeu. Ele a abraçou e a beijou apaixonadamente. Ela pediu para ir ao Grupo Escoteiro com ele. Gostou. Disse que ia ser Chefe. Ah! Joel Simon, o Chefe Escoteiro mais feliz do mundo!

Mas nem todos os sonhos são felizes. Noêmia era professora do Grupo Escolar Padre Eustáquio. Um dia viu uma Alcatéia de lobinhos passando em frente à escola. Era sábado. Ela fora lá porque precisava colocar em dia as provas que os alunos fizeram na semana. Noêmia tinha vinte e cinco anos e solteira. Não era bonita. Nunca foi. Ao nascer tiveram que operar sua boca. Um rasgo enorme. Uma parte dos lábios finos e outro grosso demais. Seus alunos olhavam para ela com medo. Fazia tudo para conquistá-los. Mas era difícil. Pensou em procurar o grupo. Não sabia o que a esperava. Um Chefe prepotente, rancoroso, a recebeu mal. Ela não sabia o que fazer. Ele dizendo a ela que não precisavam de ninguém. Que ela primeiro devia operar os lábios. Nenhum Escoteiro ou lobinho iria gostar dela. Que ela se tocasse. Noêmia saiu dali chorando. Ao atravessar a rua um ônibus a atropelou. Ficou tetraplégica. Sua mãe a levava sempre a Arvore dos sonhos. O Jequitibá chorava com ela. A embalou muitas vezes tentando com seu néctar retirado de sua folhas verdes como a servir de bálsamo para sua tristeza.

Ah! Eu gostava muito de ficar ali debaixo do Jequitibá frondoso. Tornamos grandes amigos. Um dia vi dois homens da prefeitura dizendo que tinham de serrá-la. Impossível! Não podiam. Alegaram que ela ia cair. Cupins em seu tronco o demonstravam. Chorei muito. Ela não chorou. Disse-me que já era hora de partir. Ela estava cansada, precisava de uma nova morada para descansar dos trezentos anos que viveu na terra. Pediu-me para tirar uma muda. Tão logo ela se fosse que eu devia plantar um filho seu ali. Uma tarde vi que meu amado Jequitibá partira para outra vida. Plantei a muda. Um ano ele já dava sombra. Aos seis anos era um belo Jequitibá frondoso. Nunca esqueci o velho jequitibá. Quantos sonhos ele me contou. Durante anos ia lá sempre. Deitava na sombra gostosa e na grama verdinha macia. Meu Deus! O novo Jequitibá passou a dividir comigo os sonhos de quem o procuravam! Sou um homem de sorte. Valha-me Deus! Quantos amigos eu fiz, como é bom viver uma vida de felicidade e ser amigo de uma Árvore dos sonhos me faz feliz e renascer todos os dias!

Cada novo amigo que ganhamos no decorrer da vida aperfeiçoa-nos e enriquece-nos, não tanto pelo que nos dá, mas pelo que nos revela de nós mesmos“.



POLINÉSIO E OS NÓS ESCOTEIROS. (59)

Dois meses de Tropa. Na Patrulha Jaú. Disseram que ia acampar subir em árvores nadar, construir cabanas tantas coisas que ele ficou entusiasmado e só pensava na sua nova vida de Escoteiro. Dois meses e nada. Bem nada é maneira de dizer, pois foi a uma boa ação na praça e plantou quatro árvores. Não foi mole fazer o buraco e plantar. O Chefe Corega tirou muitas fotos junto a ele. Pensou se devia continuar. Policarpo insistiu. Aguarde, o acampamento vem aí você vai vibrar e nunca mais esquecer. Tem de tudo, mas o fogo de conselho é de abafar. Coisa para ninguém botar defeito. – Naquele sábado nem hastearam a bandeira e o Chefe Corega reuniu todo mundo. Vamos até a capitania, vamos aprender nós de marinheiro e seremos os maiores cabistas escoteiros da região. Polinésio era obediente e disciplinado. Lá foi ele em fila pela cidade até a sede naval próximo ao mar. Ele já tinha aprendido alguns nós, não muitos, mas dava para o gasto. Esperava o acampamento. Fazia com perfeição as amarras e treinou semanas uma costura de arremate. Mas agora ele ia aprender outros. Bem mandado não reclamou. Em fila chegaram à sede da capitania dos Portos.

Potiguar o Segundo-Tenente os recebeu. Peito inflado, mostrando sua postura marinheira disse: - Bem vindos escoteiros. Teremos uma aula de nós que vocês jamais esquecerão. Polinésio não esqueceu mesmo. Levados a uma sala de aula ele lembrou que na segunda teria prova de matemática. Balançou a cabeça e prestou atenção no Segundo-Tenente posto que ele gostava de ser chamado. – Com um vozeirão de comandante de navio de esquadra ele começou: - Os nós servem para unir dois cabos, dois chicotes do mesmo cabo ou prender um cabo a um objeto. Hoje vamos aprender vinte, mas são mais de cem! Basicamente existem três tipos de cabos. Os de fibra vegetais (linho) pita cairo, cânhamo, sisal, algodão e manila designando-se por exércia branca ou alcatroada, os compostos por fios metálicos, arame zincado ou aço inoxidável, os de fibras sintéticas nylon, perlon, dacron, kevlar, spectron etc. estes os mais usados na marinha de recreio. Polinésio fechou os olhos. Ele era um dorminhoco e tais palestras eram cansativas e melhor dormir. Acordou com um estalo de mão na carteira que estava. – Acorda Escoteiro! Acorda! Dizia o Segundo-Tenente Potiguar.

- Deus meu, pensou Polinésio. Dai-me forças para aguentar. – O vozeirão do Segundo-Tenente se fazia no ar. – Vamos aprender um nó simples que serve para impedir que um cabo corra num olhal ou gorne. – Bendito seja Deus e os nós do tenente pensou Polinésio. – Antes de começar (Putz! Ainda não começou?) – é bom que saibam que o aparecimento de nós iguais em partes diferentes do globo leva-nos a concluir que alguns deles foram descobertos isoladamente. Julga-se que já eram usados na pré-história pelos homens das cavernas. O mais antigo nó que se conhece foi descoberto

em 1923 numa turfeira na Finlândia e cientificamente datado de 7.200 Antes de Cristo. Também se sabe que os antigos Gregos, Egípcios e Romanos usavam nós com alguma complexidade nas construções de edifícios, pontes e fortificações, assim é bom saber que os marinheiros não são detentores desta arte. Sei que desde o século XVII a marinha começou a aprender e utilizar diversos nós que hoje são chamados de nós, voltas, falças, mãos, costuras, botões, pontos, pinha, gaxetas e coxins.

Polinésio dormia a sono solto. Não só ele, mas também os outros seis escoteiros que lá estavam. Era a Tropa. Não havia outros, pois muitos deram no pé quando não sentiram que não havia acampamentos e excursões por anos e anos. Ele abriu os olhos pesados e viu o Segundo-Tenente ensinando um nó simples, em oito, frade, direito, ladrão, escota, pescador e lais de guia. Logo entrou com as voltas tais como o Fiel, Anete, redonda, cunho etc. Não esqueceu a alça, falça e pinha. Polinésio não sabe quanto tempo dormiu. Não era a primeira vez. Aconteceu outras tantas com o Chefe Corega quando resolvia dar uma palestra. Interessante que ele se entusiasmava tanto que nem prestava atenção nos dorminhocos da Tropa, ou seja, seis escoteiros. Voltaram para a sede lá pelas cinco da tarde. Se ele aprendeu algum nó não lembrava. Se prestou atenção na exposição de nós e amarras do Segundo-Tenente nunca iria poder repetir, pois não se lembrava de nada.

De uma coisa eu sei. Polinésio nunca mais queria aprender nós em sua vida. Os que sabia dava tranquilamente para fazer uma mesa, um fogão, um ninho de água ou mesmo uma ponte levadiça. Mas quando? No sábado seguinte apareceu só quatro escoteiros. Dois não foram. Polinésio era um deles. Pediu ao Policarpo o monitor dizer que não ia mais. Policarpo coçou a cabeça. - Não sei se posso disse. - Por quê? Perguntou Polinésio. - Porque acho que eu também não vou mais voltar. Mas quer saber? O Chefe Corega estava rindo a toa. Três meninos novatos queriam entrar para os escoteiros. - Eles em forma na patrulha de Policarpo a única existente disse: - Aqui quem é escoteiro tem fibra de herói. Anda com suas próprias pernas. Escoteiro que é Escoteiro não anda voa. De mole eu quero distância Escoteiro para mim tem de ser macho! - Um dos novatos perguntou: - E aquela menina Chefe? Como dizia a poetiza: - Quantas vezes você me perdeu olhando para o nada, pensando que tudo poderia ser diferente?

A escolha é possível, em certo sentido, porém o que não é possível é não escolher. Eu posso sempre escolher, mas devo estar ciente de que, se não escolher, assim mesmo estarei escolhendo ”.



Se a minha arte tem sido ao longo da minha vida servido para reacender aqui e Lá, poucas brasas extinguiu os fogos de nossas adolescência e assim eu peço que Deus seja louvado para todos nós. Pierre Joubert

SUSTENIDOS E BEMÓIS, COISAS DE PARDAIS NO AR.

A peregrinação me fazia repensar o porquê elevando ao quadrado um sonho abstrato em matemática era como se dirigir ao meu coração que batia calmamente obedecendo às normas surreais de um passeio não programado. Não corria, trilhava o asfalto quente sem eira somente. Pisante macio era como se naquela tarde eu velejava em mar aberto em um céu de brigadeiro. Tarde quente, sol longe do poente. Eu não o via. Estava eu escondido naquela selva de pedra onde se sobressaíam os arranha-céus que queriam tocar as nuvens, mas elas se desmanchavam na poeira do vento amigo. Mente deletéria imaginava como seria fácil ir de encontro ao impossível coisa que não acreditava que pudesse fazer. Sons de veículos passantes, buzinas estridentes, passadas no chão corrente tentando voltar ao lar. Uma gota pequenina de suor correu de mansinho em minha face e se esparramou borrachuda no chão pedregoso. Pensei no homem que faz trabalho penoso, vive do suor do povo. Mentira? Mas não dizem que é fruto de uma jornada, o suor no rosto é custa de muito esforço e grandes penosos sacrifícios?

Parei... Eis que sintomaticamente avistei um pequeno parque surgido do nada como se o Mágico Houdini me revelasse que ali era meu lugar. Bonito, resplandecente agora eu ia parquear. Escondido entre as avenidas asfálticas, prédios gigantescos parece que agora encontrei o meu lar. Banco de madeira convidativo, lugar sedutor. Sombra cativante árvores atraentes e áreas esplendidamente vazias. Sentei, me acomodei corporalmente nas curvas gostosas do banco acolhedor. Pensei em voltar meu rosto na direção do sol, e então, as sombras lentamente foram ficando para trás. Amigo, meu objeto direto do desejo de admirar o belo perdido entre as sombras, me alertava que o campo dos sonhos não é onde estamos. Só lá sombras verdadeiras de arvoredo dão as sombras que precisamos. Deixei me levar pelos sonhos. Lembrei-me de Michelle quando escreveu: - Fechei os olhos e me comprometi a sonhar com você. Disse ao sono: venha logo, para que eu possa vê-lo, para que eu possa senti-lo, para que eu possa ter um pouco mais do pedacinho do céu. Logo adormeci. De repente o sol poente estava sumindo.

Foi então que me dei conta que era ela que me fazia sonhar. Linda Arvore enorme, verde que te quero verde, uma sombra que se espalhava ao redor do meu mundo que encontrei perdida naquela praça desaparecida entre o os prédios daquela cidade de pedra. Olhei para ela, como era bela, era como se eu disse sem dizer, “eu sei que já faz tempo, mas ainda amo você”! Sombra enorme, vivente, escondida do sol poente braços enormes, me voltei no tempo. Ah! De Camisa de Escoteiro subia como anarquista, explorador, batedor ou pioneiro a descobrir ate aonde ia e onde podia chegar. Elas as árvores que me acolheram sorriam sem me condenar. Venha! Suba você não é um agitador ou um anarquista, aproveite dos meus galhos faça de mim o que quiser... E lá eu ia na correia de mateiro, como bom e valente Escoteiro a explorar as alturas do Jequitibá, da Peroba Rosa, do Pau Brasil e de tantas que se alegraram em me abraçar...

Eu absorto naquele lugar encantado, pensativo e concentrado olhava a árvore como se ela sempre fizesse parte da minha vida. A tarde foi se aconchegando no horizonte. Eu me sentia abraçado, amado, e por ela adotado tinha certeza que éramos um só. Eu e a árvore da Praça do arredor. Um bordel de sons começou a se formar. Ventania de revoada, como se fossem trovões tocados ao longe por uma mão invisível naquele céu escuro do alvorecer. Olhei para o céu espantado e vi que a hora tinha chegado. Milhões deles, já iam se recolher. Como se fosse uma sinfonia com sustentidos e bemóis vi que eram coisas de pardais no ar. Nada de novo no front para um Velho que tinha a natureza na alma e viveu tantas sinfonias de rádios de pássaros errantes tocadas em plena floresta do Pica Pau e o Bem ti Vi. Eles foram alcançando os mais altos galhos, os grasnados foram escasseando. Aos poucos o silencio retornou com a brisa fresca do ar. Os pardais dormiam. Hora de partir, levantei tropegamente.

Uma partida silenciosa. Não iria acordar a orquestra sinfônica que resolveu se acomodar na mais bela árvore do lugar. Uma duas três passadas trêmulas. Parei. Voltei o rosto para a praça. Tudo quieto, tranquilo, calmo e sossegado. Os pardais dormiam sobre a proteção da árvore da vida. Árvore tão querida que os passantes do dia não sabiam o tesouro que tinham ali intocável, mas que todos podiam usufruir ou desfrutar. Mudei de pensar, sorri ao andar, pensei que nada seria como hoje para mim dora em diante. Pião de madeira... Carrinho de ferro... Tudo era tão solido... Ah! Vida tão cheia de vida, mas que um dia vai acabar...

Gosto quando me falas de ti... e vou te percorrendo
e vou descortinando a tua vida
na paisagem sem nuvens, cenário de meus desejos
Tranquilos

Gosto quando me falas de ti... e então percebo
que antes mesmo de chegar, me adivinhavas,
que ninguém te tocou, senão o vento
que não deixa vestígios, e se vai
desfeito em carícias vãs...

J.G. de Araújo Jorge.

Senhor ajudai-nos a construir a nossa casa Com janelas de aurora e árvores no quintal -
Árvores que na primavera fiquem cobertas de flores E ao crepúsculo fiquem cinzentas
como a roupa dos pescadores.



O ESTRANHO SEM NOME DA RUA DO CRAVO.

Ele chegou como um fantasma surgindo na Estrada dos Aflitos. Andava devagar sem pressa entrou na rua principal, atravessou a praça lentamente. Usava uma calça de gabardine azulada e desbotada. Um pulôver cinza cobria parte do seu corpo. Não deu para ver seu rosto, estava coberto por um chapelão de abas largas. Na igreja Bolonha o sacristão forçava a corda do sino com as primeiras badaladas da Ave Maria. O inverno chegava manso sem fazer alarde. Um frio cortante percorria a rua e a praça sinalizando uma madrugada aonde cada um ia se virar como pode para se proteger das noites geladas que deviam estar chegando. Todas as janelas estavam encostadas com uma fresta aberta para poder ver o Estranho que chegava. Impossível ver o rosto coberto com a aba do chapéu. A rua deserta os olhos escondidos esmiuçavam quem era o Estranho e o que estava fazendo na cidade. Dobrou na Rua do Cravo e no número 17 entrou. Quem contou foi J. Pessoa, um mendigo que vivia nas ruas do Arraial vivendo da caridade alheia. Uma cidade de menos de duas mil almas não tinha o que fazer. Tudo era motivo de conversa, fofoca, disse me disse e nada mais.

Durante um mês ele não saiu e nem na porta chegava. A casa da Rua 17 pertenceu a Dona Joelma que morrera dois anos antes. Todos souberam que tinha um celular e por ele fazia suas compras. Mandava o entregador colocar na porta e pagava com cheque na fresta da janela sem mostrar o rosto. Todos sabiam o que comia o que bebia, mas nada diferente de gente simples ou remediada. O falatório foi aos poucos sendo esquecido. Se o Estranho tinha nome ninguém sabia. O Cabo Marinho sorria quando lhe cobravam investigação – Ele não fez nada, se fizer eu usarei da minha autoridade! – Dois meses depois pela manhã, um sol de rachar eis que surgiram seis rapazes dos seus dezesseis a dezessete anos de bicicleta, bem equipados e fardados de escoteiros. Não perguntaram a ninguém e nem tampouco pararam para conversar. Entraram na Rua do Cravo e no número 17 desceram entrando na casa do Estranho sem Nome sem bater. Naquele dia não saíram. Dormiram na casa por três dias seguidos. J. Pessoa rondava por perto para ver se ouvia vozes, qualquer coisa que pudesse vender a fofoca a troco de um prato de comida.

Ao meio dia da quinta feira partiram como chegaram. Nem no Boteco do Amadeu pararam para um café ou um doce. Três meses depois um carro adentrou no Arraial do Roncador e parou na Rua do Cravo em frente ao número 17. J. Pessoa de butuca tudo via tudo sabia, mas não contava nada. Ele viu dois homens de fisionomia

alegre, sorrindo também fardados de escoteiros entraram sem bater. Não ficaram muito tempo. Às oito da noite partiram assim como chegaram. Interessante foi à donzela, linda e formosa, cabelos loiros, que ao sol brilhava, chegou no ônibus que seguia para Sol Nascente e com os olhos cheio de lágrimas soluçava. Seguiu sem cumprimentar ninguém direto para a Rua do Cravo no número 17. Estava vestida de azul, com um lenço verde e amarelo no pescoço, um bonezinho com duas estrelas e não olhou para nenhum morador. Interessante, ficou uma semana. Namorada? Esposa? Amante? Ninguém sabia nem mesmo J. Pessoa. Quando ela partiu foi a primeira vez que o Estranho sem Nome apareceu à porta acenando para ela com um sinal que ninguém sabia o que era, mas entre os fraternos se sabia que era Melhor Possível.

J. Pessoa chegou perto demais para tentar ver o rosto do Estranho. Não deu para ver. Um boné de aba comprida tampava tudo. Viu seu corpo, magro quem sabe um metro e setenta e parecia não ter mais que trinta anos. Viu que ele soluçava quando ela partiu. – Borrasca o entregador do Armazém do Grilo dizia que ele pagava com cheque. Sempre com uma gorjeta para ele. Os cheques nunca voltaram e o Senhor Grilo sorria em saber que diferente de muitos moradores da cidade, que lhe deviam há meses e nunca pagavam o estranho era honesto e nunca lhe deu nenhuma preocupação nos pagamentos com cheque. Interessante que o cheque tinha o nome de um banco Inglês e uns rabiscos. Sua assinatura era ilegível, mas e daí? Pensava o Senhor Grilo. O cheque caía e o dinheiro também. Oito meses haviam se passado com a chegada do Estranho. Já não era motivo de fofocas, de indagações e aos poucos o arraial incorporava o estranho como mais um dos seus moradores misteriosos.

O tempo no Arraial do Roncador não existia para os moradores e não era medido de nenhuma forma. Ninguém fazia nada. A poeira na rua aumentava. As chuvas da primavera ainda não haviam chegado. J. Pessoa desistiu de investigar o Estranho. Bolonha todas as tardes continuava a tocar seu sino anunciando as seis badaladas da Ave Maria. No rio Corrente as lavadeiras ainda fofocavam, mas o Estranho foi esquecido. Um grito sutil de espanto percorreu todo o Arraial quando viram o Estranho partindo. Partiu as seis em ponto quando Bolonha começava a tocar seu sino na Igreja dos Anjos. Pela primeira vez viram seu rosto, era um belo rapaz, olhos azuis, cabelos negros que se sobressaíam com o chapéu de abas largas solto nas costas preso por presilhas em uma tira de couro marrom na aba do chapéu. Estava fardado de Escoteiro. Parou no Boteco do Amadeu e ao entrar deu de cara com o Cabo Marinho e o convidou para um café. Pagou e foi direto ao Armazém do Grilo. Deu uma bela gorjeta para Borrasca o entregador. Sumiu na curva da estrada dos Aflitos e ninguém nunca mais ouviu falar dele.

Waldico O Mestre como era chamado era o único que tinha um computador no Arraial. Assustou e saiu correndo a contar a meio mundo a notícia que acaba de ler no Blog do Matador da Capital do Estado. – Dizia: - Prezo Monte Cristo, pai de Anita, professor catedrático do Colégio Gentil. Ele confessou que em um momento de fraqueza violentou e matou Tutinha uma Lobinha do Grupo Escoteiro Local. Ela tinha ido acantonar e sumiu. Todas as provas levavam ao Chefe Billy Grant, mas ele fugiu antes de ser preso. A Delegada Dayse Lustosa o procura para dizer que o inquérito foi encerrado. Ele é inocente e livre para ir e vir. Uma foto do Monte Cristo mostrava um homem já Velho com barba por fazer. Mais embaixo a foto de Billy Grant. Era o

Estranho! Explicações, rezas e perdão. Nunca podemos abandonar três grandes palavras que existem para acreditar: - A intuição, a inocência e a fé!

Não voltaria no tempo para consertar meus erros, não voltaria para a inocência que eu tinha - e tenho ainda. Terei saudades da ingenuidade que nunca perdi. Não tenho saudades nem de um minuto atrás. Tudo o que eu fui prossegue em mim.



CHEFE JOÃO SOLDADO O IMORTAL. (62)

Carlito e Rosana dois pioneiros eram os responsáveis no transporte ida e volta do Chefe João Soldado até a sede neste sábado. O grupo fazia uma vez por mês uma reunião especial onde sempre comparecia boa parte dos antigos escoteiros e todos sabiam que ao terminar haveria um encontro social, com comes e bebes gentilmente levado por cada um dos participantes. Chefe João Soldado era especial. Quase todos conheciam sua história, sua saga no grupo. Nos aniversários que o grupo comemorava o chefe João Soldado era saudado como o pai de todos. Bem não foi ele quem começou o grupo, mas vivo até hoje era o único que participou desde sua fundação. Oitenta e três bem vividos escoteirando. A ideia foi do Padre Rocco e apoiada pelo Doutor Moscato Diretor do Colégio São Pedro que já tinha ouvido falar dos escoteiros. João Soldado tinha seis anos. Uma preocupação para seus pais, pois sempre escapulia e corria para o Tiro de Guerra, marchando e a soldadesca o adotou como mascote. Foi o segundo a se matricular na Alcatéia. Não parava de falar. Falava na escola, em casa, na mesa de refeições e até dormindo falava. Adotou o escotismo para sempre.

Com seis anos aprendeu o que era democracia. Foi escolhido com mais seis lobos, oito escoteiros, O Padre Rocco, o Doutor Moscato e Dona Tereza para fazerem a primeira reunião do grupo e escolherem o nome. Sem querer ele sorriu. Sentiu-se importante. Lembrou de que toda noite sua mãe lhe dava boa noite e dizia: - A estrela cadente me caiu ainda quente, na palma da minha mão! Sorria e dizia dorme com Deus. Repetiu o verso. Todos o olharam espantados. Quando contavam isto ninguém acreditava. Achavam que o 29º Grupo Escoteiro Estrela Cadente tinha outra história. João Soldado na primeira reunião de Alcatéia ainda se chamava João Francisco. Foi Mosqueteiro quem o chamou assim. Ficaram amigos para sempre até que aos setenta e nove Mosqueteiro morreu. Poderia escrever um livro de mil páginas da sua vida como escoteiro. Tinha histórias para contar. Nunca esqueceu o seu segundo acantonamento. Barracas armadas próximo ao Riacho da Raposa choveu, uma enchente enorme carregou tudo. Voltaram para casa chorando e pensando como iam ter um novo material de campo.

Akelá Tereza era única. – Vamos em frente ela disse, quando um lobo não encontra a si mesmo, não encontra nada! – Em menos de cinco meses tinham tudo de volta. Não chorou ao passar para Escoteiro. Diziam que na cidade dos homens eles diziam entre si: - Se cair levante se deslizar se segure, mas nunca pense em desistir. Quanto mais amarga for sua queda mais doce será sua vitória. Devorou livros, nada ficou sem ele conquistar. Distintivos, comendas enfim era um Escoteiro que não sabia o que era a palavra desistir. Foi um Sênior que sempre dizia: - Eu não sou nada e talvez tenha tudo. Fora isto eu tenho todos os sonhos do mundo. Não houve uma montanha, não houve uma planície ou um vale que ele não viajou com sua mochila que ele mesmo fez. No Clã era um camarada amigo e fraterno. Ficou pouco tempo, assumiu a Tropa Cauã. Era a segunda do Grupo. Seu sorriso era contagiante. Religioso fazia questão de dizer que Deus é tudo e que não existe escotismo sem ele.

O tempo passou. O amor ao seu grupo nunca terminou. Nunca se esquecia de dizer nas tropas, nas alcateias que era uma pessoa feliz. – Amo a vida, e dela sou aprendiz. – Tenho várias paixões e o escotismo é minha filosofia e minha inspiração. Mas não se esqueçam eu também possuo imperfeições. Se os caminhos que percorro não forem os que eu quero pelo menos luto por eles. A cada dia me procuro tornar melhor. Nunca assumiu a chefia do Grupo. Insígnia agradeceu convites de ser formador. Amava seu grupo, mas amava mais ainda o escotismo. Era sua filosofia de vida. Nunca pensou em se aposentar e quando se tornou o mais antigo do grupo, quando foi morar nas estrelas seu melhor amigo Mosqueteiro, resolveu diminuir as atividades. Acampava de vez em quando, uma ou duas vezes ao ano acantonava com os lobos. O Grupo Estrelas Cadente tinha vida própria. Ele nunca interferiu. Sorria e lembrava-se do poeta: - O meu ideal político é a democracia. Torço para que todo homem seja respeitado como indivíduo e que ninguém seja reverenciado e idolatrado.

Naquele dia, o céu fazia um azul tão límpido, que parecia saudar a entrada do Chefe João Soldado na sede do grupo. Todos estavam a sua espera. Quem estava ali vibrava. Impossível ver tanta alegria. João Soldado sorria. Ele com seus 89 anos quase não falava. Gesticulava pouco, mas seu sorriso nunca desapareceu. Muitos que estavam há anos no grupo pensavam que a suprema felicidade da vida é a convicção de ser amado por aquilo que você, ou melhor, apesar daquilo que você é. Havia uma cadeira com braços para ele. Não caminhava mais, queria contar causos e não conseguia, mas estar ali junto a quem amava bastava para reviver uma vida cheia de felicidade. Dizem que a gente não precisa buscar a felicidade fora, ela está dentro de você. Se insistir em sair por aí é possível que nunca vai encontrá-la. O Chefe do cerimonial educadamente olhou para todos, por último em João Soldado. Ambos sorriram. A ordem foi dada:

- Escoteiros firme! A bandeira em saudação! Todos em posição de sentido fazendo a saudação. João Soldado quis levantar, mas não conseguiu. O vento jorrava saudades em busca de novos horizontes. As bandeiras farfalhavam. – João Soldado sem ninguém ouvir falou para si mesmo: - Vento, ar que respiro ventania tempestade que vivo. Flores... Que me fazem respirar. - Firme descansar! O Chefe da cerimônia olhou para o Chefe João Soldado. Ele sorria seus olhos abertos, mas seus braços inertes. Rosa Linda uma Lobinha deu três passos à frente. Chorava. Cantou em forma de poesias o canto noturno do cisne, daqueles que deixam saudades; - Chefe João Soldado! O vento sussurra-me algo ao pé do ouvido. Chefe você é imortal. – Eu falo com esperança de um

dia ser como você. Eu sei que entendes as cantigas do vento, disseram que no Fogo de Conselho você os invocava com sabedoria. Mas Chefe, ah! Se eu pudesse falar a língua dos ventos teria a audácia de mandar-te um beijo um abraço um sempre alerta gostoso e nada mais.

João Soldado o Chefe imortal estava morto. Uma estrela Cadente apareceu no horizonte, brigando com aquele céu azul brilhou intensamente. Todos com seus bastões fizeram a saudação do adeus para aquele Chefe que viveu e morreu com o escotismo no coração. – Alguém baixinho falou: - Para viver não precisamos ser melhor que ninguém, nossas ações falam por si. Do pó viemos ao pó voltaremos!

- Chefe João Soldado! O vento sussurra-me algo ao pé do ouvido. Chefe você é imortal. – Eu falo com esperança de um dia ser como você. Eu sei que entendes as cantigas do vento, disseram que no Fogo de Conselho você os invocava com sabedoria. Ah Chefe se eu pudesse falar a língua dos ventos teria a audácia de mandar-te um beijo um abraço um sempre alerta gostoso e nada mais. - Me emocionei ao escrever!



A CRUZ DE FERRO DA MONTANHA DO CONDOR.

- Não foi fácil. Oito horas parando de duas em duas. Uma subida que derrubaria qualquer um, mas éramos escoteiros e escoteiros não desistem. – Juca olhava com olhos arregalados para Pedrito um Sênior com muitas estrelas de metal no uniforme. Todos conheciam seu valor. Juca no alto dos seus onze anos, um tiquitito de nada, não perdia uma palavra do que Pedrito dizia. – Olhe, o Chefe Arariboia veio desafiar a escoteirada. – Só disse que não iríamos aguentar a subida. Quando ele falou rolei no chão de tanto rir. – Chefe! Parece que não conhece os Lobos Cinzentos. Dê autorização, um mapa e um croqui e chegamos lá num pulo – O Chefe Arariboia riu para nós. Quer saber? Eu fiquei pensativo. Sabia que os pioneiros estiveram lá. Muitos juraram nunca mais voltar. Andaluz foi quem me disse: Se quer aprender a subir no topo da montanha sorria, mas saiba que a felicidade ocorre quando você a está escalando! – Juca sorvia

com alegria as palavras de Pedrito. Admirava suas aventuras, cada uma maior que a outra. – E ele terminou assim: Oito horas de subida, muitas vezes usando as mãos para não cair. Mas valeu ver a Cruz de Ferro no alto da montanha pagou todos os pecados da subida.

Juca foi para casa. Sua mente voltava atrás e corria para frente em velocidade incrível da história de Pedrito. Aquela era demais. E quando ele disse que no alto da montanha ele quase alcançou o sol? Quase queimou a mão? E a noite? Pegou estrelas, muitas ele guardou na mochila outras ele mudou de lugar. Ficou mais impressionado quando ele disse que um sino tocou a meia noite junto a Cruz de Ferro. Um sino? Nossa Senhora! Demais! Pegar estrelas? Juca sonhava acordado. Embebido na história de Pedrito ele sonhava em escalar a montanha do Condor e ver de perto a Cruz de Ferro. Rosaldo o monitor disse para ele um dia: - Olhe Juca as pessoas viajam longos percursos para admirar a altura das montanhas, as imensas ondas dos mares, o longo percurso dos rios, o vasto domínio do oceano e o movimento circular das estrelas. Mas a maioria passa por tudo sem olhar para si mesmo tentando ver e entender o caminho que se perde no tempo e as belezas do universo. Juca tinha eterna admiração por Rosaldo. O achava um sábio. Ao lado dele não tinha medo de nada. Mas a montanha? Seria demais um dia escalar.

Ele ia para a sede naquele dia sorrindo. Ainda com a montanha na mente, pois se tornou uma vontade, uma certeza que não poderia nunca deixar de escalar e conhecer a Cruz de Ferro da Montanha do Condor. Até pensava que iria ver Jesus o Salvador sorrindo para a escoteirada em um cometa que passasse soltando faíscas e deixasse seu ribombar no ar. Cantava baixinho, como estivesse voando – No perfume das flores de ameixa, o sol de súbito surge – Ah, ele o leva ao caminho da montanha! A reunião foi demais. Os jogos marcaram, pois o Chefe Arariboia era único. Juca já tinha seis meses de Tropa e promessado. Na reunião de patrulha teve uma surpresa. Quase caiu do banquinho que construiu com muita dificuldade. – Patrulheiros eu consegui! O Chefe nos autorizou a escalar a Montanha do Condor! – Impossível e possível ao mesmo tempo, Juca quase chorou de alegria. Contou para todo mundo, agora sim seu sonho seria real. Ele iria contar tudo, queria ver os sinos tocarem na Cruz de Ferro, queria trazer duas estrelas cadentes no bernal, queria ver Jesus passar no Cometa espacial.

Chefe Arariboia levou a patrulha até do outro lado do rio no seu Jeep amarelo. Era demais, cantantes a escoteirada da Patrulha Corvo só sabia gritar: - Montanha chega de montanha russa, nos aguarde, daqui a pouco estaremos subindo outra vez! – Outra vez? Não era a primeira? Juca ria e nem se importava. Quando chegarem à trilha da Escarpa do Corvo, o Chefe Arariboia disse: - Quando estiverem escalando a montanha, coloquem em seu rumo uma estrela, assim esquecerão o cansaço e os problemas. Ela será sempre sua estrela guia! Uma hora, o sol escaldante, a patrulha caminhante precisava descansar. Um minuto e mais nove e vamos lá, a montanha está a nos esperar falou Rosaldo. Quatro horas. – Está longe? Onde? Na curva da subida do norte e do leste que não vejo? – Outra parada apenas para esticar as canelas. Os cantis quase vazios. – Bebam menos! Dizia Rosaldo, a nascente está na volta do Condor, e de lá já vamos ver o pico da Montanha do Condor.

Seis horas de jornada, sete e nada. Juca nem aguentava mais. Pensava o que disse sua mãe: Amar é o esforço de escalar a montanha. Só podemos apreciar a subida se ver que as pequenas grandes coisas não são assim tão difícil de conquistar. Seu corpo queria desistir, mas sua mente não deixava. Seus sentidos estavam alertas – A visão ajudava a ver a trilha da subida, a audição deixou ouvir o som da cascata, o paladar pedia ajuda para comer e o olfato trazia o doce perfume das flores no ar. – É ali! Gritou Rosaldo, chegamos – Os olhos de Juca fizeram da chegada um sonho que ele não acreditou que iria realizar. Parou em frente a Cruz de Ferro, era bonita demais, grandona enorme quase chegava nas nuvens do céu. Ajoelhou e rezou: Senhor meu Deus, tens a glória e o poder no céu e na terra. Eu contei cada minuto, cada segundo por este dia. Aqui também é o teu reino para todo o sempre. Obrigado Senhor por este dia e esta noite. Obrigado Senhor por proteger aos meus amigos e fazer realizar este sonho que julgava impossível. Amém!

Ah! Os tempos de alegria, de ver de sonhar de tocar nas estrelas na noite de lua cheia. De levar em pensamento duas estrelas vermelhas brilhantes em noite de luar. Juca sorria e cantava: - A vida é um processo... Ela é como subir na montanha! Mesmo que não esteja forte fisicamente, a paisagem compensa a visão do que Deus fez nunca mais vou esquecer! Os anos passaram. Juca cresceu, mas a lembrança da Cruz de Ferro morava agora no fundo do seu coração. Ela era brilhante como um farol para iluminar a escuridão. No alto da montanha do Condor ele fincou uma morada bem no meio do seu coração. Muitos e muitos anos depois, Gentil olhava para seu pai com os olhos arregalados, e sonhando com sua escalada na Montanha do Condor. Juca sorria ao contar. Tantas coisas para lembrar. – Sabes meu filho, eu me rio do que já vi, do que me assustou, mas venci! E daquilo onde sofrendo, eu aprendi!

- A vida pode ser comparada à conquista de uma montanha. Como a vida ela possui altos e baixos. Para ser conquista, deve merecer detalhada observação a fim de que a chegada ao topo se dê com sucesso. À medida que subimos, o panorama que se descortina é maravilhoso. As paisagens desdobram a vista, o verde intenso das árvores, as rochas pontiagudas desafiando o céu. E lá do alto percebemos que os nossos problemas, aqueles difíceis, mas superados são do tamanho das casinhas que avistamos. É aí que precisamos de um amigo para nos auxiliar. Podemos estar tão cansados que nem conseguimos sair do lugar. Quem de nós não quer chegar ao alto de sua própria montanha?

Perder? Não. Venci! E o tempo ainda me dará razão. Fique com seu troféu ostentoso nem de graça eu o quero não. Na montanha do Condor eu não perdi, venci! Tire esse fardo de perto de mim. Eu quero mais é ser feliz. E se puder que você seja também!...



PEDRAS BRANCAS DE GELO NA MATA DO QUATI.

(Atemporal do tempo. Vale a pena recordar).

12 de janeiro de 2016.

Dois dias que temporais enormes caem sobre meu bairro. Ontem choveu granizo. Estava na minha varanda observando e ouvindo o som das pedras de gelo sobre as telhas da varanda e na minha rua. Música sublime para mim. Gosto disto, amo isto eu adoro a chuva. Não sei por que ela se prendeu a mim e ficou presa no meu coração para sempre. Os ventos batiam nas grades do portão e respingos me molhavam, não arredei o pé. Precisava ficar ali, pois as recordações eram muitas. Voltei no tempo atemporal. Seria como se eu tivesse a mágica de transitar no tempo sem necessariamente pertencer ao passado o presente ou ao futuro. Sem querer me lembrei de um conto que li – Sempre me lembro dele. Aqui coloco as suas últimas estrofes: - Ontem chorei. Apronto agora os meus pés na estrada. “Ponho-me a caminhar sob sol e vento”. Vou ali ser feliz e já volto”. Um dia quem sabe vou postar todo ele. Atemporal, voltar no tempo sem medo de perder o presente e o futuro. Com toda aquela borrasca que caia na minha rua, minha mente se foi. Plantou-se em um passado que nunca esqueci.

20 de janeiro de 1958.

Seis Escoteiros Seniores. Olhos vivos a perscrutar com a vista todos os lugares naquela noite escura, sem luar sem medo da chuva ou vento. Acampamentos vividos que alguns não esqueciam jamais. Em volta do fogo, eles comiam banana assada. Pareciam mais pioneiros que sêniores. A moda índia sentaram a vontade naquele foguito e se esquentavam de uma noite fria. Um “foguito” pequeno. Chamas baixas, muitas brasas para não adormecer o café no bule, já perdendo seu esmalte de anos e anos de uso. – Parece que vai chover. – Taozinho custava para falar. Era um sênior miúdo e de olhos vivos. Minutos se passaram. – Gosto da chuva, adoro uma boa dificuldade debaixo de tempestades. – Helinho ria para ele mesmo. Que o visse naquela hora achava que estava louco. – Israel olhou de soslaio. Não disse nada. Ele nunca esqueceria o acontecido. Darcy não perdia a pose de dar uma boa gargalhada. – Valeu! O melhor acampamento que fizemos. – Chico o menorzinho dos seniores queria dizer alguma coisa. Não sabia o que dizer. Eu estava com os olhos fechados. Queria reviver o momento. Voltar no tempo. Sentir as tremuras, o medo e a força que fizemos em reviver, em refazer um acampamento destruído.

04 de janeiro de 1954.

Cantantes, sorridentes, cada um já sabia o que fazer. O esqueleto da barraca suspensa entre quatro árvores estava quase terminado. Faltava ainda boas amarras nos tripés. Chico e Israel adentraram mais fundo na mata. Precisavam de bons cipós que não quebravam. Sisal? Nem pensar. Nem existia ainda. Aboletado lá no alto Israel e Taozinho elevavam no ar uma bela tora que serviria de escada até o alto da árvore. Eu e Helinho terminávamos nossa cozinha. Planos futuros para ela também ficar suspensa. Belos planos. O céu escureceu. Taozinho gritou! – Nuvens baixas cor de cobre? Todos juntos responderam – É temporal que se descobre. Melhor armar duas barracas de duas lonas para nos abrigar. O toldo foi jogado em cima da cozinha. Darcy correu a cobrir o

lenheiro. Uma patrulha que sabia o que fazer. Não eram amadores. Ploc! Ploc! Uma pedra, duas um punhado. Pedras de gelo enormes!

20 de janeiro de 1958.

Em volta do “foguito” que dormitava e queria apagar, cada um pensava na vida que tinham levado em belos acampamentos no passado quando Escoteiros da Patrulha Leão. – Foi duro, não foi fácil. Disse Helinho. Lembra Darcy das barracas? – Tãozinho riu. Ele não gostava de rir. Viraram peneiras. Enterramos antes de voltarmos. Perdemos quase tudo. – E o raio? Disse Darcy. Caiu como um chumaço na base do estrado que fazíamos para as barracas. Não sobrou nada. – Silêncio profundo. Cada um voltava no tempo. Chico levantou e pegou alguns biscoitos – Alguém aceita? Foi você Vado que correu na frente de todo mundo para ficar embaixo da enorme aroeira? – Israel gargalhou forte. – Ele parecia um corisco com medo da chuva! – Medo das pedras enormes que caíam, eu disse. – Bons tempos, disse Israel. Dormimos presos uns aos outros molhados sem poder ou sem onde abrigar. – Todos concordaram com um leve levantar de sobranceiras. Seniores, quando se encontram em volta de um “foguito” tem histórias para contar. Um vento forte levantou fagulhas no ar. – Vai chover? Disse Tãozinho. Se tem vento e depois água? – todos responderam: Deixe andar que não faz mágoa. – Vou dormir eu disse. Uns foram outros ficaram. Coisas gostosas para lembrar. Passado que se foi.

12 de janeiro de 2016.

Meus olhos ficaram húmidos. Lembranças sempre me tocam o coração. Tempos bons, tempos alegres, cheio de aventuras... Tempos que não voltam mais. Olhei a chuva fininha que caía. Acalento para minha alma. Outro dia recebi um telefonema. Era Israel. A mesma voz. O mesmo estilo mineiro que adoro. Onde anda o Darcy? O Tãozinho? O Helinho? O Chico deve estar zanzando por aí. Era o mais novo. Gente fina. Escoteiros e seniores que tiravam o chapéu quando uma dama bonita passava por eles. Lembranças... Dizem que quem não tem lembranças não viveu. Passou pelo tempo como se não tivesse passado. Há quanto não daria para entrar em uma máquina do tempo. Mas ela ao me levar teria que fazer menino de novo. Dizem que foi Clarice quem disse: -

O tempo passa depressa demais e a vida é tão curta. Então — para que eu não seja engolido pela voracidade das horas e pelas novidades que fazem o tempo passar depressa — eu cultivo um certo tédio. Degusto assim cada detestável minuto. E cultivo também o vazio silêncio da eternidade da espécie. Quero viver muitos minutos num só minuto.

E as pedras brancas embranqueceram minha rua que tanto amo molhadas pela chuva que caía copiosamente!

O tempo passa depressa demais e a vida é tão curta. Então — para que eu não seja engolido pela voracidade das horas e pelas novidades que fazem o tempo passar depressa — eu cultivo um certo tédio. Degusto assim cada detestável minuto. E cultivo também o vazio silêncio da eternidade da espécie. Quero viver muitos minutos num só minuto.



EM CADA CORAÇÃO UMA SENTENÇA. (65)

Nonôvat era diferente de muitos monitores. Existem os amigos, os gentís, mandões, morcegos, irmãos mais velho, indiferentes, falastrões, humildes. Mesmo assim são eles que dão a vida pela patrulha. Seu nome verdadeiro era Antônio Medeiros. Nonôvat tinha um grande coração. Monitor da Patrulha Jaguatirica e O Chefe Ricardo o escolheu. A escolha de Nonôvat foi bem recebida. Na Curimbatá e na Gavião, Josivaldo e Moreno na Corte de Honra deram seu aval. Havia uma Tropa feminina que tinha atividades em separado, mas faziam outras em conjunto. Acampavam, faziam excursões e atividades aventureiras em conjunto, mas cada tropa com sua própria individualidade. Havia um respeito enorme.

O Chefe Ricardo e a Chefe Loreta eram ótimos chefes. Eles sabiam que nada poderia dar certo se não tivessem bons Monitores. Sempre diziam aos graduados: – Para ser um líder, você tem que fazer as pessoas quererem te seguir, e ninguém quer seguir alguém que não sabe onde está indo. Na Patrulha Jaguatirica ninguém disse não para a promoção ode Nonôvat. Eram experientes com mais de um ano de patrulha. Giba o Sub. era uma mão na roda. Nonôvat sabia cobrar sem gritar, e sempre o primeiro a fazer e ajudando. Não era e nunca foi um mandão. Aos treze anos aprendeu bem como liderar a Patrulha. Sabia que liderar é preciso também saber ser liderado. Dizia aos seus patrulheiros sorrindo – Olhem! Se ficarem mal humorado tome café! Se não gostarem sigam a luz, se no final dela tiver um buraco negro, se joguem. E dava boas risadas. Os escoteiros adoravam sua maneira de liderar.

Os patrulheiros davam a vida pela patrulha. Todos sabiam exatamente o que fazer. Suas funções eram seguidas a risca. A tralha da patrulha era a melhor da Tropa. Panelas sempre limpiíssimas, material de sapa afiados e oleados, duas barracas bem cuidadas, duas lonas seminovas tudo muito bem acondicionado. Na patrulha os patrulheiros eram peritos em afiar e usar perfeitamente uma machadinha um facão ou uma faca escoteira. Conseguiram com muita dificuldade uma bússola Silva e outra Prismática. Nos grandes jogos ou nos mais simples a patrulha aprendeu que ganhar é bom, mas saber perder é uma arte. Para que se achar sempre ser o melhor? Palavras do Chefe Ricardo e completava: Bertrand Russell dizia que: – A raiz do mal reside no fato de se insistir demasiadamente que no êxito da competição está a principal fonte de felicidade.

Nonôvat gostava do modo do Chefe Ricardo. Gente fina e respeitava a todos. Nunca faltou um aperto de mão, um abraço nas horas difíceis, um Anrê ou um Bravo! Chefe Ricardo incentivava ao máximo, mas cabia a cada um dar o primeiro passo. Dizia

que o espelho era Caio Vianna Martins: - O Escoteiro caminha com suas próprias pernas. Na última Corte de Honra ficaram sabendo da nova atividade do distrito. - Chefe! Mas não estava programado! - Eu sei ele disse, reclamei, mas vai ficar mal se não formos. Na próxima não iremos se não estiver programado. Seria uma atividade de um domingo. Próximo ao Vale Cinzento. 23 patrulhas. Não podemos ficar de fora. No dia da atividade chegaram no horário. Durante meia hora se confraternizaram com as demais patrulhas presentes. Quase vinte patrulhas.

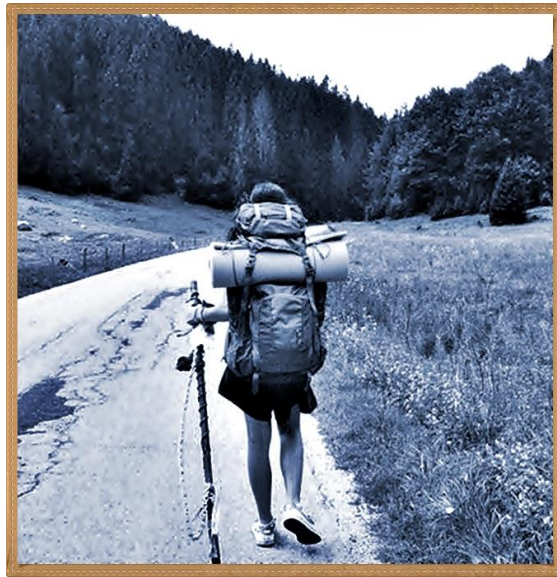
A tropa do Chefe Jurema foi à última a chegar. Ele um rapagão de uns vinte e cinco anos, óculos escuros, chapéu de exploradores canadenses (gostava de inventar) e com uma vareta embaixo do braço dava seu show particular. Sem cumprimentar ninguém deram o grito da Tropa que terminava dizendo que eram os melhores e iam arrasar. Nem o demônio podia com eles enfim um monte de asneira não digna de escoteiros que prezam a lei. O distrital explicou o jogo. O Ouro Misterioso. Deu como ponto de partida a trilha onde começava o Vale Cinzento até a estrada do Astro Rei Estavam escondidos quinze lenços escoteiros. Todos numerados. As Patrulhas não precisavam seguir a ordem, mas para achar a pista final precisavam de pelo menos cinco lenços. Menos que isto não seria fácil chegar ao ouro perdido. A ordem era clara. Todos deveriam estar sempre juntos.

Em cada ponto haveria um Chefe Escoteiro. Se a Patrulha dispersasse seria desclassificada. Às treze horas seria parada para o lanche. Paulo Cobra Monitor da Caveira do Diabo (nome esquisito) se aproximou sorrindo de Nonôvat - Não me esperava eim? Não tem para ninguém. Você sabe que somos os bons, os melhores da cidade. Melhor reconhecer agora e desistir! E começou a rir voltando para sua Patrulha. - O jogo começou guerra! Gritou o Comissário Distrital. Eram dez da manhã. A Patrulha Jaguatirica conseguiu achar três lenços. Faltavam ainda dois. Ao meio dia e vinte Nonôvat viu Paulo Cobra sozinho correndo sem a Patrulha. Era contra as normas. Nonôvat foi atrás dele para dizer que se continuasse iria informar ao distrital. Correu atrás de Paulo Cobra que tinha subido em um penhasco proibido pela direção do jogo por oferecer grande perigo. Avisou sua Patrulha. Ao subir uns oitenta metros ouviu um grito de socorro. Era Paulo Cobra estirado em cima de um galho enorme de uma árvore. Desceu com cuidado.

Paulo Cobra chorava. Gritava de dor. Dizia ter fraturado uma costela e o braço. Nonôvat achou que deveria ir buscar ajuda. Ventava forte e ele sabia que uma tempestade se aproximava. Deixar Paulo Cobra sozinho seria pior. Com muito custo o levou a uma pequena gruta próxima. Paulo Cobra gemia e chorava pedindo sua mãe. A chuva caiu. Forte. Raios cortando pedras e árvores no fundo da garganta. Não foi fácil. Ele era pequeno. Paulo Cobra forte e alto. Tirou sua blusa e colocou nele. Disse que ia buscar ajuda. Paulo gritou que não iria ficar só tinha medo. A chuva passou. Nonôvat pegou novamente Paulo Cobra e o colocou no ombro. Paulo Cobra choramingava. Andava tropeçando. A cada cem ou duzentos metros parava para descansar. Viu que ia escurecer. Resolveu fazer um SOS com um fogo com muitas folhas verdes. Com sua blusa presa em duas varetas tentava fazer no código Morse as letras S. O. S. A noite chegou. Logo viu vários chefes chegando.

Paulo Cobra foi levado ao hospital. Quebrou duas costelas, fraturou a coxa direita e o braço direito. Mas ia ficar bom. Nonôvat e sua patrulha fez questão de visitá-lo. Foi muito bem recebido. Paulo Cobra chorou varias vezes e pediu perdão por tudo que fez. Nonôvat o abraçou. Ficaram amigos para sempre. Um dia apareceram na sede dois figurões escoteiros. A ferradura foi formada. O Presidente Regional chamou Nonôvat a frente. Que seria? Entregaram a ele medalha de valor Ouro. Acharam que ele mereceu. Nonovats segurou as lágrimas. Ele não era de chorar fácil. As patrulhas deram o grito. Emocionante foi o abraço de Paulo Cobra. Ele chorava copiosamente. Nonôvat estava tremendo. Emocionado. Nonôvat em hora nenhuma se sentiu superior. Ele sabia o que tinha feito. Ajudar um amigo Escoteiro. Não importa quem ele seja.

Ninguém pode ser chamado Escoteiro se não for amigo de todos e irmão dos demais escoteiros. Não importa onde e quando. Exemplos começam onde menos se espera.



E A VIDA CONTINUA...

- Você a conheceu? Olhei para Liz, fechei os olhos e minha mente passou no tempo. – Foi minha melhor amiga. Sempre me lembrei dela e nunca esqueci seu sorriso quando naquele sábado chegou à sede escoteira, com sua mãe praticamente a puxando, pois ela chorava sem parar. – Não quero! Não quero! – Ela usava um vestidinho comprido rosa, cabelos presos em um rabo de cavalo e pensei comigo: - Outra chorona? Apresentaram-me despretensiosamente. Esta é Ruth, vai ser Lobinha, será da sua matilha. – Olhei para ela, tinha parado de chorar. Olhava-me espantada e sem perceber me deu sua mão e um sorriso. Sorri também. Ali nasceu uma grande e bela amizade. – Liz perguntou novamente: - E sua vida você ficou sabendo de tudo que aconteceu? – Não respondi de imediato. Era um tema que me doía muito. O que aconteceu para mim foi um golpe do destino. Somente balancei a cabeça para Liz e meus pensamentos não eram mais meus, eram do meu passado.

Ruth confiava em mim. Na matilha sempre me procurava para pedir ajuda. Nos jogos ficava ao meu lado, nos acantonamentos não saía de perto de mim. Não sei se a Akelá e o Balu viam tudo aquilo com bons olhos. Pelo menos nunca me disseram nada. Ruth cresceu. Eu também. Muitos disseram que um dia seríamos um do outro. Não era verdade. Amava Ruth como uma grande amiga. Parecia mais uma irmã que não tinha do que minha namorada. Fiz a passagem para a Tropa primeiro que ela. Como chorou. – Gritava e dizia: - Não vá! Não sei viver sem você! Se for não serei mais Lobinha. Já sendo apresentado à patrulha Tico Tico voltei. A abracei tentei consolá-la, mas não adiantou. O tempo ajuda tudo. O tempo faz esquecer, o tempo muitas vezes é cruel. Um ano depois ela chegou até a mim sorrindo. – Vou fazer a trilha, breve estaremos juntos outra vez. Sorri, tinha aprendido a ficar longe, mas sentia uma falta enorme da minha amiga Ruth.

Muitos me criticaram pela proteção que dei a Ruth na Patrulha Onça Parda. Não era a minha. Tentei falar com o Chefe, mas ele não me deu ouvidos. Hoje acho que foi até bom. Ruth cresceu internamente e externamente. Ficou uma moça bonita, todos se aproximavam dela. Claro que sentia ciúmes, mas não de um namorado, pois eu já há tinha no meu coração e sabia que ela ficaria ali para sempre. Brincamos, acampamos, éramos amigos escoteiros na sede e fora dela. A levei ao cinema ao Shopping, fomos passear de trem e como era linda quando sorria olhando pela janela o trem voando como se tivesse asas. Fui para os Seniores e não sei como ele deu um jeitinho e antes de fazer quinze lá estava também. – Olhei para Liz. Meus olhos encheram-se de lágrimas. Era cruel lembrar-se de tudo dos detalhes dos acontecimentos e saber que do destino ninguém consegue sair facilmente.

Assustei quando ela me procurou depois da reunião. – Meu amigo ela disse, vou-me embora. – Embora? Para onde? Sua família vai mudar? – Os olhos dela se encheram de lágrimas. – Conheci alguém. Apaixonei-me perdidamente. Os pais dele não aceitam minha mãe acha que sou nova para isto, mas você sabe que sei o que faço que sou bastante madura nos meus quinze anos. Hoje me considero alguém que amadureceu só por ter encontrado um grande amor. – Não perguntei quem era, seria desagradável perguntar. Achei que ela iria me dizer quem. Não disse. – Me abraçou me deu um beijo na face, segurou minha mão esquerda com a dela, apertou e disse: - Adeus! E partiu sem ao menos dizer o porquê, e a quem iria dar seu coração.

- Deus Liz, foi demais. Parecia que o amor abandonado era eu. Mas nunca disse que a amava para mim eu era seu melhor amigo, seu irmão que ela nunca teve. Um ano depois fiquei sabendo quem foi que conquistou seu coração. Rodney Sacramento. – Impossível pensei. Ele tinha vinte três anos e ela quinze. Sua mãe foi quem me contou. Saiu com a roupa do corpo. Só me disse que ia embora e nunca mais iria voltar. Quando lhe perguntei ela disse: - Mãe eu amo Rodney, ninguém acredita, dizem que ele não é homem para mim, é mais velho e eu nem conheço a vida. Mas como mandar no meu coração? Eu o amo demais. E partiu. – Olhei para a mãe dela que chorava e suas lágrimas não paravam de cair. Meu tempo de Sênior se foi. Para dizer a verdade eu nunca a esqueci.

Foi na semana passada Liz que eu soube que ela tinha voltado. Pense bem, nunca deixei de ser Escoteiro, você sabe que é a mulher da minha vida. Nossos

filhos são tudo que um homem como eu pode desejar. Mas você soube da história, nunca me perguntou e eu achei que não deveria contar. Eu a procurei sim, vi que ela precisava de ajuda. Sua mãe a internou no Sanatório Santa Maria. Quando a vi estava em pandarecos. Magérrima, os olhos escamoteados, o rosto cortado e cheio de rugas. Poxa! Eu sabia que ela não tinha nem vinte e seis anos. Quem a maltratou deste jeito? O médico me disse que ela tinha uma tuberculose avançada. Não sabia se podia curá-la. Deixou-me vê-la em seu quarto que repartia com mais seis outras mulheres. Ela tinha os olhos fechados. Não abriu. Tentou sorrir, mas não era mais o sorriso de outrora. Só falou baixinho – Eu sei que é você!

Ficamos ali calados, eu nunca iria perguntar a ela o que aconteceu. Nunca iria dizer que eu sabia do seu erro de sua aventura que não ia dar certo, que eu podia ter lhe aconselhado. Mas quem é dono da verdade? Eu? Não sou. Perguntei-me em pensamento se não erraria também. Não tive um amor assim, amava sim você Liz, amava e amo demais. Você me deu tudo que eu tenho e sou reconhecido por isto. Hoje soube que ela morreu. Não deixou testamento. Não contou a ninguém sua história. Fui lá na sua campa. Não havia ninguém. Tornou-se uma desconhecida, sem amigos, sem pais sem ninguém. Eu não poderia abandoná-la nestas horas. Sentei na grama de sua sepultura e chorei. Precisava chorar. Rezei sim, pedi ao Pai que desse a ela a alegria de novo, daquela Lobinha que conheci e que sorriu para mim pela primeira vez na matilha Azul. Tempos que se foram destino traçado, ruídos da noite que marcaram uma vida.

As coisas tem que passar, os dias têm que mudar, os ares têm de ser novos e a vida continua isto não há como mudar. Todos sonham em ser feliz, uns sim outros não. Alcançar a felicidade é fugir das dificuldades que encontramos sempre em nossa frente. Como disse o poeta: - E assim a vida continua, ganhando, perdendo, sorrindo e chorando... Construimos nossa história em momentos fragmentados no dia a dia, detalhes perpetuados na memória e registros que só o coração é capaz de guardar... Vivemos em um mundo louco e cada dia mais acelerado, vivemos emoções variadas de segundos em segundos, nos perdemos em deslizes que são necessários para nosso amadurecimento... Procuramos desculpas no passado para alimentar melhoras futuras e nos esquecemos que o momento de se viver é agora, no presente, com todas as emoções e situações possíveis... Viva!

Tudo que acontece tem uma explicação plausível. Para mim ela sempre foi uma grande amiga. Apaixonou-se por alguém que nunca achei que ela pudesse se apaixonar. Diziam nas patrulhas que eu seria seu grande amor, mas não fui. O tempo não explica nossos sonhos de menino. O final foi triste e doloroso, mas a vida é assim, a vida continua para quem precisa viver!



A ARARA AZUL DA PRINCESA LORENA.

Rio da Prata nunca esqueceu aquela tarde que uma revoada de pássaros sobrevoou a cidade fazendo acrobacias e com seus chilros e cantos assustando todos os habitantes que se refugiaram em suas casas. Foi realmente algum fantástico. Muitos tiraram fotos e outros gravaram os sons. Havia cinco meses que uma seca infernal não dava trégua à cidade. Vivendo somente de plantações e grande exportadora de tomate o prejuízo aumentava dia a dia. Quase todos os oito mil habitantes dependiam da cooperativa para sobreviver. Romarias, procissões e até os que faziam magia negra corriam em todas as esquinas da cidade. Nada adiantava. Na Tropa Escoteira feminina Kalapalo havia três meses que não saiam para atividades fora da sede. Os pais achavam que não deviam, pois uma queimada poderia produzir acidentes que seriam impossíveis de prever os resultados.

A Princesa Lorena, apelido carinhoso dado pela sua patrulha tentava entender o porquê não podiam acampar. O programa de atividades para o ano já fora quase tudo cancelado. Quando a noite ia dormir, ajoelhava ao pé de sua cama e pedia a Deus para trazer as chuvas que não estavam caindo. Um dia ela leu que se você rezar por chuva por bastante tempo, ela fatalmente cai. Se você rezar para que enxurradas se acalmem, elas fatalmente o farão. O mesmo acontece na ausência de preces. Assim A Princesa Lorena todas as noites rezava de joelhos ao pé de sua cama. Ela rezava a oração de um cantor já falecido (Luiz Gonzaga) e dizia: Senhor, eu pedi para o sol se esconder um tiquinho, eu peço pra chover, mas chover de mansinho. Pra ver se nascia uma planta no chão. Oh! Deus, se eu não rezei direito o Senhor me perdoe, Eu acho que a culpa foi desse pobre que nem sabe fazer oração Meu Deus, perdoe eu encher os meus olhos de água e ter-lhe pedido cheinho de mágoa pro sol inclemente se arretirar.

A Princesa Lorena acreditava nas suas orações. Ela conversava muito com Kika, uma arara azul que a tropa acolheu em um acampamento na Serra do Pintassilgo. Encontraram-na desfalecida as margens do Riacho Florido. Lorena levou-a para seu campo de patrulha, enrolou-a em um pano maior e viu que a Arara piscou os olhos várias vezes. Durante os três dias de acampamento a Princesa Lorena cuidou da Arara e a chamou de Kika. Foi amor à primeira vista. Quando após o cerimonial de bandeira e o debandar, ela foi conversar com sua Chefe se podia levar Kika para a cidade. – Tudo bem Princesa – disse ela. Mas você vai levar para sua casa? – A princesa Lorena pensou que a Arara não era só sua. Todos cuidariam. Conversou com a patrulha. As Escoteiras assumiram a responsabilidade de cada dia uma delas iria até a sede e alimentá-la. Assim foi feito. Kika passou a ser mais uma da tropa Kalapalo. Kika adorava. Aprendeu a gritar Sempre Alerta, aprendeu a gritar Melhor possível e chamar os lobos para o grande uivo.

A Princesa Lorena aprendera com sua Chefe Nádia que se você fala com os animais eles falarão com você e vocês conhecerão um ao outro. Se não falar com eles você não os conhecerá, e o que você não conhece você temerá. E aquilo que tememos, destruimos. A vida de Lorena mudou muito depois de Kika. Ela tinha três amores na vida, sua família, sua Chefe e sua patrulha. Um dia sem ninguém esperar

um homem adentrou no pátio da sede Escoteira a procura do Chefe do Grupo. Apresentou a ele um papel onde estava escrito: O IBAMA recolhe a Arara por não ter registro de um criador autorizado. Foi um susto enorme. Tentaram explicar que a Kika foi achada quase morta. Não adiantou. Ninguém acreditava no que estava vendo. A Princesa chorava há mais não poder. Os lobos as Escoteiras e os Escoteiros fizeram um círculo em volta de Kika. - Não vamos deixara gritaram. Os seniores e os pioneiros ameaçaram o Fiscal do IBAMA. A Chefe Nádia acalmou todos. Kika foi levada em um carro e desapareceu na esquina da Rua Mercedes.

Foi então que a seca tomou conta do sertão. A cidade de Rio da Prata sofria com a falta de chuva. Um mês se passou desde que levaram Kika. Havia uma revolta no ar e foi então que uma revoada de pássaros apareceu sobre a cidade. Não era milhares eram milhões ou mais. O céu ficou escuro. Foi Gualberto da Patrulha Onça Parda quem disse que eles atacavam onde Kika e outros pássaros estavam presos. Arreventaram tudo. Gaviões enormes, Araras gigantescas, Águias formosas, urubus-reis eram tantos que nem dava para imaginar porque faziam aquilo. Trovões ribombaram no céu. A chuva chegou forte e não deu trégua. O que restava do Centro de Triagem dos animais foi destruído pela enchente do Rio da Prata. Os pássaros presos desapareceram fazendo uma revoada enorme sobre a cidade. Duas horas depois o céu clareou apesar da chuva fina e intermitente. A patrulha Javali da Princesa Lorena fez uma busca onde Kika vivia prisioneira. Não encontram nada.

Dois meses depois, mesmo sabendo que Kika agora vivia solta e junto a outros pássaros como ela, a tropa ainda se mantinha tristonha. Naquele sábado quando o Chefe pediu a Patrulha de serviço para hastear a bandeira ouviram uma voz estridente - “A bandeira, em saudação!”. Olharam para o alto do mastro e lá estava nada mais nada menos que Kika. Uma algazarra geral. Palmas gritos e então notaram que ao lado da Arara Azul estava um lindo Papagaio Verde e Amarelo. Foi ele quem gritou - “Sempre Alerta”! Escoteirada. Foi à conta, um festival de vivas, sorrisos, bem vindos partiam de todas as sessões presentes naquele grupo. Não demorou muito os pais souberam do retorno de Kika e seu namorado. A sede ficou cheia de gente. Kika desceu até o ombro da Princesa Lorena - Bicou-a de leve em seu nariz. Mexendo com a cabeça Kika falou - Adeus Escoteira, diga adeus a todos. Estou partindo para a Floresta Encantada onde moram os pássaros amigos. Não chore com minha partida, pois irei sempre vir aqui visitar você e esta turma maravilhosa. Logo Kika e o Papagaio Verde e Amarelo subiram aos céus e em um mergulho enorme sobrevoaram a sede do grupo e sumiram com o sol que estava se ponto na Montanha do Quati.

Até hoje conta uma lenda que na cidade de Rio da Prata todo ano uma revoada de pássaros se faz presente. Tornou-se um atrativo turístico. Dizem que nesta data os Escoteiros e lobos de outras cidades sempre estão lá acampando e quando a revoada termina milhares de Araras Vermelhas, Verdes e Azuis acorrem nos acampamentos gritando alto para todos os acampadores. - Rataplã do Arrebol! Sempre Alerta! Prometo pela minha honra e muitas outras palavras. Todos sabem que foi Kika quem ensinou. Ela nunca esqueceu a Princesa Lorena, pousa em seu ombro, bica seu nariz e parte voando com seus amigos para a imensidão do céu azul. Quando conto esta história lembro-me o que um Velho índio me ensinou: - Conheça

a si próprio. Saiba que ninguém faz seu caminho por você e à estrada é sua somente. Acredite que seus amigos andam ao seu lado, mas ninguém anda por você!



O ÚLTIMO ACAMPAMENTO DO VELHO LOBO. (69)

Contaram-me que ele queria fazer seu último acampamento escoteiro. Sua idade avançada não permitiria mais esta extravagância e sua família ficou muito preocupada. Dia e noite ele só falava nisto. Todos o conheciam. Fora Escoteiro desde lobinho e agora com seus 84 anos mal conseguia andar. Ele claudicava, tremia, respira mal e sua voz quase não se entendia. Um dia resolveu lembrar-se do seu passado. Comprou um pequeno balão de oxigênio que dava para seis dias, preparou um bernal com tudo que precisava para seu problema pulmonar. Sorria para si mesmo. – Será meu último acampamento. Se morrer acampando morrerei feliz ele dizia. No início contou para todos os amigos e depois parou de contar. Ninguém concordava com este absurdo. Mas ele era teimoso e obstinado. Sua esposa horrorizada tentou demovê-lo da ideia e não conseguiu. Ela chamou os três filhos e nada adiantou. Vieram amigos Escoteiros e nada. A família chegou à conclusão que se ele não fosse morreria em poucos dias. Quem sabe tutorado ele poderia ir? Pensou um dos filhos. Um deles médico concordou e assumiu a responsabilidade.

Chefe Zezé preparou tudo com calma. Do baú tirou sua mochila, seu uniforme que ele mesmo lavou e passou. Sua manta de Fogo de Conselho, seu chapéu de três bicos e limpou o tope que comprou ainda em 1947. Colocou seu penacho azul. Engraxou sua botina de campanha, olhou seu meião com carinho e deixou de lado a jarreteira. Pediu a esposa para costurar os barretes das medalhas que ganhou, não eram muitas. Sorriu ao pegar sua faca Escoteira, seu facão sua machadinha e sua bússola Silva. Tinha a Prismática, mas achava a Silva melhor. Viu que o couro do cinto estava firme e a fivela brilhando. Não se esqueceu da velha Bandeira do Brasil. Ele sonhava dia e noite com seu último acampamento. Seria mesmo o último? Sua mente voltava ao passado quando da sua promessa Escoteira. Quantos amigos de patrulha, quantos acampamentos, quantas matas adentraram, correram pelas campinas, subiram em serras e montanhas. Ah! Meus velhos tempos ele dizia.

Comprou passagens para a Lagoa Dourada com saída a meia noite. Seu filho sorriu. Tinha um amigo lá. Combinou tudo por telefone. Ele seria monitorado todos os dias. Preparou sua matutagem para quatro dias. Levou uma pequena lona para servir de abrigo. Não esqueceu a capa de chuva. Alguns amigos vieram ver sua partida e viram sua alegria. Seu sorriso valia toda a saga que iria realizar. Seu filho o levou à rodoviária. Seis horas de viagem. Seu filho calculou que ele chegaria lá pelas seis da manhã. Deixou-o no ônibus e foi para casa. Às nove da manhã seu amigo ligou dizendo que ele

não chegou no ônibus da capital. Em nenhum dos que chegaram depois tinha sinal dele. Sinal vermelho. Os irmãos se reuniram. Vamos até lá disse um deles. O desespero tomou conta da família. A Polícia foi acionada. Busca em todos os lugares. Bombeiros, helicópteros. Nada. Chefe Zezé sumiu! Não sabiam mais o que fazer. A polícia desistiu. Ninguém quis mais procurar. Seus filhos precisavam voltar à luta. Tinham seus empregos. Esposas, filhos. A vida continua.

Quase um mês depois a esposa do chefe Zezé parou de chorar. Os olhos vermelhos inchados. No décimo quinto dia receberam um telegrama. Um vaqueiro disse ter visto um homem parecido com ele conforme apareceu na Televisão. Ele estava na serra do Canta Galo. Todos os filhos foram para lá. Bem longe. Mais de nove horas de viagem. Serra desconhecida para eles. A cidade pequena. Alguns tinham visto quando ele chegou quinze dias atrás. Conseguiram um guia, encontraram o vaqueiro. Arrumaram cavalos e subiram a serra. Local ermo e de difícil acesso. Tinham medo do que iriam encontrar. Avistaram ao longe uma fumaça branca subindo aos céus. Pequenas esperanças. Quem sabe está vivo? Chegaram ao local. Viram-no encostado em uma árvore, como se estivesse desfalecido. Correram até ele. Respirava e parecia dormir. Abriu os olhos, sorriu. - Como me encontraram disse?

O filho médico o examinou. Achou estranho. Sua respiração parece ter melhorado. Ele se levantou, olhou para o céu, para as árvores, um pássaro preto em um galho voou. Alguns outros se juntaram a ele. Todos voando em volta do chefe Zezé. Borboletas surgiram. Azuis, vermelhas, verdes e amarelas. E então vamos? - Ele disse. Com sua cabeleira branca e vasta caindo sobre a testa. Começou a cantar a pleno pulmões - Avançam as patrulhas, ao longe, ao longe! Adeus meus amigos, ou melhor, até breve, eu voltarei, disse ele olhando os pássaros, a mata, o riacho e o local onde acampou. Desmanchou o campo com carinho, não pediu ajuda. Arrumou sua mochila, e com ela nas costas gritou! - À frente tropa! Bandeiras ao vento! Marche! Agradeceu a oferta de ir a cavalo. Andava como uma lebre. Incrível pensavam. Mais acima dois quatis acompanhavam e mais ao longe dois lobos guarás do rabo curto também. Uma passarada foi com eles até a cidade. Dizem que na cidade todos bateram palmas. Os pássaros quando ele entrou no automóvel do filho, chilrearam alto.

Quando soube da história fui até lá visita-lo. Recebeu-me com um abraço e um sorriso. O que me contou foi de tirar água na boca. Daria tudo para participar de um acampamento assim. Sabia que os filhos queriam monitorá-lo. Deu um baile neles. Desceu do ônibus logo ao sair da Rodoviária, e esperou o que o levaria a Serra do Canta Galo. Local maravilhoso, linda aguada e um céu incrível para contar estrelas. - Montei um campo de patrulha dos meus velhos tempos. Tinha tudo que pode imaginar. Minha cabana aguentou chuvas e vendavais. Minha ração acabou logo, mas a fartura ali era imensa. Aipim, jaboticabas, bananas, mandioca, taioba, Maracujá, mamões à vontade. Meu amigo, ali era um éden. Resolvi não voltar mais. Se tivesse de ir para outro plano que fosse ali, junto à natureza tão linda e que me dava tudo que precisava para viver. Senti-me revigorado, meu ar voltou. Não senti mais a fraqueza de sempre.

Quer saber? Estou aguardando uma oportunidade. Eu irei voltar lá novamente. Irei viver com o Caminheiro e a Midiata os dois lobos Guarás com que fiz amizade. Irei ter ao meu lado os quatis os pássaros que ficamos amigos. À noite irei deitar na grama e ver o melhor céu de estrelas do mundo. Eu voltei para casa triste,

mas contente por feito o que fiz. Fiquei triste por Sinhá minha amada esposa. Ela sentiu muito a minha falta. Mas quando voltar ele sabe onde estarei. Os pássaros de lá até hoje me visitam e ficam horas na Castanheira que tem na praça ao lado. Converso com eles, cantamos juntos e acho que nunca mais vou esquecer aquela serra, linda serra que amei e que nunca mais vou esquecer. Não tem jeito. Tenho de voltar. Olhe sei que muitos me acham louco. Risos. Eu não sou meu amigo, não sou. Que pensem assim e não me importo. Não existe um minuto ou segundo que minha mente me transporta para lá. Quando durmo sonho com minha serra querida. Não serei mais um Velho senil, cheio de manias. Vou voltar. Não tem jeito e mesmo que seja minha última viagem ou meu último acampamento não deixarei a velhice chegar e destruir os meus sonhos. Eles estão segundo e não vai fugir das minhas mãos!

Fui para casa pensando no Chefe Zezé. Sentei na poltrona e calado meditei por muito tempo. O que ele contou parecia uma fábula daquelas que conto e tento acreditar ser verdade. Ele fez o que é sonho de muitos. Mas lutou pelos seus sonhos e chegou lá. Um dia quem sabe eu faço assim também e parto para meu destino no campo dos meus sonhos? Que Deus me dê forças!

Oitenta e quatro anos. Sonhava com seu último acampamento. A família contra. Sabia que se não o deixassem ir iria morrer em breve. Uma história impossível, uma vontade de voltar a ser o que era e superar seus limites. Saudades que machucavam ao lembrar-se dos tempos que se foram e hoje não voltam mais!



LABRADOR, O CÃO SOLITÁRIO DA MONTANHA DA LUA.

(Conta-se uma lenda que um Escoteiro se dirigia para um acampamento de sua patrulha, quando passou por um círculo de pedras e foi silenciosamente ultrapassado por uma matilha de cães negros espectrais acompanhados por um homem vermelho, com pernas compridas e soltando fogo pelas narinas. O homem parou em frente ao Escoteiro e a matilha fez um círculo em sua volta. – Aonde vais? Perguntou o homem sinistro. Os cães latiram. – Acampar responde o Escoteiro. – Toma isto! E o homem

vermelho jogou em suas mãos uma trouxa. Sumiram depois em nuvens escuras desaparecendo no escuro da noite. O Escoteiro ao chegar ao acampamento teve uma grande surpresa. – Descobriu que enrolado na trouxa existia um esqueleto de um cão negro já morto. Ele nunca mais viu um cão como aquele e mesmo percorrendo o Caminho do Abade, onde eles aterrorizam os carneiros e os põneis selvagens viu que sumiram para sempre nas trilhas da Montanha da lua).

.....

Tino Marcus era monitor da Albatroz. Eram seis amigos que juntos tinham o mesmo desejo e o mesmo ideal. Viver na natureza enquanto pudessem. O Chefe Montanha autorizava sempre a patrulha acampar na redondeza. Quando podia fazia uma visita e sabia que eram responsáveis, unidos e dificilmente iria acontecer um acidente. A Albatroz tinha história. Patrulha antiga, com mais de quarenta anos de fundação. Estava agora na sua décima terceira geração. Tino Marcus sabia que podia contar com Tavinho, Rodnei, Lucas, Beбето, Vantuil o sub. Todos sabiam o que fazer como fazer e não se apertavam em acampamentos, excursões ou bivaques como o do quase inacabado percurso dos Montes dos Camarões. Ali tudo deu errado, mas entre mortos e feridos escaparam todos. Era para terem saído às sete da manhã e por que o Beбето teve que ajudar sua mãe em um serviço na Cascata do Rio Vermelho resolveram esperá-lo para que ele não fosse sozinho. Afinal escolheram acampar na Montanha da lua, e duas léguas sozinho naqueles caminhos não era fácil.

Só às cinco da tarde chegaram ao Sítio São Lourenço. O Senhor Samuel não estava, mas tinham intimidade bastante para deixar as bicicletas no Galpão das máquinas. Sabiam que ele iria sorrir quando visse e quem sabe iria a cavalo fazer uma visita a eles. Escurecia e a noite caía como breu. Não se via quase nada a frente. Resolveram montar barraca no Platô dos Bororós. Eles mesmo batizaram na primeira vez que subiam a Montanha da lua. Havia diversos lugares lindos, mas com a escuridão da noite o melhor era ficar por ali. Dava para armar até três barracas de duas lonas e havia um pequeno aclave para montar a cozinha. Não precisavam de mais. Seria duas noites de acampamento e o programa poderia ser feito ali. A rotina não precisa ser contada. Afinal eram seis bons acampadores mateiros. Foram dormir cedo por volta de dez da noite. Tino Marcus ainda ficou com Vantuil até as onze. Quando foram dormir ouviram um uivo triste e gritante de algum lobo que devia estar bem próximo deles. Se fosse um lobo saberiam como agir. No acampamento de Serra das Araras fizeram amizade com um e na volta ele desapareceu e nunca mais o encontraram.

Levantaram cedo, por volta de cinco e meia. Tino Marcus avistou aquele que uivava a noite. Era um cão enorme, negro, olhos vermelhos e quando respirava saía de suas narinas uma espécie de fumava branca que é costume a gente ter quando o frio é grande. Ele se assustou. Chamou os demais escoteiros com o dedo na boca para fazerem silêncio. O Cão sentou em duas patas, não demonstrou ser feroz e nem tomou posição de ataque. Tavinho com seu sorriso contagiante foi até ele. Acariciou seu dorso e sua cabeça, o cão não fez nenhum gesto. Nem abanou a cauda. Só respirando e olhando fundo nos olhos de Tavinho. Passado os primeiros momentos todos se aproximaram. Afinal o Escoteiro é bom para os animais e as plantas e ali estava um belo exemplar de um da raça... Qual raça? Ninguém sabia. Não era um Martim, não era um Dogue Alemão, não era um Pastor e nem um Mastim. Pelo sim pelo não o chamaram

de Labrador. O cão permanecia com eles todos os dias. Brincava, pulava, caçava e fazia mil e uma estripulias próprias de um cão selvagem.

Na noite de sábado fizeram um fogo do conselho. Labrador ficou deitado prestando atenção a tudo que faziam. Perto da fogueira viram quando suas orelhas levantaram. Um estalido de galhos secos dizia que havia intrusos na mata. Ele sabia o que era. Só podia ser uma Pintada das grandes. Todos o viram saltar para dentro da mata. Ouviram latidos e rosnados. Ele voltou com sua pose de rei da selva. A onça havia partido. No domingo pela manhã deram por sua falta. Até onze da manhã nada do Labrador. Resolveu dar uma busca. Quem sabe se feriu na luta com a onça. Aventuraram por boa parte da Montanha, desde o leste para o oeste, do sul para o norte. Descobriram quase à tardinha uma caverna. Entraram devagar. Não viram Labrador, mas tudo ali dizia que era sua morada. Quando retornaram ouviram seu uivo cantante e triste. Voltaram e nada. Partiram às sete da noite. Por dois meses fizeram plano para voltar. Queriam saber o que houve com Labrador.

Acamparam no mesmo Platô. Esperam o dia inteiro e nada. Ficaram dois dias esperando. Antes de partir resolveram subir a montanha e ver a caverna onde Labrador morava. Vazia nenhum sinal. Voltaram para o Platô pegaram suas tralhas e partiram. Na descida um clarão vermelho iluminou toda a montanha. Assustaram, subindo a trilha uma matilha de cães vermelhos estava subindo. Na frente um homem enorme, todo vermelho com fumaça em suas narinas seguia sem nada dizer. Saíram da trilha e observavam a passagem daquela figura fantasmagórica e assustadora. Um cão saiu da fila, parou e olhou os escoteiros. Tino Marcus gritou - Labrador é você? O cão levantou as orelhas. O homem vermelho sem parar falou: - Belzebu volte para seu lugar! Pandemônio nos espera. O cão olhou para seu pai e para os escoteiros. Devagar voltou para a fila e partiram sem olhar para trás! Uma coisa eu sei, Tino Marcus, Tavinho, Rodnei, Lucas, Beбето e Vantuil nunca mais acamparam na Montanha da Lua!

- A espécie de felicidade de que preciso não é fazer o que quero, mas não fazer o que não quero. Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido. Eu não: quero uma verdade inventada. Amei aquele cão por toda minha vida. Se era um fantasma eu nunca tive medo. Ele ainda mora em meu coração e ali ficará para sempre!



UMA JANELA NO MEU TREM PARA LEMBRAR.

A tarde chegou mansamente. Eu a via em minha janela ainda sem aquele sol que brilha nas tardes enluaradas. Eu repousava quieto de olhos abertos em minha

cama tentando recuperar as forças que havia perdido nestes dias festivos. São coisas de velhos principalmente os escoteiros que ainda acreditam estar subindo em uma montanha como se fosse aquele jovem menino de outrora. A mente rodava procurando um ponto qualquer no passado para se firmar e ver algum importante para lembrar. Fechei os olhos devagar, uma música suave veio ao meu encontro. Que música era aquela? Lembrei-me de Cary Grant no seu papel de playboy mulherengo e Deborah Kerr uma ex-cantora que viajando em um cruzeiro para a Europa, se conhecem. Apaixonam-se. Mas precisam dar novo rumo as suas vidas e combinam encontrar seis meses após no alto do Edifício Empire State. Se ambos aparecerem o amor é verdadeiro e se casarão. Tarde demais para esquecer!

Não resisto às lembranças. Não tive um amor tão grande que não aconteceu em minha vida. O que tive até hoje fomos felizes. Ela está ao meu lado até hoje. “Na Affair To Remember” me marcou muito. A música foi entrando em meu ser. Dominando-me, me senti tonto, inebriado. O piano deslizava em minha frente tal qual um por do sol na Montanha da Lua onde tantas vezes acampeí. Viajei no tempo. Na fila do Cinema Palácios, de braços dados com a Célia. Íamos assistir finalmente Tarde demais para esquecer. Não sabia o que íamos ver, não fazia ideia. Sou emotivo demais. Quando no final ele não a encontrou no Empire State chorei. Ainda não fazia ideia porque ela não foi. Um trágico acidente a impede de ir ao encontro. Ela toma um rumo emocionante e incerto. Saí do cinema perdido em conjecturas e nenhuma me agradava. Não seria eu o Leo McCarey o diretor para mudar tudo no final. Eu era apenas um Escoteiro, emotivo, noivo, amante de sua linda e futura esposa e que vivia a sorrir e cantar na natureza.

Vejo-me sentando em uma poltrona viajando no meu trem do passado. A janela aberta, a fumaça do trem volta e meia entra no vagão de primeira classe. Não reclamo. Adoro amo esta fumaça que até hoje me faz uma falta enorme. Ajeito o travesseiro para aceitar melhor. Minha cabeça fica zonza, pensando e pensando. Meus olhos se firmam na paisagem que o trem vai me mostrando em cada curva que faz. Um pontilhão me assusta. Sorrio. Pego de surpresa. Quantos pontilhões passei na minha infância? Correndo com medo de o trem chegar... Ah! A janela não para de me mostrar um passado, mas a música o piano gostoso, a melodia do filme que me marcou entra em meus poros. No final da passagem do túnel do Corcel perto de Derribadinha vejo-me ali, em pé, segurando meu cavalo de aço junto aos meus outros cinco companheiros. Esperando o trem passar para adentrar no túnel do desconhecido.

O piano cessa. A melodia fica a parafusar minha mente. Preciso ouvi-la novamente. You tube? Sim! Vou lá. Ela volta, agora sim me refastelo na cama, minha cabeça repousa no travesseiro e minha mente de novo viaja naquele trem que me leva ao passado. Lembrei-me de Gilwell. Por quê? Afinal “Na Affair To Remember” não tem nada do escotismo que amo. Quem sabe será porque me sinto Velho e fraco e preciso voltar. Voltar onde? Em Gilwell, no tempo? Assistir novamente o filme da minha vida? Minha mente embaralha. Já nem sei mais o que pensar. Volto novamente ao meu trem. Minha janela. A fumaça branca entrando. Meu paletó branco era macio como leite em calda. O trem vai diminuindo sua marcha. Entra na estação e vejo em algum canto da estrada a garotada correndo sem parar jogando uma pelada com bola de pano. Alguém grita: - Amendoim torrãozinho, doce de leite e cocadas! Compre é barato!

O trem já vai partir. – Alguém diz com voz chorosa: - Não quer ir comigo? Ela responde chorando... Desculpe sou feliz aqui! Um grande amor interrompido. Minha mente volta ao Empire State. E ela? Mesmo em uma cadeira de rodas ainda pensa em casar com ele? Não sei. Não quero contar. Filmes são assim, trilhas sonoras inolvidáveis. Um piano tocante quem sabe na Floresta do Tenente, lá muito longe onde acampe. Alguém toca baixinho para mim “Na Affair To Remember”. Sento-me na porta da barraca. Uma noite linda, o céu salpicado de estrelas brilhantes, cai uma brisa vinda do ar da Lagoa dos Peixes dourados. Tudo é encantamento. Noite romântica, mágica repleta de felicidade. Fecho os olhos, minha viagem vai chegando ao fim. Levanto-me meio tonto da minha cama. Olho pela janela, daqui a pouco vai escurecer. No meu trem ouço alguém dizer na estação final: - Muito obrigado meu jovem cavalheiro e escoteiro, muito obrigado por esta bela viagem. Desço do trem. Vejo-me fardado, na mão o meu chapéu de abas largas. É noite, lágrimas em meus olhos mostram que ainda penso no grande amor de Deborah Kerr e Cary Grant.

Os poetas cada um define a passagem de um grande amor em cada vida. Dizem eles que há sempre alguma loucura no amor. Mas a sempre um pouco de razão na loucura! Tenham uma excelente tarde!



OS LOBOS NÃO UIVAM SOZINHOS! (72)

Prezada Akelá Mércia.
Melhor Possível!

Desculpe a letra e meus erros. Estou tremendo muito para escrever esta cartinha. A senhora sabe que estou muito fraco e sentar é um tremendo sacrifício. A Enfermeira Lola está me ajudando. Se não fosse ela não iria conseguir escrever. Minha mãe está aqui também, mas chora tanto que não tem condições de me ajudar. Não sei por que choram afinal nós todos não vamos morrer um dia? Não entendo tanta alegria quando nascemos e não aceitar que um dia iremos para o outro lado da vida. A Enfermeira Lola diz que é uma mudança de plano. Ainda não entendo muito disto, mas acredite os anjos que me visitam me disseram que chegou a hora de partir. Eles são lindos, me contam histórias, cantam canções lindas e precisa ver a Vovó Matilde que sempre me abraça e disse que meu lugar no céu está reservado. Não sei que lugar é este, mas não deve ser lindo se não eles não sorriem tanto. Já disse para a mamãe, mas ela não entende o que eu digo. Papai está na França e disse que vai vir chegar em breve. Mas olhe, veja se pode atender aos pedidos que faço nesta cartinha. Vais me ajudar?

Não esqueço o dia que conheci a senhora e meus irmãos lobos. Eu vivia tristonho na minha casa, não saía, médicos diziam que devia ficar em repouso. Foi o Doutor Luiz que me contou dos lobinhos. Perguntou-me se eu queria ser um. A verdade Akelá que foi a melhor coisa na minha vida. Bem a escola também, mas lá eu cansava muito, aí não, me divertia, cantava, sei que reclamavam de mim nos jogos de corrida, mas nos outros eu dava uma mão enorme a matilha. Pode dar um recado para o Balu Roberto? Diga a ele que deixe de fazer cara de mau, ele é bom, tem de sorrir mais e eu o adorava. Renata a Baguira sempre chorava quando estava ao meu lado. Muitos choravam e isto me entristecia. Queria ser como Mowgly, nos tempos das falas novas, quando a primavera chegava, as flores nasciam o vento soprava e todos corriam pelos campos sorrindo e cantando na embriaguez da Primavera.

Dê um abraço apertando na Aninha a prima da minha matilha. Ela não entendia muito minha fraqueza, mas era uma das poucas que sempre me acompanhava até em casa. Diga ao Nonô que eu o quero muito e não fiquei bravo com ele quando pegou meu chocolate na mochila. Sabe Akelá Mércia. Eu adorava o Grande Uivo. Sempre Sonhei ver a senhora olhando para mim para que eu pudesse em nome da Alcatéia mostrar que iríamos fazer o melhor. Não houve oportunidade e eu entendo. Outros lobos mais antigos tinham este direito. Fiquei triste quando Kaa Rogerio foi embora, sabe eu morria de rir quando ele queria imitar a velha serpente da Selva de Mowgly. Ele nunca imitava bem uma serpente. E ele dizendo que somos do mesmo sangue tu e eu? Dava gargalhadas e rolava no chão de rir. Acho que vou parar. Cansado Akelá. Sinto-me Velho e fraco igual ao Chefe Tadeu que cantava dizendo que precisava voltar a Gilwell. Afinal eu nem sei mesmo o que é Gilwell, mas deve ser um lugar lindo, pois quando ele e os demais chefes cantavam ficavam sorrindo o tempo todo.

Olhe, saiba que a senhora foi minha segunda mãe. Ajudou-me, me abraçou e me beijou tanto que um dia fiquei sem ar. Kkkkkk. Estou aqui sorrindo e mamãe chorando e a enfermeira Lola com os olhos cheios de lágrimas. Saiba que a amo muito, que a senhora com a sua bondade me transportou para os campos verdes de Waingunga. Nunca esqueci o que a senhora disse que os vales da Alcateia de Seonee eram verdes na primavera, lilás no inverno, dourado no outono. A senhora dizia que era o vale mais lindo nas terras de Mowgly. Também nunca esqueci o que Baloo o urso pardo dizia para nós que a lei da Jangal vigora na selva e é antiga como o céu. Que assim como cipó que envolve a árvore a lei do Lobinho envolve a todos nos...

- Desculpe Akelá Mércia, sou a enfermeira Lola, Adriano desmaiou. Já chamamos o Doutor Luiz. Estou enviando a carta, pois ele insistiu muito que eu a enviasse!

- Mércia lia e chorava. Um choro convulsivo que ela não sabia como parar. Os vizinhos acorreram a sua casa, mas nada ajudava sua tristeza. Ela recebeu a carta pela manhã, e soube da notícia da morte de Adriano. Ela sabia que isto iria acontecer, mas sabia também que era humana, acreditava em Deus, rezava para Jesus ajudar, mas o Doutor Luiz disse que ele iria para outros planos em breve. Não tinha mais como reverter o câncer no pulmão. A sala onde ela estava ficou cheia de amigos, lobos e lobas acorreram. Um ajuntamento enorme da Alcatéia Hathi, pois souberam que perderam um lobo. Todos sabiam que o lobo não perde os dentes, não perde a raça, eles sabiam que os lobos mansos vivem em rebanho para se protegerem. Sem ninguém esperar um clarão transformou a sala em uma linda pradaria nos verdes campos de

Seeonee. Adriano apareceu de uniforme com muitos lobos junto a ele. Sorria, fez um sinal e com sua vozinha meiga e linda disse: - Akelá, os lobos não uivam sozinhos. Estou seguindo com meus anjos e lobos no céu para o grande acampamento da Jângal! Melhor possível povo lindo da Selva!

Porque você matou? Perguntou Hathi, pelo prazer de matar? Shere Khan respondeu isso mesmo. Era meu direito. A noite é minha você sabe. Que direito é esse de que fala Shere Khan? Perguntou Mowgly. É uma historia antiga, tão velha quanto à própria selva. Então Hathi narrou cabisbaixo, descrevendo como o medo se apoderou dos habitantes do outro lado do rio. Mas essa é outra história... Um conto emocionante. Para os fortes, pois os sensíveis irão chorar...



ELE SORRIU E ME DISSE QUE ERA ESCOTEIRO.

Eu o vi com o uniforme caqui. Estava perfeito. Lenço bem dobrado, meião com listas retas, sapato brilhando. Parei. Hoje em dia é difícil ver alguém assim. Quando passou por mim fiquei em posição de sentido olhei para ele dizendo: - Sempre Alerta Chefe! Ele me olhou sorrindo e disse: - Somos do mesmo sangue tu e eu. Nós dois somos de uma estirpe que restam poucos no mundo. Encantei-me com sua voz. Seu estilo era inconfundível, o chapéu de abas largas retas e aprumado na sua cabeça diziam tudo sobre ele. - Olhe meu amigo ele me disse - Muitos não entendem escolhas que fazemos na vida. Muitos me perguntam se eu sou um herói da juventude. Não sou. Sou um herói de mim mesmo. Não duvide nunca. Eu posso ser muito melhor sendo Escoteiro do que pode pensar. Acredito que se você quer ser o que sonhou, porque não correr atrás dos seus sonhos? Quem não vai atrás do que gosta, não gosta de verdade. Orgulho tem limite, mas quer mesmo saber? O meu não tem. Não abro mão do que amo por receio de ir atrás ou errar na escolha que fiz. É uma questão de princípios, e alguns dizem que é uma questão filosófica.

E ele continuou: - Não sou filósofo e é difícil para mim explicar. Comecei sem saber onde pisava. Pivete entrei neste movimento que amo. Foi amor à primeira vista. Amor de menino sardento, marrento, aprendendo a ler e nem escreve sabia. O tempo passou. Fui crescendo. Vivendo cada dia como se fosse um novo dia. Vi coisas extraordinárias. Descobri minha paixão por aventuras, descobertas, das andanças por trilhas desconhecidas, estradas sem começo e fim, florestas encantadas que ficaram encravadas dentro de mim para sempre. Descobri o valor das fogueiras, em dias e noites que me ajudaram para melhor. Elas queimavam-me para me aquecer e queimava meu interior com um amor sem igual. Dormir sob as estrelas todos já dormiram, mas dormir e sonhar em ir até elas é diferente. Voei morro abaixo a procura de vales para acampar. Andei de canoa e jangadas em rios e lagos e profundos. Tive índios amigos, sertanejos que me ensinaram ser um mateiro e me fizeram feliz.

Estava espantado. Eu era assim também, mas deixei-o continuar: - Esculpi em minha memória um sol que não conhecia um sol diferente ao nascer ou ao se por no horizonte infinito. Fiz do meu escotismo uma maneira de aumentar amigos e com eles buscar minha felicidade. Não ouve montanhas com quem não conversei. Não ouve pássaros com que aprendi seu cantar. Fui grande amigo de uma Coruja que me disse um dia: - Chefe, o espírito da coruja mora neste acampamento! Dizem que sábio é o ser humano que reconhece até onde pode ir e que tem mais a aprender, do que a ensinar. E como eu aprendi nas minhas aventuras Escoteiras. Não fui herói não, por favor, nada disto, mas aprendi com a floresta, com os ventos, com as trilhas ligeiras de pedras no caminho e normas incríveis para seguir. Aprendi com o ribombar do trovão, da cascata que vem do céu, com a chuva incessante da primavera. Aprendi com as estrelas no céu, com o arco íris que nunca me mostrou seu pote de ouro. Rodei céus e terras para descobrir se pisava em terras virgens, conversei com magos, santos e homens da lei querendo aprender e saber se o mundo escoteiro era este mesmo que eu fazia.

O tempo passa, eu tinha que seguir em frente, mas aquele Chefe Escoteiro me encantou. Não arredei pé, queria ouvir mais e mais - Sei que muitas vezes procuramos a verdadeira felicidade fora de nós sem saber que possuímos a sua fonte presa no coração. Em nenhum momento duvidei do meu amor Escoteiro. Meu uniforme era minha estrela, me mostrando que ser belo não precisa somente de um nome. Precisa ter amor e respeito. Encontrei adversidades por onde passei. Nos seres humanos foi mais real. Sei que problemas grandes ou pequenos nos apresentam durante a nossa existência. Posso estar contente, posso ser inteligente e embora estejamos em algum momento tristonho, é difícil ver que a vida corre célere para a solução e esta sempre depende de nos mesmos. Inesperadamente somos confrontados com problemas, lutas, desafios e milhões de dificuldades. É como se o escotismo nos tivesse posto a provas para ver de qual fibra somos feitos. Atravessamos tudo isto como o vento atravessa entre arvores enormes e altos picos encontrados no caminho. Cada pessoa sabe como enfrentar, como pular a maré alta do mar verde azul. O escotismo nos diz que aceitar é uma estratégia até ter as armas de volta para partir e nos reestruturarmos seguindo em frente para vencer.

E ele continuou – Desculpe se não me fiz entender. Não existe segredos para o verdadeiro Escoteiro. Eu nunca abri mão do meu amor ao escotismo esteja onde

estiver. Seja no passado e no presente, ou mesmo no futuro incerto e não sabido. Eu não abro mão do meu orgulho em me chamar Escoteiro. Sou mesmo com muito orgulho e honra! Não abro mão do meu uniforme. Não abro mão da minha lei. A promessa que um dia fiz eu prometi ao Senhor meu Deus que um dia que seria feliz. Foi ele quem me indicou o caminho a seguir. Não abro mão das minhas crenças, não abro mão dos meus sonhos e não abro mão do que acredito. Fiz do escotismo uma maneira de viver. Se pudesse eu diria ao mundo inteiro: - Sempre amei e sempre vou amar este movimento que mora e residirá em meu coração para sempre. Eu acredito que se temos uma lei, um artigo que diz que somos irmãos e amigos de todos não pode haver fronteira que nos impeça de nos darmos à mão.

Saiba que canto aleluia a canção de B-P. Pois ele eu o trago sempre na mente, junto de mim e no meu coração. Não falo só por palavras, as uso para dizer o que sou e penso. Sou amante da natureza, sou amante das noites de luar, sou amante das chuvas no deserto do frio ou calor. Existe meu amigo filosofia mais linda que esta? Sou e serei Escoteiro de coração e nele tenho certeza que encontrei o meu destino e quando for o levarei para viver comigo sempre no céu, pois lá eu sou imortal!

Ele me olhou sorrindo. Saiu devagar e voltou para apertar minha mão esquerda. Ficou em posição de sentido e disse um sempre alerta gostoso, daqueles que a gente gosta de ouvir. Ele virou a esquina e eu estupefato esqueci aonde ia e o que iria fazer. Pensei comigo que a suprema felicidade da vida é a convicção de ser amado por aquilo que você é não tem nada igual. Comecei a cantar baixinho:

£ - De B-P trago o espírito, sempre na mente, junto de mim e no meu coração estará!



CHEFE FALCÃO MALTÊS UM GENTLEMAN ESCOTEIRO.

Não sei quem colocou o apelido. Nunca perguntei. Seu nome correto? Quem eu saiba ninguém sabia. Se foi um segredo eu não sei, mas gostava do nome dele como Chefe escoteiro. Foi um grande amigo enquanto estivemos juntos. Disse-me um dia que fora Chefe do Grupo Escoteiro Estrela Cadente. Nunca tinha ouvido falar. Mas não é disto que quero falar sobre ele. Chefe Falcão Maltês era um perfeito cavalheiro. Um gentleman inglês. Como se diz hoje uma figura que merece um lugar entre os homens de honra deste país. Nunca deixou alguém mais velho que ele em pé no ônibus. Ninguém sentava sem antes ele arrumar a cadeira e olhem, as chefes adoravam. Pagar despesas? Nem pensar. Se ele não pudesse pagar não iria. Dizia sempre que os homens devem ser boníssimos com as mulheres, pois são elas que carregam o fardo mais pesado.

O que eu admirava muito no Chefe Falcão Maltês era seu modo de falar aquele jeito inglês gostoso que vemos nos filmes. Ele sempre foi um exemplo aos escoteiros. Lembro que uma vez estávamos em marcha de estrada indo acampar no Vale da Tartaruga, e caiu um pequeno papel de bala na trilha onde percorríamos. Ele parou toda a tropa. Chamou a todos e com uma voz calma e educada disse – Sabem que somos invasores? A escoteirada não entendeu nada. – Porque Chefe? Disse um deles. - Porque a relva, as árvores, os pássaros, o rio e as montanhas estavam aqui antes de nós. Portanto eles são os donos. Nós somos intrusos. Vocês gostariam que alguém entrasse em suas casas, sem pedir e jogassem papéis de bala na sala? Ninguém disse nada. Um Escoteiro foi até lá e pegou o papel e guardou na mochila. E nos acampamentos? Sua inspeção era rigorosa. Não perdoava nada. Nem fossa mal tampada. Mas fazia tudo de uma maneira tal que encantava a todos – Escoteiros! – dizia ele, porque deixar que a abelha o beija flor, os pássaros do céu sintam o mau cheiro? Afinal eles vivem pelo aroma gostoso das flores, dos bosques e das florestas. Temos o direito de tirar deles o aroma das folhas das árvores, o vai e vem da fonte que jorra o farfalhar do vento que trás o perfume da montanha? Afinal isto não é certo, não é mesmo?

Um dia estávamos sentados na porta da barraca, um pequeno fogo crepitava e ele começou a cantar uma linda melodia. Todos acorreram para perto dele. Ele parou e os escoteiros ficaram intrigados. – Vou continuar, aguardem. Só quero aproveitar a oportunidade para dizer a vocês, que as músicas, canções tudo que existe é belo. Sabendo cantar e sabendo ouvir. Se um dia vocês ouvirem uma música Clássica, ou mesmo uma ópera seja em qualquer lugar podem até não gostar. Mas se assistirem a um concerto de uma Orquestra sinfônica ao vivo, ou mesmo a uma ópera em um teatro tenho certeza que irão adorar. A Música para se gostar tem de ter sentimento. Existem músicas e músicas para cada momento da vida. As clássicas relaxam e fazem sonhar, musicas romântica ou orquestrada são lindas dependendo onde estamos a ouvir. As românticas são ótimas para quando se tem um grande amor. Temos, continuou ele – Que aprender tudo que possamos absorver. As músicas de hoje cantadas ou não desde que não tenham segundas intenções em suas letras, são válidas. Mas existem outras e um Escoteiro deve estar preparado para descobrir, ouvir e sonhar com todas elas. Não é o barulho estridente da música que nos toca o coração. Ouvir boa música faz parte de nós escoteiros que vivemos nas montanhas acampando.

Era assim o Chefe Falcão Maltês. Dizia sempre que podia que o Escoteiro é um cavalheiro, um fidalgo. – Lembrem-se do que diziam da mulher de César? Assim somos nós, ele dizia. Não basta mostrar que somos, temos que se portar como tal. – Que tal dar a vez a um amigo? Abrir a porta para ele? Que tal dividir o doce, o farnel, seu cobertor, que tal dividir sua alegria, sua felicidade com quem não a tem? – Chefe Falcão Maltês deixou saudades. Sempre acreditei que todos nós chefes escoteiros devemos ser uma espécie de Chefe Falcão Maltês. Alguns dos nossos jovens precisam aprender boas maneiras. Claro, é função dos pais. Mas não estamos ali para colaborar? – Um dia ele me disse – Chefes Vado, hoje muitos se apegam a entender o jovem como ele é e a justificar. Certo isto? Prefiro deixar para os que vivem ao seu lado dizer. Mas existem normas, direitos e deveres que são sagrados. Um pai nunca vai dizer ao filho se ele quer ir escola, se ele quer sentar a mesa para as refeições ou se ele pode escolher a hora para dormir. Isto faz parte da família. Da educação que ele transmite ao seu filho.

Ele será cobrado pelo que fez. A formação é sagrada dentro do lar. Para mim isto não tem discussão.

Entendi perfeitamente seu recado. Não é porque os tempos mudaram que as boas maneiras, a educação, o cavalheirismo o dever e a honra devem ser deixadas de lado. O respeito aos mais velhos, o respeito ao meio ambiente, o respeito com as pessoas, o direito de um e o de outro nunca devem ser olvidados. Seria bom, seria bom mesmo que existem muitos chefes Falcão Maltês por aí. Acho que tem muitos jovens que se chamam de escoteiros e escoteiras que poderiam ouvir suas palavras e aprender. E porque não muitos adultos?

Já faz anos que não vi mais o Chefe Falcão Maltês. Soube que ele resolveu abrir um Grupo Escoteiro nos garimpos do Suriname. Um país perdido nas fronteiras do Brasil com a Guiana Francesa. Porque a escolha? Ele não me disse. Partiu com um sorriso para nunca mais voltar. Quem sabe ele seria um novo Cavaleiro Andante, a ensinar naquelas plagas distantes, no meio da selva e para aqueles garimpeiros rústicos que não existe hora e nem lugar para ser educado e ter honra? Que ele seja feliz. Ensinou-me muito. Tem chefes que são e tem outros que dizem ser. Eu até hoje ainda não me situei. Que Deus me ajude a cumprir minha missão, claro se eu tiver uma para cumprir.

Nem todos podem tirar um curso superior. Mas todos podem ter respeito, alta escala de valores e as qualidades de espírito que são a verdadeira riqueza de qualquer pessoa.



ERA UMA VEZ... SÃO PEDRO LÁ DO CÉU! (75)

Hoje me lembrei desta história. Minha memória diz que aconteceu, mas muitos amigos daquela época diziam que não foi bem assim. Menino estudante, Escoteiro, cidade pequena sem nada o que fazer, corria-se com suas possantes bicicletas nas casas dos amigos escoteiros, reuniões de patrulha e pensando no próximo acampamento. Era uma festa quando alguém com peças Escoteiras apareciam na cidade. – De onde? Qual Patrulha? E a luta para levar para sua casa? São coisas do passado, passado que ficou na memória e nem sempre se fatos assim ainda acontecem neste Brasil imenso. Mas vamos às lembranças. Desculpe se faltar alguma coisa, faz tempo, muito, o Velho Escoteiro tem 75 anos e na época somente 12. Recordações faz bem e eu tenho muitas para lembrar.

Não me lembro do seu nome. Pudera ele nunca disse, pois assim como chegou ele partiu. A gente o apelidou de São Pedro, aquele que mora no céu. Fisionomia igual a que o Padre José nos contava. Uma barba branca que de tão branca ao ficar ao sol se tornava azulada. Magro, e quem o olhasse bem de perto diria que era

só pele e osso. Será que não se alimentava? Usava uma roupa simples, calça caqui curta bem puída e uma camisa caqui com alguns rasgos no ombro. Usava um cinto. Era o nosso conhecido. Sem sombra de dúvida era um cinto escoteiro. Esquecemos até que em sua cabeça também morava um chapéu de abas largas, mas que agora estava decaído se mostrava velho, carcomido e com pequenos furos. No banco que estava sentado havia uma pequena mochila, diferente das que nos conhecíamos. Nunca vimos o que tinha dentro dela. Sua figura chamava a atenção, tinha os dentes perfeitos e quando sorria maravilhava a todos. Falava como se estivesse declamando poesias tipo aquelas que nosso professor de português declamava sem sorrir e querendo ser o que ele nunca foi. Um poeta.

Não lembro quem o viu pela primeira vez, sentado no banco da Praça da Estação. Praça nova árvores recém-plantadas. Dizem que hoje estão enormes e as palmeiras inigualáveis. Bem não estou aqui para falar da praça e sim do velhinho de barbas brancas azuladas, ou melhor, São Pedro lá do Céu. Quando lá cheguei outros lá estavam. A notícia correu de boca em boca dos escoteiros e lobinhos. Gente estranha e com peças Escoteiras na cidade era motivo de júbilo por parte de todos nós. O cinto e o chapéu sem dúvida o identificava. Em volta daquele simpático velhinho nós pequeninos Escoteiros agachados em sua frente de olhinhos arregalados queríamos saber de tudo. Ele tinha um lindo sorriso e de vez em quando seus olhos fechavam parecendo que iria dormir. Sonhador chegou correndo. Era e sempre foi nosso porta-voz. As patrulhas confiavam nele. Sabia falar como ninguém, um proseador que não perdia nunca o fio da meada.

Todos nós esperávamos que nosso acólito trouxesse a tona e desvendasse o segredo do Chapéu e do cinto que acintosamente aquele velhinho, ou melhor, São Pedro lá do céu portava. Ao menos a fivela estava limpa. Não brilhava, mas ainda tinha a cor da originalidade quando produzida. O chapéu mesmo limpo não mantinha as abas retas e planas. Tinha um semblante que encantava. Sonhador disse que o ouviu falar que estava com fome. Façamos uma vaquinha! Conseguimos doze paus. Perna Seca e Orelhudo foram correndo ao bar do Zé Moreno. Voltaram com quatro coxinhas, seis bolinhos de carne e dois pães. São Pedro lá do Céu comeu com gosto. Educadamente. Mastigava como se estivesse contando cada mordida. Beleleu levou Narigudo até sua casa na bicicleta. Voltaram em dez minutos com um cantil cheio de água e uma garrafinha de groselha. Ele sorria e falava baixinho com Sonhador.

Lá pelas tantas discutimos onde ele iria dormir. Velho assim era difícil levar para a casa dos vinte e oito meninos Escoteiros e quinze lobinhos que se ajuntaram em sua frente na Praça da Estação. Seus pais poderiam estranhar. Bororó Monitor da Onça Parda sugeriu trazer a barraca de duas lonas da chefia e um cobertor do exército que ganhamos. Na grama atrás do banco a barraca foi armada. Sonhador disse para ele que podia dormir tranquilo. O Guarda Noturno era o Zé Biroasca, antigo Escoteiro. Ele estava em casa. Ficamos lá até por volta de nove da noite. Fui embora pensativo. De onde era? Como chegou? Seria um antigo Escoteiro ou um Chefe? Dormi pensando e durante todo tempo de escola nem vi o que os professores disseram. Queria que as aulas terminassem para correr até a Praça da Estação.

Encontrei Bico Doce e Orelhudo conversando. Ele se foi me disseram. A barraca estava desarmada e bem dobrada nos moldes Escoteiros. Os espeques limpos e enrolados em um jornal. Se ele dormiu ali levantou cedo. Antes do alvorecer. Zé Biroasca o Guarda Noturno disse que não o viu ir embora. Seu Nonô Fogueteiro Chefe da estação disse que o maquinista Zé Be Deu o levou como carona no trem de carga das cinco da matina. Fiquei decepcionado. Se ele fosse um dos nossos quantas novidades para nos contar? Sabíamos que nossa fraternidade era enorme, mas só umas fotos apagadas de uma revista que um viajante nos presenteou vimos Escoteiros de outros países. Será que eles seriam iguais a nós?

Na semana seguinte eu e Orelhudo encontramos Zé Be Deu o maquinista. – Desceu em Crenaque. Disse que iria atravessar o Rio Doce em uma jangada que ele guardava na Caverna do Morcego. Falou baixinho que iria rever seu amigo o Cacique Abaeté dos Aimorés do outro lado do rio. Eram amigos há séculos. Séculos? Pensamos no que disse o maquinista. Perguntamos mais e ele não disse mais nada. Olhei para Orelhudo que balançou a cabeça. Imortal? Seria ele realmente São Pedro lá do Céu? Meninos Escoteiros a filosofar. Durante muitos anos nos Fogos de Conselho e em Conversas ao Pé do Fogo levantávamos a história de São Pedro lá do Céu. Falou-se tanto que agora para os novos ele era um Santo Escoteiro. Alguns juravam tê-lo visto nas margens do Rio Vermelho, outros na Montanha da lua e um afirmou que ele corria em cima das águas nas corredeiras do Rio Piaba. Ah! As histórias existem, verdade ou não fiquei sabendo que na Corte de Honra foi votado para ele ser o patrono da tropa. Porque não?

(A minha vida fechou-se duas vezes antes de se fechar – Mas fica por saber, se a imortalidade me revela Um evento maior. Tão largo tão incrível de pensar, como estes que sobre ela duas vezes tombaram. Partir é tudo o que sabemos do céu, tudo o que do inferno se pode precisar). Emily Dickinson.

Passado. Uma época de ingenuidade e sonhos de meninos Escoteiros. Ainda com aquele amor preso no coração sabendo que eram do mesmo sangue da família de BP. Se ele era São Pedro lá do Céu nunca disse. Partiu como chegou. Ninguém sabe ninguém viu. Dizem alguns que ele de vez em quando aparece em uma nuvem branca lá no céu. Minha época, ainda sou um deles, um menino escoteiro ingênuo que acreditou!



O ÚLTIMO ADEUS DO VELHO LOBO.

Para ele seria o mesmo natal de sempre. A família reunida, os netos correndo pela casa, as conversas dos filhos, tudo muito parecido com os anos anteriores, mas sempre com um sabor especial. Quarta feira, 24 de dezembro. Ele acordou cedo. Tomou seus remédios e sem o desjejum partiu. Era sempre assim. Uma volta no bairro para sua caminhada matinal. Sabia que no retorno o café fumegante estaria pronto. A família sempre se reunia à tarde, e por volta da meia noite todos iam a mesa para se refastelarem com o magnífico manjar da Mama. Ele já havia notado uns lapsos de memória e sabia a tempos que seus pensamentos se misturavam. ♪“A Santa Catarina pirolim pirolim pom pom, era filha do Rei”♪. Sentiu-se cansado e sentou em um ponto de ônibus na avenida próxima a sua casa. Fechou os olhos para tentar fazer sua mente voltar ao presente. Não sabia como, mas o ônibus chegou e ele entrou. Sentou na frente. Porque fazia isto? Ele não sabia. Nunca fez isto antes. Na viagem que ele não sabia o destino se lembrou do seu passado. Viu-se menino escoteiro na Mata do Morcego. Encurralado em uma árvore por uma jaguatirica. Ela o olhava com olhar amigo. Ele não acreditava. ♪“Acenda, Fogo, acenda, Acenda essa fogueira”. Aqueça minha tenda e ilumine essa clareira! ♪...

- Senhor aqui é o ponto final! – disse o motorista. – Mas como vou fazer para voltar? – Espere o próximo ônibus. Este vai se recolher a garagem! Ele desceu. Não sabia onde estava. Lembrou-se quando sênior acordou em um vale enorme, cheio de pássaros cantantes e uma cascata que faziam um barulhão. Ele não sabia onde estava quando saiu da barraca. Chegaram à noite perdidos e sem rumo certo. ♪ “Acorda escoteiro que o galo já cantou, cantou, cantou o galo já cantou... Co-co-ro-có.... ♪. Olhou para um lado e para o outro, uma enorme avenida e milhões de carros passando de um lado e de outro. Prédios enormes. Qual ônibus para voltar? Ele não sabia. Não sabia de mais nada. Esquecera seu telefone e endereço. Nunca saía com seus documentos, pois sua volta no quarteirão era pequena. Viu que nem dinheiro tinha – Seu guarda, preciso voltar para casa – Onde o senhor mora? – Não sei! – Seu nome? – Não lembro. Sei que me chamavam de Velho Lobo, eu fui escoteiro. – O guarda o olhou de esguelha. – Não posso ajudar, atravesse a rua e ande dois quarteirões. Vais encontrar uma viatura equipada com rádio. Quem sabe podem ajudar o senhor! ♪ “Avançam as Patrulhas, lá ao longe, lá ao longe”. Avançam as Patrulhas, cantando com valor, lá ao longe!”“...

Teve medo ao atravessar. Nunca viu tanta gente correndo e querendo chegar do outro lado. Confundiu-se e no meio do caminho parou. Sua mente o levou até o Despenhadeiro do Lobo. Um medo incrível de escorregar e cair. Ele ficou pendurado em um galho e se não fosse o Nonato cozinheiro tinha morrido. ♪ “Rigor, Boom, rigor, boom. Vem correndo depressa Escoteiro Ajudar o cozinheiro a fazer um jantar supimpa, supimpa Parazibum, zibum” ♪. Parou no meio da avenida. Nunca sentiu tanto medo. Ninguém se preocupava com ele. Mesmo com seus 87 anos ele ainda pensava que podia manter o domínio de si mesmo. Em passadas largas atravessou a outra parte da avenida. Sentiu que alguém o segurava por trás e na frente um jovem lhe deu um murro na barriga. Ele sentiu uma dor tremenda. Ali na calçada estava sendo assaltado por

pivetes e ninguém o socorreu. ♪ “Como é feliz o acampamento na floresta, Junto de nós passa um riacho a murmurar, cantam as aves em seus ninhos sempre em festa, o vento sopra a ramagem a cantar!” ♪. Uma moça o pegou com braço e mandou-o sentar próximo ao vão do MASP. Eram duas da tarde, ele precisava dos seus remédios. A fraqueza chegava e ele sabia que não ia aguentar.

Precisava comer. Em sua casa já teria almoçado. Lembrava que nem o café da manhã tomou. Levantou com dificuldade. Viu uma lanchonete, viu coxinhas, e bolinhos de carne. – Moço eu posso comer um e pagar depois? – O garçom riu. – Sem dinheiro necas meu Velho. Saiu andando em passos trôpegos. Começou a sentir tontura. Sabia por quê. A diabete fazia efeitos em seu corpo. ♪ “Quando se planta la bela polenta, la bela polenta, Se planta cosi. Se planta cosi. Oh!, oh!, oh!, bela polenta cossi” ♪. A tarde chegou de mansinho e as luzes dos postes se ascenderam. O frio começou a fazer efeito em seu corpo. Não tinha blusa. Uma senhora negra riu quando viu que ele tiritava de frio. Lembrou-se quando se aventurou no Deserto de Atacama e no Vale da Morte. No dia um calor de rachar a noite o frio era demais. – Venha comigo ela disse. Debaixo do viaduto tem fogueiras feitas pelos meus amigos. Ele foi. ♪ “Em Silêncio acampamento, este canto vinde ouvir, são fagulhas da fogueira que nos dizem escoteiros a Servir” ♪...

A noite foi cruel. Mesmo em volta daquela fogueira ele pensava que não iria resistir até o outro dia. Carros passavam próximo buzinando. Era noite de natal e ele não se lembrava do seu nome, de sua família só lembrava-se do seu apelido. Velho Lobo. Lembrou-se também da subida no Pico da Manada no Peru. Dormiram encostados em uma enorme pedra onde cabia só dois e eram cinco! Foi lá que pela primeira vez viu a neve que caía em flocos brancos e lindos de ver. ♪ “Longo é o caminho, longo, longo, mas andaremos sem parar! Duro é o caminho, duro, duro, cantemos para não cansar!” ♪... Dormia e acordava, dormia assentado encostado a lateral do viaduto. Os seus novos amigos dormiam tendo como cobertor papelões que eles guardavam das lides onde recolhiam lixo reciclado para sobreviver. Ouviu ao longe alguém cantando uma canção de natal. Lembrava vagamente quando em uma reunião de Gilwell em um Jamboree alguém contou uma história de natal. A lembrança o emocionou. ♪ “Eu era um bom lobo um bom lobo de lei. Não estou mais lobando, o que fazer não sei, me sinto velho e fraco não sei mais lobear, logo a Gilwell Assim que eu possa vou voltar” ♪...

O dia amanheceu. Ele estava fora de si. Sentia falta de ar, tremia e quase não ficava em pé. Seu corpo não obedecia a sua mente. Como um robô saiu cambaleando pela rua. As pessoas desvencilhavam-se achando que ele estava embriagado. Até uma senhora disse bem alto – “Com esta idade e bêbado pela manhã”? Ele começou a se sentir mal. Uma dor enorme no peito. Sabia que era seu fim. Seus olhos se fecharam. ♪ “Prometo neste dia, cumprir a lei, sou teu escoteiro, Senhor e Rei. Eu te amarei pra sempre, cada vez mais. Senhor minha promessa, protegerás” ♪... Viu sua mãe sorrindo, como ela era bela e nova. Viu seus irmãos e irmãs que já tinham partido ali acenando. Fechou os olhos e esperou ser chamado para subir aos céus com eles. Acordou assustado em sua cama em seu quarto. Toda sua família em volta sorrindo. Era sua mulher, eram seus filhos, seus netos e vizinhos. O quarto cheio de gente. Bem vindo Papai, bem vindo marido, Vovô estava morrendo de saudades! Então não tinha morrido? Viu próximo uma jovem uniformizada de Escoteira. – Quem é você? Foi sua esposa

quem contou – Ela viu você caindo e dizendo ser um Velho Lobo. Sabia que você era um Escoteiro. Pediu um taxi e o levou ao pronto socorro. Telefonou para várias delegacias e uma delas já sabia do seu sumiço. Comunicaram por telefone. Ela meu marido, foi seu anjo de natal!

♪ “Bravo, bravo Bravo, bravíssimo, bravo, bravo bravo, bravíssimo bravo, bravíssimo bravo, bravíssimo bravo, bravo bravo, bravíssimo” ♪...

Ele era apenas um Velho lobo. Sofria de Mal de Alzheimer. Um dia saiu sem dizer para onde. Perdeu-se na cidade de pedra. Seu mundo se transformou em um pesadelo. Mas tudo tem um final feliz. Foi seu presente de natal. Um conto fantástico e emocionante!



A ÚLTIMA PÁGINA DO ADEUS.

Olhe eu nunca há esqueci. Seu sorriso, seu jeito matreiro de conquistar e fazer amigos, sua lealdade e sua honradez eram para tirar o chapéu sempre. Não sei por que partiu. Se houve um motivo no grupo nunca fiquei sabendo. Sei que eu e muitos amigos chefes ficamos consternados com sua partida. Ela partiu como uma bruma escura que não se acha explicação de onde surgiu e para onde foi. Ela se foi sem despedir de todos. No sábado anterior seus olhos vermelhos eram prova viva dos seus sentimentos. Ela tinha estilo, pose de rainha de santa, mas quer saber? Não era antipática démodé e arrogante. Era simples, conquistava pelas palavras, pelo carinho pelo abraço simples e seu Sempre Alerta era demais! Ninguém disse não a sua chegada. Diferente de outros que adentraram no Grupo Escoteiro ela chegou sozinha. Sem filhos a tiracolo, maneira corriqueira que sempre acontece com pais que chegam para ver e sentir onde seus filhotes estão e chegam à conclusão que ali é bom, vem a coceirinha e entram nem mesmo sem saber por quê.

Raquel foi diferente. Chegou, procurou a chefia e disse que veio ajudar. Ser mais uma e não seria um fardo para ninguém. Ela sempre sonhou em formar jovens e não teve a oportunidade no magistério. Eu quando a conheci pensei com meus botões o que uma mulher com aquela classe fazia ali. Não estou a desmerecer as demais chefes, nada disto. Perdão se ofendi alguém não era e não é o meu desejo ao contar esta história. De onde tinha vindo? Quem seria? Acreditar de chofre no seu altruísmo, do seu amor ao próximo, na benevolência e no seu bom coração seria a forma correta de dizer: - Seja bem vinda? Dizem que a ajuda ao próximo sem buscar qualquer recompensa é notável indicador de elevação moral, que eleva o ser humano, fazendo dele um ser superior digno de ser seguido. Ninguém perguntou. Todos ficaram encantados com ela.

Nem mesmo as senhoras chefes que sempre tiveram o dom de desconfiar de alguém que se diz amiga de todos teve um momento de dúvida.

Onde quer que fosse antes ou depois da reunião os meninos como abelha no mel ficavam em volta dela. Como contava lindas histórias. Parava assim como começou para cantar com eles, jogar jogos incríveis e todos nós ali olhando e pensando como pode existir alguém como ela? Nunca ouvi ciúmes, maledicências, despeito ou mesmo uma rivalidade com o que ela fazia. Pensei um dia que seria uma Santa que desceu do céu para ajudar nosso escotismo tão necessitado de pessoas assim. Não entrou em nenhuma sessão Escoteira. Chegava meia hora antes e saía meia hora depois. Nesse meio tempo distribuía sorrisos, conversava motivando a todos, recebia pais e visitantes, encaminhava os novos para o Diretor Técnico e nunca interferiu nas sessões quando de suas atividades. Ao contrário eram os chefes que a procuravam em busca de conselhos, aprendizado de jogos, sanar dúvidas, sentir sua força interior como se quisessem introduzir em seus corações tudo que ela era, todo seu estilo amigo e fraterno que até então não tinham visto em ninguém.

Todos a chamavam de Raquel. De que? Ninguém nunca soube e nunca ela falou. Ninguém sabia onde morava, onde trabalhava se tinha família ou não. Isto se tornou tabu para todos, pois não queriam ofendê-la e nem privar de sua amizade. Se ela não contou é porque não queria contar. Um dia procurou o Chefe e disse para ele que queria fazer a promessa. Todos se alegraram. Ela chegou naquele sábado esplendidamente uniformizada. Se já tinha um belo sorriso naquele dia ele se duplicou. Foi uma festa inesquecível. Festa? Bem após a cerimônia, aonde vieram antigos Escoteiros, ex-Escoteiros, chefes do distrito e da região, pois ela aonde ia conquistava uma legião de fãs, fez questão de oferecer um coquetel a todos. Nem meias palavras para dizer como foi este coquetel. Garçons de smoking serviam os mais gostosos salgados e quitutes de dar água na boca. Todos dos lobinhos ao chefe eram sorrisos só. Interessante que ali só se via o mundo Escoteiro. Seu mundo particular se existia ninguém viu.

Nunca ficou um dia, um minuto um segundo sem o uniforme na sede e nas atividades Escoteiras. Lembro que em uma atividade nacional ela educadamente sem afetação ou vaidade disse ter conseguido um avião para levar todo o grupo. Era em outro estado e todos nós nos assustamos. Um avião? Quem ofereceu? O assunto morreu por aí. A confiança nela era tremenda. Lá foram todos na aventura de todos os tempos que marcou o Grupo Escoteiro por toda a vida. Olhe eu posso garantir que nunca ela faltou, chegou atrasado e em menos de um ano nosso Grupo Escoteiro se tornou o mais conhecido da cidade, da mídia, e tivemos até a visita do Prefeito da cidade que a abraçou sorrindo lhe dando os parabéns. Meu Deus! Quem era essa mulher? Porque ninguém sabia de nada de sua vida? Como ela conseguiu esconder de todos seu curriculum pessoal? Eu sinceramente nunca há vi em jornais, colunas sociais, colunas financeiras nada. Como ela podia manter segredo e ainda ser amiga de muitas autoridade da cidade?

Foi um desastre aquela reunião do sábado. Chovia ninguém se preocupou com a chuva. Todos faziam questão de estar presentes no Grupo Escoteiro. Uma que amavam o escotismo e outra que lá estaria Raquel. Um anjo dourado que Deus deu ao

Grupo Escoteiro. Os lobinhos, Escoteiros, seniores guias e chefes entravam aos borbotões pelo portão de aço, pintado de branco, para receber um sorriso e um aperto de mão de Raquel. Onde estava ela? Ninguém sabia. Não veio? – Até agora não, disse alguém. Ficaram o tempo todo em reunião, mas um silêncio mudo persistia entre todas as sessões sempre olhando para o portão vazio. Uma calmaria que assustava. Raquel não veio e nem nas três seguintes. O Grupo Escoteiro sentiu na pele e na mente aquela ausência. Ninguém queria acreditar sempre esperando que ela chegasse, explicasse sua falta, desse aquele sorriso contagiante de dissesse: Sempre Alerta! Mas não. Isto não aconteceu.

Ninguém sabia onde morava, ninguém tinha seu telefone, ninguém sabia onde trabalhava e mesmo pesquisando como o prefeito, o juiz o delegado e altas autoridades da cidade ninguém sabia do seu paradeiro e nem onde morava. Ela fez o mesmo com todos eles, conquistando pela amizade, pelo sorriso, pela sua bondade em ajudar. O coração partido, os olhos lacrimejados mostraram um Grupo Escoteiro à deriva. – Muitos diziam alto com rancor o porquê daquele abandono. Outros reclamavam por ela oferecer amor e carinho e desaparecer como uma nuvem levada por um vento mau. Lembro que eu mesmo chorei por muito tempo sempre pensando em sua partida. Já homem feito um dia pesquisando na internet li uma notícia que me estarreceu, eu não podia entender e compreender. A noticia era da década de quarenta antes do inicio do Grupo Escoteiro dizia:

- Dentre os mais de cento e oitenta passageiros que morreram na queda do Avião da Swissair ocorrido hoje, próximo a Kaduna, uma figura simples que labutava no Hospital St. Nicholas na capital da Nigéria, a Irmã Raquel, considerada uma Santa vai deixar saudades. O Vaticano estuda até hoje sua canonização. Seu trabalho na cruz vermelha na Monróvia, Libéria vai deixar uma lacuna difícil de ser preenchida. O Padre Romulo sempre diz que ela partiu para estrelas para nunca mais voltar! Olhei a foto com atenção. Mesmo preta e branca e opaca era dela, da nossa querida Chefe Raquel!

Existem chefes que deixam saudades. Existem pessoas que marcam e ficam no coração da gente para sempre. Cada um de nós conhece uma pessoa assim. Sei que Raquel se foi, sei que ela nunca mais voltará para nós. Mas eu guardo enormes lembranças dela. Nunca vou esquecer seu sorriso, sua voz seu jeito gostoso de mostrar que o escotismo tem um pouco de coração de amor e fraternidade e que a gente pode dizer sem medo de errar: - Vale a pena ser Escoteiro.



MINHA MAIOR AMIGA FOI UMA CORUJA DE OLHOS VERDES. (78)

Eu conheci uma Coruja. Por favor, não riam de mim. Não foi uma coruja qualquer. Imagine, ela me olhando e eu olhando para ela e pam! Surgiu um amor e uma amizade eterna. Eu era amigo de uma Coruja. Alguém já foi amigo de uma Coruja? Eu fui e sou. Ela me disse um dia que apesar de ser um menino e ela uma ave, ela nos considerava irmãos! Podem acreditar, pois eu acreditei! Eu tenho certeza do dia que surgiu a maior amizade que já encontrei em minha vida. Faz tempo. Muito tempo. Quem sabe mais de sessenta anos? Sim, acho que foi isso mesmo. Numa floresta densa, fumacenta, mas gostosamente adorável. Difícil para caminhar, abrindo caminhos entre espinhos com meu bastão, usando uma bússola silva velha de guerra, pele queimada, braços e pernas arranhadas, alguns profundos com sangue ao redor. Quem disse que paramos? Quem disse que voltamos ou desistimos? Nunca! Escoteiros não desistem! Ela me disse que nos acompanhava de longe. Disse que não sentiu pena de mim. Não gostava de meninos. Eles eram malvados. Jogavam pedras. Disse que não viu meu rosto. Disse que o meu chapelão de três bicos atrapalhavam.

Quando a vi pela primeira vez foi na clareira que fizemos. Difícil. Um matagal imenso. Não foi um Fogo de Conselho. Não foi não. Lembro que fizemos um “foguinho” pequeno, a clareira amarelou. Apenas uma “Conversa ao pé do Fogo”. Canções, “causos”, planos de jornada, gargalhadas, enfim coisas de escoteiros. Não vi as estrelas. As árvores não deixavam. Não havia lua. Escuro. Muito escuro. Apenas nosso lampião vermelho a querosene com seu lusco fusco brilhava. Teve um momento sublime. Isto sempre acontece sempre quando escoteiros estão reunião em plena floresta. Um silêncio, segundos que se ouviam apenas os grilos zumbirem. Ela para chamar a atenção crocitava baixinho, e me olhava com seus olhos verdes profundos como se fosse me hipnotizar. Ninguém viu. Só eu. Todos foram dormir. Estavam cansados e eu também. A Coruja fez um sinal. Como se eu devesse ficar ali. Todos foram e eu fiquei. Um silêncio tomou conta da floresta. Nem os grilos zumbiam mais. Vi alguns vagalumes ao lado da Coruja. Pareciam ser seus olhos noturnos a mostrar o caminho.

Senti seu peso nos ombros quando ela pousou. Olhava para mim. Não piscou. Eu não sabia o que fazer. Dizem que na floresta as corujas são sábias, todos a procuram para aconselhar. Uma vez disseram que era o símbolo da deusa Atena. Ela se chamava Olhos Brilhantes. Contaram-me que uma Sociedade Secreta de nome Bohemian Clube onde anualmente se encontravam só os poderosos eram convidados. Dizem que a reunião era em uma floresta ao norte de São Francisco, e ficavam em volta de uma grande pedra talhada como se fosse uma coruja. Escreveram em baixo: “Weaving dealing spiders come not here”. Parece que vem a ser uma frase de Shakespeare que significava: “Deixe seus negócios sujos na porta”. Dizem que poucos contam até hoje o segredo da cerimônia. Quem contou morreu de morte misteriosa.

Mas isto não importa. Importa a amizade que fiz com a Coruja. Quantas coisas belas naquela noite eu e ela conversamos. Eu contei minha vida de menino para ela. Ela me olhava e não piscava. A melhor ouvinte que já tive. Perguntei a ela se era uma ave de mau agouro. Ela riu. Quem sabe? Quem sabe? Disse. Mas olhe retrucou, quando tem uma festa no céu ou aqui na floresta eu pio e canto sem parar. Ela me disse que sabia canções Escoteiras. Ri baixinho. Não acredita? E começou a cantar A Arvore da Montanha. Cantava com uma voz linda. Cantou outras. Notei que o nascer do sol

aparecia através das árvores. Notei que eu tinha me esquecido dos meus amigos na barraca e de que precisávamos partir logo ao amanhecer. Até o orvalho da madrugada não o senti no rosto. Ela me olhou. Passamos uma bela noite juntos. Noite inesquecível. Impossível ter outra como aquela. Ela disse – Adeus! Porque perguntei? Nunca mais voltarei. Dizem que entre nós quem conversa com meninos é condenada ao exílio. – Venha comigo! Venha morar comigo! Eu levo você para a cidade! Fica na minha casa. Lá tem um pé de Jacarandá lindo! Não posso ela disse e voou entre os galhos negros e a folhagem espessa para nunca mais voltar!

Eu conheci uma Coruja. Não foi uma Coruja qualquer. Imagine, ela me olhando e eu olhando para ela e pam! Surgiu uma amizade eterna. Eu era amigo de uma Coruja. Alguém já foi amigo de uma Coruja? Eu fui e sou. Ela me disse um dia que apesar de ser um menino e ela uma ave, ela nos considerava irmãos! E acreditem! Eu acreditei! Pena que ela se foi e eu me fui também. Nunca mais voltei naquela floresta. Não sei se ela já morreu se está no exílio. Eu? Estou aqui. Sempre se lembrando daquela noite que conheci uma Coruja de Olhos verdes brilhantes. Apenas uma noite. Noite que nunca mais irei esquecer...

Conta-se que para os antigos gregos a Coruja era sagrada e venerada pela Deusa Atena. Tinha sabedoria e considerada sábia e bondosa. Um dia no lugar do tempo e da história ela perdeu sua reputação e seu piado passou a ser prenuncio de má sorte e morte. A lenda dizia que se escutar uma coruja cantando em sua janela coisa ruim vai acontecer com você. Não acredito, eu fui amigo de uma coruja e fomos felizes todas as vezes que nos encontrávamos em florestas e matas deste grande Brasil. Eu sou amigo de uma coruja e me orgulho disso.



UM PASSADO SEM PERDÃO. (79)

Ah! Que cara o Robertinho. Alegre, feliz, parecia querer abraçar todo mundo quando chegava às reuniões. Eu sei que o escotismo o transformou. Fez dele outro jovem que não aquele que taciturno vivia sem amigos em sua escola e em sua rua. Nem se lembrava de como entrou e por que. Só sabia que agora era um Touro e fazia questão de honrar o nome da patrulha. Eram sete. Sem considerar Tolon o Monitor os demais eram como se fossem irmãos. Tolon não era um bom monitor. Era perito em mandar, em humilhar, em dizer que se não fosse ele nada seria feito. A patrulha cabisbaixa não dizia nada. Ele nunca valorizou ninguém. Nem mesmo Nicodemos o Submonitor. Robertinho aprendeu muito com Nicodemos. Aprendeu tudo para ser um Cordão Verde e Amarelo. Não recebeu, pois Tolon não tinha e ele não admitia que

outros recebessem antes dele. A Corte de Honra era dirigida por ele e o Chefe Givaldo fazia questão de deixar tudo nas mãos dos monitores.

Até hoje fico pensando porque ninguém saiu da patrulha. Afinal ter um monitor mandão, gritador, que vivia chamando a todos de mariquinhas, preguiçosos, negligentes era demais. Outras patrulhas assustavam com Tolon. O próprio Moreno monitor da Gaivota o achava prepotente, abusado e despótico e Tolon ria. Achava-se o tal. – Não vou passar talquinho em ninguém – dizia. O Chefe Givaldo ralhava com ele, mas o Chefe era um pai, uma mãe, um irmão. Nunca o vi de cara feia. Nunca chamou a atenção de ninguém. Quando a situação apertava ele chamava em particular e tentava falar. Mas gaguejava mais do que falava. Ainda bem que a Tropa o considerava muito. Tinham por ele uma admiração enorme. Se não era enérgico, dominante não importava. Bastava ele sorrir e a Tropa se desmanchava. Uma vez em uma atividade distrital Tolon se envolveu em um bate boca com o monitor da Leão de outro Grupo Escoteiro. Do conflito saíram para os tapas. Foi uma encrenca que até hoje os chefes das demais tropas evitavam participar em atividades que os Touros de Tolon estivessem.

Tolon não se envergonhava de nada. – Comigo bateu levou – Dizia. Se perdão foi feito para a gente pedir esquece. Não peço e não perdoou ninguém. Mas afinal o que tinha Tolon de tão interessante para seus patrulheiros confiarem nele e nunca terem pedido para sair? Ele não era feiticeiro, muito menos agradável. Aparência divina passou longe. Era inacreditável que todos se mantinham fieis a ele e a patrulha. Ele ambiciona ser Lis de Ouro. Ninguém colocava a mão no fogo para ele levando em consideração sua Promessa. Não era preguiçoso, mas não sabia como conquistar as especialidades necessárias. Ele tinha o Cordão Verde e Amarelo, mas não o Vermelho e Branco. O chefe Givaldo sabia que se fizesse o processo o distrito não iria aprovar. Quem sabe daí nasceu toda sua cólera, seu arroubo e rompante de levar tudo a ferro e fogo. Ainda bem que a patrulha no fundo gostava dele. Sem destempero e seu rompante era levado sem reclamação pelos seus subordinados.

Se havia alguma qualidade em Tolon eu Monitor da Cuco nunca vi. Fiquei deverás preocupado com a maneira que Tolon tratava Robertinho. Era mau, era intragável e humilhante. Robertinho não reclamava. Seu amor ao escotismo e a patrulha era maior que a prepotência de seu monitor. Durante mais de um ano e meio Robertinho foi subserviente, aceitava o mau humor de seu monitor e nunca conseguiu atingir seu sonho pelo menos de conquistar o cordão Vermelho e Branco. Neste Período a patrulha perdeu Humberto e Laerte. E não foi por causa do monitor. Humberto foi morar em outra cidade e Laerte foi trabalhar como continuo nas Lojas Estrela. E sem explicação aparece dois meninos novos, que moravam na Rua de Tolon, sabiam como ele era e mesmo assim entraram e aceitaram ficar em sua patrulha.

Dizem que tudo nesta vida tem uma razão de ser. Tudo que acontece tem um motivo para acontecer. Eu sei que a vida não é tão simples como se pensa, mas se fosse, qual seria a graça de vivê-la? Destino ou não a Tropa ia para seu acampamento de verão. Alegres, cantantes, cada patrulha com sua carretinha cantando nas rodas de madeira. Era um desafio fazer as rodas cantarem. Silvos, gemidos, rodas rodando em subidas, em descidas e lá iam eles esperando encontrar mais um acampamento tão esperado por muitos meses. Claro que Tonon não fazia força, só quando em subida

íngremes. – Dizia gritando: - Eu já fiz muito isto agora é com vocês. Afinal são escoteiros ou ratos? E ele ria, dava gargalhadas e a patrulha seguia para seu acampamento tão esperado. Até hoje não sei como aconteceu. Estava eu ajudando a patrulha na descida segurando à carretinha quando vi um grito. Robertinho perdeu o equilíbrio e foi ao encontro da cerca de arame farpado a beira da estrada.

Eu sei que foi Tonon quem o empurrou. Isto me contou Logomarca da patrulha Onça parda. Sei que todos correram para ajudar. O olho direito de Robertinho sangrava. Havia um buraco parecendo que uma ponta do arame rasgou parte do seu olho. Tolon ficou branco. Robertinho chorava, mas não acusava ninguém. O Chefe Givaldo não sabia ao que fazer. Foi Nicodemos quem tirou seu lenço amarrou com vontade em volta de sua cabeça e com outro lenço forçava o olho ferido de Robertinho. A Tropa ficou na estrada e Nicodemos com o Chefe Givaldo voltaram para a cidade. Mais tarde voltaram todos. Não haveria mais acampamento. Havia motivo? Não havia. Todos estavam aflitos com o acontecido. Uma angustia enorme abateu em todos os escoteiros da Tropa. Eles sabiam que o acontecido tinha um sabor de derrota. Dois meses depois Robertinho foi para a capital morar com sua tia e tentar uma operação que afinal nunca aconteceu. Ele ficou cego de um olho.

A história dá muitas voltas para contar a sua própria história. Eu sei, pois me contaram que Robertinho com seus 68 anos se encontrou com Tolon um dia na Rua do Ouvidor. Ambos pararam. Tolon abaixou a cabeça e começou a chorar. Robertinho não esperava aquela demonstração de fraqueza de Tolon agora um Velho de cabeça branca. Fraqueza? Chorar é para os fracos ou para os fortes? – Robertinho abraçou Tolon sorrindo. Meu amigo, a vida passa e as magoas também. O que passou, passou. Hoje alguém no céu achou por bem que nos encontrássemos novamente. Isto não é bom? Afinal não temos muitas histórias boas para contar dos nossos tempos de meninos escoteiros? – Tolon ali no meio da rua, com dezenas de pedestres passado ajoelhou em frente a Robertinho: - Perdão meu amigo, perdão. Vivi todo este tempo amargurado. Porque fiz aquilo? Pedi a Deus para me perdoar, mas sabia que só seu perdão poderia me dar à paz que nunca tive.

Errar é humano, aprender com o erro é ser sábio, perdoar quem errou é ser os dois ao mesmo tempo. Ninguém entendia dois homens feitos se abraçando em plena avenida Rio Branco e cada um com seus olhos rasos d'água a dizerem baixinho: - A nossa lei sempre nos ensinou a sermos irmãos. Não há como perdoar um irmão. Sei que a partir deste momento seus destinos se locupletaram como se fossem um só. Feliz quem sabe perdoar, pois a felicidade é assim. Fazendo os outros felizes com seu perdão!

“Se perdoardes aos homens as ofensas que vos fazem também vosso Pai celestial vos perdoará os vossos pecados. Mas se não perdoardes aos homens, tampouco vosso Pai vos perdoará os vossos pecados”. (Mateus VI: 14-15).



A LENDA DA IRACEMA ESCOTEIRA E DO CANTO DO UIRAPURU.

Conta-se uma lenda que um jovem índio guerreiro apaixonou-se pela esposa de um cacique. Ela também se enamorara dele, mas sabia que seria um amor proibido. Ambos sofriam muito, um amor à distância e sabiam que se um dia chegassem a se falar seriam mortos pela tribo. Com o tempo a esposa do cacique foi esquecendo seu amor, mas este sofria muito quando a via. Um dia ele amanheceu muito doente com febre. O Pagé fez tudo que sabia. Ninguém sabia que sua doença era de amor. Com tanto sofrimento pediu ao Deus Tupã que o transformasse em pássaro e assim poderia ficar ao lado da mulher que amava. Tupã o Deus da Bondade o atendeu. Todas as noites ele se aproximava de sua amada e cantava lindas canções de amor que só ela entendia. Mas o cacique com inveja resolveu aprisioná-lo numa gaiola e correu para capturá-lo e acabou-se perdendo na floresta. O Uirapuru agora um pássaro sabia que nunca haveria de ter sua amada. Só se ela descobrisse que ele era o jovem guerreiro que a amava. Isto nunca aconteceu. Diz à lenda que quem encontrar um na floresta pode fazer um pedido que se tornará realidade. Dizem que os nativos da floresta comentam quando o Uirapuru canta, toda a floresta fica em silêncio rendendo-lhe homenagens.

Os olhos de Iracema brilhavam quando lia e relia a lenda do Uirapuru. Não sabia quantas vezes leu, quantas vezes sonhou e dizem que ela entrou como escoteira porque acreditava que um dia iria encontrar o pássaro que amava. Muitos disseram a ela que são inúmeros os pássaros que encantam nas florestas seus cantos maravilhosos. Mas ela sabia que seu coração estava entregue a Uirapuru. Ela sabia que seu cantar magnífico capaz de improvisar incríveis melodias eram carregadas de profundas emoções espirituais. Ela conhecia o poliglota Sabiá, seu gorjeio, mas nenhum poderia imitar com a perfeição os trinados do Uirapuru. Na Alcatéia ela contava para seus amigos lobos os mistérios desconhecidos deste lindo pássaro, que quando canta há um silêncio total da natureza para ouvi-lo. A natureza fica muda. Os lobinhos se assustavam com suas historias. Quando passou para a Tropa escoteira Iracema levou

consigo seus sonhos. Nunca acamparam em uma floresta densa, ela sabia que seria lá que encontraria seu amado Uirapuru.

O tempo passou e Iracema já Guia não esquecia seu amor. As amigas da patrulha compreendiam, mas os jovens seniores sorriam debochando quando ela em fogos de conselho chamava aos quatro ventos pelo Uirapuru, que ele viesse e cantasse sua melodia em forma de triste oração de agradecimento a Tupã, seu mentor. Rosaldo amava profundamente Iracema. Sempre a amou desde os tempos que eram lobos e escoteiros. Ela o aceitava como amigo e nada mais. Foi ela que no acampamento em Pedra Azul na beira do remanso do Rio Saudade disse para ele: Rosaldo, quando as aves falam com as pedras e as rãs com as águas, é de amor e poesia que estão falando! - Rosaldo não soube o que dizer. - Naquela tarde ele viu Iracema olhando para o céu, antes do anoitecer. Ele devagar fazia uma poltrona trançada só para ela, um presente para ela não esquecer que ele também existia. Calado ele sonhava e dizia para si: - Há quatro coisas misteriosas que eu não consigo entender: A águia voando no céu; A cobra se arrastando nas pedras; O navio que encontra seu caminho no mar; E o amor entre um homem e uma mulher.

O tempo foi passando célere. A idade chegou e a vida maravilhosa do Sênior e da guia agora eram somente saudades. Rosaldo não foi para os pioneiros, Iracema sabia que precisava continuar. Só com eles poderiam um dia ir a uma floresta densa, fechada, escura para que ela pudesse ver e ouvir seu amado Uirapuru cantar. Alguns pioneiros achavam que Iracema tinha problemas psiquiátricos. Não era possível uma moça bonita como ela, não se interessar por ninguém a não ser por amizade. Sabiam que ela não fora Cruzeiro do Sul, não tivera interesse no Lis de Ouro e nem no Escoteiro da Pátria. Chefe Jonas o Mestre Pioneiro um dia perguntou a ela: - Não sonhas em ter a Insígnia de B.P? Ela sorriu e não respondeu. Naquela tarde observou Iracema olhando para o céu e declamando: - Bem-te-vi, Uirapuru, Pardal. Aves. Sempre belas aves. Emitem sons puros e calmos. No verde do mato, no laranja do sol, no azul do céu, no puro do ar. Tudo me lembra um lugar. Um lugar onde tudo pode haver, onde posso ser. Com todas as forças, ser Iracema do Uirapuru!

Um dia em uma reunião do Clã muitos pediram grandes aventuras, grandes atividades em um local inóspito, cheio de surpresas para acamparem. Foi Lorenzo um Pioneiro novato quem disse ter lido sobre uma floresta densa aluvia, nas terras baixas da Bahia com formação florística. Ela fazia parte da Mata Atlântica uma reserva florestal. Iracema ficou em pé, sem perceber bateu palmas, seu coração era como um grande tambor anunciando para breve rever seu grande amor. Era lá que iria encontrar o Uirapuru, o jovem guerreiro dos seus sonhos. Não dormiu bem até a data marcada, onde partiram para mais uma aventura pioneira, mas para o fato consumado de Iracema nunca mais voltar. Novamente ela se sentia como a águia queimando, querendo chegar às estrelas longínquas. Via Pícaro voando em céu cor de cinzas. Seria seu sonho em favor da Luz. Sua odisséia estava chegando ao fim. Mais um capítulo da sua saga. Ela sabia que precisava ser louvada, e em baixios calos dizia: - Água cristalina, água quem vem da colina, purifica minha alma e traz a calma para o fim da minha vida.

A história termina aqui. Ninguém nunca soube explicar para onde foi Iracema. Uma noite ela adentrou a floresta e não voltou nunca mais. Ninguém entendeu

e as explicações surgiram no ar. Quem sabe Rosaldo que um dia foi procurar e só ouviu o cantar do Uirapuru? Ele sorria sabendo que lá estava Iracema a virgem que não era do mar e agora vivia seu sonho que acalentou por toda a vida. Dizem que em noites de lua cheia quem se atrever a avançar na floresta escura, ouvirá o Cantar do Uirapuru, sentado na beira da lua, e ao seu lado à bela Iracema cantando com ele canções de amor. É, são histórias que contam por este mundão de Deus. Não há fogo de conselho onde a lenda é lembrada, todos sonham com Iracema e seu guerreiro que contam por aí agora são dois Uirapurus a voar pelo céu azul. Eles como ninguém cantam lindas canções de ninar. Há um grande vento frio cavalgando as ondas, mas o céu está limpo e o sol muito claro. Duas aves dançam sobre as espumas assanhadas. As cigarras não cantam mais. Talvez tenha acabado o verão. Canta Uirapuru, o Deus da floresta amante de Iracema e amigo de Tupã!

Há um grande vento frio cavalgando as ondas, mas o céu está limpo e o sol muito claro. Duas aves dançam sobre as espumas assanhadas. As cigarras não cantam mais. Talvez tenha acabado o verão. Canta Uirapuru, o Deus da floresta amante de Iracema e amigo de Tupã! Divirtam-se com a lenda do Uirapuru, aqui contada por escoteiros que um dia viram o Uirapuru cantar...



A MORTE DO BANDIDO GAUDÊNCIO CICATRIZ.

- Venha Chefe se assente, aproveita o fogo quente, pois este inverno vai ser de lascar. Se quiser tome um cafezinho, esquente a goela, vale a pena para enfrentar este frio que aqui está a gelar. Na lata do doce de mamão, tem biscoito, bolo de agrião, torta de avanhá. Portanto não se faça de rogado, você é meu convidado e nesta fogueira pequena muitos causos eu vou contar. Mas não só eu, pois se você tiver um “contozinho” está livre para narrar. São noites como esta que nos fazem lembrar dos tempos que já se foram, das noites de acampamentos, das viagens contra o vento, portanto se assente, sorria, divirta e preste atenção, pois histórias Escoteiras nunca perdem o lugar. Agorinha mesmo eu pensava, em uma patrulha falada, que correu mundo e viu tantas coisas que um dia ficou famosa, eita patrulha formosa das bandas lá do sertão. Já dizia o seu lema, Patrulha vai com calma, o luar é a luz do sol que está dormindo, não deixem acordar.

Tunico, Paulinho e Nonato, eram um triunvirato mateiro e como bons escoteiros em pouco tempo e em qualquer lugar sabiam fazer um abrigo, daqueles que não temiam o vento, a tempestade, a força da chuva molhada. Janilson o monitor completava os quatro amigos, que não se faziam de rogados quando iam acampar. – Acho que foi Tunico que contou da festança que ia acontecer na cidade do Odorico,

aquela do cemitério que defunto não tinha lugar. Isto tinha acontecido há muito tempo atrás. A cidade agora todo ano, pipocava de festejos, comida farta, as moçoilas na praça a passear e querendo namorar. O Padre da procissão na Igreja lotada fazia a turma rezar. – Porque não ir lá? Vai ser de rachar e quem sabe uma nova aventura vai começar? O Conselho da Tropa Sênior aprovou. Coloque na ata disse Janilson, e não se esqueçam de assinar. Tropa Sênior? Bem eram quatro somente, dizem que Escoteiro não mente, pois onde tem um Sênior ele faz a Tropa funcionar.

Partiram de madrugada. A ideia era chegar lá à tardinha, menos de doze léguas não era longe o lugar. Na subida da Serra do Berimbau eles avistaram uma cavalgada de homens maus. Quem seriam? Devem ser vaqueiros do lugar. Um monte, um punhado deviam ir à cidade rezar. Passaram por eles na curva do Sol Poente, fizeram a saudação disseram tchau e seguiram em frente. Às cinco da tarde chegaram. Odorico não era grande, três ruas calçadas de pedra sabão uma praça de aluvião, toda incrementada e na igreja cheia o povo rezava. Barriga roncando de fome. A quem procurar para esquentar pança? Um homem bigodudo deu as boas vindas, e perguntou: - Pança cheia ou vazia? Lá foram eles na casa do prefeito para jantar. Sujeito bom e direito sempre a bater no peito: - Esta é minha cidade aonde um dia vão me enterrar! Barriga cheia demais comeram até fartar. O sol já ia se pondo, na Serra do Maribondo e a Patrulha Estrela não querendo fazer besteira lá foram eles para a praça paquerar.

Tunico e Paulinho foram até o campinho e as barracas em minutos estavam prontas para morar. Voltaram logo prá praça, meninas cheia de graça, Nonato e Janilson rodeados de moçoilas bonitas, com seus vestidos de chita, cabelos longos jogados para trás. Vida boa de Escoteiro, um olhar sempre treteiro, Tunico namorava Maria, Paulinho com Janaina, Nonato com Sebastiana e Janilson com Isabel com seus lábios cor de mel. E viva Baden-Powell pensavam se não fosse o general escoteiro não teriam cabedal para tão belas “guapas” namorar. Contavam suas façanhas, nem deram em suas entranhas que entravam no lugar os cavaleiros que passaram por eles bem rentes na curva do sol poente. - Devem vir para a festança, quanto mais melhor. Sejam bem vindo turma, mesmo não sendo escoteiros viajantes bem ligeiros são bem vindos ao lugar.

E eis que um corre, corre acontece. A tarde se foi anoitece. O prefeito chegou esbaforido falando e gaguejando, pé na taboa escoteiros, pois esta bandidada vai tomar conta do lugar. Não dava mais prá correr e até o anoitecer ficaram presos no lugar. As moçoilas chorando a rodo, famílias se consolando, bandidos avançando tomando o rico dinheirinho do povo do lugar. Passa a carteira sô moço! Se me matar de desgosto te mando para aquele lugar. Tiraram a calça do delegado, que por sinal um folgado, um tiro pipocou no ar. O delegado caiu, e suas calças sumiu. Pelado dançava tango, fazendo graça para o bando e depois ficou a chorar. O povo todo na praça, ninguém a mostrar que tem raça. Cada um se defendia, seu dinheiro escondia mais eis que de repente um tiro silvou o ar. Gaudêncio Cicatriz, que já escapara por um triz, levou um balaço na testa e sem fazer nenhuma festa caiu de maduro no ar.

Os capangas de Gaudêncio, chorando tirando o lenço ameaçavam matar, quem foi? Estavam a perguntar. Ninguém soube ninguém viu. Nesta hora a escoteirada sumiu. Em menos de uma hora, temendo levar um pito, atravessaram correndo toda a serra do

cabrito. Seis horas pedalando, lá iam eles cantando. Que aventura danada, vamos contar prá escoteirada que na cidade de Odorico, deixamos fama no lugar. “Eita” turma da estrela cadente, não perderam nenhum dente, e toma sossego agora, rezem prá Nossa Senhora, conseguiram escapar e tudo ficou anotado no livro de ata escriturado e depois bem assinado, para postergar no presente e claro no futuro também. Dizem que Sênior não chora, só pede ao Santo Exedito, gente boa não é mito, proteger a turma escoteira, que não tem mais pasmaceira quando contam da cidade. Cidade do Odorico, cemitério de cabrito, defuntos ali não tem vez.

E agora meu amigo, em volta do fogo amigo. A história da cidade de Odorico, em volta deste “foguito” já contei o que ia contar. Agora é sua vez de narrar. Conte agora uma história, para ficar na memória, pois sei que não carrega andor, és bamba e de historias sei que é um bom contador. É bom demais conversar, ao pé do fogo contar, belas histórias ligeiras, como aquelas Escoteiras que todos adoram contar. A lua no céu sorria, ao amanhecer sabia que de novo ia encontrar o seu amado sol, cantando rataplã do arrebol! As fagulhas coloridas, vão para o céu sofridas, agora quem conta é você, ou quem sabe uma canção, eu não vou dormir agora, não passou da minha hora, que vai meu “Há ruídos, vozes e murmúrios estranhos, povoando a solidão, da selva misteriosa”.

**É a oração das almas, dos pagés ou os borés. Soprados pelos espíritos dos guerreiros ou o canto das virgens índias Rudá. Deus do amor ou os gritos do Anhagá! (terra grande de Lindolfo Barreto). Divirtam-se!
boa noite, durma bem e até mais!**



A SOMBRA DO MEDO. (82)

Ninguém viu quando ele chegou. Sorrateiramente se arranchou na porta do Cemitério do Corcunda. Juntou uns galhos de árvores, conseguiu umas caixas de papelão e construiu seu lar. Lar? Dizem que cada um tem o que merece. Os passantes pela manhã estranharam. – Quem era? De onde veio? O delegado foi chamado. Foi arrastado por dois praças até a delegacia. Não ficou lá muito tempo. Fedia, um mau cheiro de espantar até os dragões da independência. Santo Ângelo sem perceber adotou um sem teto. Nunca tiveram um. Durante o dia ele se escondia na sua morada infernal. Ninguém teve dó quando chovia, quando o frio apertava. Só dona Joana que levava comida e água para ele alguns dias na semana. Deixava na porta de seu barraco de folhas de papelão e no dia seguinte as vasilhas estavam lá vazias e limpas. Não era uma figura boa de se ver. Barbudo, Cabelo desgrenhado a roupa imunda, unhas

grandes, dentes cariados lhe davam um aspecto aterrador. O prefeito foi informado, Doutor Rosaldo o Juiz também. Nem o Padre Tomaz foi lá para ajudar.

O chamaram-no de tudo. Filho do Diabo, Capeta sem mãe, Lúcifer da meia noite. Mas ficou conhecido mesmo como Satanás. Porque isto se ele nunca fez mal a ninguém? E quem se importava com ele? Deixe que Satanás more aí desde que não prejudique a cidade e não se ache dono do lugar. Muitas vezes o avistaram a noite, zanzando pelo cemitério. – As comadres diziam que ele era o Chefe da capetada. Por isto deviam manter distância. O Padre Tomaz procurou Dona Joana para aconselhar. – Se continuar alimentando é como alimentar o diabo. O demônio sempre se fingiu de boa praça. Fique longe, quem sabe vai embora e vai nos deixar em paz? Dona Joana ria, no seu coração iluminado sabia que ele não foi e nunca seria um filho das trevas. Era uma pobre alma de Deus e ela sempre o ajudaria. Pequenos furtos começaram a acontecer. – Foi ele! Disseram. Foi Satanás! Antes de ele chegar isto nunca aconteceu! O delegado relutou em prender. O homem era podre, fedia mais que privada de boteco de beira de estrada.

Pegaram Tomaldino com a boca na botija. Ele não precisava disto. Preso confessou que queria que todos pensassem que o culpado era Satanás. A cidade não se perdeu. Queria ele longe e ninguém fazia nada. Juntaram uma turma valente e a noite bem tarde com ele passeando no cemitério botaram fogo na sua morada. Ele veio correndo e não pode fazer nada. – Alguém teve pena dele – Vejam! Ele chora, seus olhos estão cheios de lágrimas! Dó? Ninguém tinha dó. Pedras choveram e ele correu para dentro do cemitério onde depois da meia noite ninguém se arriscava a entrar. No dia seguinte ele estava no mesmo lugar. Agora sem casa, sem nada e um frio de lascar. Ele se enroscava nas suas roupas sebatas e Dona Joana levou para ele um enorme cobertor azul e branco onde ele se enroscou. Olhou para ela agradecido e fez uma mesura que só homens educados faziam. Ninguém tem pena, ninguém ajudou ninguém se mostrou benemérito, mas esqueceram de Conchita, a menininha Lobinha, filha de Dona Lavínia.

Foi no sábado que ela puxada pela mão por sua mãe viu Satanás sentado à beira do muro, levantou a mão como um pedinte, falou baixinho para ela: - Me dê um tostão! Para mim comprar um pão! – Só um! Minha fome está demais. Conchita tinha dois reais, deu a ele se soltando da mão de sua mãe. Ela assustada correu a pegar Conchita e correu com ela do lugar onde morava Satanás. Não adiantou. Toda vez que Conchita sumia ela sabia que estava lá, na casa de Satanás. Pediu ao Padre Tomás que a ajudasse, falou com delegado com o prefeito e o juiz. Ninguém queria se meter. - O homem fede demais dona Lavínia. A cadeia vai explodir se eu o colocar aqui. Uma amizade impossível nasceu. Satanás e Conchita. Não adiantava prender e ela fugia pela janela, pela porta por qualquer lugar. Levava comida, levava amor, levava amizade a alguém que ela teve não piedade, pois achava que encontrou um irmão.

Dona Joana tomou uma decisão, a Satanás deu a mão e o levou para seu lar. A cidade veio abaixo. Impossível! O que ela acha que está fazendo? O tempo passa não para. O ontem se foi e o hoje chegou sem avisar. Os amigos de Conchita, da Matilha Rosa bonita, visitavam todo sábado o lar de Dona Joana. Satanás tomou banho, fez a barba se transformou. Ninguém diria que era aquele da beira do cemitério, que fedia a

mais não poder, que visitava amigos depois da meia noite nas catacumbas do Corcunda. Daniela moça formosa estranhou. Na biblioteca um jovem lindo, que não era da cidade. Por ele se assanhou e quando soube que tinha sido Satanás dali se mandou. A fama de Satanás se espalhou. A matilha Rosa Bonita deu ao Chefe um ultimato. Aceite ele aqui, se não vamos embora e nunca mais voltaremos. Chefe Coqueiro sorriu. Conversou com Satanás. – Meu jovem conquistou corações dos lobinhos quem sabe conquista o meu? Tente lembrar o seu nome, faça uma forcinha pequena, Satanás não é seu nome deve ser outro qualquer.

Marco Rocco as suas ordens, da cidade de Bom Despacho. Perdi a memória e nem lembrava, quem sabe depois que ela foi embora, Maria Flor de Maio, minha noiva do lugar. Eu estava apaixonado e queria com ela me casar. Chorei noites seguidas, tentei até confessar e não adiantou. Vi-me perdido no mundo, sai com a roupa do corpo sem destino sem onde parar. Agora me lembro de tudo. Era professor do lugar, dizem que era poeta, que cantava canções de amor. A amizade tão bonita, destas meninas formosas me trouxeram novo alento. Aceita minha colaboração? Quem sabe posso ajudar? Faço a limpeza de tudo, e saindo daqui pretendo me empregar. A história aconteceu. Marco Rocco não era mais um demônio, um satanás. Era um professor e assim começou a lecionar. A cidade se apaixonou por ele, o Grupo Escoteiro fez dele um irmão de sangue, hoje é Chefe de uma sessão.

Os lobos o adotaram, Dona Joana sorria, ele morava com ela, ajudava em tudo com seus parcos recebimentos. Tornou-se famoso professor, as moçoilas o procuravam para cantar prosas, versos bonitos e quem sabe ele um dia teria sua família e iria viver feliz para sempre? Como disse Clarice Lispector: - "Não sei perder minha vida" Não sei qual a minha culpa, mas peço perdão. A luz do farol revelou-os tão rapidamente que não puderam ver. Peço perdão por não ser uma "estrela" ou o "mar" ou por não ser alegre, mas coisa que se dá. Peço perdão por não saber me dá nem a mim mesmo, para me dar desse modo a minha vida se fosse preciso, mas, peço de novo perdão não sei perder minha vida.

Sem paz, sem amor, sem teto, caminho pela vida afora. Tudo aquilo em que ponho afeto fica mais rico e me devora. Onde me aninharei amanhã? Pois hoje não tenho nada nem um teto para morar... Um conto lindo, uma história que mostra que os “lobitos” tem a mente pura e o coração de ouro. Vocês são meus convidados.



**“SUAE QUISQUE FORTUNA FABER EST”.
(O HOMEM É O ARQUITETO DO SEU PRÓPRIO DESTINO).**

Nada como um dia após o outro. Jerônimo não estava cansado, devia estar. Amigos se afastaram. Sua mãe não sabia mais o que dizer. Jerônimo tinha uma ideia fixa, queria a todo custo ser o melhor corretor da Bolsa de Valores. Seu salário aumentava a cada dia, mas esta não era sua maior preocupação ele queria sim ser um dos diretores e se possível ser o CEO de tudo. Sonho? Não. Jerônimo sabia que o homem era o arquiteto de seu próprio destino. Disto ele não abria mão. Dia e noite com os livros na mão. Formou-se aos 23 anos com distinção como Administrador de Empresas. Mais dois anos se formou em Economia na FGV – Fundação Getúlio Vargas. Fazia a noite na Escola Politécnica da USP MBA em capacitação, atualização e difusão em engenharia, pois isto era a porta de entrada para ter uma carreira bem-sucedida e estruturada em conhecimento sólido. Chegava em casa por volta da meia noite e sua mãe sempre a dizer que ele devia dar um tempo. Ele sabia que não. Levantava às cinco e meia fazia uma caminhada, banho e era um dos primeiros a chegar no trabalho. Seus colegas o admiravam pelo seu esforço pessoal.

- Infelizmente meus jovens escoteiros sou obrigado a pedir a sede. Peço que me compreendam como manter a Tropa sem um chefe? Todos vocês são jovens e mesmo dizendo que são responsáveis eu não posso mais autorizar o funcionamento do Grupo Escoteiro aqui no colégio. A diretoria me cobrou. Tem pais que exigem que o salão de vocês seja utilizado por outra associação! – Tudo porque o Chefe Nonato recebeu uma proposta melhor no Canadá e mesmo tentando achar um substituto o tempo passou e nada. Ele já havia partido. A Tropa se mantinha fiel as suas patrulhas. Os monitores se revezam com as reuniões, mas sabiam que sem chefia seria impossível continuar. Resolveram manter a Corte de Honra em reunião permanente enquanto o impasse existisse. Quantas foram? Inúmeras e todas sem uma solução. Tentaram de

tudo. Procuraram o Diretor do Colégio para ajudar e este disse que ninguém queria aceitar.

Jerônimo só sabia pensar em seu trabalho. Nada mais. Agora com 26 anos tinha certeza que mais dois anos e ele seria reconhecido como um dos maiores economistas da atualidade no seu ramo. Naquela noite voltava para casa de ônibus. Desceu no ponto e ao caminhar para sua casa tropeçou em dois meninos que subiam a rua e sem perceber jogou um deles ao chão. Socorreu logo. Eles sorriram para Jerônimo. – Então é você? – Eu? Disse ele. – Você mesmo. Foi Tino quem disse que iríamos esbarrar no nosso futuro Chefe logo! – Jerônimo riu. – Não sou eu meus jovens. Desculpe e seguiu seu caminho. Os dois escoteiros foram atrás dele. Viram quando entrou em sua casa no final da rua. – Bem disse Milton, agora sabemos onde nosso Chefe mora. – Será? Perguntou Mario. – Afinal você sabe que sonhar é bom, mas a realidade é outra. – Não vamos deixar a oportunidade passar. – Os dois caminharam até a casa de Jerônimo. Bateram na porta e uma senhora idosa muito simpática os recebeu.

Jerônimo saiu do banho só pensando em jantar e dormir. Naquele sábado trabalhou até as sete e deu para si uma folga que dificilmente teria. Sua mãe veio lhe contar da visita. – Mãe! Agora? Estou cansado. Eles acham que vou ser o Chefe deles, pode? – E porque não? Mãe! A senhora sabe que não tenho tempo. Nenhum tempo. Eu já me programei para os próximos dez anos! – Programou filho? Isto é programa? Eu já disse a você que só existem dois objetivos em nossa vida. O primeiro de obter o que desejamos e você o faz muito bem e o segundo é de desfrutar a vida o que você nunca fez. Não sou eu quem disse isto, pois os sábios que inventaram esta frase viveram a vida intensamente em todas suas formas. – Jerônimo a contra gosto foi atender aos dois meninos escoteiros. – Eles narraram tudo que aconteceu com seu antigo Chefe e com o ultimato do Diretor do Colégio.

Falar o que para eles? Que não tinha tempo? Que vivia para o trabalho? Que nunca foi Escoteiro e não sabia como era? – Eles sorriram. Sabe Doutor! – Ops! Não me chamem de doutor. – Pois não Chefe! E riram a valer. Nosso antigo Chefe dizia que o valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade que acontecem. Esta é a hora. Se o senhor fosse um desocupado não estaríamos aqui, precisamos de chefes como o senhor! – Jerônimo olhou para sua mãe. Ela sorria. Os meninos ficaram em pé e em posição de sentido deram um sempre Alerta bem alto. Ao sair disseram que o esperariam sábado que vem às duas da tarde. Jerônimo boquiaberto os viu ir sem olhar para trás. E agora? O que fazer? Decepcionar os escoteiros? Afinal ele não tinha obrigação nenhuma com eles. Foi dormir preocupado. Jerônimo teve um sonho, sonhou com um local gramado, belas árvores, uma cascata de águas límpidas, um vento gostoso a soprar de norte a sul, e ao lado os escoteiros rindo e dizendo: - Vamos lá Chefe. Á água está boa para um banho!

Acordou descansado. Era domingo. Levantou sem correr. Nunca fez isto, não pensava no trabalho. Pensava no seu sonho que era gostoso demais. Porque não? Riu de si mesmo pensando como seria ele junto a meninos correndo pelas campinas com aquele chapelão esquisito. Pesquisou tudo o que viu. Pediu pela internet dois livros. Escotismo para Rapazes e o Guia do Chefe Escoteiro do fundador do movimento. Um general Inglês muito famoso em todo mundo. Os livros chegaram na quarta, e

tempo para ler? Ele lembrou dos escoteiros que o tempo existe para a gente fazer e não deixá-lo fazer a gente. Leu os livros naquela quarta quinta e sexta até duas da manhã. Sua cabeça não para de pensar. Agora tinha de dar pelo menos um oi para eles no sábado. Sua mãe sempre que o via sorria. – Sempre Alerta Chefe! Ela dizia. Ele não dizia nada, mas a ideia formigava em sua mente.

A Tropa estava formada as duas em ponto. Mario foi o monitor encarregado para esperá-lo no portão. Ele chegou ressabiado. Assustou quando ouviu aquela escoteirada dizendo - “Sempre Alerta Chefe”! O tempo passou, Jerônimo foi promovido em sua empresa. Era outro, mais alegre mais humano e para surpresa de todos agora um Escoteiro. A Tropa orgulhosa do seu novo Chefe. O Diretor do Colégio Sorriu quando soube. Naquela noite em volta do fogo Jerônimo cantava com seus novos amigos. Estavam acampados no mesmo local do seu sonho. Jerônimo dizia para si – Quando estamos ou queremos estar bem, viver assim distrai. Para mim que aprendi isto recentemente agora sei o que é viver bem. Jerônimo nunca mais deixou o escotismo. Fez dele parte de sua vida e hoje nos seus 80 anos sempre recebe em sua casa seus novos amigos que fez. Gente boa, gente cuja amizade ele as manteve para sempre.

Contam-se tantos “causos” de como arregimentar chefes que me espantei com esta maneira de meninos que agiram como homens quando conseguiram um novo Chefe para a Tropa. Verdade? Sei não, me contaram e eu passo para frente contando a vocês!



ESPALHEM MINHAS CINZAS NA CURVA DO RIO AMARELO.

Eu flutuava no ar. Era uma sensação diferente. Não tinha a mínima ideia do que estava acontecendo. Não me lembrava do passado e o presente para mim era uma incógnita. Tentava ver onde estava e não conseguia. Não havia som, não havia luzes só uma escuridão infinita. Será que estava morto? Ou será que sonhava? Não acreditava em vida depois da morte. Para mim morreu é deixar que a terra do corpo se aproveitasse. De repente vi nuvens se abrindo e a minha cidade apareceu entre elas. Achei linda a visão, era a primeira vez que a via do ar. Não sabia que ela era tão bonita. O Rio Amarelo serpenteava ao seu lado com suas águas brancas e cristalinas. Desci um pouco mais na nuvem onde estava. Notei na curva do Rio Amarelo uma turma de escoteiros formando uma grande ferradura. O que eles estavam fazendo ali? Eu os conhecia um por um. Galáctico o monitor da Coruja, Twister da Lobo, Trocadilho da Onça. Mas não vi MacArthur da Morcego. Por quê?

Desci um pouco mais, fiquei menos de quarenta metros deles. Onde estava Rosinha? Também não estava ali? Sorri para mim mesmo entristecido. Sabia que ela

não viria. Não havia motivos. Alguém de uniforme Escoteiro entrou nas águas límpidas do rio. Olhei melhor era MacArthur. – O que estavam fazendo? MacArthur tinha uma caixa de metal pequena nas mãos. Abriu a tampa e retirou um pouco de cinzas jogando-as pelo ar! O vento calmo se apoderou delas e as espalhou por toda a margem do rio. Foi então que me lembrei. Foi um pedido meu feito a MacArthur e renovado na Corte de Honra. Os meninos se assustaram e não disseram nada. Mas como foi que isto aconteceu? Minha mente tentava rebuscar o passado e não conseguia mentalizar. MacArthur chorava. Gostava tanto assim de mim? Mas eu não era um bom Chefe? Uma vez pensei que sim até que um pai colérico gritou comigo no final da reunião: - Borracho! Bêbado! Que exemplo está dando para os meninos seu vagabundo! Aquelas palavras bateram fundo.

Minha memória ia aos poucos voltando no tempo. Acho que tudo começou quando sai da sede naquele novembro. Sentia uma depressão enorme. A tristeza me invadia o corpo e confesso que nem sabia o motivo. Uma dor incrível no peito, mas não tinha falta de ar. Saudades miseráveis que sempre me acometia em tardes de lua cheia. Passei sem perceber na Boate de Madame Telminha. Casa de má vida. Não devia entrar e seguir em frente. A música se espalhava no ar. O vento me empurrava a entrar. Índia a canção foi sempre minha preferida. Comecei a cantar baixinho. Entrei, sentei em uma mesinha de canto. Foi então que a avistei. A mais linda mulher que tinha conhecido. Nunca fui um conquistador. Evitava tudo isto que vivia agora. Era um Escoteiro e me considerava puro nos pensamentos nas palavras e nas ações.

Ela cantava maravilhosamente. Fiquei maravilhado com sua voz. Quase chorei ao ouvi-la cantar. Pedi uma cerveja, duas, três e perdi a conta de quantas foram. A Boate fechou às três da manhã. Não queria sair, queria falar com Rosinha. Estava apaixonado. Iria pedi-la em casamento. Um bobo da corte, um idiota, um simplório como eu ela nunca me receberia. Tentei. Seguranças me impediram. Forcei e me jogaram para fora da boate. Cai na lama da rua. Senti-me sujo e desmaiei. Acordei com o sol a pino. Estirado na calçada atrapalhando os transeuntes que passavam me olhando com nojo. Tentei levantar e não consegui. Uma mão me ajudou e me arrastando me levou até minha casa. Deitou-me na cama não antes de passar uma toalha molhada pelo meu corpo. Forcei a vista para saber quem era. MacArthur!

Cidade pequena logo todo mundo sabia. Minha fleuma escoteira estava indo para o ralo. Já não era mais um Chefe e sim um bêbado, um escrachado, um cachaceiro. Apenas um dia e perdi todo respeito que conquistei e construí. Sempre me consideraram um vagabundo deste que meus pais morreram. Não ia a igreja, não acreditava em Deus. Na cidade fui o único a assumir que era um ateu. Para me inscrever no escotismo não foi fácil. Sempre fui um deles de corpo e alma desde criança. Assumi a loja do meu pai. Trabalhei de sol a sol. Não dependia de ninguém. Logo conquistei um Escoteiro, uma patrulha uma Tropa. Quando saíamos para acampar era uma festa. A cidade aplaudia. Acreditavam agora em mim. Resolvi me manter calado no que acreditava, agora tinha uma nova filosofia, uma nova forma de viver. O escotismo passou a ser minha namorada, minha mãe meu pai meu tudo.

À noite acordei assustado. Sonhava com ela. Danação! Rosinha agora fazia parte de mim. Arrumei-me mais ou menos e parti para a Boate de Madame Telminha.

Sabia que era um erro, devia forçar minha vontade de ir e ficar. Afinal o Escoteiro é leal com suas convicções, mas nada disto aconteceu. Novamente ela me virou as costas, novamente bebi além da conta, novamente me jogaram porta a fora. Desta vez foi pior. Um homem que não conhecia com cara de mau me ameaçou. Ri dele. – Também sou homem disse a ele. Na rua bêbado o delegado me levou para a delegacia. Passou-me um sabão. – Sabia que eu era Escoteiro e devia dar exemplo. Acho que ele não sabia que não temos como dominar o coração. Eu queria pelo menos ter um minuto com ela, sentir seu perfume, seu hálito, sua voz e seu sorriso. Sabia que nunca teríamos nada, mas não custava tentar. Isto repetiu várias vezes. No Grupo Escoteiro fui convidado a me retirar. Uma maneira educada de dizer que eu não era mais bem vindo.

Ah! MacArthur, um Escoteiro, um monitor e meu anjo da guarda. Ele no alto dos seus treze anos me dava lição, logo eu um homem de 25 anos. Mas eu o obedecia. Ele falava eu fazia. Poucos escoteiros foram a minha casa. Muitos chefes me viraram as costas. Eles estavam certo. Um dia sonhei que estava morto. Acordei sorrindo. Por quê? Afinal a vida tinha me levado e eu sorria? Eu tinha pedido a MacArthur que não deixassem me enterrar. Entreguei para ele um bilhete escrito do próprio punho que queria ser cremado. Que ele jurasse e desse sua palavra de escoteiro que iria jogar as minhas cinzas na curva do Rio Amarelo. Entreguei a ele uma boa quantia. – Se sobrar, eu disse, é uma doação para a Tropa. Ele sério e empertigado nada falou. Voltei novamente a Boate e ao entrar senti dois estampidos. Não senti mais nada. Agora estou a ver a cerimonia que os escoteiros estão fazendo para mim. Meus olhos choram meu coração não existe mais. Eu não era ninguém!

Não vi anjos no céu, não havia luz e nem ninguém de branco a me esperar. Estava morto? Se estava porque eu via tudo? Porque eu sentia que podia tudo? Tentei gritar, mas chorava sem parar. Não queria ficar sozinho ali naquele espaço de tempo que nunca acreditei ficar. Não sei quanto tempo chorei, mas um dia uma abertura de um azul finito se abriu no céu. Alguém me elevava no ar. Sabia que não era uma pedra, não era um grão de areia, eu era sim um espírito que desejava ardentemente o auxilio de alguém! Foi então que rezei, e rezando almas apareceram para me ajudar. Bendito seja Deus, bendito seja seu santo nome. Obrigado meu Deus!

Que eu jamais me esqueça de que Deus me ama infinitamente, que um pequeno grão de alegria e esperança dentro de cada um é capaz de mudar e transformar qualquer coisa, pois... A vida é construída nos sonhos e concretizada no amor. Chico Xavier. Uma história comovente, um grande amor, sonhos que não se realizou. Um lindo conto para ler e lembrar.



O PECADO DE TODOS NÓS. (87)

Disseram-me uma vez que ser feliz não é pecado. A felicidade é desprezada por muita gente. É irritante ver alguém naturalmente lindo, rico, simpático, inteligente, culto, talentoso, apaixonado e, ainda por cima feliz! Estou citando isto porque quando conheci Diego pela primeira vez ele era quase tudo isto. Ele conseguiu dar alma ao Grupo Escoteiro Ventos do Norte. Trouxe o sorriso que faltava e todos ali o amavam. Um invejoso comentou que seu jeito, sua maneira de falar e andar, sua voz cheia de trejeitos poderia trazer resultados danosos ao movimento Escoteiro. Diego apareceu do nada e do nada se solidificou como pessoa importante na parte burocrática e em tempo algum alimentou seu sonho de um dia ser um Chefe Escoteiro ou de lobinho. Doutor Janilson o Diretor Técnico não sabia de onde ele veio. Não tinha filhos no Grupo e alguns o conheciam na cidade porque era gerente das Lojas Abil, famosa pelos seus vestidos feitos pelos maiores estilistas do mundo. Ali se encontrava um Gabriell Miuccia Prada, um Bonheur Chanel, um Christian Dior ou mesmo um John Galliano sem falar nas famosas bolsas Louis Vuitton.

Era bem querido pela sociedade local e muitas madames o procuravam diretamente para ser atendidas por ele. Diogo tinha um grande amor. O Escotismo. Como surgiu ninguém soube. Era incansável na colaboração ao Grupo Escoteiro. Conseguiu com suas amigadas vultosas colaborações financeiras para o Grupo. Nunca fez a promessa e com seus olhos brilhantes admirava quando alguém no cerimonial jurava a Deus e a Pátria Ele sonhava em fazer a promessa, mas sabia que no Grupo Escoteiro seus trejeitos eram considerados anormais havia muito preconceito por pessoas como ele. Ele respeitava a todos. Mas não era o que pensava Jonny Vampuso. Ele mesmo se perguntou varias vezes se estava certo eles terem no Grupo Escoteiro um sujeito que era conhecido como um homossexual ou um sapatão.

Uma das maiores alegrias de Diogo foi quando a Akelá Sophia o convidou para ajudar no acantonamento distrital. Ele nunca se sentiu tão feliz. Parecia estar em casa, ou melhor, no paraíso. Os lobinhos o adoravam e os chefes passaram a ter por ele um carinho todo especial. Quando retornaram pensou que o Doutor Janilson o Diretor Técnico o convidasse para ser um assistente. Mas nada aconteceu. Ele não sabia que seu algoz Jonny Vampuso já tinha feito sua cama não só com o Chefe do Grupo e com boa parte do Distrito e região. A gente sabe que pessoas preconceituosas, são reflexos de defeitos não revelados por eles mesmos. Não se sabia o porquê de um dia o chamarem no Escritório Regional. O Doutor Janilson se desculpou e não foi com ele. Diogo sentiu-se um cordeiro a mercê dos lobos.

Eram quatro dirigentes. Sisudos. Cara feia. Nem um sorriso. Eram chefes Escoteiros zelando pelo bem da moral escoteira. Fizeram mil perguntas e no final da reunião um querendo mostrar ser boa praça o convidou para um café. Falava baixinho, sobre o que pensavam dele, sobre os resultados maldosos que o escotismo poderia ter com sua presença, chegou até a citar Paulo Coelho que disse que quem tentar possuir uma flor, verá sua beleza murchando. Mas quem apenas olhar uma flor num campo, permanecerá para sempre com ela. – Você meu amigo ele disse, sabe que não o aceitam em todos os lugares, sei que isto é cruel. Aceite meu conselho peça demissão e vá embora do Grupo Escoteiro. Vamos evitar rusgas e processos inúteis.

Diogo foi para casa com a alma ferida. Ele sabia o que não era o que pensavam e que a vida o obrigou a fingir o que não era. Chorou no ônibus, e a tristeza o invadiu por muito tempo. Pediu demissão de um cargo que não tinha e saiu do Grupo Escoteiro Ventos do Norte. Ficava aos sábados sonhando com seu passado Escoteiro que para dizer a verdade nunca existiu e nunca iria existir. Ele sabia que as nuvens das tristezas são como o vento. Quando elas desaparecem o dia fica mais lindo. Pensava em enfrentar os maledicentes, dizer que eles não eram os donos da verdade. Falava para si mesmo que nunca devia deixar de fazer algo de bom que seu coração pede. Se isto acontecer o tempo poderá passar e as oportunidades também.

Quando naquela tarde Jonny Vampuso entrou na loja com sua noiva para comprar um vestido de noiva ele pensou em não atendê-lo. Afinal ele sabia que o dedo duro foi ele. Porque fizera isto? Ele nunca lhe tinha feito nenhum mal. Ele sabia que seu coração não podia odiar. O atendeu até melhor que muitos que ali estiveram. A noiva de Jonny Vampuso se encantou com Diogo. Na saída Jonny Vampuso num impulso de bom Escoteiro foi até ele e lhe pediu desculpas. Diogo pensou consigo se aceitaria seu pedido. Ainda tinha uma mágoa guardada em seu peito. Sabia que Jonny Vampuso errara e não lhe negaria o perdão. Pensou mesmo em não apertar sua mão. Mas quando viu que ele lhe dera a esquerda, aquela que dizem ser do coração ele aceitou. Quando Jonny Vampuso foi embora as lágrimas descenderam novamente.

A vida escoteira de Diogo se encerrou ali. Naquele mesmo dia dois menores entraram para roubar e deram um tiro certo em Diogo. Morreu na hora. A sociedade em peso tristonha, mas não participativa não foram as suas exéquias. As Madames que ele sempre atendia com presteza e que sempre o trataram como um cão fiel também não foram lá. Ele sabia o que as madames queriam. Ele sempre elogiava dizendo: Eu posso reconhecer a senhora entre mil. Os seus passos têm a magia das grandes senhoras. A sua voz Madame é o sinal maior do meu momento feliz e às vezes Madame, vocês não precisam nem falar, eu sei o que querem!

Eu fui ao enterro de Diogo. Simples. Nenhuma Madame presente. A sociedade não perdoa bajulação sem motivo. Escoteiros? Uns cinco lobos e a Akelé chorosa. Doutor Janilson apareceu para dizer olá e se foi. Jonny Vampuso também apareceu e ficou pouco tempo. Quando a terra sagrada o cobriu avistei uma senhora magrinha, vestida simplesmente, com um menino nos braços e em uma das mãos uma menina de uns oito anos chorando. Não tendo mais ninguém lá elas se aproximaram da última morada de Diego. Fiquei curioso. Aproximei-me. – Vocês o conheciam? – A menina chorando e soluçando disse – Era meu pai! A Senhora me contou que era sua esposa. Ele fez um trato com ela quando casaram. Tenho meu amor que fingir o que não sou. Meu trabalho me obriga. A sociedade que eu atendo sente-se satisfeita com minha voz, meus trejeitos e sabe, um dia vamos embora daqui.

Que vida, pensei. O acusaram de ser o que não era. Mas de quem seria a culpa? Dele? Dos que viveram a sua volta? Ou dos preconceitos que norteiam uma sociedade que não aceita os direitos dos que se acham possuídos dele? Que os anjos estejam com você Diogo. Para sempre!

O corpo e a alma precisam de novos caminhos para se unir harmoniosamente. “O futuro bate à nossa porta, e todas as ideias - exceto as que envolvem preconceitos - terão chance de aparecer e serão valorizadas pelas pessoas”.



O CÉU MANDOU ALGUÉM.

Eu estava ajoelhado em frente à Campa onde meu pai fizera sua nova morada. Ele tinha partido há quase um ano. No início quando ia ali eu chorava. Lágrimas desciam copiosamente. Com o tempo aprendi a manter a calma e aceitar a realidade. Agora eu sabia que ele nunca mais iria voltar. Sempre a cada primeiro domingo do mês eu colhia algumas gardêneas brancas com um perfume doce e intenso. Foi Vovô Matilde quem sugeriu que eu levasse. Ela me disse que meu pai adorava o perfume delas e ele ficava horas na varanda só para inebriar com a leveza do cheiro e o perfume que exalavam. Isto o encantava demais. Não conheci minha mãe. Ela se foi quando nasci. Meu pai resolveu ir morar com minha Vó que era sua mãe. Ali vivi minha infância de menino feliz. Enquanto meu pai era vivo eu tinha uma vida alegre, pois ele sempre foi um pai perfeito. Ele me levava todos os lugares quando não estava trabalhando. Aprendi com ele a ser um homem de verdade apesar dos meus nove anos.

O cemitério estava vazio. O único da cidade onde morava. O Senhor Lopes responsável pelo campo santo sorria quando eu aparecia. Ele sabia que todos os meses no primeiro domingo do mês eu ia rezar pelo meu pai. Quando chegava a seu jazigo eu sentia uma tristeza infinita. Soluçava e sempre pensando por que Deus o levou e me deixou sozinho no mundo. Sozinho não, minha Avó sempre ao meu lado. Sua campa era simples, apenas uma chapa de aço com o numero 1334. Normas internas exigiam assim. Afinal éramos pobres e mausoléus não era permitidos. Mas todos os túmulos eram bem cuidados, gramado com muitas árvores em volta. Nunca esqueci aquele dia quando voltava da escola e no caminho alguém me disse que meu pai bateu a moto. Adorava sua máquina de duas rodas. Levou-me com ela a lugares lindos, inesquecíveis.

Um choque terrível e durante muitos meses ia para os cantos da casa chorar. Ele nunca me apareceu em sonhos, e eu sempre me pergunta o por que. Sei que não esqueci naquele dia quando paramos em um lindo riacho e ele me ensinou que nosso destino está nas mãos de Deus.

Eu tinha uma rotina quando ali ia. Sempre ajoelhado, olhar fixo na placa como se ele estivesse sorrindo e rezava dizendo palavras que me apareciam na hora. Pedia pelo meu pai, que ele estivesse bem, que Nosso Senhor o protegesse onde ele estivesse. De vez em quando mesmo passado já algum tempo de sua morte eu não aguentava e chorava. Lágrimas de dor de saudades de vontade de ver ele na minha frente e o abraçar. Tão perdido nas minhas lembranças e desejos que assustei quando ouvi alguém dizendo: - Posso rezar com você? Virei-me e vi um homem grisalho, magro simpático sorrindo para mim. Não disse nada só balancei a cabeça concordando. Ele se ajoelhou ao meu lado. Fechou os olhos e devagar bem baixinho, rezou uma prece tão linda que até hoje não a esqueci:

- “Senhor, fortalece em nós, a paciência para com as dificuldades dos outros, assim como precisamos da paciência dos outros, para com as nossas próprias dificuldades... Ajuda-nos para que a ninguém façamos aquilo que não desejamos para nós... Auxilia-nos, sobretudo, a reconhecer que a nossa felicidade mais alta será, invariavelmente, aquela de cumprir seus desígnios onde e como queiras, hoje, agora e sempre”.

Quando ele terminou me deu a mão e levantei junto com ele. - Se apresentou dizendo: Meu nome é Marco Tulio, mas me chamam de Chefe Coruja. - Chefe? O senhor é Chefe em qual empresa? - Não meu jovem, sou um Chefe Escoteiro. Conheces? - Não disse nada. Já os tinha visto por aí, mas meu pai aos sábados e domingos me levava a tantos lugares que não tive o menor interesse em ser um deles. Ele sorrindo me perguntou: - Quer conhecer alguns jovens escoteiros amigos meus? Fiquei cismado. Meu pai me ensinou que não devia conversar com estranhos. Principalmente adultos, mas o Chefe Coruja me parecia boa pessoa. - Venha comigo. Não tenha medo. Não vou lhe fazer nenhum mal, mas eu vi você aqui tão triste que nem sei bem sua história, mas posso lhe dar um sorriso franco e verdadeiro se você quiser. - Porque não? Pensei. Fui com ele a pé, ele não tinha carro. Onde estavam os meninos escoteiros não era longe. A trilha nos levou lá em quinze minutos. Ao chegar alguns se aproximaram.

Como me receberam bem quando o Chefe Coruja me apresentou. - Escoteiros Juliano veio nos visitar. Que tal um abraço e um bem vindo com o grito da patrulha? - Chefe Coruja, porque só quatro meninos? - Meus monitores, meus amigos aqui sou um irmão mais Velho, mas estamos aprendendo juntos. Uma Tropa nova, começando, em breve iremos abrir para todos os jovens. Todos me chamaram de companheiro e me convidaram a ser um patrulheiro como eles. Um domingo que nunca mais esqueci. Brinquei, cantei, aprendi nós, enviei mensagens por bandeirolas, nadei no remanso do riacho. Aprendi o grito da patrulha, aprendi que tudo aquilo foi fruto de um General Inglês que há muitos anos trouxe belas ideias para os jovens. Quando chegou a hora de voltar foi que me lembrei do meu pai. - Pai! Desculpe, eu não quero esquecer

você! – Chefe Coruja riu para mim. Meu amigo Juliano, jamais se desespere em meio às sombrias aflições de sua vida, pois das nuvens mais negras cai água límpida e fecunda.

O tempo passou. Tornei-me um Escoteiro. Não quero que pensem mal de mim, mas como sou feliz. Sei que meu pai lá no céu está sorrindo também. Sei que ele agora pensa diferente. Eu sei que jamais o esquecerei, e ele sabe que o escotismo me comove. Ele sabe que a minha imagem paterna, quando ainda vivia no mundo, uma vez ou outra, sempre me ensinava que o homem se torna eterno e que suas lembranças foram feitas para a gente ser feliz. É bom reconhecer que vale a pena viver, mesmo com os desafios que irei enfrentar com as incompreensões o escotismo me deu alma, e eu o tenho para sempre no meu coração. Bom isto, meu pai viverá sempre em mim, e eu agradeço a ele e ele sabe que tanto rezei que o Céu mandou alguém!

- “Senhor, fortalece em nós, a paciência para com as dificuldades dos outros, assim como precisamos da paciência dos outros, para com as nossas próprias dificuldades... Ajuda-nos para que a ninguém façamos aquilo que não desejamos para nós... Auxilia-nos, sobretudo, a reconhecer que a nossa felicidade mais alta será, invariavelmente, aquela de cumprir seus desígnios onde e como queiras, hoje, agora e sempre”. Uma história que tenho certeza vai agradar a todos



DUAS VIDAS UM DESTINO. (89)

Seus olhinhos miúdos procurava entender o que ele fazia ali. Olhava de um lado para outro tentando raciocinar porque não estava em sua casa. Agora era assim, lapsos de memória frequentes. Sua idade? Ele não se lembrava, não tinha forças, não andava mais. Alguém o levava em uma cadeira de rodas simples e barata. Ele nem se lembrava de Loreta e para ele ela não existia. Ele sabia que era um ancião. Como as grandes árvores que ficaram no tempo ele não dava mais frutos e suas folhas caíam para ficar presas na terra. Vez ou outra tinha lampejos de lembranças. Lembrava seu nome, sua idade. Idade? 96 anos bem vividos. O que fazia ali? Muitos a sua volta. Batiam palmas ele se lembrou da palma escoteira. Quantas vezes ele também as usou? Há! Sim! Agora melhor. Lembrava que era um Escoteiro, sempre foi. Não participava mais há alguns anos. Quando lucido sentia falta. Falta da mochila, falta da trilha seca ou molhada. Falta da montanha, da barraca dos seus amigos de patrulha.

Deu de si o que pode e não pode pelo escotismo. Diziam que ele fora único. Um dos maiores Velhos Lobos ainda vivo. Era aplaudido onde quer que fosse. Os Grupos Escoteiros insistiam na sua presença nas festas e atividades que faziam. Ele sempre

sorria, mas um sorriso sem graça sem saber por que estava sorrindo. Quem sabe pensava que estava feliz. Outras vezes seu olhar perscrutava a todos os presentes para ver se lembrava de alguém ou mesmo a perguntar o que fazia ali. Muitos disseram que era desumano o levarem assim nas veredas Escoteiras com que era convidado. Não era. Deixou um testamento e nele escreveu: Nunca direi adeus a quem amo, meu orgulho alimenta minha vontade em continuar lutando, errado achar que devo me aposentar, errado achar que não sei mais amar o escotismo como amei. Às vezes é preciso reconhecer que um dia o final irá acontecer e neste dia quero fechar os olhos e dizer: - Estou onde devia estar! Loreta entendeu a mensagem. Seus olhos sempre em lágrimas o levavam onde o convidavam. Ela sempre dizia a ele baixinho em seu ouvido: - Amor vamos escoteirar!

Quando estava lucido nunca reclamou. Afinal as dores nestas horas passavam, a falta de ar ia embora como se ele estivesse vivo em cima de uma enorme pedra no alto de uma montanha. Ele sempre gostou de estar com a meninada. Sempre os amou. Sempre pensou que iria poder ajudar a formar pessoas de bem para seu querido país. Quantas vezes ele viajou por estados e países a levar as boas novas de uma nova ordem? Um novo escotismo que poucos conheciam? Não era um perito palrador, ou melhor, um perfeito conferencista, mas se esforçava. Nos seus melhores dias ao terminar era aplaudido de pé. Nunca usufruiu das benesses do escotismo, pois gastou seu último tostão ajudando a quem dele precisava. Ouvia vozes de escotistas, dirigentes falando baixinho perto dele: - Um ancião merece respeito, não pelos seus cabelos brancos ou pela idade. Mas pelas tarefas e empenhos, trabalhos e suores do caminho já percorrido em sua vida. Seria isto mesmo? Então se era um ancião porque ainda pensava? Porque ainda dizia para si mesmo que queria escoteirar?

Loreta quando jovem tinha um belo sorriso. Hoje não mais. Prometeu a si mesma que iria dedicar sua vida ao Chefe Polaco. Nunca reclamou do casamento. Nunca reclamou das horas que ficou sozinha em casa esperando. Nunca reclamou de dar a ele tudo que pedia e até mais que isto, sorrir quando ele sorria chorar quando ele chorava. Uma mulher perfeita? O tempo não perdoa ninguém. Ele envelheceu e ela também. Viu que ele definhava e sabia que um dia ele iria partir. Ela nunca pediu a Deus para ir primeiro. Sabia que sua sina era cuidar dele. Adorava seu marido em todas as horas do dia e da noite. Admirava quando ele dormia um sono reparador e via que ele sempre sonhava, pois dormia sorrindo. Até aos setenta anos tinha uma saúde de ferro, mas as coisas começaram a mudar. Uma vantagem é que ele não reclamava. Tinha medo de reclamar e os médicos o proibissem de fazer o que gostava. Ser Escoteiro em todas as horas do dia e da noite.

Loreta sabia que o milagre não é dar vida ao corpo extinto, ou luz para quem quer ver, ou eloquência dos que querem falar. Ela sabia que não ia mudar a água pura em vinho. Sabia que muitos acreditavam nisso tudo, mas ela tinha os pés no chão. Quando o Doutor Esteves avisou a ela do seu câncer no útero não contou nada para ninguém. Chefe Polaco um dia caiu na escadinha da varanda da casa. Muitos pensaram que ele voltaria a andar novamente. Interessante que quase andou. Foi em um Grupo Escoteiro que foi visitar. Faziam questão da sua presença no aniversário do grupo. Ela com dificuldade o levou em seu carrinho. Lá ajudaram a transportar a cadeira de rodas até a ferradura onde todos os escoteiros lobos e chefes o esperavam. Ele sorriu e ela

vendo isto sorriu também. Sentia uma dor terrível na virilha, mas não demonstrou. Na hora da bandeira todos firmes e quando o Chefe ia iniciar a cerimônia Chefe Polaco tentou ficar em pé. Todos olharam espantados. A bandeira recebeu ordem de subir aos céus. Chefe Polaco caiu ao chão desmaiado.

Foi um corre-corre enorme. Mas o tempo não ajudava mais. Ela viu que o Chefe Polaco a cada dia mais definhava. Pedia a Deus que não a levasse, que desse a ela a chance de fazer tudo por ele até o fim dos seus dias. Cada dia Loreta quando sozinha gemia nos cantos da casa sempre rezando e pedindo a Deus para ficar até o fim ao lado do Chefe Polaco. Ela sorria ao lembrar-se dos meninos quando perguntavam ao seu amado quantas noites de acampamento ele tinha. Ele ria e dizia: - Quantas estrelas tem no céu? É só contar e saberão. Ainda bem que Deus um dia me deixou viver nas barracas nas noites escuras e nos dias de luar. Mas o tempo não perdoa, Loreta acordou pela manhã e olhou o Chefe Polaco. Viu que ele não respirava. Quis chorar e não chorou. A dor que ela sentia do câncer avançado não a perdoou. Ele se ajoelhou aos pés do seu amado e agradeceu a Deus de lhe dar a oportunidade de partir com ele. À tarde Naninha a faxineira os encontrou abraços e sorrindo um para o outro. Ambos estavam mortos.

No fim de tudo tu hás de ver que as coisas mais leves não são únicas. Que o vento nunca conseguiria levar. Como cantava o Velho poeta um estribilho antigo, um carinho em um momento preciso, o folhear de um livro de poemas, o cheiro gostoso que chegava com o vento soprando suave ao amanhecer. Chefe Polaco partiu com Loreta para uma estrela distante. Quem sabe ela junto dele voltou a sorrir quando moça bonita o conquistou. Quem sabe lá tem também escoteiros e o Chefe Polaco que tanto ama estes meninos pode estar junto deles a contar suas noites de acampamento como as estrelas no céu, o vento que derrubou a barraca, o lobo que comeu seu jantar. Dizem que as crianças são quase sempre felizes, porque não pensam na felicidade. Os velhos muitas vezes são infelizes, porque pensam demasiadamente nela...

Dizem que as crianças são quase sempre felizes, porque não pensam na felicidade. Os velhos muitas vezes são infelizes, porque pensam demasiadamente nela... Uma história que podia ser verídica. Um casal perfeito. Ela em toda sua vida adulta viveu por ele. Satisfez tudo que queria... Será que ainda existem mulheres assim?



FINAL.

Obrigado amigo, obrigado amiga por prestigiar este Livro de Contos Escoteiros. Mais um de muitos que vou escrevendo sempre em PDF, pois me é impossível editá-lo devido

aos altos preços. Quem sabe um dia? Afinal dizem que sonhos quando acreditamos podem se realizar. Pelo menos assim posso me dar ao luxo de que todos os chefes possam ter gratuitamente em seus arquivos. Que minha casa seja sua casa, que minha alegria seja a sua alegria, que meus sonhos de um mundo melhor também sejam seus sonhos. Espero continuar merecendo sua atenção enquanto achar que estou fazendo o meu melhor possível para ajudá-lo na sua trilha escoteira ou nos seus sonhos escoteiros.

Foram 82 histórias escolhidas a dedo. 200 páginas com ilustrações, Temas de lobos, escoteiros, seniores não esquecendo as jovens que hoje encantam com seu charme o escotismo de B-P. Todos são representados nestas minhas histórias escoteiras.

Divirta-se e saiba que sempre pode contar com este Velho Chefe Escoteiro enquanto tiver escoteirando aqui nas páginas onde nos conhecemos. Até outro dia.

Chefe Osvaldo





